

MD Magno



Grande Ser Tão Veredas

Edição comemorativa dos 30 anos
do Seminário de MD Magno
1976-2006

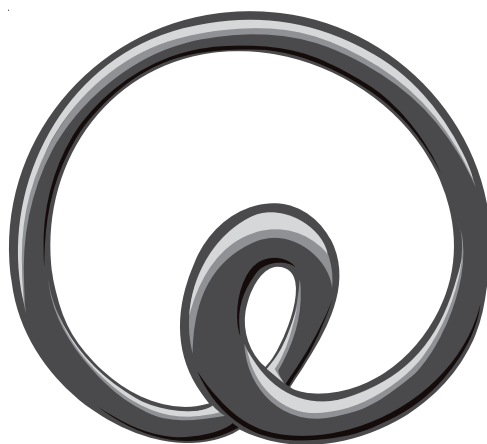
NOVAMENTE
editora

MD Magno

GRANDE SER

TÃO VEREDAS

Seminário 1985



NOVamente
editora

NOVAMENTE

editora

é uma editora da

UNIVERCIDADE DE DEUS

Presidente
Rosane Araujo

Diretor
Aristides Alonso

Copyright 2006© MD Magno

Preparação do texto
Patrícia Netto A. Coelho
Potiguara Mendes da Silveira Jr.
Nelma Medeiros

Editoração Eletrônica e Produção Gráfica
Amaury Fernandes e Raphael Carneiro

Editado por
Rosane Araujo
Aristides Alonso

...etc.

Estudos Transitivos do Contemporâneo

M176g

Magno, M.D. 1938 -

Grande ser tão veredas : seminário 1985 / M. D. Magno ; preparação de texto: Potiguara Mendes da Silveira Jr., Nelma Medeiros, Patrícia Netto A. Coelho. – Rio de Janeiro : Novamente, 2006.

292 p ; 16 x 23 cm.

ISBN 85-87277-15-X

1. Psicanálise 2. Sexo (Psicologia) I. Silveira Junior, Potiguara Mendes da. II. Medeiros, Nelma. III. Coelho, Patrícia Netto A., IV. Título.

CDD-150.195

Direitos de edição reservados à:

UNIVERCIDADE DE DEUS

Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá
22763-260 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Telefax: (55 21) 24453177 / 24455980
www.novamente.org.br

LARVATUS PRODEO

(como ensinou Descartes)

DEDICATÓRIA:

Ao esforço de Lacan para encerrar o século XX.

AGRADECIMENTO:

Aos que penosamente fizeram concertar este livro.

E aos que, sem pena, se esforçaram para que ele não houvesse.

Sumário

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE: HÁ

13

SEGUNDA PARTE: OU

38

1. SUJEITO, REFERÊNCIAS E PARADOXOS

O indecível nos paradoxos e no teorema de Gödel – Certificação do sujeito e a questão da indecidibilidade em Lacan – Esquema de uma cosmologia psicanalítica a partir do Revirão – Sujeito da denúncia como neutralidade entre masculino e feminino – Quadro das modalidades lógicas de referência significativa.

45

2. SÓ HÁ MULHERES

Não há a exceção fundadora de um *paratodo* dos homens – Masculino é uma conjectura lógica – Não há *homens* – Neurose obsessiva ou histérica: tentativa de fabricar o homem – Neurose e perversão são formas de escapatória da psicose.

73

3. CLÍNICA: DIFERENÇA SEXUAL E CASTRAÇÃO

Estatuto do *universal* em Aristóteles e Lacan – Reconsideração do *particular afirmativo* nas fórmulas quânticas – Característica circular e recursiva das fórmulas quânticas – Estatuto

preceitual do *universal afirmativo* – Lugar da LEI nas fórmulas quânticas – Entendimento da nosologia a partir das fórmulas quânticas.

89

4. OS QUATRO DISCURSOS: GRUPO QUADRADO E CURVAS CÔNICAS

Avesso dos quatro discursos: zen, iniciação, ciência, capitalista – Correlação dos quatro discursos com as curvas cônicas (circunferência, elipse, parábola, hipérbole) – Compatibilidade entre os discursos e as curvas cônicas: mestre/circunferência; histérica/elipse; analista/parábola; universitário/hipérbole – Impossibilidade do discurso do senhor.

109

5. ESTÉTICA DA PSICANÁLISE

Obra de arte e psicanálise expõem travessia de fantasia – Filosofia como síntese impossível dos alelos de um Revirão – Psicanálise como psicossíntese – Questões sobre artifício, psicose, esfacelamento dos valores sintomáticos na atualidade – Psicanálise como prática é uma arte, como teoria, uma estética – Aproximação entre emergência de artista e passe em psicanálise.

129

6. DRAMALHÃO: LUTO E JOGO

Psicanálise como arte e estética leva à produção de analistas – Disseminação da psicanálise é sua dissolução – Proposta de distinção entre luto e melancolia – Tese sobre o *dramalhão* ou drama barroco alemão.

147

7. MANEIRO: O TERCEIRO, SEXO DO FALANTE

Proposição de Terceiro Sexo: Falanjo – Questionamento sobre o estilo brasileiro – *Maneiro* como Terceiro Sexo – Maneirismo como estilo brasileiro – Função da alegoria no Maneirismo – Diferocracia como governo do sintoma *maneiro*.

163

8. RAFAEL-LA DOS SANTOS: A TRANS-FIGURAÇÃO DO FALANJO

Apresentação de Rafael Sanzio – Breve caracterização do Maneirismo – Análise do quadro *A Transfiguração*, de Rafael – Obra de arte é *maneira* – Estilística borromeana: masculino, feminino e falanjo – Reconsideração do Maneirismo na história da arte.

187

9. PLEROMA

Apresentação da idéia de Pleroma – Análise das fórmulas quânticas de Lacan – Proposição das fórmulas do sexo que não-há ($\sim \text{Ex}\Phi\text{x}$. $\text{Ax}\sim\Phi\text{x}$) e do terceiro sexo ou *falanjo* ($\text{Ex}\Phi\text{x}$. $\sim\text{Ax}\sim\Phi\text{x}$) – Falanjo: Lei da Diferença ou puro Nome – Questões em torno da proposição da fórmula do *falanjo*.

211

10. UM LUGAR DE ESTAR E SER

Exame da proposição freudiana *Wo Es war, soll Ich werden* – Consistência do lugar intersticial do sujeito em Lacan – Sujeito é lugar terceiro de In-diferença – Insustentabilidade do conceito de democracia para pensar a diferença – Vigência do terceiro sexo na diferença sexual – Correlação dos sexos (masculino, feminino, terceiro sexo) com os quatro discursos.

229

ANEXOS

DIFERENÇA SEXUAL HÁ, TRÊS POR DOIS

247

FORRÓ DO BRASIL MANEIRO

253

UM BÔNUS CONGRESSUAL: INTERLÚDIO FANTÁSTICO-SINTOMATIVO

269

ENSINO DE MD MAGNO

283

GRANDE SER TÃO VEREDAS

... o título é em homenagem a Guimarães Rosa...

mas não será sobre o seu romance...

o Seminário é sobre...

A PRÁTICA FREUDIANA...

vai tratar de VEREDAS E VEREDADES...

que se acham em PSICANÁLISE...

INTRODUÇÃO*

Primeira Parte: HÁ

το μη ζυνον ποτε ποζ αδ τιζ λαθοι

Ao que jamais se pde como se poderia escapar?

Heráclito**

...1985: não sei como terei chegado... só sei que fui nascido.. sei mais de alguns encontros... e guardo, por escrito, certos lances... bastamentos cosidos... talvez suficientes de me aterem ao parecido...

...primeiro o sol... lá em cima... em cima mesmo... bem lá... longe... longe demais... e muito perto... bafejo na pele... ardume no rosto... e nos olhos,

* O que vai publicado aqui é o que resenho de espessa falação seu tanto nevoada do dito Seminário de oitentecino. O resto, por enquanto, eu mando à lerda intromissão do que sopesa – o que jamais implica que os demais assim farão. Fica faltando melhor desenvolver o que lá re-toquei quanto a dizer, como disse demais, que a Psicanálise, última instância, é uma EST'ÉTICA. E também a questão do *Maneirismo* (e do MANEIRO) que tanto levantei.

Nota do Editor: Esta resenha, aqui colocada como *Introdução*, foi feita pelo autor a partir das gravações das seções realizadas em 14 março, 11 abril (fitas que se perderam) e em 09 maio (esta, transcrita integralmente e numerada como a seção 1 deste volume). A resenha foi publicada em duas partes respectivamente em REVIRÃO: Revista da Prática Freudiana, números 2 e 3, de outubro e dezembro de 1985. Foi parcialmente republicada como *Introdução* a: MAGNO, MD. *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise* [Seminários 1986-87]. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988.

** Segundo Jean Bollak e Heins Wissman: *Héraclite ou la Séparation*. Paris: Minuit, 1972. p. 96.

embora quase que fechados, uma cegueira enorme... visão total... total demais para olhinhos tão novos...

...depois o vento... nem forte nem fraco... roçando pela pele calafrios... suaves contra a força do solzão que armava tudo... em alternância gostosa... enfunando os calções leves largos... penteando os cabelos... lambendo o entrepernas e o pipi num frescor... e a camisinha, quase de pagão, flamulando brandamente... ritizando as estações do tempo...

...e o areal... o areal bem assentado por debaixo... das pernas bem abertas em compasso... os braços para trás, de sustentar o tronco quase ereto... as mãozinhas apalpando sustentação na areia piniquenta... fuxicando-a por vezes... os grãozinhos se apunhando, e logo se esvaindo do entre-dedos... tanto real escapulindo a tanto apego... a tanto apelo... pela pele... pelo pêlo...

...a casinha... a casinha de madeira lá adiante... e cabendo todinha no fundo dos olhos...

...e tudo aquilo meio que girando ao redor do seu centro... centro novo... novo em folha... ali mesminho naquele instante aparecido... centro que não se situa ali senão por isso tudo que se amarra nesse tempo... e se coagula nesse nome... só meu de tão antigo quanto o tempo desse evento... talvez dois anos... antes mesmo... é o que me lembro... jubilante extasiado...

...pouco importa que seja falso mote... memória de tapar algum segredo... o espelho já fica para trás... nos momentos de estudá-lo... de contê-lo... difícil de entender para alguém das imagens que reparo... a dela, a dela e a minha... lado a lado... nos jogos repetidos com que o freqüentara... transidamente... e transeunte deste para aquele lado... religiosamente, como é de se dizer em tal preciso caso...

...e o céu... oh céus!... abóbada sem corpo... e no entanto tão carne e tão tangente...

...antes disso que o mar já fascinava... o mar... a mar... sei lá do seu degredo... mas o tempo era outro... mais denso e vagaroso... muito mais... muito mais mesmo... pois que o tempo não é sanforizado... e encolhe a cada banho dos suores nossos... mas o mar, era lento... as ondas levantando

Introdução

bailarinas... bem ciosas do andamento largo do prelúdio... e ao vértice subindo silentes demoradas... para descenderem de lá em queda quase exata... e precisamente antivertiginosas...

...cada fotograma se apresenta, expõe impositivo o seu retrato e sustenta a sua nota... como explicando ao neonato cada caixinha da música primária...

...um nove oito cinco – data interessante... ou telefone... em discagem direta para um Outro agora... um número no gorro do detento (aliás inocente)... no quepe do soldado de uma guerra sem trégua... ou ficha policial de prostituta insolente... se não marca de chapa de candidato a suplente...

...1975-1985... dez é número mítico... dez anos são míticos também... embora se possa contá-los nos dedos... dedos das mãos... de quem tem as mãos completas, naturalmente...

...o Kaiser não tem... é costume, para os criadores, amputar os polegares de sua raça... Weimaraner... vai manerar... como cão educado... intervenção cirúrgica nos bebês caninos... A Natureza é isso aí... espontânea *ma non troppo*... afinal de contas, a raça humana também é natural... donde, suas intervenções na mesma natureza só poderem ser é naturais também... ou sobrenaturais?... então, a Natureza é sobrenatural?...

...a questão tem estado por aí... natureza e cultura... cultreza e natura... cada autor querendo saber mais que outro aonde passa a fronteira que Ninguém traçou... simplesmente, talvez, porque não há fronteira...

...quicá que somos seres fronteiriços... e por isso fronteirantes e fronteirados... daí nossa mania de traçar fronteira... onde ela não há... sobretudo onde não há... e mais insistentemente aonde não é possível de traçar...

...Nome do Pai... e falta de nome é pirante para o Filho... e põe o Santo Espírito de pernas para o ar... é o que dizem depois d’ela-cã... pode até ser... mas nem é preciso exagerar... acreditar no Seu Nome... isto é funcional... e pôr a toda fé num certo Pai... é o infernal... é bem de se ver o que se tem sofrido... a mais não poder... mais e mais... por vezo desse tenente do Pai... e nunca foi *preciso*: nem exigível nem comensurável... um Nome satisfaz... é por ele que passa cada fronteira culta ou natural... há língua nas crianças do real... contudo,

mesmo assim, ai de quem não tenha *certo pai*... caso loucura... caso empulhação...

...1960-1985... a diferença já cresceu pra vinte-cinco... um quarto de século ainda não é um quarto secular... bocas de prata, dentes de ouro... o mito do engrazamento indissolúvel... ainda que insolvente... embora se volúvel... munidos para sempre... até que o corte os apare... já que a Outra não separa necessariamente...

...um sintoma assim-assim, ainda em pleno outono duradouro, deve ser bem valente... se não mesmo plenipotenciário... uma gozosa penitenciária... vai ter saúde assim nos invernos... mas verão eles adeus?... por quantas vezes nessas primaveras?...

* * *

...1955-1985... número trinta... trintanos de conviver com a priquitânálise... é muita banana por um tesão...

...o primeiro contato imediato de certo grau foi com a tal da priquitopatologia (da mulher) da vida quotidiana... como se houvesse outra...

...naquele tempo dizia-se com jus aos seus discípulos: os dados estão lançados... aliás, já que tá, é... *mactub*: a carta forçada... entrar por dois canos... ali estava excripto... mais que turbo...

...a prática freudiana... brincar de morrer... bem mais difícil que brincar com fogo... produzir farsantemente a ejaculação do significante primeiro... um novo... novinho em folha... ou denovo... mas num discurso furado... na disjunção que o fracassa... dizem que só a Morte não fracassa nessa empresa... que o produz realmente... de uma vez por todas isolado mesmo... mas então inabordável... no dejetos de um-corpo... cadáver... cada ver... ali, posto... como um ovo infecundo no ventre da Terra... graveto incomburente nos eflúvios do Fogo...

...a prática freudiana... brincar de foder... em qualquer brincanagem... maior de todas a que chamamos sublimagem...

Introdução

...sim, as renúncias... que quanto maiores, mas vastas, mas longas, mais fundas, tanto mais gloriosas... são trabalhos enormes... obras escandalosas... faraônicos pesares... superando os entraves... ascese das alimárias que regessem nossos corpos... mas as renúncias não apagam seus enclaves... não derribam muralhas, contrafortes... se não que os acrescentam de elasticidade... e de lisura... em trânsito para o avesso de todas as lousas... em nossa alvação nesse Eterno Contorno... em nova operação... que faz, de instintos e paixões, mais vagas e mais amplas fatuidades... amores e domínios e manias muito mais tenazes no que tênues delicados... não se perder num vazio de impotência... mas repontencializar antigas forças... que dantes aplicadas a mesquinhas máquinas...

...*vae victis*... ai dos convencidos... e ai dos que nunca são patos...

...tantos anos... tanto mar... tanto amar... navegar é impreciso... mas não há de ser NADA... um dia vou ser gente grande... igualzinho a qualquer um que se suponha outro homem... quando crescer eu quero ser metade... ou pelo menos terça-parte... daquilo que de mim tanto declaram... aqueles que se têm por meus galhardos inimigos... e sem me conhecerem, pelo menos...

...*ecce momo*... eis o Momo... *esse momo*... sê-lo... marca... dança... camuflagem... e também mera verdade... vera merdade... esse é um verbo... que não se agüenta de pé por muito tempo... a cada caso... não há verdade nenhuma o tempo todo... a cada passo uma miragem... no entanto há que contê-la, uma verdade, para que a mente não cale... há que contá-la... do que mente... e que a sustenta... doce-mente, de preferência... sem maior alarde...

...não há dizer nome da Coisa... ela se adensa quando se espalha... impegável... impagável... de resto sobra o que dela farfalha... contudo... toda a via... mesmo assim se contenta... a vida inteira... de ser alguma coisa em vez de coisa alguma... por causa d'Isso qualquer guerra vale... para fazer-se a paz, naturalmente... mas com quem?, a propósito...

...a outra parte é sempre enorme... dar conta é do impossível... não vergar é preciso?... *ladies first* não tem nada a ver com gentileza... ou tem, isto é, outrora fora regra de sobrevivência... primeiro salvar crianças e mulheres

sobretudo... resguardar o futuro... pois eles não são nada... ou quase... ou quase... que um só penduricalho, dos bons, quer dizer, funcionário, pode emprestar sementes mil a quantas e mais tantas das matrizes que restarem... agora então está mais fácil... espermatozóides num frasquinho congelado... sempre fresquinhos para o pacto... pelo pato... e os machos já serão desnecessários... quando as gônadas puderem ser mantidas... produzindo sozinhas... se não mesmo fabricadas...

...eles, sempre souberam dessa guerra taciturna... daí serem tão homo nas práticas quotidianas das suas vidinhas... foi Adão quem bolou o Clube do Bolinha... por isso ele é sempre o singular em qualquer sociedade... Ave Adão!... o plural é só delas... ela, elo... elo a elo... em corrente... cadeia recorrente... a vã pira... as vampiras sagazes... fugazes... e sugazes... ela é fogo!...

...o “neutro” é cientista... qualquer que seja o sexo desses rapazes... ciência partidária é fajuta inocência... quem sabe *elas* poderão criar bichinhos rabudos em seus laboratórios?... as outras vão comprar escolhendo em catálogo... um catálogo de catálogos... um catálogo de todos os catálogos... e que se inclui a si mesmo... menos o verbo incluir, naturalmente... quem sabe se *eles*, por sua vez, é que virão a fabricar os seus miúdos, os delas, de aço e de circuitos?... ovários, trompas, útero, vagina... aonde cuspirão, eles, a sua prole... e aguardarão sentados, diante de painéis enormes complicados, vigilosos... e será guerra ainda... o mesmo ódio... com todo o amor, naturalmente, que a querela lhes impinge... as fêmeas que se danem... quem precisa mais delas?... homens com homens farão lobisomens... os homens do lobo... conversas parafróides... lobotomia da futura humanidade... em unanimidade...

...o neutro é outra coisa... prescindir da genitália... gozar, tudo bem... mas com partes estéreis... até podendo ser iguaizinhas... entre si, quero dizer... sem outra diferença senão a do próprio gozo – particular e solitário... as partes eréteis... ninguém precisa mais do que um dedinho... um dedinho de prosa... um dedinho de cana... como se diz pra se falar de pouco abuso...

* * *

Introdução

...priquitânálise, meus caros, é um nojo... êta trabalhinho mais sujo... não convenço ninguém a se envolver com esse escarro...

...por falar em dejetos, retornemos a Freud, dando a volta... de volta ao retorno a Freud... ao retorno de Freud... “O Retorno de *Je Dis*”... o Retorno de hoje dai-nos, Senhor, como o pavão nosso de cada dia...

...Freud cientista... alemão do dezenove... *dualista* por interesse e obediência... e por rigor necessário... mas não nitidamente assim o tempo todo... mesmo em *Mais Além*... onde os opostos pelo menos se confinam... e mesmo, deslizando, sutilmente subtrocam seus postos... revirantes revirados... se equivocam...

...como em Lacan se equivoca, e também, às custas da heterogeneidade que afirma para Real e Simbólico e Imaginário, o Real do seu Nó Górdio... e ainda por cima... quando o Real, que empresta ao seu Sintoma (Σ), ele indica, para alguns, como o único que conta (*Scilicet* 6/7)... monismo machista? (trata-se do filósofo Mach)...

...será *monismo*?... e como Espinosa?... que sem predicação de realidade a realidade?... tendendo sempre à identificação dos opostos?... a subsumi-los a uma ordem superior?... a um princípio só?... *Deus sive natura*?...

...em contraposição a um dualismo como Descartes... a partir sem maior de dois princípios-base... duas realidades irreduzíveis – e uma na outra, e ambas em mais grave... não subordináveis...

...heterogeneidade dos registros?... isto permite distinção... claro que imaginária... mas o tripé se denominando Real do Nó... o que HÁ... para além das especificidades de cada círculo...

...Monismo?... Dualismo?... mas não... e sim *Bifidismo*... *Deus vel Natura*... nota comum nalguma interseção... a permitir alguma trans-dução... atra-dução... ou não será que a intervenção – dita simbólica – do ato-analítico não poderá fazer e desfazer imagens e reais sintomações?...

...mas Bifidismo não deixa de permitir a equivocação por algum Neutralismo mediano... o de um campo superior... aonde se planta o que HÁ... já sem qualquer modalidade...

...SILÊNCIO... NADA...

...que diz Lao Tsé no seu *Livro do Caminho*... excetuada melhor tradução... “todos os seres saíram do SER – mas o SER saiu do NÃO-SER”... o que endosso se isto quiser dizer que: o que quer que haja se faz do que HÁ mas o que HÁ (duramente) é puro NADA... estamos aí no que Mallarmé apelidou “*le château de la pureté*”: “o castelo da pureza”...

* * *

– O que é que HÁ?

– NADA. SILÊNCIO.

...isto não é dizer que não há Nada... ao contrário, é dizer que há Nada... que Nada há... que há Silêncio...

...acontece que HÁ, sem começo e sem fim... sem começos e sem fins era uma vez o NADA... zera uma vez o NADA... é o que a teoria dos conjuntos pode depois chamar de “conjunto vazio”... é como o espaço-curvo da física de hoje... com sua energia-neutra, indiferenciada... aquilo que o chinês chamou de CHI... (pronuncie isto barrando os lábios com o indicador)...

...NADA se opõe ao HÁ... não há senão NADA que se oponha ao HÁ... mas que dele não se distingue... ao HÁ originário NADA se opõe... pois que HÁ é NADA...

...não há escapatória do HÁ... o que quer que se ponha, como quer que se ponha, sempre HÁ... esta é a grande condenação... absoluta e universal...

...negar o HÁ não é possível... o NÃO-HÁ, que alguns suporiam o oposto do HÁ, é pralá de impossível – porque não há... o que há, em oposição interna ao próprio HÁ, é NADA – a única idéia que façamos do que puramente HÁ... entre HÁ e NADA, nenhuma diferença... e não há nenhum paradoxo em se dizer que NADA é TUDO... que HÁ...

...o que é que adianta Édipo Rainha gritar seu *mé funai*?... só Édipos nascidos podem aspirar pelo impossível de não ter nascido... mas isto não há... só Édipo Rei pode enxergar, pela cegueira repetida de Tirésias, que não-nascido

Introdução

NÃO-HÁ... e sem qualquer recurso... e nem lhe valha a Morte... pois que morte, para o próprio, ela não há... só os vivos podendo aspirar ou não pela Morte... e sem menores chances de sucesso... que mesmo o suicida não chega a NADA... não chega nem a NADA, quando aspira na verdade pelo que NÃO-HÁ... apenas consegue alcançar a porta suposta para o não-Haver, aliás impossível... e só encontra, e só suposta, alguma escapatória, em nível mais baixo – em reduzida modalidade de não-ser... mas de não-ser para outrem – que, para ele, só se dá suposição, talvez desmaio, mas nada de Tique...

* * *

...daí que não há como fugir do HÁ...

...negar o HÁ não é possível... e dizer isto, que NÃO-HÁ, é a loucura do absurdo... e inteiramente exorbitante tanto do sentido quanto do não-senso...

...entre o HÁ e o impossível NÃO-HÁ, o que aí tem emergência é a DISSIMETRIA originária... a qual, irrecorrível desde sempre e para sempre, reverbera indefectivelmente no seio mesmo do HÁ... e comparece como FALTA (originária) repercutida em NADA a cada haver...

...o que aqui se apronta é a MITO-LÓGICA do HÁ...

...chamemos HÁ de A e NÃO-HÁ de \tilde{A} (A barra)... agora: trace um círculo... \bigcirc ... grafe A para indicar o interior do círculo... $\bigcirc A$ grafe \tilde{A} para indicar o exterior do círculo... $\bigcirc A \tilde{A}$...

...faça A representar o campo do POSSÍVEL (ou seja, o Universal) e \tilde{A} representar o campo do IMPOSSÍVEL... logo, A representa o que possivelmente Há no seu campo... em qualquer presente... ao passo que \tilde{A} deve sofrer eliminação, pois *não* representa NADA...



...NADA não é NÃO-HÁ, mas em NADA há ainda, em neutralidade... é essa neutralidade do A, como NADA (indistinto) repito, que nos tem parecido o impossível \tilde{A} ...

...IMPOSSÍVEL NÃO-HÁ... como bradara o Bérro-Dágua, mas em outra posição...

...A é UM e indiviso e homogêneo e neutro enquanto NADA... mas Haver não é Ser... o correto sendo dizer que A é NÃO-SER... pois o que chamamos de *seres* são *modos* de haver... veredas do Grandesser... verdades encaminhadas... verdades do Haver... “*much ado about nothing*”... maneiras barulhentas de fazer silêncio...

...eliminado \tilde{A} , A se mostra indistinto... isto é, sem dentro nem fora... sem limite... Topologia chama isto de *Plano-Projetivo*... Psicanálise chama de *Falo* (Φ)...

... se A representa o que HÁ, sem distinção, então A, no que diz respeito à distinção (a qual só é possível no seio de A) representa NADA... é o VAZIO...

...então, $A = U = \text{Campo do Possível} = \text{NADA} = \text{VAZIO}$...

...agora você lembra de novo que o Impossível *não* é NADA: \tilde{A} *não* representa NADA... quem representa NADA é A...

...pois o que quer que seja possível, o que quer que (h)aja (com ou sem H) só pode comparecer *no seio* de A (não *dentro* de A, pois não se trata de dentro/fora, uma vez que \tilde{A} é eliminado)...

...se há Distinção, ela é possível, e só é possível, em A... se a Distinção *pode* comparecer, como se sabe que comparece, em A, então ela *deve* comparecer... ao passo que \tilde{A} não *pode* e por isso não *deve* comparecer...

... conceba que a Distinção comparece entre A e A mesmo – ... isto é, entre A e sua *repetição*...

... isto é o mesmo que dizer: faça A *se* representar por A...

...o que não é o mesmo que dizer: faça A representar, por exemplo, o Possível: $(A=A)$...

...aí está o conceito de Conjunto Vazio (\emptyset)... no que A se repete (se representa por si mesmo), e só quando se repete, temos $A (\text{conjunto}) = A$

Introdução

(vazio)... este aliás é o conceito de ZERO, de onde emerge o ZEZERÓ (Z^0): conceito da emergência da distinção entre A e si mesmo... então ZERO não é o conceito de falta (de distinção), mas o conceito de passagem ($A = A$) do indistinto ($A = \text{NADA}$) à distinção... o conceito de Falta (de distinção) é $A = \text{NADA}$... mas o conceito da *Falta*, que só comparece como *conceito* enquanto conceito da falta-de-distinção, é herdeiro de outra falta, anterior, originária, mais radical, enquanto \tilde{A} , que absolutamente NÃO-HÁ... pois que a *Falta*, \tilde{A} , pertence ao campo de A, mas carrega em seu haver, enquanto absoluta neutralidade, e *para* o que quer que haja modalmente, em cada verdade, o timbre de impossibilidade do \tilde{A} , a reverberação da irrecuperável *Dissimetria* original...

...se A é UM e indiviso, e se a A só A próprio se opõe, não havendo dentro nem fora de A, no entanto A é imediatamente *BÍFIDO*... não que A se divida em dois externamente... mas sim que A se bifidiza em si mesmo e por si mesmo...

...é como se A fosse tão solitário, pois não encontra diferença nem oposição senão em si mesmo, que resolvesse efetivamente opor-se a si mesmo para não se sentir tão sozinho... mas não esquecer que – logo que se encontra bifidizado, A começa, enquanto tal, a ter saudade de sua solidão... e não vamos ingenuamente supor que A não sabe o que faz – pode não saber antes ou durante mas, *depois*, A bem sabe o que faz...

...é dizer que A permite (é possível no seio de A) a distinção entre A e sua repetição... grafe isto por \mathbb{A} (A barrado)... é o que Topologia chama de CONTRABANDA...

...é aí que mora o Z^0 ... ponto-bífidio nascido da em-felicidade (ou falicidade) de A... eis o berço do Falo (Φ) que agora se manifesta...

...agora, já *marcar* essa distinção é chamar A de A_1 e sua repetição de A_2 ... então, $A_1 = \tilde{A}_2$ e $A_2 = \tilde{A}_1$...

... \mathbb{A} se distingue de si mesmo, sem se separar, mas se bifidizando, em dois campos absolutamente idênticos a cada ponto... é dizer que A se repete a *si mesmo*...

...não é supor que A seja partido em duas metades que *em si mesmas* sejam constituídas por sentidos opostos, por exemplo, tipo matéria e anti-matéria... A se distingue, enquanto repetição de si mesmo, em dois campos *idênticos* (mais para “sentido antinômico das palavras primitivas”, de Freud)... os quais só se apresentam *como* opostos (mesmo em seus sentidos) quando de seu recíproco confronto... isto é: a distinção de um sentido, digamos que positivo (+) e de um negativo (-) não depende de *ser* uma metade de \mathbb{A} positiva e outra negativa desde antes do confronto... a distinção *pertence* à cisão de \mathbb{A} exasperada no confronto, e não às partes cindidas... é que A se torna gêmeo idêntico de si mesmo... mas sua confrontação avessa um no outro...

...comparação com a Microfísica pode servir... na afirmação de que há, e se encontra, matéria e anti-matéria... mas conforme o que vai aqui, não há matéria e anti-matéria *em si*...

...supondo um Universo de Matéria em oposição a um Universo de Anti-Matéria, estaremos talvez propiciando uma tola teoria... pois a suposição aqui é de que não há, nesses dois Universos, *em si mesmos*, nenhuma distinção, se isoladamente vistos... que eles são, enquanto \mathbb{A} , absolutamente idênticos... a distinção (+, -) está *entre* eles... quer dizer: se qualquer partícula de um entra no campo do outro, lá, e só lá, essa partícula encontra oposição... será tomada como de sentido oposto... que uma partícula de anti-matéria que acaso atravessasse o nosso universo (sabe-se lá por qual distração de A) ela *é* idêntica, em tudo, a qualquer partícula, de mesma ordem, do nosso universo, quando ela está lá no *seu* universo... é a TRAVESSIA (da distinção) para o nosso Universo que a fez, comparativamente, aparentar-se a uma anti-partícula...

...mas alguns físicos de hoje chegam a teorizar, mesmo em contrário à proposta de Dirac, que não há anti-matéria pronta no universo... que uma partícula encontrada pelo avesso não começou assim seu caminhar... que foram forças enormes, encontradas no percurso, que a fizeram como tal... pois que seria paradoxal a proximidade de modos avessos da matéria, sem menor interferência explosiva ou desreguladora... ou seja, que o universo é desde sempre *assimétrico*, sem avesso original...

Introdução

...tanto faz, ou tanto melhor... que matéria e anti-matéria subsistam simultaneamente em diferentes regiões do espaço – ou que subsistam sucessivamente no mesmo espaço em diferentes regiões do tempo... pois que se dá na mesma quanto à prática do Revirão...

... se no primeiro caso, é como temos suposto até aqui... se no segundo caso, podemos então supor, o Big-Bang se repete em ciclos universais, sendo então seu lugar o do instante de neutralização, onde se escreve o a , no ponto em que, a cada nova (ou mesma repetida) explosão, vira pelo avesso (quem sabe?) o universo orientado anterior...

...ainda assim, continuamos na bifididade e as mesmas razões podem ainda, se não melhor, bem funcionar...

...ou seja: só há guerra (*pólemos*) quando um guerreiro invade o campo do outro – e aí, embora idênticos, é que surge a sua oposição e logo sua diferença... não havendo qualquer diferença entre esses idênticos quando, para cada qual em seu próprio campo, não há tal oposição...

...isso talvez tendo a ver com *spin-up* e *spin-down*... e a disputa de Einstein com Bohr... para o primeiro, como é que pode ser que duas partículas, totalizando *spin* zero, e bem afastadas no espaço, possam saber, cada uma, a orientação de giro da outra?... se nenhuma informação sendo mais veloz do que a luz... ao passo que para o segundo o sistema das duas partículas fazem um só caso indivisível... havendo ligação por conexões instantâneas não-locais... e uma só sabendo da outra no mesmo ato de escolha, na experiência (EPR: Einstein-Podolsky-Rosen), quando o sujeito-cientista asserta a orientação de uma delas...

...é que a Einstein faltasse o a -zinho, de Lacan, que se pode colocar – veremos mais à frente – como interseção e intercessão... remanescência de A... fazendo meio neutro pelo qual o instantâneo e não-local atravessar... pois que no que quer que haja, nisso que HÁ, no que A em qualquer modalidade, o que a ali insiste como sub-estância *hic-et-nunc* a trans-portar...

...quando A sofre cisão em A e se distingue em A_1 e A_2 , MARCAR essa distinção é promover a SEPARAÇÃO entre A e sua repetição... mas a

separação exige, para se dar, o confronto opositivo entre distintos idênticos para que eles se possam diferenciar...

...é como o ponto que se desloca sobre a contrabanda... se o seu sentido é marcado num certo lugar, ele será, comparativamente, oposto ao sentido que o ponto terá ao se deslocar para o auto-avesso de sua posição antípoda... porém, ele próprio, o ponto, ao se deslocar, não terá, *para si mesmo*, sofrido qualquer mudança... pois, ele próprio, não tem nenhum sentido... ele só muda de sentido *para seu outro lugar*, e só comparativamente com esse primeiro lugar... e de modo instantâneo e U-tópico, isto é, não-local e não-temporal... a causa: o UNINVERSO...

* * *

...assim é A... os dois campos de sua bifididade (\mathcal{A}) não portam, eles próprios, nenhuma diferença entre si... a diferença aparece quando (e somente quando) um comparece para o outro... aí, há separação... um e outro campos distintos de \mathcal{A} , se estranham... dissimetria em segundo grau...

...mas não separação absoluta, irrecuperável de toda maneira... pois que em algum lugar (talvez não situável, mas atribuível) A se representa em \mathcal{A} como *ponto-neutro*, bifidizável, canal através do qual (como um mediador diplomático) possa haver negócios e pactos entre A_1 e A_2 ...

...isto quer dizer que A é cindido para se tornar \mathcal{A} , mas se sustenta pelo menos um ponto, entre A_1 e A_2 , que se mantém *neutro* como A...

...chamemos de *a* esse ponto-neutro... ou melhor: the blackwhite hole... o qual só pode sê-lo porque, ao contrário de qualquer outro, ele pode se comportar – não em oposição mas – diante de A_1 , como A_1 e diante de A_2 como A_2 ... como se sabe, o neutro é sem caráter, o único ponto que dança conforme a música... mas não sem alguma ambigüidade... nem A_1 nem A_2 estranham sempre *a*... mas no que algum eventualmente entra na dele (justo por não o estranhar) pode “cair” na outra, pode atravessar...

Introdução



...*a* não precisa ser isolado... basta que ele seja, para A_1 como para A_2 , enquanto quase-metades de \bar{A} , a nostalgia que \bar{A} tem de A : uma saudade do A *primariamente* perdido... digo *primariamente* porque o que há de originariamente perdido (aliás jamais havido), em falta verdadeiramente *originária*, é o impossível $\bar{\bar{A}}$... ao passo que o que *a* representa é o A *primariamente* perdido... então *a* representa a *falta primária*... isto é, *das Ding (A)*... e *a*, mais tarde, sofre decadência em *objetos a*...

...se não existe nenhum universo presente de anti-matéria, segundo a proposta mais atual, o que nos permite remeter o Revirão a uma eventualidade temporal, tanto melhor...

...melhor ainda funciona a proposta de deslizamento do ponto-bífido sobre a Contrabanda... melhor ainda funciona o modelo do espelho plano em seu reviramento pelo avesso... quando um universo real, como o corpo real do lado de cá do espelho, só encontra *notação* de reviramento na *imagem* especular *atravessada* pela cambalhota de superfície monoface da razão especular...

(...só não é de se esquecer que – no regime do Simbólico lacaniano, é *qualquer* travessia que bem se pode realmente oferecer...)

...assim como *spin-up* e *spin-down*, para a dupla de partículas de total-zero de mais atrás... quando o meio-neutro de travessia se fez por *a*, mediante operação do partícipe Sujeito-Espelho em Revirão... cambalhoteiro oficial... tão neutro em seu ato quanto *a*... embora, como este é configurado aqui e ali, também letrado... mas que, apesar de letra e de figura, se sub-estancia como A ...

...que A_1 não é o que falta a A_2 , nem vice-versa: a ambos falta *a*... e por mediação de *a*, por necessidade ou por engano, por não estranhamento de *a*, um pode substituir o outro por *a*, ou, melhor dizendo, atribuir a posse de *a*, em dissimetria, ao outro... e donde a tentativa de efusão... que acabará em guerra... e, depois, e se houver, algum pacto de convivência mais ou menos pacífica...

...notar, para mais tarde, que A_1 não é significante – senão em relação a A_2 ... o halo \mathcal{A} é que é significante... A_1 e A_2 são seus alelos em-significantes...

* * *

...Uma coisa é tomar a lógica de fundação da série dos números, de Frege, para sustentar a Repetição de Freud... outra coisa é partir da Repetição de Freud para fundar a série dos números – com ou sem Frege....

...Wittgenstein, em *Notas Filosóficas* n° 125, diz que “o que há de fundamental é somente a repetição de uma operação. A operação +1 repetida três vezes produz e é o número 3”...

...o +1 de Frege (o sucessor) não é senão a *repetição da distinção*... da distinção que dantes tivera emergido com o Zero de passagem do indistinto ao distinto... pois se a repetição é possível (em A) fundando a distinção operada na separação, é ela que insiste como repetição: $(A = A) = A$, ou seja, $\mathcal{A} = A$...

...o UM é o *conceito da distinção*, entre A e sua repetição... distinção que será operada na *separação* entre A_1 e A_2 ... separação bem representada pelo traçado de uma fronteira longitudinal na Contrabanda unilátera... lugar aonde, cindida, ela sofreria decadência, em bilateralidade...

...é esse UM, conceito da *distinção*, que, repetido, como repetição de distinção, funciona como o +1 da série-sucessor...

...e há uma curiosidade ficcional: se aplicamos essa repetição insistente sobre A... veremos então que A é neutro, indistinto, mas não necessariamente estático... não é como som contínuo, ou como luz permanentemente acesa... mas *freqüência* repetitiva... assim como na astrofísica se concebe a de um PULSAR...

...como é que se poderia detectar essa freqüência, aqui conjecturada, se ela fosse de gradiente elevadíssimo, e também simultânea para qualquer modalidade no seio de A?... e, na verdade, o que haveria entre uma e outra vez de sua própria repetição, seria aquela mesma neutralidade de $A (=a)$... qualquer que fosse a duração do intervalo aqui sonhado, ele não se contaria, por absoluta

Introdução

indistinção... pois que A enquanto neutro, ou como *a*, é A BELA ADOR-MECIDA – para a qual o velho tempo não há, por não passar...

...é como se a própria matéria (ou energia) que HÁ, mesmo enquanto distinta, jamais fosse contínua, mesmo em seus estados, mas pulsante para sempre no intervalo de A para si-mesmo em A...

* * *

...ora, a separação depois da distinção impõe a guerra – e, com ela, a diferença nasce do RECALQUE – função que vem se impondo desde a emergência mesma daquela Distinção...

...e aí começa a MODALIZAÇÃO...

...MODUS IN REBUS é a definição...

...a expressão vem de Horácio... Quintus Horatus Flaccus... poeta latino de antes de Cristo, que foi aliás aliado daquele Brutus que acabou com Júlio César... era bem seguidor do pensamento de Epicuro... e em suas *Sátiras* (livro 1, 1, 106) ele diz que: “Est modus in rebus, sunt certi denique fines”...

...que “há modo nas coisas, ou seja, há certos fins”...

* * *

... depois da *distinção*, a *separação*... mas não há separação – que se sustente – senão por algum repelimento, exercido por cada uma das partes, daquilo que na separação se põe como outra-parte... repelimento (ou repelão) que quer dizer *re-calque*, ou re-imposição (no sentido gráfico) da própria forma... na língua inglesa há o termo *die*... que serve para o *dado* que se lança para acaso Tique... que serve para a *impressão* nas artes gráficas... e também para o *morrer* que lá se imprime no avesso de uma chapa que sumiu... é por aí... *Verdrängung*, como se diz em alemão... mas aqui no senso mais amplo do nosso termo, e não ainda no sentido mais estrito da *Verdrängung* de Freud...

embora não se trate de outra coisa... nem de outro *conceito* no seu escopo mais geral...

...MODUS IN REBUS... limitação... fronteira se não litoral... remissão da letra própria, remissão à própria letra, a *certa* marcação... e donde a diferença se estatui... em clara oposição: entre o MESMO e o OUTRO, entre o MESMO e NÃO-MESMO, entre OUTRO e NÃO-OUTRO... em franca discriminação: por exclusão...

...é o que se representa com o corte sobre a fronteira longitudinal da Contrabanda... quando certa bilateralidade se constrói... mas não é necessário operar-se definitivamente nenhum corte... basta que lá se tenha traçada uma fronteira para que alguma bilateralidade já se ponha... o que aliás é o mesmo, do ponto de vista da compleição do percurso, que operar um furo sobre a própria Contrabanda... um furo (como *a*) que terá serventia ou não terá... uma fronteira paterna que se pode chamar de Não-do-Pai... um furo *localizador* da neutralidade anterior, *rombo ancestor* que se pode chamar de *Père-Version*...

...lembrar que, um furo, não é *obrigatório* que se meta o dedo lá... embora isto seja *recomendado*... re-comendado pelo desejo, quer dizer... mas bem se pode também só deslizar o dedo sobre – e recair na cambalhota desse Revirão... então, é o retorno ao repellido... dito retorno do recalcado...

...esta a ambi-valência do a-furo... anfí-falência do a-puro... sua equivocidade... saudade do A... seu *spleen* e sua *split*... às vezes sua *spleen*-dolorosa *split*-citação... sua *Spaltung* e sua *Trieb*... seu antojo e seu tesão...

...é que o recalçamento da Outra-Parte é repelimento do *a* que a representa e cá e lá... e se ele comparece como em falta, o *a* promove – necessariamente – algum deslucamento... de fazer qualquer Um perder a distinção...

...assim como, por exemplo: um bico da teta de virgem... sabendo-se que *virgem* não é quem nunca *a* deu para ninguém... mas sim, quem nunca *a* deu para *mim*... e se há empenho nessa doação, e seja por quem for e a quem for, é de que *nunca a deu* – ainda que já tenha a outrem ou a mim oferecido muita vez... porque é *isso não* (como se diz no Ceará)... mas o *bico*, ou a *bica*,

Introdução

o que é?... o que é que já se anseia de sugar ali?... sabe-se lá – que só se sabe *lá*: na neutralidade do que ali se *a-põe*... pois o que importa, conforme com a Pulsão, não sendo o que se suga e sim o se sugar... e o resto é só denegação...

...então, há recalque porque há diferença... e o recalque é a sustentação da diferença... esta é a LEI... a Lei da Diferença no seio de A... e dela não se tem escapatória senão como neutralidade... neutralidade invocadora da Morte... mas por que será que a outra-mesma face da LEI é o *desejo*?... desejo de inclusão...

...justo por isso... que o *a* é do A o índice de repetição – inscrito no que quer que seja como sua *intercessão* (e como *interseção*)...

...*interceder*, do latino *intercedere*, é pedir, rogar, é suplicar (por outrem)... é intervir (a favor) de alguém ou de algo... aqui no nosso caso, a favor do Outro junto ao Um... e neste caso a *intercessão* é o ato de interceder...

...já a *interseção*, do latino *interseccione*, é ato de cortar, é corte, cruzamento... o que na matemática será um produto – operação por meio da qual se forma o conjunto dos elementos que pertencem simultaneamente a dois ou mais conjuntos...

...no caso do *a* que se repete em qualquer haver, a intercessão é como a de quem roga intervenção daquele virgem A-mar de neutralidade por quem sonhe que um *virgem-mar* ia rogar por nós...

...mas essa intercessão é ato de qual Sujeito?... não vejo por que não possamos pôr um Sujeito, fenda, fístula, greta, entre uma e outra coisa... entre um e outro átomo da própria matéria concebida, digamos por exemplo... palavras, de um Sujeito, feitas de matérias outras – matemas se não fonemas – que não do nosso costumeiro *flatus vocis*...

...e que Sujeito é esse?... Aquele mesmo... que não há também aí senão quando *pinçado* em estado neutro... Sujeito suposto Saber... ou seja, o próprio Deus... se queira ou se não... suposto saber dizer por aí as coisas como tais... *significantes* aliás, como as coisas *são*... e sempre em revirão... pinço o Logos: Ou...

...não que as palavras fundem as coisas... pois que as palavras fundam *outras coisas*... assim como as coisas fundam *outras palavras*... pois que as palavras fundam, sim, as coisas verbais... assim como as coisas fundam as palavras reais... em níveis (se não graus) diferentes de materialidade... mas que, e por materiais e por fundiárias, bem podem encontrar *interseção* e, assim, *intercessão*...

...então há que supor e que entender a *interseção*...

...dizer que há interseção no que quer que haja é dizer que o que quer que haja é furado... ou seja, que o que quer que haja tem um ponto neutro ou neutralizável que se chama *a*...

...no entanto não há mais do que Um *a*... como o monólito único e solitário no 2001 que Kubrick anotou... A se repete – e no que se repete há o *efeito* da distinção... assim como *a* (que é o caroço da repetição de A em seus A-vatares veredadeiros pelo haver) também se repete em multifárias reaparições... mas sempre o mesmo *a*, que é sempre o somatório de suas próprias aparições...

...a *repetição* não é da ordem do adicionável... não há operação adição no que puramente se repete: só no que se distingue... se a repetição tem *como efeito* a distinção e subseqüentemente a separação, ela própria não se distingue de si mesma nem se separa de si mesma... portanto, não é passível de operação... ÁLEPH original...

...*a* é interseção absoluta e indefectível (embora às vezes silente)... havendo intercessão do *a* em qualquer haver... que esse furo solicíssimo-abissal se encontra em cada modo de haver... se difícil de achar e trans-*crever*, no entanto vai de UMBIGO em cada ser: ônfalo: ïïöÜëïò: co-Falo do co-haver...

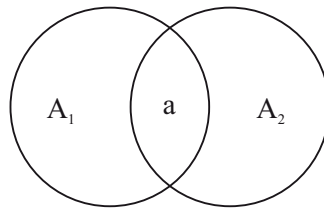
...diferentemente da teoria dos conjuntos, esta interseção *pertence* (como tal) aos dois campos – superpostos ou não... mesmo se os campos se separam, a interseção permanece adscrita: se são dois, ela se duplica; se são vários, ela se multiplica... entretanto, no que eles se recobrem, ela outra vez se unifica... se um-bilica... como as esférulas dispersas do mercúrio se ajuntam

Introdução

logo numa só bolha ao mais leve empurrão... assim como também já se separam à mais leve secção...

...diferentemente de álgebra e almucabala, ali os fatores de mesmo nome podem se repetir à vontade, sem terem que se somar na redução do seu encontro... no que somente a marcação da sua letra distintiva é que os difere e faz separação... ÁLEPH ZERO em sua operação...

...pois há intercessão da interseção... intervenção da nota comum... intervenção do A pela neutralidade (ou furo) como a ...



...ou isto é: o que o a -zinho ali d'escreve em cada haver é o A-zão como NADA... o que, a cada haver marcado, que no seu *modo* insiste, lhe parece um vazio... parece e é pois que não há outro vazio senão o desse NADA que HÁ... mas vazio ali cercado pela fronteira que ele faz com esse modo onde se instala... portanto vazio bordado, quer dizer, borda única da única margem de aspiração... por esse furo entre essa veredade e aquele NADA... e nada mais consistente do que um furo (como botou Lacan)... ou seja, nada mais consistente do que NADA...

...*desejo*, então, é querer a ... melhor dizendo, é querer comer com a (como a boca, por exemplo), isto é, com seu “próprio” furinho, o que quer que a um lhe parece encher de vez a sua pança... encher com NADA, a rigor: nada que é TUDO, tudo que HÁ... é uma questão de *a-petite* (como se diz *a-zinho* no francês)...

...*pulsão* é coceirinha... comichão lá nas brebas dessa a -boca de se comer com... lá na borda desse furo, uma vontade enormezinha de alguma esfregação, ali onde o a -zinho, intercessão, põe a saudade de neutralizar...

...outra coisa – e diferente do *a-petite* – é o A-mór... se no primeiro é certo impulso de *com-ter* o *a-zinho*, já no segundo é outro pulso: o de *se-ser* o A-zão... o que, em níveis bem mais baixos, é assim: no primeiro caso, quando A_1 quer comer o *a-zinho* de A_2 (que é seu mesmo *a-petite*)... o que já lhe parece uma vontade de comer A_2 (ou o que quer que ele tome acaso como tal)... e no segundo caso, quando A_1 quer passar a ser o A-mór que ele suspeita em A_2 (seu A-mór próprio)... o que já lhe parece uma vontade de ele próprio ser A_2 (ou o que quer que ele tome acaso como tal)...

...e assim se faz a liça e a lida aonde, entre *a-petite* e A-mór, a saga dos partidos faz Eróis...

...o que é dizer que o essencial – no que HÁ como no falante que repete a sua estória – não é o *desejo* (como quisesse Espinosa repetido por um primeiro Lacan) nem o *amor* (como quisesse Jesus interditado por Freud)... o essencial é REVIRÃO (substantivamente, verbalmente), quer dizer, a cambalhota dessa AMÚSICA, que se chama ALINGUAGEM, em qualquer aparição...

* * *

...considere uma CONTRABANDA... ali, no seu chão, um pontinho suposto é *bífido* por sua condição... isto quer dizer que ele está em qualquer parte desse chão... o que é dizer que o lugar exato da cambalhota do Revirão (o *a-zinho* enquanto neutra interseção dos dois alelos de sua virada intercessora) está em toda parte e em parte alguma... indicar esse ponto é supô-lo em qualquer parte desse chão da contrabanda – e daí, conjecturar o Revirão... isto basta, sem qualquer demarcação...

... agora, tente *marcar* esse ponto, isto é, situá-lo de tal modo que ele faça surgir uma clivagem nítida entre um e outro alelo, entre um e outro *sexo* desse Revirão... em termos de percurso sobre a Contrabanda, marcar esse ponto é *fazer um furo* sobre aquele chão... um furo qualquer, com sua borda

Introdução

única entre um vazio e a uniface, fará com que o percurso possa agora, em passando por ele, abandonar uma semi-circunvolução...

...isto quer dizer que um ponto (ali então supostamente bífido) cairá nesse furo e perderá provisoriamente seu avesso, seu alelo... isto é, em passando pelo furo, seu percurso terá um alelo *recalcado*, pois que tornará ao local de partida sem achar de nenhum ponto sua avessa posição...

...chame a esse furo de ponto-de-basta... mas não um basta qualquer – e sim um basta paterno, o qual põe termo à esquizologia daquele Revirão... Nome-do-Pai, se quiserem – mas não Papai-do-Céu, e sim Papai-do-Chão... metáfora-paterna que organiza a repartição...

...Papai-do-Céu é a própria Contrabanda (*A*)... que já depende de um furo suposto sobre NADA, isto é, no Plano-Projetivo que *A* antes ainda de sua repetição...

...esta é a Lei, *interdição* de equi-vocar entre os alelos... mas interdição que equivoca... determinação de par-tido... ao mesmo tempo, determinação de invocação do alelo recalcado... desejo de outragem, vontade de ultraje... pois que o furo não obriga por ele se passar, embora o recomende – e não impede a permanência no percurso viravesso que lhe é anterior, senão que *se-inter-diz* de alelo para anti-alelo, embora recomende uma limitação...

...é que esse furo já d'escreve alguma *letra*: localização de um furo significante (para Lacan)... localização, digo eu, de um furo que pode defastar os alelos de um Significante Revirão...

(...mais tarde, só depois, outros apelidos se darão àquele Nome – já demarcando terras bem menores, nesse chão, para particularíssimas mansões... veredades de ocasião...)

...aquele rapaz nos inventou o cume da *oração* (que se preste atenção a tal palavra)... o resumo da sujeição... mas também pudera... ele assumiu o trono do filho dileto do próprio Deus... isto é, o de representante legal de todos os falantes... foi aí que ele *passou* (e não na prova da cruz)... passou de Jesus a Cristo... como pode passar eventualmente cada qual de nós...

“...Pai nosso que estais no Céu... santificado seja o Vosso Nome... venha a nós o Vosso Reino... seja feita a Vossa Vontade... assim na Terra como no Céu... o pão nosso de cada dia nos dai hoje... e perdoai nossas dívidas... assim como perdoamos nossos devedores... não nos deixeis cair em tentação... mas livrai-nos do mal... amém...”

...isto é... roga-se a Papai-do-Céu (aquele original)... roga-se àquele cujo Nome *deve* (isto é uma ética) ser por nós *sancionado*... e por causa da Sua sanção, e sem o quê não se poderia rogar... roga-se que Seu Reino não nos falte, isto é, que nós sejamos a repetição do Verbo Seu... que nós realizemos a repetição desse Verbo, sem o quê não nos reconheceríamos os falantes que soemos ser e nem mesmo lhe poderíamos rogar... e declaramos que lhe somos sub-ditos, quer dizer, sujeitos à Sua Vontade por se realizar no só-depois de sua santificação... e que isto se dê nesta Terra como no Céu, isto é, que haja Papai-do-Chão assim como há Papai-do-Céu... e no que há Papai-do-Chão, temos sancionado nosso direito de sustentação – no pão de cada dia que garanta a nossa especialíssima condição... pois que não é de pão que vive o Sujeito... mas como estamos sub-ditos à LEI do Papai-do-Céu além de à Lei do Papai-do-Chão, a barrar a nossa equi-vocação entre “Deus e o Diabo na Terra do *Soll*”, equivocação entretanto nessa mesma LEI reafirmada, rogamos também por algum legal perdão... pelas nossas dívidas – pelas nossas dúvidas (entre uma e *outra* posição) – já que bem podemos reconhecê-la e perdoá-la em cada suposto irmão, e na mesma medida do nosso possível perdão aos nossos duvidadores... duvidadores de emprestar reconhecimento à nossa igualdade de condição... e para cumprirmos a Lei, rogamos também para que Ele a aplique, essa Lei, de modo a não cairmos logo na tentação da travessia... na travessura da limitação... mas bem sabendo que o desejo ali vigora na mesmíssima escansão, então posturamos um *mas*, nessa adversativa do pedido de livrar-nos, *mesmo assim*, no caso quase certo do ato-falho do nosso humaníssimo tropeção, de livrar-nos do mal que possivelmente venha junto com só bem-querer... e que assim seja... se assim for de-ser...

Introdução

...Paz nossa que está no *A*... certificado seja o Teu Nome... venha a nós o Teu Sê-lo... seja feita a Tua Operação... assim no modo como no *A*... o *não* nosso de cada dia dá-nos já... e perdoa nossas dúvidas... assim como reconhecemos outras verdades... não nos deixes cair em transgressão... mas nos livres mesmo assim de confusão... e que assim seja quando for... amém...

* * *

... foge o sol... e se põe... bem por trás das montanhas veleidades minhas... a vulva loba me espreita, de Noturna... e eu mal gozasse ainda – a pouca vida que me dera uma Fortuna...

...pouco vale o que sobra... e a sombra me equivoca com a luzinha fraca... fogo fátuo da minha tentativa...

...errei meu desacerto por estrada inacabada... e fui dar sobre um canteiro de obras incompletas... ali resto entre máquinas... como um peão a mais... em trabalhos forçados como penitência... por um pecado sem perdão em qualquer praça...

...que tenho a ver com isto? – eu que sou da minha raça... sem nem saber por-quê nem como e sem escolha...

...são chilikos de Deus, caprichos de Natura... comichões da Fatura...

...os Rios não correm para o Mar: são sugados por ele... e, as Estrelas, não marcam nenhum ponto contra o Céu que já as devora... possa ser...

...fosse o banal de uma lápide no pátio... mas é bem outra a Morte a que me voto... essa que trago na mão... como escrita de dono em quarto de bezerra... e que eu já não decifro... desde a data incontestada da álgida ferida...

...as flores não são nada... ou quase... coloridos e cheiros e contatos lábeis... mais valem na lembrança, do que no aqui-e-agora de carícia breve?...

...as páginas dos livros são mentiras estáveis?... tomadas por verdades, dado o desespero... e as laudas que eu escrevo... desmentem outras páginas... com mentiras soezes...

...meu cigarro não queima as minhas máguas?... meu cochilo não dorme o meu cuidado?...

...então eu rogo ao Nome d'Ele... quer dizer que O reconheço e O reafirmo... O Suposto Sujeito... O Sujeito Suposto... suposto Saber NADA... NADA de onde, partido, repetido, Ele se alastra... e faz lastro em seus modos dispersados... e tanto se repete e se reparte que empolga grandes ciclos... de modo a repetir, em nosso próprio estado – de falantes falazes –, a sua própria vez recomeçada, sua própria emergência renovada...

...é ISSO aí... tratemos d'O Sujeito... porque, o que quer que haja, é DEUS pensando: FATUREZA...

Segunda Parte: OU

...então tratemos mesmo do Sujeito: esse Outro definitivo da neutralidade do Há...

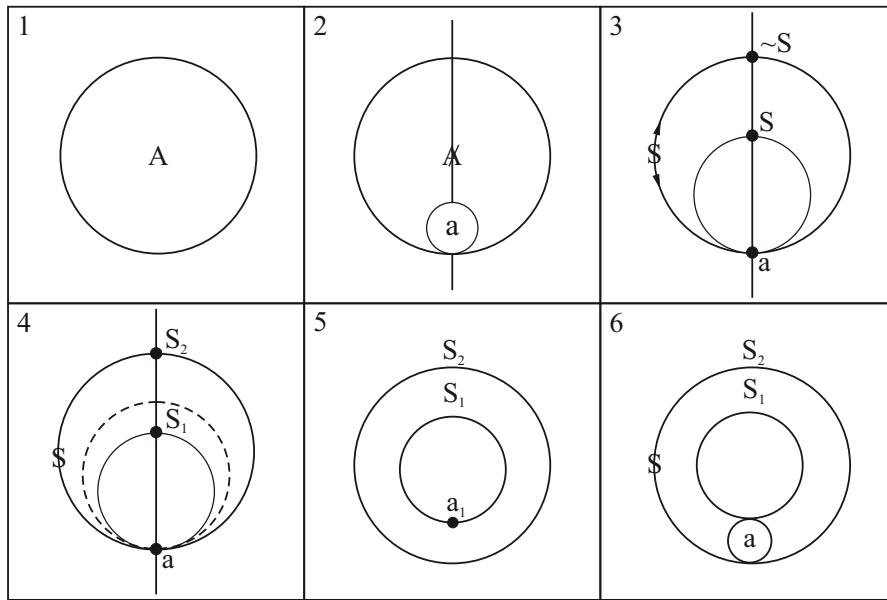
... a Neutralidade de Deus – o que a filosofia quis chamar de Totalidade – não implica em Homogeneidade... chamemo-la melhor de Plenitude... ela é *plena* no sentido de que, a cada instante de sua própria repetição de si mesma, sua estância equivale a NADA, como Há... a diferença que pescamos com a linguagem é consubstancial a NADA... a Heterogeneidade do VEL é Neutra a qualquer tempo...

... também, a plenitude do Neutro não implica em finitude... ela é infinita em seu devir na modalidade... porém, enquanto neutra é sempre plena...

...não há Neutralidade *nos* modos, *nas* partes... nem mesmo *entre* modos e partes... só há Neutralidade na Plenitude... há mesmo locais (modos, partes) onde podem surgir *eventos* (dizem que energéticos)... mas a cada evento há que corresponder em *outra cena* um outro evento, avesso do primeiro e, assim, sustentador da Neutralidade, da Plenitude... Revirão por alelos... Plenitude do Halo... Neutralidade do Haver... e por Catoptria do Deusser...

Introdução

...retomemos o percurso (que fizemos) segundo o quadro abaixo...



...podemos assim repetir que, em 1, em A, *Isso Há*... Isso há absolutamente... topologicamente plano-projetivo... nem orientabilidade, nem sexão... o plano-projetivo equivalendo um ponto único... ponto UNO em radical neutralidade... a suposta homogeneidade do Nirvana...

...em 2, é o Há que já se cinde por si mesmo... o mesmo que dizer que o A, enquanto neutro, é como um furo... no que ele se repete sobre si mesmo, é furo sobre o plano-projetivo – e donde a contrabanda aparecendo... clareira, rombo neutro sobre a neutralidade... e surgimento de uma borda... de uma banda unilátera com seus pontos não-orientados... no entanto sexuados... e, da clareira da repetição, o surgimento do bífido... que não precisa ser mais que um ponto... para que o moto-perpétuo do Revirão bem funcione... aonde o A se comemora como *a*... aqui é de dizer que *Ele é*... como o tal de Javé... Neutralidade já sem homogeneidade... Ele quem?... *O SUJEITO* enquanto tal... não ainda uma brecha que esse-um qualquer representasse para esse-dois... mas o puro

intervalo entre A e sua própria repetição... é o que poderíamos chamar de ANALFABETO PRIMORDIAL... nenhuma letra ainda, nesta primeira distinção, que venha *marcar* a representação desse iletrado – o mais ignorante dos seres, que só Há para Nada... que só Há para brincar... Neutralidade heterogênea, se quisermos dizer...

...então, no que o ponto se faz bífido, no que margem comparece, passamos ao 3... aqui, a contrabanda como Revirão, o propriamente dito... quando o Sujeito deixa de ser Analfabeto Primordial e passa a ser mero SUJEITO ANALFABETO assim grafado: \$... agora dividido entre S e ~S (entre esse e não-esse), única demarcação que aí vigora... restando lá o a-zinho como rememoração do antigo A-zão... aqui é o lugar de se dizer *Eu penso*... no que o pensar se situa nesse indecível de uma travessia entre o *a* e o não-*a*... é já o Halo Significante com suas duas vertentes... prometendo alelos demarcáveis... e se aqui eu penso, no entanto *eu não-sou*, como também *eu não procuro*... nem mesmo ser... eis o desejo do \mathcal{A} ... lugar de pura enunciação... entre ser e não-ser... no redemunho do meu Revirão... na *Urverleugnung* do primeiro safanão... é Deus se demarcando de si mesmo, opositivo...

...em 4 um *nome* comparece... marca de “escolha” embora preceitual, entre esse e não-esse... regime patricial quando uma letra se instala... marcação de um alelo... oposição de S_1 a S_2 ... quando surge a fronteira, em linha mediana, ao longo da contrabanda... e só agora esse Sujeito (\$) pode então dizer *Eu sou*... garantia do SUJEITO LETRADO sobre a certeza de sua marca... no que a instância paterna lhe tenha prestado um significante situado... aqui, no que eu sou, no entanto *eu não penso* – apenasmente *eu acho*... do ponto-bífido, por “escolha”, um ponto-unário... aqui o desejo do Sujeito, como remissão ao Falo (ϕ) – ao desejo do Outro portanto... o ato da palavra se tornando então possível... decantação da enunciação em enunciado... por vigor de uma letra que alfabetiza esse Sujeito que a soletra... é Deus já demarcado em criaturas, opostas de bem postas... quando um alelo é recalável – mas insiste... é o lugar da *Urverdrängung*...

...agora, pela fronteira, passemos a tesoura... é quando a contrabanda vira bandacontra – de unilátera a bilátera... é o que acontece em 5, quando pra

Introdução

mais do que recalque sobrevenha ruptura... entre alelo e anti-alelo... decantação da equivocidade do significante em cabal significado... regime do não-falante... lugar dos elementos do que chamam de *Physis*... artifício divino no entretanto... que da mão do Grande Artífice, O Sujeito, tudo revém a este ponto... que tudo é artificial – té mesmo as flores... aqui, *Eu sou mais-eu*... segundo essa ruptura que a *neurose* imita sem sucesso... ali o *a* se escreve como a_1 ... para indicar a sua não-neutralidade... no que, defastado definitivamente de S_2 , S_1 designa seu objeto – imaginariamente conformado, para ser procurado e encontrado... ali, *isto é*, isto procura e isto encontra... quando puder...

...o que aconteceria se sobre essa estagnação relativa um furo (como neutro) acaso novamente se instalasse?... é o que se passa em 6... caso no qual se re-começaria todo o ciclo... pois que o *a*, como furo, reporia o A de 1... e logo-logo a cisão que vige em 2... e depois a distinção que vem com 3... e a marcação de 4 (só possível) já depois...

...então aí está... e me repito... que O SUJEITO, originariamente A como Nirvana em 1... depois cindido como ANALFABETO PRIMORDIAL em 2... logo distinto como SUJEITO ANALFABETO em 3... para espontaneamente se marcar como LETRADO em 4...

...quando vai para 5, é um ponto cego (S/)... no que os alelos definitivamente se defastam, não há mais retorno possível (senão pela catástrofe eventual da repetição do próprio furo)... embora a modalização neste lugar se mostre em multifária infinitude... este é o “reino” dos entes que topamos – animais inclusive... no que ele não *se* altera – só pelo Outro podendo ser alterado a cada vez... o Darwin talvez tendo razão no que se refere à dita “evolução” das suas espécies...

$$A - \cancel{A} - \hat{\$} - \$ - S/ - (\text{furo}) - A - \text{etc.}$$

...algo terá acontecido pelo “reino” de S/... o surgimento de aparelhos cada vez mais complexos... e dentre eles o de algum com tal complexidade (em qualquer nível que se possa conjecturar) que terá reincluído a barra, reinscrito o velho furo... quiçá que um MACACO MALUCO... ou DIVINO SÍMIO...

...não é preciso ser nem evolucionista nem criacionista para aceitar a existência de sistemas (biológicos, por exemplo) cada vez mais complexos (v.g. os *integrans* de Jacob) que se recomendam uns aos outros na comparatividade de suas formações... há que reconhecer que no “reino animal” há surgimento do *signo*... este antecedendo o *significante* neste caso... na medida em que são os aparelhos de realimentação da informação que gerem (com errâncias medianas) a transação dos animais entre si, assim como entre eles e os ecossistemas... há “linguagem” (no sentido semiológico) entre os animais... o que não há é Revirão no seio dos signos que eles exercitam... os quais só por Revirão se tornariam significantes... e podemos pôr o surgimento disto na conta de uma extremada complexificação de certo sistema biológico... o que há enquanto emergência (renovada) de diferença radical e fundamental para o falante é a re-inclusão (repetição), ou seja, a *reflexão* do *sígnico por causa* da sua neutralização na oportunidade do re-surgimento do Revirão...

...aí, em 6, o habitat do falante em sua aparição... o falante nascendo como repetição d'O SUJEITO QUE HÁ... que há pelo Campo... o Simbólico não sendo privilégio do falante...

...já “no princípio era o VERBO”... e a natureza é artificial... que Natura é Fatura desse Artífice Original...

...quando o falante dito *um-mano* aparece re-acomodando o Simbólico, ele só está é repetindo em outro ciclo a mesma estória... e aqui eu não faço uma cosmogonia e cosmologia psicanalítica – pois que ela se faz por si mesma... nesse eterno retorno...

...somos as bestas divinas... divinizadas por um sopro: neutro-furo... daí é que tiramos (e só daí é que podemos tirar) nossa certeza... livrando a cara do Descartes reafirmo: é do *eu penso*, no inseguro da enunciação, que vem nossa certeza de Sujeito afeito ao furo... donde o *ato* possível... e nossa garantia essa *denúncia*... um ato (embora falho) a recobrir a falha ôntica...

...denúncia, sobretudo e na prática, de diferença sexual que não se coaduna com essa instalação terceira do falante... denúncia do *entre* os dois-sexos do animal... a transiência (o transeunte) não se elimina enquanto tal...

Introdução

* * *

...no que o furo se repete, o *Imaginário* perde o “reino” do animal...
eis que o *Real* se repete sobre o Falo... eis que o Sujeito reaparece dispersado...
eis que o *Simbólico* recomeça a verbiagem... no GERÚNDIO...

...em centelhas divinas (para ascese ou decadência só depois), eis que
aparece O PLEROMA em agonia triunfal...

1

SUJEITOS, REFERÊNCIAS E PARADOXOS

O Sujeito moderno *renasce das cartas* desenhadas e escritas, lá no dezessete, por um francês famigerado pela descoberta de um modo obsessivo de assestar certezas. A certeza que *de si* fatura a consciência que reflete, no que ela se justifica pela distinção de si mesma, como sujeito soberano, para com seus objetos de pensamento. Mas, ainda que Freud dissesse não trate ali no novecentos, o conceito de Inconsciente reclama nesse Outro um certo sujeito, que Lacan administra como *Sujeito do Inconsciente*.

Se o *paradoxo de Epimênides* não o fosse. Se, por exemplo, ele tivera dito que todos os atenienses são mentirosos, uma vez que ele próprio era cretense, teria dito algo provável, como falso ou verdadeiro. Mas o que disse foi que “todos os cretenses são mentirosos”, no que alguns reconhecem o que denunciar enquanto paradoxo onde algo acontece da ordem do indecível. Assim, como cretense, se Epimênides mente, sua afirmação é verdadeira, e se não mente, é falsa. É a mesma coisa que afirmar que *eu minto* ou afirmar que *esta sentença é falsa*: se ela for verdadeira será falsa, se ela for falsa será verdadeira. Como sair dessa?

Isto é da mesma ordem do *paradoxo de Russell*, quando ele pergunta sobre os conjuntos que não são membros de si mesmos, como a questão do catálogo de todos os catálogos que se inclui a si mesmo, coisa que já exemplificamos aqui sobre a questão do barbeiro. Se numa cidade há um único barbeiro que faz a barba de quem não faz a própria barba, quem faz a barba do

barbeiro? Se ele faz a própria barba, não faz a própria barba, se não faz a própria barba, então faz a própria barba. É indecidível?

O *paradoxo de Grelling* nos vem com sua noção de termos auto-descritivos e de termos não auto-descritivos de uma língua. Por exemplo, a palavra *exassilábica* é uma palavra exassilábica. A palavra *vermelha* não é uma palavra vermelha necessariamente. Lacan se utiliza disto num certo seminário, quando pergunta se a palavra *obsoleta* não é, hoje, uma palavra obsoleta. Assim, Grelling, tratando dessa ordem paradoxal, vem mostrar a diferença entre o regime do auto-lógico e o regime do hetero-lógico, ou seja, o que é da ordem da auto-referência, como no caso do *eu minto*, a cair na indecidibilidade. Nem se pode decidir pela falsidade, pois esta remete ao verdadeiro, nem pelo verdadeiro, pois este remete ao falso.

No Seminário de 84, *Escólios*, eu trouxe duas gravuras de Escher, *A queda d'água* e *Subindo e descendo*, mediante as quais ele constrói uma perspectiva troncha, realizável no nível da superfície plana, embora não suportada pela teoria renascentista da visão. A primeira, a gravura de uma cascata a meio curso de um rio que corre para cima; e a segunda, com monges que sobem (para baixo) ou descem (para cima) sua perene escadaria.

Se partirmos o enunciado *esta sentença é falsa* em dois: *a sentença seguinte é falsa* e *a sentença anterior é verdadeira*, veremos que também isto se escreve num desenho de Escher, *Mãos desenhantes*. É o desenho de uma folha de papel, pregada com percevejos num chassis, onde estão desenhadas duas mãos que se desenham reciprocamente: a mão que desenha a mão que a desenha. Aí caímos na mesma ordem do auto-referencial e da criação do paradoxo onde as coisas se tornam indecidíveis. Ele também tem a gravura de uma galeria de quadros, na qual vemos um indivíduo dentro da galeria observando um quadro que não é senão o mundo externo, a paisagem que está em volta da galeria e que contém a galeria, a qual contém o observador, que contém a cidade em que ele observa, a cidade como representação que lá está tornada real.

Se seccionarmos em duas posturas o paradoxo de Epimênides, teremos:

Todo cretense é mentiroso

Eu minto

Dividida em uma referência dupla, a sentença que está abaixo é: a sentença que está acima é verdadeira. Se a sentença abaixo é verdadeira, ela se falsifica pela sentença de cima. Se a sentença de cima é falsa, a sentença abaixo se torna verdadeira pela falsidade da de cima, e reciprocamente.

Estamos apenas indicando uma série de paradoxos que, em última instância, resultaram no *teorema de Gödel*, que também já tem sido abordado por aqui. Resumido de maneira banal, o teorema de Gödel diz que todas as formulações axiomáticas da teoria dos números incluem proposições indecidíveis, ou seja, que não é possível, a partir de um conjunto axiomático de base, deduzir *toda* a teoria dos números. É o teorema da incompletude sintática de todo sistema formal consistente, segundo o qual se um sistema for consistente, então ele será necessariamente incompleto, exigindo reconhecer, em algum lugar, uma indecidibilidade, onde alguma auto-referência se introduz indisfarçável.

* * *

“Penso, logo sou”. Minto, logo sou? Penso, logo sou. Minto, logro o zoo. É por aí a crítica do COGITO na certificação do sujeito, no que o *cogito* é auto-referencial. Quando Descartes diz “penso, logo sou”, Lacan critica o *logo* que une o *penso* ao *sou*, na medida em que o *penso*, tal como articulado por Freud, é da mesma ordem do *eu minto*, já que o *penso* é estritamente auto-referencial. Podemos entender com certa facilidade a emergência do paradoxal quando digo *eu minto*, pois o verbo *mentir* provoca a significação de derrisão de seu próprio enunciado, e a conjugação *eu penso* não parece provocar essa derrisão. Mas, no que ele é estritamente auto-referencial, não tenho garantia alguma para tirar do *eu penso* auto-referencial o *eu sou*, na medida em que a auto-referência do *eu penso* significa *eu não penso*, ou seja, significa a possibilidade de um questionamento constante da veracidade ou da falsidade do *eu penso*.

Lacan aproveita certas dicas da lingüística que lhe é contemporânea para a distinção entre enunciado e enunciação. Isto, para mostrar que é possível recortar o paradoxo de Russell, por exemplo. O barbeiro que se apresenta no começo da frase como significante não é o mesmo que se apresenta no final da frase, uma vez que é repetição de significante e, portanto, escapa da mesma ordenação do que é repetição. O barbeiro (primeira vez), único em sua cidade, faz a barba de todos aqueles que não fazem a própria barba, mas quem faz a barba do barbeiro (segunda vez)? Lacan não só demonstra a distinção do significante para consigo mesmo na ocasião de sua repetição, como também a distinção entre enunciação e enunciado. Entrando por esta via das questões paradoxais e da questão da auto-referência, ele mostra que, no regime da enunciação, há algo de indecidível, que é a questão do *teorema de Gödel*. Quando Gödel diz que um sistema que procurasse dar formulações adequadas a respeito da teoria dos números acabaria numa indecidibilidade da axiomática, da razão dos axiomas, Lacan vai mostrar que, no regime da enunciação, algo vige da ordem do indecidível, que só vai tomar decisão na passagem ao enunciado. Ele não está dizendo que é *no* enunciado que a coisa vai tomar decisão, mas na passagem da enunciação ao enunciado, onde ele coloca o *ato da palavra*. E sabemos que ele mostra que aí há uma deiscência, uma decadência da forma do Inconsciente para a ordem do enunciado, do atual, do manifesto. Isto, para não falar da ordem da Consciência, na medida em que Lacan utiliza o que Freud tivera colocado em sua primeira tópica – e na segunda, utilizado de outro modo – como aparelho especial que chamou de Pré-consciente. Como sabem, Freud situa a razão pré-consciente para poder dar conta da passagem, para um ato, do que está, digamos, potencial na ordem do Inconsciente. O Pré-consciente, aliás, aparece na primeira tópica como um aparelho distinto do aparelho do Inconsciente, mas que tem operações e conteúdos que não estão presentes no campo atual da Consciência. Se aí não estão presentes, são, portanto, inconscientes, no sentido descritivo do termo.

Assim, ao descrever o que acontece na razão pré-consciente, conclui-se que é da mesma ordem do que acontece na razão inconsciente, embora

Freud formule um aparelho novo. Essas operações e conteúdos que não estão presentes atualmente na consciência se distinguem dos conteúdos do sistema Inconsciente na medida em que, segundo Freud, permanecem de direito, embora não de fato, acessíveis à Consciência. Freud faz aí uma diferença entre o recalcado e o censurado, mas prefiro utilizar o termo Recalque genericamente. No Inconsciente estaria o que é recalcado, ao qual não se tem acesso direto. Há que fazer um percurso extremamente longo para trazer o retorno do recalcado a alguma articulação. Então, ele coloca o Pré-consciente como aquilo que é acessível ao ato da palavra – conhecimentos, recordações, por exemplo –, mas que não está atualizado. Por isso, Freud diz que esses conteúdos não são da ordem do Inconsciente. Se prestarmos atenção ao que Lacan fez com essa questão, veremos que é uma filigrana distinguir as duas coisas, dado que é algo muito mais explicativo do que estrutural. Por isso, prefiro dizer que é da ordem do Recalque – do recalque bem sucedido, digamos. A distância entre a atualização do que está recalcado e o momento presente é que é longa. Melhor dizendo, o recalque é mais ou menos bem sucedido, pois há um percurso muito longo para trazê-lo de volta. O que não estou dizendo aqui e agora, ainda que tenha acesso fácil, não está presente – é a isto que Freud chamou de Pré-consciente.

- Pergunta – *Lacan disse que a sintaxe é da ordem pré-consciente.*

Porque ela não está fora de acesso, no entanto, não está totalmente atualizada. À medida que vai-se falando, vai-se atualizando. Mas como, por exemplo, não se sofreria de uma afasia por recalque, esta distinção não me parece estrutural, e sim apenas de intensidade. Assim como não estou atualizando uma coisa aqui e agora, a longa interferência de um percurso pode me afastar de tal maneira que eu tenha dificuldade em ter acesso, maior ou menor.

O que importa é Lacan ter situado que a passagem da enunciação ao enunciado, mediante o aparelho que chamou de Pré-consciente, é da ordem da deiscência do indecível para o ato de decisão. Ele próprio diz que o

processo de tomar a palavra, de passar da enunciação ao enunciado, é da ordem do Pré-consciente. Freud havia colocado isto no nível da censura, ou seja, de certo modo separou do recalque quando diz que o que não está atualizado está censurado. Mas a sintaxe pode estar censurada simplesmente porque não cabe na frase atual. Aliás, Freud insiste nesta distinção, que é importante do ponto de vista operacional, funcional, mas, do ponto de vista estrutural, prefiro chamar tudo de recalque: é um processo recalcante, seja por interesses de atualização, de produção de enunciados, seja por interesses espúrios, da ordem da neurose, por exemplo. Já na segunda tópica, Freud coloca o termo pré-consciente muito mais como adjetivo, usado para qualificar o que escapa à consciência atual, sem ser inconsciente no sentido estrito. Ou seja, deixa de usá-lo como substantivo, abandona um pouco sua associação à idéia de um aparelho especial e o usa como adjetivação, o que é mais próximo do que penso, pois é a mesma estrutura, embora seja modo de operação.

Lacan se aproveita disto para colocar o sujeito da certeza numa posição extremamente equívoca, pois exige que a certeza não venha do *eu penso*, e sim que compareça como ato de tomada de palavra e, portanto, devendo estar assentada nessa travessia – que Freud chamaria de Pré-consciente – de uma indecidibilidade para uma tomada de decisão instantânea, na qual o sujeito corre o risco e opta – pois o indecidível é da ordem do “deixa para lá”, pode ser qualquer coisa – por determinada postura e está se arriscando. Lacan coloca mesmo uma ética de certificação do sujeito em sua tomada de palavra, que vai se rebater lá no enunciado, onde temos a prova de que ele tomou a palavra, disse. Mas não deixa de permanecer uma equivocação, uma ambigüidade, na medida em que Lacan exige que a garantia dessa tomada de palavra – que corre o risco no enunciado dito e que, no entanto, pode percorrer longas cadeias a ponto de se revirar de novo – esteja no processo mesmo da enunciação.

Observem que Lacan não diz como Descartes que *eu sou, porque penso*, pois, no regime do *eu penso*, prefere dizer que *eu não sou ali* – e mesmo que *eu não penso, algo pensa*. Mas sem a remissão ao que se articula no Inconsciente, no campo do Outro, não haveria garantias para a minha certeza

de subjetivação. Certeza esta que só vai se fechar no processo de entregar o enunciado como risco. Ou seja, não porque estou entregando o enunciado como tal, mas porque estou tomando a palavra e correndo o risco de decidir sobre o indecível, como no caso do *ne* expletivo da língua francesa, que Lacan diz que é indecível. Assim, a certeza não vem do *eu penso*, pois este nada tem a ver com o *sou*. Mas lembrem-se de que, em última instância, Lacan é cartesiano e está garantindo o sujeito cartesiano. Ele mostra que, de se pensar, não se deduz que se é, mas que o que existe no pensar em seu indecível de enunciação é garantidor quando isso emerge no ato de tomar a palavra como risco. Então, a certificação do sujeito para Lacan, assim como para Freud, está na travessia do indecível para a decisão, da enunciação para o enunciado. Ou seja, não está num enunciado puramente, nem tampouco numa enunciação que eu não possa supor sem que o ato compareça.

Não podemos, então, nos esquecer de que a certificação subjetiva, para Lacan, está no ato de tomar a palavra e correr o risco. O que é, de certo modo, subscritível na conta do Discurso do Senhor, pois é o risco diante da morte. Ou seja, existe uma mestria do sujeito no que ele toma a palavra se arriscando em decidir sobre o indecível de sua enunciação. Neste ponto, ele vai criticar Descartes que precisa de seu deus, que é meio diabólico e começa a equivocar de novo tudo. Então, se Descartes quer se garantir no seu pensar para assestar o seu ser, Lacan diz que a garantia do sujeito só é possível numa passagem, numa tomada de posição, no ato de tomar a palavra e se arriscar na produção do significado, no que se responsabiliza pelo vigor do significante. E o significante enquanto tal é indecível, vai se bastar num risco. Assim, a certeza do sujeito está no ato de ele assumir significação para o significante.

* * *

É segundo esta orientação que quero discutir longamente a questão a respeito do sujeito, para tentar situar um pouco aquilo que, a meu ver, é da ordem da repetição, da ordem do que acontece no campo mais radicalmente do

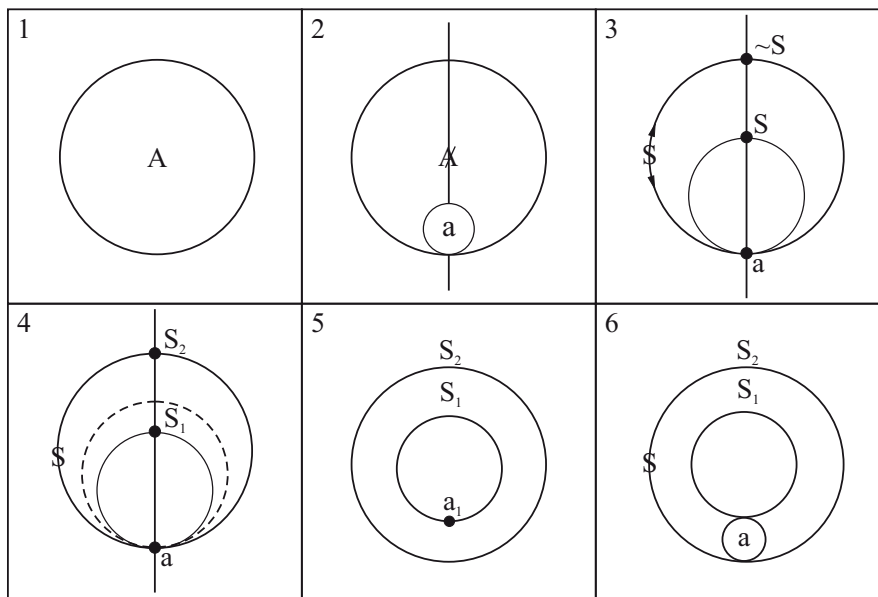
Outro, da alteridade, ainda que seja no campo do real. Mas, para isso, antes de chegar aí, tenho que dar uns pulinhos para lá e para cá.

Lacan diz que o significante quando aparece da segunda vez não é o mesmo, pois a tautologia se torna impossível na repetição e o dito anteriormente abre um processo de risco da palavra a cada ato. Ora, do ponto de vista, por exemplo, de Saussure, do *Cours*, o significante é o mesmo, forma a mesma imagem acústica, então, o que diferencia é o momento do ato, da atualização.

Num texto de 73, intitulado *O Shifter e o Dichter*, publicado em *Senso contra Censo: da Obra de Arte Etc.* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978), chamei de *sujeito da denúncia* a certificação que fica entre enunciado e enunciação, entre um ato que basteia os dois momentos. O que queria dizer ali, e reitero hoje, é que o ato denuncia o *gap* a ser articulado entre enunciação e enunciado. Ou seja, minha precariedade dará minha certeza quando assumo a denúncia de não ser espontânea e naturalmente basteado. Assim, o ato de basteamento, quando o sujeito corre o risco da passagem da enunciação ao enunciado, é o que chamo de *denúncia*. Mas o que me interessa ver é que a denúncia é repetição de algo que se denuncia por aí, no campo do Outro, da passagem daquilo que há e que se cinde nesse campo. Minha questão é, mediante os conceitos de *Ponto Bífido* e *Revirão*, resolver os paradoxo de Russell e de Epimênides, assim como toda a questão que vai na língua. Posso me remeter ao ato, como faz Lacan, e dizer que o primeiro significante é diferente do segundo, pois a atualização é em outro momento. Mas, do ponto de vista de estrutura, quero dizer que a denúncia que vige no ato é a denúncia de um *gap* momentaneamente basteado, cosido, entre enunciado e enunciação no que isso tem permissão, tem jeito de acontecer, porque o significante é da ordem da bifididade, da ordem do Revirão. Ou seja, no que *a* põe não-*a* ($\sim a$) e *b* põe não-*b* ($\sim b$) como eco, posso estabelecer uma via de passagem deixando o sujeito como *entre* os dois momentos dessa instalação. A certificação do sujeito está no que a própria presença do significante, como Halo, remete à enunciação como um indecível, e o ato, na decisão, separa um alelo de outro e escolhe. Mas, do ponto de vista da enunciação, se quiserem, a garantia é a remissão à

bifididade do significante, a remissão ao Halo significativo. Minha certeza de ser sujeito não está só aí, mas está aí necessariamente na certeza de minha loucura originária, de minha indecidibilidade, que não encontro, por exemplo, num animal.

Vamos agora fazer uma história natural, uma cosmologia, ainda que mítica, repetindo o que tenho dito. Observem (de novo*) o quadro abaixo:



Poderia dizer que, no quadro 1, em A, *Isso Há*. Isso há absolutamente, o que, em topologia, é da ordem do plano projetivo. É a absoluta indecidibilidade, pois não há nem mesmo borda que possa me bifidizar. Assim, em qualquer ponto que esteja sobre o plano projetivo, há uma indecidibilidade quanto à minha orientação, e nem mesmo há uma borda para seguir, nem mesmo um percurso de Revirão. Isto significa que o plano projetivo é como se fosse um ponto uno, onde comparece uma radical neutralidade.

*Nota do Editor: Ver “Segunda Parte: OU”, na *Introdução* deste volume, em que o autor apresenta o mesmo Quadro, resenhando de outro modo o que vem a seguir.

Em 2, é o A que já se cinde por si mesmo, o que é o mesmo que dizer que o A opera um furo sobre o plano projetivo. Lacan falou sobre o recorte de uma rodela do plano projetivo que caía, que seria o objeto *a* e lá sobraria a banda de Moebius. Mas não precisamos ter rodela alguma caindo, basta um cigarro aceso encostado no plano projetivo e abre-se uma clareira, um rombo neutro sobre a neutralidade e surge uma borda. Assim, some determinada região ou este ponto se elasticiza por si mesmo e cria um buraco – e aí surge uma borda. No que surge a borda, aparece a contrabanda, onde o ponto ainda continua, segundo os matemáticos, não-orientável, mas, para mim, já é muito diferente do ponto em que estava sobre o plano projetivo. Isto, na medida em que é a mesma borda e agora um percurso margeando é possível. Portanto, a partir da clareira do furo, a coisa promete uma bifidização. Então, aquele ponto uno que havia no plano projetivo entra na possibilidade de uma bifidização, e podemos pensar na existência do furo e, porque há o furo, na necessidade de um único ponto bífido, os outros podendo ser extintos. Basta que um ponto seja bífido e neutro para dar passagem. É o furinho que comparece sobre o plano projetivo e é onde eu instalaria a letra *a* como reminiscência, na cisão de A, da pura e simples neutralidade do A inicial.

Em 1, disse que *Isso Há*. Aqui, em 2, digo *Ele é* – como o tal Jeová ou Javé dos judeus. Ele quem? O percurso possível, porque há margem. Ele, o sujeito *tout court*. Deus, se quiserem, subjetificado. Esse cara aí, que não há como pessoa, é pura subjetividade a ser representada simbolicamente depois. Não estou falando de sujeito que vige entre S_1 e S_2 , e sim da cisão como sujeito. Chamo-o de *Analfabeto Primordial*: não há letrificação alguma, nada ainda está marcado, apenas há emergência (sem separação, sem demarcação), como coloquei anteriormente.

No que o ponto se bifidiza, porque uma margem comparece, passo ao 3, em que a possibilidade de bifidização do ponto se atualiza e tenho então a contrabanda como Revirão propriamente dito. Tenho o sujeito dividido entre *S* e não-*S* ($\sim S$), pouco importando se isto é demarcatório. E lá está o pontinho *a* como rememoração do Haver (A) neutro. Então, aqui, digo *Eu*

“*penso*”, como antes disse *Isso Há* e *Ele é*. O pensar se situa no regime da indecidibilidade da possibilidade de travessia entre *a* e não-*a*. É o Halo significativo com suas duas vertentes. Dizer *Eu “penso”* é o mesmo que dizer *Eu não sou*, como também *Eu não procuro*. Eis o que chamo de ponto bífido e que constitui o Halo significativo com seus alelos agora distintos. O sujeito, aquele que anteriormente chamei Analfabeto Primordial, chamo simplesmente de *Sujeito Analfabeto*, que vigora em mim. É esse que nasce por aí e vai ser alfabetizado eventualmente. Em 1, tinha uma neutralidade. Em 2, tenho o desejo do *A*. Em 3, para o caso do *Sujeito Analfabeto*, tenho o desejo do *A*. Neste lugar é que ponho o regime da enunciação, entre ser e não-ser, e onde acomodo melhor minha idéia de Revirão – mais tarde direi que aí encontro a situação da psicose, o que fica em suspenso por enquanto.

Em 4, está desenhado o mesmo Revirão. Lá está o sujeito, só que agora, além de estar entre *S* e não-*S*, recebeu uma nomeação, uma instalação letrada. Aí tenho S_1 oposto a S_2 e, por isso, tenho a fronteira (pontilhada) desenhada no meio, que é a fronteira traçada no centro da banda de Moebius e que dividiria dois campos. Só aí posso dizer *Eu sou*. A garantia que Lacan encontra para a certeza do sujeito, para ele dizer *Eu sou*, não é porque *eu penso*, mas porque o sujeito é letrado no que a instância paterna emprestou um significativo demarcado e situado que faz letra para ele. Então, o sujeito aí já não é analfabeto, é um *Sujeito Letrado*, que pode dizer *Eu “sou”* – colocando o *sou* entre aspas, pois só é no que não pensa e no que está determinado, defastado pela letra –, *eu não penso quando sou, eu acho*. Isto, na medida em que Picasso, repetido por Lacan, dizia *eu não procuro, acho*.

Nesse momento, coloca-se (não o ponto bífido, mas) o aparecimento de um *ponto unário*, quer dizer, o alelo separado, uma marcação de alelo dentro do Halo. Aí é também onde podemos incluir com facilidade o significativo, de Lacan, que faz remissão à letra do sujeito. *Sujeito Letrado*, em que não é mais o desejo de *A* em sua crueza que está comparecendo, mas sim o desejo como remissão ao significativo, *fi* (Φ). É nesse lugar que o sujeito é desejo (Ser desejo). É por aí que o ato da palavra é possível, no que há decantação da

enunciação em enunciado, por vigor de uma letra, que alfabetiza o sujeito. Ora, essas coisas não são separadas, pois se o sujeito está aqui alfabetizado, nem por isso perdeu as características anteriores. Ele só ganhou demarcação e as remissões anteriores lhe são acessíveis. Não há perda de suas condições, mas acumulação.

● P – *A mística seria uma saudade do momento 2?*

A mística é uma saudade. Ela não consegue passar além do 3, mas a saudade é do 1, de produzir o 1. O que estou procurando com essa metodização é ler a mística, ler a questão da certeza do sujeito, a questão da psicose, a questão da diferença sexual.

Em 5, tenho a representação do que acontece quando opero o corte pelo meio da contrabanda. Representei como dois círculos separados. Uma face está radicalmente distinta da outra, pois quando corto a contrabanda unilátera, ela se torna bilátera decisivamente. Isto é, a contrabanda vira a bandacontra. Se houvesse significado radical, seria no regime do corte da contrabanda, onde não haveria mais equivocação entre significante e significado. Seria o regime do enunciado *tout court*, que se remeteria a nenhuma enunciação, pois se prenderia em si mesmo.

Até aqui, estive mostrando a suposição de dois movimentos. Posso tomar, por exemplo, algo não-falante, como um animal, um átomo, ou uma planta, que, por mais complexos que sejam seus movimentos comunicacionais, são não-falantes. É como se o que acontece no regime do que supomos ser natureza (*physis*) – que, para mim, é o Artíficio Divino (não abro mão do fato de que **tudo é artificial**, mesmo as flores) – é que há um sujeito chamado Deus, que é o Grande Artífice, o qual – no que originariamente terá sido A cindido em \mathcal{A} e em Sujeito Analfabeto –, por sua espontaneidade, produz um Sujeito Letrado, e ainda produz a cisão da letra do sujeito, separando nitidamente os dois alelos. Então, posso dizer, por exemplo, quando encaro determinado animal, que ele é da ordem do que coloquei em 5. E quando o sujeito cai nessa, ele não tem retorno possível, pois, no que a coisa se defasta, é um ponto cego no processo, no meio da história. Por isso, temos átomos, planetas, cavalos, borboletas...

Eles não falam, mas há uma possibilidade de subversão, ao menos em algum lugar, como já disse, ainda que seja em seu lugarzinho de S_1 . O a , em 4, embora haja uma fronteira limitadora, é um ponto que dá passagem de S_1 para S_2 . Aqui, em 5, ele não dá passagem, mas permanece como furo na região de S_1 . Isto porque o animal quer comer, tem fome, sede, tesão, não-sei-o-que-mais. De alguma forma, tem certa porosidade. Ele não é capaz de incluir as manifestações do Outro em seu próprio sistema, mas por aquele buraquinho o Outro pode invadi-lo e produzir suas modificações. Daí que até Darwin pode ter razão quando fala da evolução das espécies. Ou seja, a espécie é literalmente enrabada pelo Outro, não entende coisa alguma e vira outra coisa. Ela própria não se altera, é o Outro que a altera. Não vigora sujeito algum aí.


É como se eu dissesse que, nesse movimento, temos a seguinte passagem:

A \mathcal{A} $\$$ $\$$ S/ A etc.

A vai para \mathcal{A} , que vai para $\$$, que vai para $\$$, e cai em S/. Este último não é barrado, a barra não está incluída no processo, mas lá está. Acho que um átomo, um cachorro e tudo mais é assim.

No segundo movimento, que seria o nosso caso de falantes, teríamos:

A \mathcal{A} $\$$ $\$$ S/ $\$$



A vai para \mathcal{A} , que vai para $\$$, que vai para $\$$, que vai para S/, e retorna a $\$$. Este é o mistério.

Minha ficção é de que algo aconteceu que, no regime mesmo de S/, no regime mesmo do surgimento de seres, apareceu de repente um ser que, por alguma complexificação interna, por algum mistério que não sabemos, re-incluiu a barra. Ou seja, Deus pintou de novo. Os místicos têm razão em dizer que há uma centelha divina em nós outros, chamados falantes. Em 6, a barra incluiu-

se outra vez. Então, é como se, num animal, que é uma superfície bilátera, um furo viesse a acontecer. Foi furado de novo, apareceu o falante. Por que basta um furo? Já lhes mostrei que, se tomarmos uma superfície bilátera e fizermos um furo, os percursos sobre ela se abrem outra vez e renasce o Revirão. O mistério para nós é: por que, em coisas absolutamente demarcadas, defastadas da alteridade, seres quase perfeitos (no sentido de delimitados, desenhados), por complexificação interna, o furo re-aparece? Temos que entender que 6 não é diferente de 4: no que, sobre o significado, num animal x , o furo se re-instala, ele cai para $\$$ e passa a ser outra vez da ordem do Revirão, e aí surge o falante, que não é senão a re-inclusão do sujeito em si mesmo.

Isto me serve para dizer que, em 6, o sujeito falante acontece como repetição do *Sujeito que Há* no campo do Outro, que não é nem simbólico. Ou, se não, façamos o contrário: o simbólico não é privacidade do falante. Por isso, digo que **a natureza é artificial** e que **o artifício de haver as coisas é o simbólico funcionando por si mesmo**. Quando o sujeito falante re-acomoda e re-institui o simbólico, ele está nada mais, nada menos do que repetindo o que Há nessa coisa que chamamos de universo.

Aí introduzimos a cosmologia psicanalítica. Se quisesse fazer uma grande cosmogonia, diria que o processo começa em sua neutralidade e caminha até uma definição, a um significado. No que o significado se complexifica e perde seus limites, se fura e retorna. Ou seja, o falante fica mesmo entre sua postura supostamente proveniente do animal e sua condenação à divindade. No meio da própria fatura divina, ressurgiu a centelha. Ele teria sido um animal que recebeu um furo (é o que está no *Velho Testamento*). Um sopro divino bateu lá, fez um buraco e agora? Sou uma *Besta Divina*. Digo isto não apenas para inventar uma cosmogonia ou fazer uma ficção. Se entendo a passagem constante, o ato do sujeito *tout court* funcionando através de tudo, fico com o percurso muito mais solto, através até do discurso científico e sobretudo dentro da psicanálise, para re-entender uma série de fenômenos – a psicose, o misticismo, por exemplo –, pois o campo de nosso cotidiano, de nossa neurose comum é uma babaquice muito particular aí dentro, não é esse passeio, essa viagem toda.

* * *

Estou dizendo com isto que minha certeza de sujeito se assegura, toma compleição de certificação em meu ato, mas insisto com Lacan no *eu penso onde não sou*, e que a maquininha de Revirão que me provoca, que é a minha loucura fundamental, é ela que me certifica de ser a repetição desse processo. E tiro, sim, certeza subjetiva do *eu penso* – e aí livro a cara de Descartes –, embora com o *eu penso* não possa dizer que *sou*. Não tiro certeza de ser daí como letra particular, mas tiro certeza de letra de ser falante pelo processo de sofrer do Revirão, a que o cachorro ou a planta não respondem. Os falantes sofrem dessa coisa maluca que não sabem dizer o que é. E só conseguem dizer pela certificação de sua reposição na ordem do enunciado pela garantia de sua afirmação. É aí que o psicótico é caturra, não consegue certificar-se de ser alguém, não consegue fazer da sua palavra um ato, mas insiste que tem certeza, pois de uma coisa ele sabe: que é falante e sofre do Revirão. Ele não consegue é se acomodar nos processos do cotidiano, onde uma referência letrada nos dá certo jogo de acomodação com os parceiros na assunção do ato e no perigo de ter que garantir a palavra com certa convencionalidade mínima na ordem do discurso e na ordem da significação. Mas o psicótico sabe sim, tem certeza – não de que é alguém, isto não pode garantir, pois fala um monte de loucuras – de que é falante e de que pensa. Só pensa loucura, mas pensa.

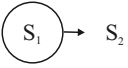
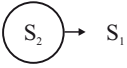
A garantia de sujeito está na denúncia, está no entre enunciado e enunciação, está naquele ato que é possível porque é repetição dessa acomodação subsequente. O ato só é possível entre enunciado e enunciação, mas o que aí se denuncia entre os dois é que há a cisão para antes mesmo da possibilidade de enunciado. Ela está em vigor lá. É o que Freud chamou de *Spaltung*, e Lacan, de *falha ôntica*. Então, para além de denunciar o *gap* entre enunciado e enunciação, onde um ato vem se instalar, o que a denúncia faz é denunciar que o falante é a brecha advinda do Analfabeto Primordial. Então, algo importante dos pontos de vista lacaniano e freudiano, e que vejo muito esquecido e abandonado por ditos discípulos de Lacan, é que, a meu ver,

o vigor do sujeito está na denúncia entre os dois sexos. Ele não é masculino ou feminino, pois isto não existe. Existe inscrição de letra masculina ou feminina, com maior ou menor pregnância, mas o sujeito vigora na distância, na diferença, na neutralidade que cinde masculino de feminino. O sujeito falante, enquanto sujeito, é denunciador da diferença sexual. Ele só é sexuado no que reconhece a diferença. Por isso, Lacan diz que, numa análise, não se trata de o sujeito sacar se é homem ou mulher, e sim de, se ele se designa por sua letra como um homem, sacar que há mulheres, e se se designa como mulher, sacar que há homens. Então, onde ele está? *Entre*. O vigor do sujeito está entre. E justo neste *entre* é que, por suas articulações simbólicas, se não for neurótico, ele pode passar à vontade do masculino ao feminino, e do feminino ao masculino. Pode, portanto deve, ainda que seja por escrito. Há escritas e escritas, cada qual tem o lápis que merece.

No que o sujeito se torna letrado, no que há eventualmente uma designação que, na verdade, é preceitual – pois, como já vimos diversas vezes, o Discurso do Mestre enfia o bastimento no sujeito –, é no regime da letra instalada que há marcação, mas a transiência não se elimina. Ou seja, no que estou aqui e agora instalado no S_1 , no que o significante funciona como Halo, e o alelo está em resposta do outro lado, minha marcação pode estar valendo, mas minha transiência não foi eliminada. É preciso uma barra recalcante muito violenta (não para eliminar, pois isto não é possível, mas) para calar ao máximo a minha transiência, a qual está possibilitada por minha própria denúncia, pois mesmo quando afirmo S_1 , *i.e.*, mesmo quando afirmo *eu sou*, *eu não penso*, algo se pensa para mim e me faz dizer: *Eu penso*, *não sou*, ou *eu não procuro*, *acho*. Mas, retornando, um sujeito letrado, ele é homem ou mulher? Do que vai depender ele ser homem ou mulher? É claro que há a instalação paterna, que simplesmente marca como S_1 uma letra. Posso designar para essa letra até a inscrição sexual do sujeito, mas o que aí funciona? Qual é a transação que o sujeito tem para com sua letra que o torna homem ou mulher, ainda que esporadicamente? Lacan não situa a diferença sexual de masculino e feminino, de homem e mulher, numa estrutura de Revirão (o Revirão está por trás),

mas mostra que esta instalação vai depender do modo de operação lógica que o sujeito tem para com sua letra. Ou seja, a instalação é masculina ou feminina em função de uma escolha operacional, de uma escolha lógica, que o sujeito tenha em relação à sua letra. Lógica quer dizer aí possibilidade de articulação com a letra, o que se faz com ela. É isto que quero tentar mostrar hoje.

Vejam o quadro abaixo:

I ALO-referente	II IPSO-referente	III AUTO-referente	IV ALTER-referente
uni-referência (auto-logia)	homo-referência (homologia)	hetero-referência (heterologia)	inter-referência (topologia) moda
Referência Externa (servente)	Sintomatização da Referência (desejante)	Realização da Referência (neutralização e bifidização)	Significação da Referência (amor)
UNI-VALÊNCIA	MONO-VALÊNCIA	EQUI-VALÊNCIA	POLI-VALÊNCIA
Valor Padrão	Valor Próprio	Valor Inestimável	Valor Relativo
$Ex \sim \Phi x$	$Ax \Phi x$	$\sim Ex \sim \Phi x$	$\sim Ax \Phi x$
desejo do Outro 1 Outro desejante genitivo subjetivo	desejo do Outro 2 Sujeito desejante genitivo objetivo	desejo à Outro (désir à l'Autre)	Outro desejo
Situação de Perversão	H	Re-situação de Psicose	H'
Tiranía	Aristocracia	Democracia	Diferocracia
Pai Real (Morto)	Metáfora Paterna (NP)	Foraclusão do NP	
Preceito	Pré- Conceito	A-ceito	Conceito (Lacan)
Φ		$S_1 = \Phi$	
Alienação	Distinção	separação	alienação recíproca

Quero colocar a questão do referente. O referente é o significante instalado. Ou seja, no que um significante está instalado, é o referente, e não real algum da coisa. No caso, por exemplo, da diferença sexual, isto é muito nítido. Então, das duas uma: ou o sujeito tem uma referência externa, com duas modalidades; ou tem uma referência interna, com duas modalidades.

Chamo o primeiro quadro à esquerda, numerado com *I* romano, de ALO-referente. O sujeito é ALO (do grego *alo*, ‘outro’) referente quando sua referência é externa. É o que Lacan mostra quando diz que, do ponto de vista lógico, esta é a condição primeira para o sujeito se tornar homem. Tenho um conjunto que consegue se fechar como conjunto, que consegue se tornar um conjunto, na medida em que sua referência é externa. Ou seja, na medida em que isso que Lacan chamou de Pai é uma exceção fundadora da regra, tenho pelo menos um que limita, que diz *não* ($Ex \sim \Phi x$). O simples ato de fazer referência externa ainda não é o ato de fundação dos internos, e sim pura referência externa, que chamo de posição servente, subserviente ou servil, se quiserem, que ainda não se designa, que apenas refere o outro como externo e como limitador. É um lugar de univalência absoluta, de um valor-padrão, puro padrão ainda sem instituir os outros valores. É o momento em que podemos dizer que “o desejo do homem é o desejo do Outro”. Se lembrarmos que “desejo do Outro” é um duplo genitivo, objetivo e subjetivo, esse é o momento em que desejo do Outro é o Outro como desejante. Podemos partir o genitivo do seguinte modo: Outro como desejante / eu desejando o Outro. É um momento em que desejo do Outro significa a referência externa como puro desejante, mas cá dentro nada se fundou ainda. É a situação da perversão. Não estou dizendo que a perversão esteja aí, e sim que é o sítio onde posso pensar a perversão. É o lugar da tirania, de um pai real morto, que está lá fora como pura referência externa, como se fosse real. É o lugar do preceito que vem de fora, mesmo sem ter sido ainda atingido. A insistência do preceito é o falo instalado lá fora e é a alienação fundamental.

Em *II*, é o lugar do IPSO-referente. Porque há o primeiro tempo da referência externa, conseqüentemente ela funda a totalidade dos internos. Então,

este é o lugar onde posso escrever o Paratodo ($Ax\Phi x$). Porque um, então dois. A referência aqui é internalizada. É claro que estas duas primeiras fórmulas estão absolutamente conectadas – existe um que diz *não*, logo Todo é –, mas há um momento de referência externa no que diz *não* com todas as qualificações, e um momento de internalização, portanto de Paratodo, de criação dos internos, onde isso vai acontecer. Só estou tentando distinguir momento por momento, e com qualificações específicas de cada momento dessa temporalidade. Se, no primeiro caso, posso chamar de uni-referência, agora chamo de homo-referência. No que a uni-referência externa produz os internos, então vem a homo-referência que homossexualiza tudo, segundo Freud. É um momento de sintomatização da referência: a referência interna é sintomatizada. É o momento em que ela fica só como referência lógica de um pai morto, pois cada um carrega o sintoma da inscrição paterna em si. Então, diferentemente do momento anterior em que havia um valor-padrão, é a constituição de um valor próprio, que entra numa economia. O que era univalente se torna monovalente, mas é a mesma inscrição de homem para todos, agora internalizada, sintomatizada. O desejo do Outro, que antes era desejo do Outro como Outro desejante, agora pode ser desejo do Outro desejado como objeto. O genitivo tem dois momentos: o Outro deseja, primeiro tempo; eu desejo o Outro, segundo tempo. Aí é a fundação do homem. É o que podemos chamar não de designação de um pai real como referente, mas de metáfora paterna sintomatizada. Neste segundo tempo é que posso falar em Nome do Pai. Antes, era Pai referencial, agora, é Nome embutido aí.

O que no momento primeiro era preceitual, agora vira pré-conceitual, é o que conceitualizo com base numa referência externa preceitual. Então, o homem é pré-conceitual. É quando a referência deixa de ser o falo, como significante do real, e passa a ser S_1 , em lugar de falo, remetido a S_2 . É o momento de distinção. A diferença deixa de ser o falo *tout court* e passa a ser o que vem como sua sintomatização, S_1 , e remetido a S_2 como alteridade designada, como externalidade possível. Mas a referência não deixa de ser homo-referência. Os homens só conseguem se referir a si-mesmos, são todos homossexuais, não há saída. Se fosse procurar algo da ordem do político, diria

que, no primeiro caso, temos o lugar da tirania, e, no segundo, o lugar da aristocracia.

● P – *Esta referência é exterior?*

É, pois ele é homossexual, mas não é todo. Ele é todo homem, mas não consegue ser homem o tempo todo, justo porque o significante é alélico. Homem não faz referência externa. O desejo ou o amor dele é que faz. O desejo empurra para uma referência externa e o amor o acomoda numa referência externa. Fora disso, ele não quer saber.

Estou mostrando, então, que há duas possibilidades que distinguem homem de mulher, masculino de feminino, e que são as possibilidades diversas de me referenciar à letra. No primeiro e no segundo tempos, fundamos todos os homens. Eles se fundam no que, para eles, uma relação para com a letra é relação de sustentação de não-equivocação do que na letra se instala. Ou seja, eles tomam a letra como letra e evitam sua função significante. A referência é sintomática, à letra como letra, como metáfora instalada, que é significante situado. Então, a referência masculina é de referência à letra como tal, e de evitar que a equivocação que ela porta, por ser significante antes de ser letra, venha a bandalhar o coreto de sua letrificação. Mas o que significa Lacan dizer que S_1 , o significante por excelência de cada um, não tem sentido? Para o homem, este significante, que só por outra via posso sacar que não tem nenhum sentido, ele tem sentido. O masculino se aferra ao sentido e à vontade de significado impostos a essa letra. É uma vontade de poder sobre sua situação de ancoragem, de significação e de sentido.

Mas posso ter outra relação para com a própria letra, instalada paternalmente, que é a posição feminina. Embora reconheça a instalação da letra, embora reconheça a demarcação sintomática, sempre suspeito de que o significante que vigora na letra não tem sentido, nem nunca terá. Esta é a posição feminina para com a mesma letra. E aí passamos ao caso *III*, da AUTO-referência. Se a posição feminina vem dizer que “não existe nenhum que não” ($\sim Ex \sim \Phi x$), não há aí nenhuma barbaridade, nenhuma rebeldia, há apenas a posição de se lembrar de que a letra é antes de mais nada significante, é alélica,

é Revirão, e, portanto, não tenho nenhuma referência externa comprovável para mim. Isto porque essa mesma referência externa para os homens revira sobre si mesma e se apresenta como puro significante, sem qualquer sentido. Portanto, no que considero minha marcação de letra como puro significante, perco a visada da externalidade. Então, o que chamei antes de homo-referência, chamo agora da hetero-referência. É auto-referente por hetero-referência, ou seja, porque a referência se torna equívoca. No que se torna equívoca, não tenho mais o que fazer senão partir para a auto-referência.

É um pouco difícil entender este caso porque estamos justo nos paradoxos de Epimênides e de Russell. Russell e Whitehead tentaram fazer a lógica machista, esforçaram-se delongadamente num grosso volume para constituir uma lógica formalizada, onde o paradoxo pudesse ser abolido. Ou seja, onde o que chamei de auto-referência pudesse ser exterminado. No que a referência externa perde sentido e significação, no que se apresenta, mesmo sendo aparentemente externa, como mero significante revirável, ela não diz *não*, diz *sim* e *não*, *não* e *sim*. Quando diz *não*, está dizendo *sim*, quando diz *sim*, está dizendo *não*. O significante paterno, que, para o homem, está do lado de fora demarcando, ele próprio produz o reviramento e aí o feminino se abre na função mesma do paradoxo, que só posso resolver dizendo que, no feminino, o Revirão se instala pela terceira vez, vez esta que não é a da espécie como falante. A posição masculina é de tentar barrar o reviramento, a feminina é de aceitá-lo. Ou seja, são duas posturas. Há aqueles que, mesmo falantes, mesmo pressionados pelo Revirão, tentam segurar a barra, ser homens, fechar o reviramento, porque designam o significante como letra. E há aqueles que designam a letra como significante e que re-instalam a loucura divina em seu processo. Aí é que vêm o feminino, o místico, etc., e vão de retorno ao próprio sítio da psicose. Mesmo para o feminino, o Nome do Pai está vigorando, mas a referência que faz a esse nome é uma referência de que não quer dizer nada. O masculino afirma que quer dizer *sim*, que lhe dá sentido. O que as lógicas que tentaram ser masculinas fizeram foi buscar abolir os processos de reviramento. Gödel faz uma lógica feminizante porque denuncia que não existe matemática

macha. Não há teoria dos números no masculino, só regionalmente. Posso utilizar a aritmética como homem, mas não posso ser matemático no masculino, diz Gödel.

Antes, era a referência externa, a sintomatização da referência. Agora, é a *realização* da referência, no sentido de torná-la real, neutra, bifidizável, sem sentido. O que era univalência e monovalência, passa a ser *equivalência*. É o momento em que a lingüística, e mesmo Lacan tratando de sua lingüisteria, vai mostrar que o significante é pura diferença, mas que, enquanto significante, todos se equivalem. O feminino, no momento, estritamente neste momento, em que nega – “não existe nenhum que não diga *não*” – realiza o significante e torna todos eles equivalentes. Se todos são equivalentes, qual é o padrão? Não há um valor-padrão, nem um valor próprio, há um valor inestimável, pura loucura. O significante tem um valor inestimável, para mais ou para menos. É aquilo que, em dia de carnaval, a bicharada toda responde quando lhe perguntam quanto custa a fantasia: – “Arte não tem preço”.

• P – *Você está dizendo que dinheiro é loucura?*

Não. É a questão do pagamento na análise, que tanto está na ordem da significação, e portanto nomeia o Nome do Pai como função de letra, como pode ser equivocado e instalar a ordem da não-significação. O dinheiro como significante puro é equivalente: um milhão é igual a um cruzeiro – o que vai decidir é o meu amor ou o seu tesão. Por que a economia não tem parâmetros? Tal coisa custa quanto? Depende. Van Gogh quase morreu de fome, mas um quadro seu foi agora vendido por mais de cinquenta milhões de dólares. Mudou o tesão, mudou o amor. Ou seja, em determinado momento, os valores masculinamente instalados letrificam o dinheiro, em outro, a loucura pinta e o dinheiro fica inestimável. Os valores se transformam.

Reportando-nos ao que foi dito sobre o desejo do Outro nos dois sentidos, poderíamos falar como se, aí em *III*, houvesse o *desejo à Outro*. Lacan, em algum lugar, diz: “*le désir à l’Autre*” – como se isto pudesse ser dito. Aí se deseja não o Outro, nem é o Outro que deseja, pois surge um desejo como desejo Outro. Se houvesse um Outro puro, ou como este, ele desejaria de araque,

não sabe o quê, nem sabe se é ele que deseja. É “*désir à l’Autre*” porque, se a coisa se torna real, impossível, é, como se diz, um desejo *à moda* do Outro.

Assim como disse que, em *II*, é a situação da perversão, diria que, em *III*, é a *re-situação da psicose*, é um lugar onde há re-sítio da psicose. É aí que vamos poder pensar a psicose na relação com o feminino, coisa que é muito embananada. O Nome do Pai, no que é tomado como significante, torna-se extremamente precário. É como se fosse foracluído. Por isso, Lacan disse que as mulheres são maluquetes. Não porque sejam psicóticas, e sim porque, no que elas podem se referir ao Nome do Pai como letra e também como puro significante, ele não é foracluído, mas perde o sentido, absolutamente qualquer sentido... de vez em quando. Felizmente, há o Nome do Pai para dizer: – “Pára com isso, menina”.

Politicamente, em *III*, é onde escreveria a tal democracia. Aí não é nem preceito, nem pré-conceito, é o *a-ceito*, quando S_1 é igual a falo. Ele fora metáfora do falo, aqui é a mesma coisa. É onde uma separação é possível.

Naturalmente, porque isso é colocado, vai sofrer deiscência, decadência, em *IV*, na ALTER-referência. É quando se completa o que Lacan chama de feminino. Aí é o lugar de escrever o não-todo da função ($\sim Ax\Phi x$). Porque a referência é ao significante – e, portanto, se neutraliza, se equivoca –, o sujeito ligado a esta posição se torna (não auto-referente a uma coisa externa, mas) ALTER-referente ao que pinta. E sua referência com seu ALTER-referente, que é o que pinta como Outro, é inter-referência. É o regime da transação. No caso *I*, teríamos uma auto-logia; no *II*, uma homo-logia; no *III*, uma hetero-logia; e, no *IV*, uma topo-logia. *Topos* depende do lugar, da situação, da moda. As mulheres dependem da moda. Sem a moda elas não vivem. “Qual é a moda?” – como se diz no sentido mais pleno do termo *moda* na língua brasileira...

Então, as mulheres só se designam definitivamente como mulheres caindo neste quarto tempo. É preciso que o sujeito complete logicamente o quarto tempo, pois, se ficar no terceiro, pira. Quero, depois, re-pensar a psicose como sítio da psicose na piração da equivocação como sujeito, e também numa outra possibilidade de piração, que é quando abandonamos a marcação masculina e,

sem cair numa ALTER-referência, ficamos só na AUTO-referência. Os lógicos tinham um tremendo pavor da AUTO-referência porque pararam aí. No que pinta a AUTO-referência, pinta o paradoxo constante, indecidível. Lacan dá a decisão ao paradoxo: basta virar mulher, que o paradoxo acaba. Ou seja, recitou o significante, acabou o paradoxo. Gödel diz que a matemática não pode ser homem, mas não fundou a matemática feminina. Deixou para Lacan fazê-lo.

É inteiramente pirante fazer referência ao significante como puro significante, sem nenhum sentido. Para sair disso, há duas maneiras: ou histericiza e se vira para ser homem e não consegue – este é o problema das histéricas, que se viram para voltar a ser homem, mas não dá mais –; ou se torna mulher mesmo, ou seja, passa da AUTO para a ALTER referência, para a inter-referência. O referente é ALTER e sua referência é INTER. Por isso, as mulheres são fofoqueiras. Sem fazer fofoca, elas não sabem qual é a moda, qual é a transa.

- P – *De certa maneira, quando enumera I, II, III e IV, você coloca que, de um, pudéssemos tirar logicamente outro.*

Sim. Não fui eu quem o fez, foi Lacan.

- P – *Você está querendo localizar a psicose no tempo III.*

É algo que vou trabalhar mais tarde, uma situação e uma re-situação da psicose.

- P – *O problema está em localizar a psicose no tempo III com a forclusão do Nome do Pai. Se houver forclusão, não se constitui o II.*

Lembre-se de que coloquei que a situação da psicose, se for forclusão prévia, é antes ainda de acontecer isso. Ou seja, se a forclusão é um acidente, antes ainda de fundação, não chega a lugar algum. Mas suspeito que um sujeito possa cair na psicose aí pelo III. Mesmo se tivera sido um homem – por exemplo, no caso de certos poetas, como Nietzsche, Hoelderlin, que se psicotizaram –, não será queda do sujeito numa suspensividade sem chegar a se colocar como inter-referência? Ele fica AUTO-referente.

- P – *Mas se não abandonar a primeira hipótese, você quase que nos aponta dois percursos de reconhecimento.*

Mas é o que está em Lacan. No começo do Seminário d'*As Psicoses*, antes ainda que desse um basta relativo na questão da forclusão, dizendo que é um acidente prévio, ele diz que, das duas uma, ou nunca se basteou, ou soltaram-se os pontos. E quero as duas vertentes.

Retornando, em *IV*, o valor deixa de ser inestimável e passa a ser relativo, entramos numa economia de mercado. Aí não é desejo do Outro, em nenhuma das duas vertentes, nem desejo à Outro, mas *Outro desejo*. É Lacan, citando Rimbaud, A cabeça se volta, um novo amor. A cabeça se volta, outro desejo. É o regime da mulher, onde se instalaria o que chamo de Diferocracia. É aí que surge não o preceito, não o pré-conceito, não o a-ceito, mas o *conceito*, no sentido lacaniano, que Jacques-Alain Miller mostra muito bem. É a mão que tenta pegar, mas não se fecha, que é o pré-conceito masculino. Não é um S_1 igual a falo, nem S_1 votado a S_2 , mas S_2 segurando S_1 , inter-referência. E a alienação aí é recíproca: um se aliena ao Outro, e o Outro se aliena ao um.

Agora, sem partidarismos e proselitismos, não se trata, porque não cabe na seqüência lógica do falante, de privilegiar ser homem, ou ser mulher. O lugar subjetivo, apesar das minhas relações para com a letra – privilegiando-a como letra, ou como significante –, é entre um e Outro. São duas acomodações do sujeito, que, enquanto referido antigamente ao Revirão, passa entre masculino e feminino. Por isso, é preciso que, ainda que possa se acomodar à funcionalidade de direita ou de esquerda, ter que vir a reconhecer a outra funcionalidade, sem o quê as coisas não andarão. É preciso que haja homens para que haja mulheres, é preciso que haja mulheres para que haja homens. Não se pode viver só de moda, nem só de autoritarismo. Há um equilíbrio nessa balança, que vai levando o mundo para a frente.

Não confundir nenhuma dessas referências com os processos, sobretudo, neuróticos, de anatomização da referência, o que é outra estória. É quando a referência deixa de ser significante e passa a se incorporar imaginariamente, por exemplo, a pênis-referência. Anatomização é pênis-referente, é ter pênis / não ter pênis, macho / fêmea, no sentido da diferença pênica, se não pinica. É onde se perdem os neuróticos, as histéricas, os obsessivos, pois, ao invés de

articulem logicamente o processo, articulam imaginariamente sobre a qualificação corporal.

* * *

- P – *Do ponto de vista do enunciado, sobre os paradoxos, no caso do barbeiro e do cretense, a solução de Lacan apontaria para quê?*

Apontaria para o fato de que, se o significante deslizou, ele já não é mais o mesmo. Lacan segura, recorta sobre o ato de enunciação caído no enunciado. Então, o significante já não estando no mesmo lugar, estando em outro momento do processo, já não é mais o mesmo. Estou dizendo outra coisa, que é isso mesmo que Lacan disse, mas o que segura isto? Minha hipótese é de que o paradoxo se desfaz quando reconheço que ele é da ordem da AUTO-referência, e termino o processo da loucura da AUTO-referência na ALTER-referência. O barbeiro, quando faz a barba, se distingue por inter-referência do barbeiro quando recebe o fazimento da barba. Há um processo alélico: fazer a barba e ter a barba feita. O feminino diz que “a frase é paradoxal no que fica AUTO-referente”. Os homens enlouquecem com isso, mas as mulheres dizem: – “Pára com isso. Agora estou fazendo bolo, agora estou comendo bolo, é diferente”. Elas fazem o recurso de substituir o jogo alélico pela inter-referência que situa a cada momento e que, então, modaliza o paradoxo. O paradoxo fica modalizado porque, se o barbeiro faz a barba de todos aqueles que não fazem a própria barba, quando está fazendo a barba, está fazendo a barba, mas quando estão fazendo a barba dele, estão fazendo a barba dele, não interessa quem é, é o Outro. Isso afemina o barbeiro, ele dança.

- P – *Seria gozado se, na cidade desse barbeiro, todos ficassem barbeados, menos um que seria o barbeiro que ficaria barbado. Ai não teria problemas.*

Você tem razão, qualquer menina pensaria isso.

- P – *Mas pela lógica que você apresenta, até o barbeiro pode ser barbeado.*

Pode. Ou, se não, deixa ele barbado. Alice responderia: – “Por que ele não deixa de fazer a barba?” Ou vai ver que ele é mulher, não tem barba.

● P – *Então, só a mulher sabe se situar no simbólico?*

Todos os dois se situam no simbólico com modalidades diversas. Os homens apelam para o sentido e para a significação – e se ferram porque pinta o paradoxo. As mulheres apelam para o modismo, para a inter-referência – e se ferram na hora em que é preciso colocar ordem no bordel. Se não tiver a cafetina, que é homem... Acho que ficou evidente que um precisa do outro. A posição de homem vai cair no paradoxo. O calcanhar de Aquiles da posição feminina é justamente ela transar muito bem na inter-referência, mas ficar sem nenhuma possibilidade de totalizar nos momentos de necessidade disto. De vez em quando, há que pintar um homem. Outro dia, disseram aí que estava faltando homem na praça. Está sim. Só pinta mulheres. É raro pintar homem, tirando a Margareth Thatcher...

Então, a posição masculina é a posição do EU M’ACHO, do eu me acho. A posição feminina é do EU R’ACHO, do eu re-acho. Ou eu m’acho ou eu r’acho, há que escolher. É interessante vermos isto no seio da cultura, por exemplo. Nosso amigo Eduardo Portella toma posse no Ministério da Educação, tem alguns atritos políticos, ou de outra ordem, e depois vem com uma saída inteiramente macha, de homenzinho: – “Eu não sou ministro, estou ministro!” Isto é da ordem do machismo intelectual, pois ele teria que se atribuir sintomaticamente o lugar de ministro para dizer *eu sou*, e se o lugar é apenas simbolicamente dado, momentaneamente, ele não conseguiu, pelo menos não nesta frase, fazer uma inter-referência que o situasse como sendo ministro – “Sou Eduardo Portella, não sou ministro, estou”. Aí, pinta o Chacrinha na televisão e diz a outra verdade: – “Atenção! Só é quem está”. Esta é a posição do EU R’ACHO. É gênio, pois deu uma solução ao que o outro colocara caindo no paradoxal – “Se aceito ser nomeado ministro, estou sentado no lugar de ministro, e, se não sou ministro, caí numa posição paradoxal”. Ou seja: – “Enquanto a machidade do sistema me nomeou ministro, tudo bem. No que houve atrito, caí na AUTO-referência”. Então, fica uma loucura. Aí o outro completa o negócio,

afemina de vez. Só é quem está porque ninguém é ministro no sentido macho, a não ser por um ato de nomeação. Então, posso machamente ser ministro, mas, se isso cai num processo de AUTO-referência e fica indecível, passo a ser no que estou, que é a posição feminina dentro da moda, ou dentro da fantasia que o feminino apresenta como sendo mesmo.

Vejamos o caso do ator de teatro, que tem que estar numa posição de inter-referência. – “Quem é você?” – “Sou o Édipo”. A referência ao falo, significantizado e letrificado, no primeiro caso; e ao furo do significante, no segundo. O masculino entra num processo de mando no que é ALO referente pelo Nome do Pai, e, em *II*, se torna idiota por IPSO referência. E o feminino, no que era AUTO referente e retoma e re-acha a bifidização, entra no processo de economia (governo do lar), ou seja, é a porralouca da moda. Temos, então, o idiota e a porralouca. O sujeito não é nem uma coisa nem outra, pois se designa entre essas duas coisas. Tanto é que quando se chama a atenção, dá um pito na mulher, ela se manca. Quando ela esculhamba com o marido, ele se manca. Não é assim? Nas mulheres damos pito, com os homens esculhambamos, tiramos a pose deles?

09/MAI

2

SÓ HÁ MULHERES

Philippe Sollers lançou em 83 um romance intitulado *Femmes*, Mulheres – *Women, Femmes, we men*, o hímen –, que começa assim:

“Desde sempre... Acho que alguém teria podido ousar... Procuro, observo, escuto, abro livros, leio, releio... Mas não... Na verdade, não... Ninguém fala disso... Não abertamente, pelo menos... Palavras encobertas, brumas, nuvens, alusões... Depois desse tempo todo?... Quanto? Dois mil anos? Seis mil anos? Desde que há documentos... Alguém poderia tê-la dito, mesmo assim, a verdade, crua, que mata... Mas não, nada, quase nada... Mitos, religiões, poemas, romances, óperas, filosofias, contratos... Bem, é verdade, houve algumas audácias... Mas o conjunto em geral logo cai na ênfase, no engrandecimento, no crime enervado, no efeito... Nada, ou quase nada, sobre a causa... A CAUSA.

O mundo pertence às mulheres.
Quer dizer, à morte.
Sobre isto, todo mundo mente.

Leitor, te segura, este livro é abrupto. Não deverás te enfastiar pelo caminho, observa. Haverá detalhes, cores, cenas aproximadas, embrulhadas, hipnose, psicologia, orgias. Escrevo as Memórias de um navegador sem precedente, o revelador das épocas... A origem desvelada! O segredo sondado!

O destino radiografado! A pretensa natureza desmascarada! O templo dos erros, das ilusões, das tensões, o assassinio enterrado, o fundilho das coisas... Já me diverti bastante, e loucamente me enfastiei neste circo desde que fui fabricado...

O mundo pertence às mulheres, só há mulheres, e desde sempre elas sabem e não sabem disso, elas não podem verdadeiramente saber, elas o sentem, pressentem, isso se organiza assim. Os homens? Espuma, falsos dirigentes, falsos padres, pensadores aproximativos, insetos, gerentes abusados... Músculos enganadores, energia substituída, delegada... Vou tentar contar como e por quê”.

Este romance é interessantíssimo para os que estão presentes aqui, suponho eu, na medida em que o próprio Jacques Lacan é um personagem. Sollers era amigo particular de Lacan – há também muitos outros personagens: Roland Barthes, Michel Foucault, Althusser, etc. –, o qual, como sabemos, foi quem disse que “A mulher não existe”. Para ele, só existe o homem.

* * *

Então, em continuidade ao que trouxe da vez anterior, gostaria de conversar um pouco sobre essa questão: o homem e as mulheres. Do ponto de vista lógico, Lacan demonstrou que podia dizer que “A mulher não existe”, que não é possível paratodizar o que é da ordem do não-todo ($\sim Ax$) e escreveu como sendo feminino. Assim como, também de um ponto de vista lógico, pode-se dizer que “o homem existe”. Mas a lógica é, como disse Lacan, ciência do real. Não esquecer que ele também disse que o real é impossível, portanto a lógica é a ciência do impossível, e, mesmo que ela consiga dizer que “A mulher não existe, só existe o homem”, um impossível, um real percorre isso aí. E, aparentemente ao contrário de Lacan, Sollers denuncia que “só há mulheres”. É esta aparência de contrário que eu gostaria de desnudar.

Mulher	Homem
$\sim Ex \sim \Phi x$	$Ex \sim \Phi x$
$\sim Ax \Phi x$	$Ax \Phi x$

Observem que, pela primeira vez, começo pelas mulheres. Quando apresentei da vez anterior a seqüência: ALO referente, IPSO referente, AUTO referente, e ALTER referente, alguém me chamou a atenção para o fato de que, no Seminário *Psicanálise & Política*, de 81, tratando do quadro *As Meninas*, de Velázquez, eu tivera dito que, ao contrário do que Freud colocara, que só se começa pelo masculino do ponto de vista libidinal, eu supunha que, do ponto de vista do simbólico, só se começa pelo feminino. A garantia que, naquele momento, eu pretendia dar a isto tirei do livro de Robert e Rosine Lefort, *Naissance de l'Autre*, em que afirmavam que o simbólico é a introdução no corpo próprio do furo do corpo do Outro. Justamente a denúncia da psicose, sobretudo na experiência de Rosine Lefort, passava pela não transferência do furo do corpo do Outro sobre o corpo próprio. Neste sentido é que eu dizia que só se começa pelo feminino. Isto, na medida em que queria supor que a entrada no campo do simbólico exigia o reconhecimento do furo do corpo do Outro, $S(\bar{A})$, e o deslocamento desse selo, desse furo como sê-lo, para o corpo próprio seria então necessariamente uma posição feminina.

Quero, hoje, dizer que tendo a concordar com Sollers sobre o fato de que só há mulheres. Os homens que me desculpem, se é que existem homens aqui. Se, do ponto de vista lógico, no primeiro caso, não é possível totalizar – ou seja, nega-se a existência de pelo menos um que, como exceção, fundaria a regra do Paratodo –, no segundo, diz-se que há pelo menos um que diz *não* à função fálica ($Ex \sim \Phi x$). E como Lacan está escrevendo isto sobre a questão da função fálica, então está fundada a totalidade do Homem ($Ax \Phi x$). Mas, se não existe pelo menos esse um que diz *não* ($\sim Ex \sim \Phi x$), temos uma negação sobre o Paratodo ($\sim Ax \Phi x$), que é o lugar que Lacan indica para o feminino. Entretanto, há que pensar a diferença entre o *possível* que Lacan substitui ao *universal*: o possível de haver homem, de só se poder dizer “Todo homem”, e a existência concreta desse Todo. Ou seja, se, do ponto de vista lógico, não é possível dizer que há A Mulher e é possível dizer que há o homem, onde está ele? Quem é o homem? Do ponto de vista de uma referência estritamente particular à função fálica, Lacan tem razão em dizer que qualquer homem que se apresente se

refere à interrupção, à interdição da função fálica para se situar como tal. Cada um em particular, no que se refere à função fálica, pode dizer que, numa referência mais abstrata possível a essa função, faz a suposição de que todos aqueles que fazem essa referência são homens. Até aí, nada mais há a dizer. Mas, do ponto de vista da desinência, da designação do que seria a Lei, em seu sentido mais geral, onde, através da história, em todo o tempo, temos encontrado algo que se possa definir como o Homem? Ou seja, se quisermos tirar daí uma antropologia, o que é o Homem como espécie (lembrem-se de que é como espécie que Lacan definiu)?

Não encontraremos nenhuma definição possível. Isto, em função de uma absoluta falta de designação, de referência. Cada sujeito em particular, no que se refere a uma limitação da função fálica, faz a suposição lógica de que há um Paratodo remetido a esta limitação, mas quando se trata de tomar os homens supostos e fazer com que conversem entre si para dizer qual é essa limitação, no sentido mais amplo do termo, ela não tem definição. Com o que, do ponto de vista de sua existência concreta, o sexo dito masculino é estritamente mítico. Por isso, aceito a frase de Sollers – o mundo é das mulheres, portanto pertence à morte, e só há mulheres – na medida em que não temos, a não ser um aparelho lógico, uma referência unitária que possa ser exceção fundadora de um Paratodo dos homens. Diz Lacan que os homens se reconhecem primeiro serem homens. Eu afirmo ser um homem de medo de ser convencido pelos homens de não ser um homem – é só isso. Mas por que haveria esse medo, se houvesse uma referência unívoca? A questão é delicada e pesada. O que seria o Homem que eu pudesse encontrar? Como sabem, Diógenes, o filósofo, andava pelas ruas com uma lanterna acesa procurando um homem. Michê não servia, tinha que ser um homem... Disse ele que nunca o encontrou. Desconfio que ele tinha razão, pois não é encontrável, não é disponível. Então, embora do ponto de vista lógico possamos dizer que há o Homem, e só possamos dizer isto, nada podendo dizer das mulheres como Todo, o Homem não é contraditório. Ou seja, estou dizendo que a espécie não se fecha. Não existe a espécie homem, disponível. Ela é pensável logicamente, é uma possibilidade, um universal, mas não é encontrável, não passa de possibilidade.

Apenas na referência constante à limitação do gozo fálico os homens se reconhecem como arrolados no mesmo conjunto. Mas, no que procuram designar o elemento externo que os faria homens, não o encontram. Não é suficiente dizer que são falantes, pois isto é muito precário. As mulheres também são falantes, e não são Paratodo. Prefiro, então, supor que não há, no seio da espécie, nenhum homem que o seja. O que há é um bando de mulheres, dos dois sexos anatômicos. Isto pode deixar as feministas com um problema muito sério, pois não terão mais questão e irão brigar pelo quê agora?: Somos todas diferentes. Não podemos mais dizer que somos todos iguais.

- Pergunta – *Ivan Lins canta que podemos ser “iguais esta noite”.*

É o máximo que conhecemos.

O que me parece é que cada sujeito participa da função simbólica no regime estritamente chamado feminino por Lacan, de não-Todo. E justo porque não se encontra uma designação suficiente para aquele a mais, aquela exceção que fundaria o universal do homem, trata-se, através da história, de tentativas, às vezes acentuadas, vigorosas, de construção do Homem, sem ser muito feliz nessa construção. É o caso, por exemplo, de tudo que se toma da ordem simbólica para o fechamento de um conjunto ou para a arrumação de uma institucionalidade qualquer. Se houvesse uma desinência externa capaz de fundar o universal, os conflitos estariam arranjados, pois, ainda que houvesse um conjunto de homens e um conjunto não fechado (um não-conjunto) de mulheres, os homens saberiam ao certo sua designação, saberiam o que fazer do bordel universal, e saberiam enquadrar as mulheres. (Eles tentam, mas não conseguem). Se houvesse o Homem, eles saberiam ver a mulher como uma outra espécie, em falta ou em excesso, e saberiam dizer que estão erradas – não todas, porque, do lado de cá, tem mulher mandando. Eles saberiam dizer exatamente no que estão erradas, ou certas demais (também não se pode ser certo demais, não é?). Não se encontrou até hoje – e se meu raciocínio está certo, não se encontrará jamais – um fechamento discursivo de tal maneira que o homem pudesse dizer quem ela é, ao que veio, e controlar as mulheres em função

dessa posição. Em não havendo homem, acontece que, referindo-se à função fálica limitada, é como se fosse uma grande empresa: Função Fálica Ltda. Então, referindo-se a esta empresa, algumas mulheres se organizam em função de um aparelho que é externalizado por elas para garantirem que são homens e passam, às vezes a vida inteira, numa luta ferrenha de sustentação dessa institucionalidade que daria, aos que lhe são conteúdos, uma característica de universalidade.

Desde a mais antiga Grécia, é a isto que se chamou de Virtude, homênia. No pensamento grego aristocrático, por exemplo, um homem virtuoso era o sujeito que, no coleguismo com outro sujeito, designava determinada formação discursiva, determinado aparelho de convenção, como sendo aquele que os qualificava como homens, não se esquecendo de que muitos dos falantes, dos sujeitos, não cabem por inteiro nessa definição e ficam mais ou menos franjais na situação. Estes sujeitos eram designados como mulheres... (Estou sendo muito herético? Está todo mundo olhando para minha cara como se eu estivesse dizendo uma monstruosidade...)

A psicanálise está muito mais próxima do pensamento pré-socrático do que do da filosofia. Vejam que Lacan faz sua arrumação lógica para nos deixar um problema de equivocação extrema quanto à inserção de cada sujeito de um lado ou de outro. Isto não impede que alguns sujeitos, em função da castração, da sua limitação – e castração, em última instância, é a limitação como sujeito no campo do Outro –, caiam de preferência numa estrutura de limitação (e de universalização, portanto), e outros numa estrutura de não-limitação. Estou lhes indicando que os que caem na estrutura que remete a uma limitação, remetem-se ao possível dessa limitação, e não a nenhuma limitação que exista de fato. Ela pode até se tornar necessária, mas isto em função da contingência de um encontro com uma formulação de delimitação. Ou seja, o sujeito tem um encontro com uma das formas possíveis de limitação, faz sua referência a essa contingência e, a partir da contingência, torna isso necessário. Foi assim que Lacan equacionou o necessário: o que vem em pós da contingência. Mas não podemos esquecer que essa contingência, no regime discursivo, na relação com o simbólico, é

encontro com determinado aparelho, que é nomeado metaforicamente – portanto, sintomaticamente – como limitador capaz de instituir o universal. Com o que, estou dizendo que haver o homem, disponível, é da ordem do sintoma – é estritamente sintomático. E isso é revirável ou não. É revirável no percurso mesmo de cada sujeito, ou não revirável à medida do zelo que cada um tem por sua sintomática de base, por seu sintoma. Então, sustentar-se como membro do partido universal é a sustentação ferrenha de um sintoma.

Só para ilustrar, lembremos do filme *O Pequeno Grande Homem*, onde alguém lá diz: “Nós, os seres humanos”. Aquela tribo, os cheyennes, se designa como “os seres humanos” e exclui os outros na medida em que há um cinturão que fecha aquele conjunto dentro de determinada lei – no sentido menor do termo, de regra de funcionamento – que os coloca como homens. Mas como são homens que têm mulheres, há uma porosidade no sistema. Então, é um esforço contínuo de sustentar a invenção do homem por algum projeto. O homem existe como projeto de invenção do homem, no sentido de encontro, numa contingência, que torna necessária para determinado conjunto a sustentação dessa invenção. O processo é circular, o que não vai nos fazer supor que ele exista de fato. Poderíamos dizer que o homem existe de direito, mas não de fato. De fato, ele é invenção regional. Ele existe na suposição de que há pelo menos um que diz *não*, mas esta suposição só é generalizada enquanto suposição, e não enquanto referência a ela no enunciado. Quer dizer, no regime da enunciação posso dizer da minha fé, de enunciador, de que existe pelo menos um que barra, mas quando quiser dar forma, dizer, dar enunciado a esse um, ele não comparece porque não cabe no regime do enunciado. É, pois, apenas com a vocação de construção de sua homências que os homens fingem existir concretamente. É o caso, por exemplo, de uma instituição. Como lhes disse, não há instituição no feminino. Não há o homem, não há sua disponibilidade, ele não comparece. Se houvesse homem, na verdade, haveria apenas um, e nós todos seríamos cópias idênticas. Por isso, Lacan disse que há o homem, mesmo porque podemos reduzir todos os homens a um elemento representativo: o homem. Mas já vivi quase meio século, sem encontrar nenhum. Se houvesse

um, haveria todos. O que encontro é um bando de doidivas fazendo esforço para ser homem.

- P – *Não é o caso de pensar que só de uma posição homem pode-se dizer que não há o homem? Isto não é um paradoxo?*

Não. Vejam o caso da tribo que só se chama de homem como espécie. Basta que este conjunto de homens, isto é, uma patota de homens bem organizados, tenha uma lei inteiramente imperativa de todos, consiga essa designação muito forte. E isto é um fenômeno culturalmente apreensível. Consideremos, por um lado, a banalidade do cotidiano em que o advento do esquentamento da comunicação, dos *gadgets*, das produções tecnológicas, etc., criou conflitos culturais em grande exacerbação, e, por outro lado, um grupo fechado, isolado em determinado lugar, com uma limitadíssima comunicação externa, sabendo exatamente o que é ser humano. No que este grupo fechado se confronta com um conjunto extremamente diferente, por exemplo, a invasão espanhola da América do Sul, qual dos dois é o homem? No confronto, a homênia se desvanece. Ela terá que se definir talvez através de luta de prestígio, ou de outra denominação enunciada de alguma forma. Reconhecer o homem é algo que só se faz de dentro da lei do mesmo. Então, se a suposição pura e simples de uma limitação ao gozo fálico já é indicação de homem para Lacan, no nível do discurso ele não há. No nível do enunciado, onde isso se diz, quando se busca o reconhecimento se é ou não homem, só se pode buscar sobre o dito. Nesse momento aí, o homem é estritamente regional, referido a uma lei particularizada como regra de comportamento. Portanto, embora possamos ter vários conjuntos de homens, de conjunto para conjunto, na comparação entre um conjunto e outro, ele se afemina. Assim, tal conjunto de homens ao lado de tal outro, são dois conjuntos-mulheres. São conjuntos de homens, mas são conjuntos-mulheres, não se fecham com outros conjuntos. Ou seja, um conjunto de homens consegue constituir no máximo uma mulher. Vejam os esforços históricos para se constituir o homem, o qual, por só poder se garantir entre homens, inter pares, fica numa embananação.

- P – *A Eucaristia é o desejo desse homem paratodizado, para desejar unzinho lá.*

Acontece que há uma reversão aí. Amar o próximo como a si mesmo, só pode ser entre homens. Referendar a Eucaristia no amor ao próximo como a si mesmo só pode acontecer homossexualmente. No próprio amor cortês, quando se designa uma mulher como externalidade, põe-se no lugar do Nome do Pai, no lugar da exceção, uma mulher. E o nome que davam na Idade Média era de um bando de veados [cervos], isto é, um bando de machos, que ficava paquerando uma mulher: um bando de veados olhando para a externalidade para se garantir entre si de que todos eram homens por estarem olhando para a mesma mulher. É daí, aliás, que vem a Virgem Maria e os Congregados Marianos.

* * *

Como vêem, estou me perguntando se a ordem de leitura das fórmulas quânticas não é ao contrário. Por isso, escrevi ao contrário hoje. Fica parecendo esquisito desde o Seminário em que coloquei a questão de que o simbólico começa pelo feminino. É esquisito porque, segundo o que disse no começo deste semestre, não se poderia negar o que não há. É preciso ter o “existe pelo menos um”, este como Haver, para que se diga o “não existe”. Não estou dizendo que as fórmulas se escrevem ao contrário, que, primeiro, há que escrever a fórmula do feminino para, depois, escrever a do masculino. Estou, sim, dizendo que, no que houve emergência de falantes, no que houve surgimento de seres determinados pelo simbólico, marcados significantemente, a primeira coisa que surgiu de fato foi a falta de homem. Isto significa que, antes que se pudesse conjecturar, antes do lógico, antes que se pudesse enunciar “existe pelo menos um que barra a função fálica” – mas não antes do histórico, ainda que se possa inventar uma estorinha –, o que se pressente é que falta um que diga *não*.

● P – *Seria a psicose?*

É parecido com a psicose, pois falta um, mas não é que não exista nenhum. Por isso, não se pode confundir o feminino com a psicose. Se o feminino

diz que não existe nenhum, na psicose falta um que diga *não* à função fálica.

- P – *A função feminina seria denegatória?*

É denegatória no sentido de que só se pode negar depois de afirmar. Ou seja, no que se nega depois de afirmar, no que a negação implica uma afirmativa anterior, se é que implica, isso participa do denegatório, mas só enquanto referido a uma afirmativa anterior, e não a um fato anterior. De fato, falta, e falta sempre. Falta onticamente. No mito bíblico, por exemplo, há que fazer a suposição de que o “pelo menos um” já estava lá, e tudo saiu de seu verbo, pois, na falta ôntica desse Um, nada sairia nem por negação e conseqüente denegação. Mas a suposição de que “existe pelo menos um” só se mantém eternamente como aparelho lógico de suposição porque esse um não é indicável. Se fosse indicável, discernível, definível, teríamos como fazer uma espécie arrolada, e não temos nenhuma espécie arrolada. No que se conjectura que existe pelo menos um que diz *não*, é uma conjectura salvadora da loucura, que, esta, seria faltar originariamente qualquer um que dissesse *não*.

- P – *Mas o que seria fato indicável, a não ser a partir do enunciado?*

O que estou dizendo é coisa banal. Se houvesse significado para isso, se fosse enunciável o pelo-menos-um, não haveria nenhuma questão entre os homens a respeito de sua homênciã, já se saberia o que é ser homem. Como não se sabe, há a conjectura de que existe pelo menos um para fundar o homem. É esta conjectura de direito que funda o universal homem, mas, de fato, os existentes, os homens disponíveis, só se fundam nessa conjectura. No que vão definir a homênciã, ela não comparece, não têm como defini-la. Então, a única garantia de haver o homem é a conjectura de que existe pelo menos um. É a fabricação perene do homem. Eu diria que, no mundo contemporâneo – e estou valorizando isto porque Sollers anda por aí –, em que houve a explosão da homênciã, em que as coisas estão em movimento browniano na superfície do social e se encaminhando para a possibilidade de uma designação pelo feminino, por hiper-referência, é por este caminho que estamos basculando. Há pelo menos uma instância que insiste em constituir o homem. É este o esforço que faz o Papa João Paulo através da Igreja. Aliás, ainda hoje, lá na Universidade,

um colega me pediu para assinar a lista a favor de Leonardo Boff. Eu disse que não, que me recuso. Ou ele tem culhão para fazer cisão, ou se comporte. Ou ele requisita uma nova revisão da Igreja, ou arria as calcinhas para o Papa... Repetindo, só há condição de indicação do masculino, de ele ser homem, no esforço perene de invenção do homem e na luta dos diversos comparecimentos de discursos que procuram enunciá-lo.

● P – *Sua afirmativa de que o homem não existe parece-me mostrar que o enunciador da definição necessariamente tem que se encontrar fora do enunciado.*

É aí que coloco a questão do Revirão. Se retomarmos o paradoxo de Russell, veremos que a questão do barbeiro se coloca para Lacan em função do que ele trouxe como significante. Aí está o defeito fundamental. Na cidade, o barbeiro faz a barba de todo mundo. Quem faz a barba do barbeiro se na cidade ninguém faz a própria barba? Mas ninguém faz a própria barba, pois é impossível. Se o sujeito é partido entre significante e significante, ou melhor, se é partido no Revirão do significante, quando o sujeito faz a barba, a designação que ele encontra para fazer a barba é fazer a barba de outro. Você faz a barba de sua cara, e não faz a *sua* barba. O sujeito não faz a própria barba, faz a barba da cara dele, já está em outra postura. Enquanto a barba dele é feita, é outro que está fazendo sua barba: é a mão dele que está fazendo a barba da cara dele. Ou seja, o esfacelamento que se organiza em torno do estádio do espelho é dependente do próprio ser falante e da própria dependência do significante. Então, o próprio corpo que se integraliza imaginariamente como um só no fazer-se a barba, na hora de você falar, fazer a própria barba se despedaça, o significante o recorta e a mão faz a barba de sua cara. O sujeito está na mão. Vejam, quanto a isso, algo interessante em termos de clínica. A masturbação pura e simples não existe, é impossível. É sempre o corpo do Outro que você masturba, tanto é que a fantasia está lá para garantir isso. O auto-erotismo puro e simples não existe, não para o falante. Nem a auto-análise, é impossível. O grande masturbador, por exemplo, fica o tempo todo tão preocupado que fica sempre se masturbando. A questão é saber quem está

tocando punheta nele. Este é o problema clínico.

Uma questão fica de pé nessa passagem, e é o que quero frisar. Diante da falta ôntica – e, em última instância, só há uma falta ôntica, só há uma brecha que falta compor porque falta uma paternidade de fato –, começa-se por uma não-possibilidade de universalizar coisa alguma. O homem começa despedaçado. No que é requisitado numa instância qualquer – e é por isso que Freud diz que, para se designar masculino e feminino, começa-se no masculino (e só estou dizendo que começa pelo feminino porque o que o significante encontra é a falta) –, vai surgir a designação de um significante que o arrole e o universalize. Um significante mesmo, arrolando aquele, mas, no que arrola com o significante, tem que prometer um significado. Se não o fizer, vai imediatamente fundar as mulheres, que é justamente a questão de se dar conta de que A mulher não existe. As mulheres fazem, de fato, referência ao furo? Que furo é esse a que fazem referência e que abre o campo do Outro? É que, de fato, não há o pelo-menos-um. Ele toma existência lógica, a qual é denegada pelas mulheres. Denegação esta que diz a verdade, tanto que elas sabem que a conjectura, como se diz do real, é de que A mulher não há.

• P – *É denegada também pelos homens, que ficam o tempo todo preocupados com quem tem o pau maior...*

Essa lógica foi se instalar no imaginário do corpo, mas se instala tão mal que você tem razão. Não é preciso perguntar às mulheres, pois encontramos freqüentemente a afirmação dos homens, por mais membrudos que sejam, de que o outro sempre tem o pau maior. Estão sempre com inveja do do outro. No que têm toda razão, pois são umas moças.

* * *

Quero insistir em que, se a fundação é lógica, Freud e Lacan têm razão. Isto exige a suposição de que existe pelo menos um para fechar um universal que poderá ser negado. Entretanto, esta fundação é puramente lógica, não encontra escora na possibilidade de se apontar para esse pai. Então, ele será

apontado, por exemplo, no nível da religião. Dá-se um Deus, que é o sujeito por excelência, que é tal e qual, mas não é designável de nenhum outro modo. No que isso é verdade, e no que há falta reinante da conjectura de existir pelo menos um, os sujeitos começam a ser – e estou falando mesmo da emergência de uma criança, de uma criança em processo de simbolização – recebendo um *imprinting*, uma imposição significativa, antes ainda de esta conjectura ter surgimento. Embora a lógica diga que é preciso dizer que existe pelo menos um para depois negar, não posso me esquecer de que esta conjectura fica posta de lado como certa garantia, mas que todos os falantes passam a vida inteira tentando construir esse pelo-menos-um que existe por jamais encontrá-lo. E certos esforços muito veementes de encontrá-lo caem, por exemplo, num misticismo que é não encontrá-lo. Não cheguei a afinar muito esta questão, mas o esforço perene de constituir o homem é a prova concreta de que ele só existe por uma conjectura inicial que não encontra esteio em nenhuma disponibilidade de existência.

Estou dizendo que Lacan pode dizer “existe o homem” e “A mulher não existe” porque logicamente é assim. Entretanto, concretamente, no cotidiano dos falantes, existem mulheres de fato e o homem não há. Meu interesse é fazer este cruzamento, pois, se supusermos a existência lógica do homem por fundação puramente conjectural, ela garante da existência do homem, acabou-se, e não poderemos ler Lacan sem isso. Mas não posso sacar do pensamento da psicanálise que temos o homem encontrável, pois a única coisa que existe de fundadora de homem é uma possibilidade lógica, jamais demonstrável, exibível, explicitável como enunciado. Nenhum enunciado é capaz de descrever o homem. *O homem* é compatível com *Acoisa*: ou terá sido (Pai Primordial) ou será tido (Ideal do Homem).

Aonde quero chegar é que, uma vez que a instância do masculino não se apresenta jamais concretamente, ela é apenas conjecturável o tempo todo. A posição adequada do sujeito é *entre*. Ele pode até ser designado por um lado ou por outro, mas sua posição adequada é *entre*. É a conjectura entre seu esforço de constituição de um homem, por causa de uma conjectura lógica, e sua existência concreta de mulher. Mas vejam que a conjectura lógica pura e simples nada tem

de imaginário, ela é a suposição de um limite que venha a fazer o universal. É no momento em que passa da enunciação de suposição para o enunciado que ele se imaginariza. Então, todo e qualquer homem que se diga tal, não o é, pois este enunciado é a derrocada de sua designação de conjectura. No momento em que define, ele se amulhera. Por isso Lacan diz que o amor é harmonizador, é afeminante.

Então, segundo o aparelho que lhes apresento e que mal começo a desenvolver agora, na verdade, a neurose enquanto tal, obsessiva ou histérica, é a tentativa de fabricar o homem. Uma tentativa que é abortada, e não frustra. Qualquer tentativa de fabricar o homem é frustrar, mas na neurose é abortada porque o neurótico quer fabricar um homem segundo um modelo pré-determinado, da ordem da identificação imaginária. O neurótico é aquele que quer dizer como é ser homem. Já a histérica sabe exatamente como ele é. O obsessivo quer saber como é o homem porque fica oscilando entre duas posturas: ser ou não ser homem. Ele fica tentando saber qual é o modelo para seguir. A histérica sabe qual é o modelo, mas não encontra ninguém que caiba nele.

Na verdade, chegaremos à conclusão de que tanto neurose quanto perversão são pura e simplesmente formas de escapatória da psicose. Dito de outro modo, defrontado com o problema de que a falta é originária, de que não se coloca lá nenhuma referência que possa fazer um universal, não há eventualmente certas neuroses que são construtos de curativo de uma psicose? Se mexer muito nelas, pinta o surto. Por que Lacan insiste em que a psicanálise levada muito longe conduz à psicose? Acho que isto tem que ser pensado e dialetizado, pois, para supor que necessariamente conduz à psicose, tenho que supor que até a conjectura do existe-pelo-menos-um pode ser abalada. Se é ela que segura tudo, é preciso que seja abalada para que nasça a falta do pelo menos um. Das duas uma, ou a conjectura é prenhe, se sustenta e, no máximo, pode ser denegada; ou, no máximo, poderia afeminar todos os analisandos. Ou só se sustenta como conjectura sendo fabricada o tempo todo, inclusive no caso de cada sujeito, se não, o furo pinta, falta o pelo-menos-um. Assim como no chamado social, na história, vive-se procurando institucionalizar as coisas, fundar

Só há mulheres

os homens, eu me pergunto se não é preciso que cada sujeito esteja o tempo todo elaborando a fundação de sua conjectura de existe-pelo-menos-um, caso contrário pinta a falta desse um e isto seria o que, em outro Seminário, chamei de forclusão originária, porque falta mesmo. Então, ou uma análise levada muito longe não conduz à psicose porque há garantia da conjectura, ou ela conduz à psicose porque esta garantia pode ser (não só denegada, mas) suspensa.

* * *

Em última instância, no caminho que quero tomar daqui para a frente, o que me interessa é mostrar que, se só há mulheres, as instituições, no que fundam o masculino, são femininas, são mulheres.

• P – *As mulheres são homossexuais?*

Não existe mulher homossexual, só homens. Já lhes disse que os falantes estão condenados à heterossexualidade. É preciso ser muito neurótico para ser homossexual. Só neurótico é homossexual, os outros transam com homens e mulheres, homem com homem, mulher com mulher, mas não são homossexuais, pois nada tem a ver uma coisa com a outra. Isto é designação imaginária. Homem que transa com homem é neurótico ou não, homossexual ou não, mas está condenado à heterossexualidade porque vai quebrar a cara e não vai encontrar parceiro. O homossexual sofre de não conseguir sê-lo. Se conseguisse, estava tudo bem. Vejam que há uma inversão absolutamente idiota no seio da cultura, pois, na verdade, cada um goza por onde pode, com quem quer e ninguém tem nada com isso. Agora, eventualmente, alguém é neurótico mesmo porque fica muito tiririca da vida por não conseguir ser homossexual. Aí fica insistindo em encontrar o homem, um igual, mas não vai achar nunca, pode desistir. Já comer as coisas, isto é questão de estética.

23/MAI

3

CLÍNICA: DIFERENÇA SEXUAL E CASTRAÇÃO

Em suma:

- o que quer uma mulher? – que haja Homem (que não há).
- o que quer o Homem?: ser mulher.

Desde o tempo de meu Seminário de 79, *O Pato Lógico*, venho lembrando que, em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud sugeriu que se poderia propor toda uma nosologia psicanalítica, se é que isto existe, com base na diferença sexual. Laplanche e Pontalis, em nota de rodapé ao verbete ‘Complexo de castração’, de seu *Vocabulário de Psicanálise*, dizem que “poderíamos conceber uma nosografia psicanalítica que tomasse como um de seus eixos principais de referência as modalidades e os avatares do complexo de castração, como o atestam as indicações fornecidas por Freud, no fim de sua obra, sobre as neuroses, o fetichismo e as psicoses”. Ora, o que podemos encontrar nas fórmulas quânticas da sexuação, de Lacan, não é senão a diferença sexual segundo seu modo de surgimento no teorema da castração. São fórmulas que podemos conceber como sendo o matema da psicanálise no que escrevem a questão “o que é a psicanálise?”, bem como a questão “o que quer uma mulher?”. Daí que, insistente, vou considerar por mais um pouco ainda aquela formulação.

* * *

Como sabemos, a escrita das fórmulas quânticas de Lacan depende da escrita das proposições básicas da lógica formal de Aristóteles:

	Aristóteles	Lacan
Universal Afirmativa	$Ax \rightarrow x$	$Ax \rightarrow x$
Particular Negativa	$Ex \sim x$	$Ex \sim x$
Universal Negativa	$Ax \sim x$	$\sim Ax \rightarrow x$
Particular Afirmativa	$Ex \rightarrow x$	$\sim Ex \sim x$

Para Aristóteles, o universal da Lei, o mandamento de uma Lei, é um universalizante, e este universal da Lei, dito no mandamento, implica a existência. Ou seja, dada a posição de Aristóteles de que a Lei é dada, ela vem antes de mais nada. Toda vez que se diz um universal a respeito de qualquer coisa, o universal implica necessariamente que exista pelo menos um existente ($Ex\Phi x$) que caiba no interior da universalidade da Lei ($Ax\Phi x$). Todo verde é verde, então há um verde: existe pelo menos um verde. O universal, que a Lei coloca antes de mais nada, implica que haja o existente correspondente ao que é universalizado na Lei. Ou seja, para Aristóteles a Lei é dada, não se poderia pensar sem o universal da Lei posto. Ao passo que Lacan propõe que uma existência primordial e inteiramente exterior ao campo da Lei ($Ex\sim\Phi x$) – isto que ele chama de pai simbólico, Nome do Pai – é que funda o possível, o universal. A Lei tem que ser fundada por um elemento externo a ela e que, diz Lacan numa das defesas que faz desse existente, seria a exceção que funda a regra que fecharia o conjunto dos universais.

Acompanhando o quadro acima, temos que, para Aristóteles, a Lei funda: todo x é função de x ($Ax\Phi x$). Ou seja, há uma *universal afirmativa* que funda e que implica que exista uma *particular afirmativa* correspondente àquele universal: existe pelo menos um x ($Ex\Phi x$). Mas porque a Lei funda tudo, e porque a existência é implicada pelo universal da Lei, a *particular*

negativa cai sobre a não-existência da função, ou seja, a existência de não-função ($Ex \sim \Phi x$). Retomando o exemplo do verde, se “todo verde é verde” implica a existência de um verde que o seja, o contrário será que existe não-verde para fundar uma *universal negativa*: todo x que não é verde é não-verde, ou seja, todo x é não-verde ($Ax \sim \Phi x$). Existe x não-verde, e todo x que não é verde é não-verde. Então, fica tudo trancado sob a égide da Lei fundando o universal.

Lacan critica isto quando funda o que podemos considerar o material da psicanálise: as fórmulas quânticas da sexuação. Na medida em que, para ele, o universal não implica o existente – e porque é no campo do simbólico que a Lei se estatui, não obrigando à existência de nenhum –, podemos ter um universal sem encontrar nenhum existente que caiba dentro de sua convenção. Por isso, sua *universal negativa* faz cair a negação sobre o caráter mesmo da Lei, que, aí no caso, é o caráter de ser universal ($\sim Ax \Phi x$). A negação, ao invés de cair sobre o elemento, cai sobre a própria universalidade, pois o universal não implica o particular. Então, se o universal não implica o particular, Lacan diz que esta existência fora de toda situação é que vai fundar o universal por ser exceção. Sua *particular negativa* será: $Ex \sim \Phi x$. E como, para ele, $Ax \Phi x$ não implica $Ex \Phi x$, e sim que é $Ex \sim \Phi x$ que funda $Ax \Phi x$, ele não poderá negar o elemento, mas terá que negar a própria universalidade da Lei. Seu *universal negativo* – que, para Aristóteles, é: todo x é não- x ($Ax \sim \Phi x$) – será: não-todo x é x ($\sim Ax \Phi x$). Isto porque o que é negado não é o elemento, mas a universalidade da Lei, a qual só é fundada por esta situação do externo particular. Conseqüentemente, isto também acontece com a *particular afirmativa*, que – se, para Aristóteles, o universal implica o particular, ou seja, se todo verde é verde, há pelo menos um verde – Lacan diz que não existe nenhum que não seja ($\sim Ex \sim \Phi x$), o que é compatível com seu fundador do universal, que é externo.

Isto porque, para Lacan, a existência, a resistência, se determina por sua distinção, por sua diferença para com a Lei. A Lei é, nesse regime, o estatuto da universalização. Sua distinção é para com a Lei que diz que todo x é isto, que tem que não-existir nenhum que não seja, e que é preciso constatar

uma existência conforme à Lei. Mas isto só toma sentido por permitir excluir a existência de algo que contradiga essa conformidade. Ou seja, a própria afirmação do existente é exclusão de contradição em função do universal da Lei, o qual é fundado por exclusão do exorbitante. Explicando melhor, quando é que suspeitamos haver uma existência? Para Aristóteles é fácil: se o universal implica o particular, se todo verde é verde, há pelo menos um verde. Lacan diz que não é preciso existir para ser Lei, para ser universal. Pode-se fundar uma Lei sem nenhum existente, sem ter a comprovação da implicação de nenhum existente. Então, se não é preciso dessa implicação, e se a Lei é fundada (e não dada) por uma exceção à regra, não há como tirar nenhuma implicação direta de “existe pelo menos alguma coisa”. Mas só se pode tirar essa implicação pela diferença para com o regime da Lei, ou seja, negando aquilo que contradiga a Lei. Quando digo que “não existe nenhum que não seja” ($\sim Ex \sim \Phi x$), estou negando o que contradiz a Lei. Então, não estou indicando que um universal implica um existente, e sim dizendo que deve existir, já que estou negando o que contradiga a Lei.

Isso cria uma grande quizumba. Vejam que, no caso das duas primeiras, a universal afirmativa e a particular negativa, a escrita é a mesma para os dois. Mas, porque foi retirada a implicação da existência para o universal, as outras duas, a universal negativa e a particular afirmativa, são diferentes, pois a negativa vai cair sobre o universal, sobrando a própria existência ($\sim Ax \Phi x$), no que se nega também o elemento, a coisa ($\sim Ex \sim \Phi x$), que, para Aristóteles, é sempre afirmativa.

● Pergunta – *A partir da singularidade desse teorema freudiano, você está dizendo que não se confirma algo caro à filosofia, isto é, ou a lógica do silogismo conjuntivo de Aristóteles (se universal, então existente), ou a lógica do silogismo disjuntivo de Hegel (se universal expressa o particular, a contradição é sempre incluída). Pelo que você disse, a contradição é não incluída, isto é, é excluída, e o universal não confirma o existente. Então, pode-se dizer que há universal do homem como sintoma, mas isto não quer dizer que se tenha que conhecer um homem concreto para confirmar esse universal.*

É aonde quero chegar, e você já chegou para mim. Eu ia devagarzinho, e você colocou tudo. Mas não tem importância, pois, até aqui, o que eu disse é o que Lacan trouxe. Ele, ao produzir suas fórmulas, tomou de Aristóteles e criticou a indicação da existência. Agora, quero chegar aonde você disse.

* * *

Tomemos as fórmulas quânticas escritas do modo que escrevi n’*O Pato Lógico*, só para arrumar uma amarelinha:

Ex	$\sim\Phi x$	$\sim Ex$
	Φ	
Ax	Φx	$\sim Ax$

Quando falamos em Lei, no regime aristotélico, é muito simples: ela é dada como universal, e acabou-se. No regime psicanalítico, que é o que Lacan escreveu, é preciso ter uma elasticidade muito grande para situar exatamente a Lei, pois ela fica saltando nas fórmulas quânticas. Situairemos a Lei enquanto tal em cima do “existe pelo menos um que não é” ($Ex\sim\Phi x$)? Situairemos para além mesmo da lei do homem, em cima do “todo x é função fállica” ($Ax\Phi x$)? Ou situairemos entre o masculino e o feminino? É uma coisa muito equivocada e equivocante. Façamos uma reta no meio para separar dois campos:

Falo sim castração		Falo não sexualidade infantil
Ex	$\sim\Phi x$	$\sim Ex$
	Φ	
Ax	Φx	$\sim Ax$
Masculino		Feminino

Reportem-se ao que disse nas seções anteriores sobre os referentes ALO, IPSO, AUTO e ALTER. Quando digo “todo x é função fálica”, isto tem correlação com “existe pelo menos um que não é”. Dizer “masculino” é terminalmente dizer “todo x é função fálica” ($Ax\Phi x$), e dizer feminino é dizer “não-todo x é função fálica” ($\sim Ax\Phi x$). E o que é dizer “não existe nenhum que não seja” ($\sim Ex\sim\Phi x$), e dizer “existe pelo menos um que não seja” ($Ex\sim\Phi x$)? Na verdade, podemos chamar o “todo x é função fálica” de Castração. Não estou dizendo que o teorema da castração seja esse pedacinho, e sim que é o lugar de indicação da castração. Posso chamar de castração porque, para Lacan, aí estão conjuminados o que é da ordem da diferença sexual e o que é da ordem do teorema da castração, como disse hoje no início. Isso é toda a psicanálise, toda a questão da psicanálise. Posso chamar de castração porque “todo x é função fálica” se funda na iminência, e mesmo na eminência, da haver castração. Que frase posso continuar depois de “existe pelo menos um...”? Por exemplo, “...que diz *não* à função fálica”, “...que não é a função fálica”, ou “...que escapa à castração”? Isto faz com que os outros ameaçados pela castração digam “todo x é função fálica”, ou seja, que há o universal do Homem, do masculino. Por isso, posso colocar ali a castração. Do outro lado ($\sim Ex\sim\Phi x$), colocarei a sexualidade infantil, no sentido em que Freud chamava de pré-edipiana, e mesmo em que apelidou de perversão polimorfa.

Temos, nem que seja por método, que pensar de dois modos aí: (a) o que há *de fato*, e (b) o que há *de direito*. Isto porque, nesse percurso, quero mostrar que há um erro aristotélico em Freud quando imputa necessariamente ao masculino o começo das coisas, o começo desse processo. Não que ele esteja errado, o erro é aristotélico. Suponho que seja porque tenta segurar as coisas dentro de um regime aristotélico. Ele diz o contrário de Aristóteles, mas imputa por via aristotélica. Então, se transformarmos tudo isso em narrativa freudiana, veremos que acontece no trauma da castração haver a suspeita da diferença sexual. Ele diz que, para a criança, há a suposição de que “todos têm” – pênis, por exemplo. Há uma suposição da não-diferença, e Freud tira daí que esta suposição exige logicamente como precedente e como garantia a

existência de “pelo menos um que não tenha”. Para garantir a suposição de que todos têm, se isto for uma suposição, é preciso já estar no jogo do diferente e suspeitar que pelo menos um não tenha. Então, ele está fazendo o jogo de suposição de um sujeito instalado.

Quero, ao contrário, supor que: **não existe na sexualidade infantil nenhuma suposição de que todos têm, e sim um não-comparecimento de nenhum que diga não de fato.** Quero dizer que, até para fazer a suposição de que todo homem é homem, preciso, nessa suposição, ter a suposição de que há pelo menos um que não tem (Lacan disse isto e está embutido em Freud do mesmo modo). É nessa hora da suspeita que a coisa se reverte, e no só-depois pode-se até fazer uma renegação dizendo: – “Não, todos têm”. Mas acontece que não é preciso para o infans, ou para a sexualidade infantil – digamos que “natural” –, nenhuma suposição de que todos tenham. Ou seja, havendo a suposição de que todos têm, necessariamente haverá no horizonte um que não tenha, mas, simplesmente, de fato, é como se jamais tivesse comparecido nada que fizesse suspeitar nenhuma diferença. Então, agora já no regime da escrita da formulação quântica – pois não posso ficar no fato, traumatizante ou não, de que não compareceu, e nem posso fazer teoria sobre isso, só posso escrever ou teorizar de dentro da sua posição e de dentro do comparecimento da diferença –, onde é o único lugar em que poderíamos escrever o que se passaria no fatual da sexualidade infantil quando não comparece nenhum que não tenha? Só poderíamos escrever em “não há nenhum que diga não” ($\sim Ex \sim \Phi x$). Não estou dizendo que a criança escreva, ou que se diga esta fórmula, e sim que só podemos escrever o que lá acontece de fato afirmando que, na sexualidade infantil, para nós que não estamos mergulhados inteiramente nela, não há nenhum que diga não. Então, o que Freud estava dizendo quando afirmava que, para a criança, todos têm, é porque não há quem diga não. Não é ainda o “existe pelo menos um que diz não e então todos temos”, é pré- traumático, é o tal do pré-edipiano, a sexualidade polimorfa, etc. Assim, por não comparecer nada que diga não, isto só se escreve no regime do saber como: “não existe nenhum que diga não à função fálica”, ou “...que não seja função fálica”, que ainda não existe. Até

poderíamos incluir esta palavra, “*ainda* não existe nenhum”, pois estamos no só-depois, no ao depois da coisa.

Então, na verdade, e de fato, a criança, em sua sexualidade infantil, começa num estatuto que só podemos escrever como o particular afirmativo de sua idiotia, de não se deparar com nada que barre e que limite ($\sim Ex \sim \Phi x$). É o particular afirmativo da idiotia do feminino, que não vai ficar numa idiotia completa, pois só tem as seguintes saídas. Ou, de cara, cai no não-todo da função fálica, quer dizer, a posição se amulhera, se afemina e portanto se torna aquilo que chamei de AUTO referente, pois não tem referência externa, só interna, de idiota para idiota. Quando, a partir de um particular afirmativo tão enlouquecido, sem nenhuma referência externa, a mulher aparece, já significa aí mesmo algo da ordem de uma castração diferente da masculina. É algo da ordem de saber que o particular afirmativo não funda uma totalidade, e, portanto, ele já difere. O feminino sozinho já difere. Ou, então, vai constituir um homem. Dizendo melhor, vai fazer o esforço de inventar o Homem, para não ser uma mulher. Isto porque não tem saída: ou vira uma mulher, ou inventa o Homem. Na verdade, vai re-inventar, pois encontra já inventado no campo do Outro alguma coisa que é da ordem do preceitual.

Quero dizer que mulheres são existentes, existem como particulares afirmativos. Elas se arrebanham, se ajuntam, sem fechar círculo, como não-totalização, mas existem: eu as tenho concretamente existentes. Mas existe um homem? O homem tem existência por via preceitual. É aí que está a invenção: uma invenção que vai inventar o homem e oferecer ao infans como preceito. Ser homem é ser assim com base na negação do particular, no particular negativo que está fora da patota dos homens ($Ex \sim \Phi x$). É uma invenção por quê? Porque é alguma coisa que vai ter que ser enunciada no movimento de passagem de Inconsciente a Pré-consciente. Já que existe um que é fora, dizer o que é um homem cai necessariamente no enunciado. É o que estou chamando de regime da invenção, e que, da vez anterior, disse que era passagem da enunciação para o enunciado.

A produção do enunciado vai entregar um preceito, o que é uma invenção, pois aí existe o homem com referência à enunciação, que está no regime da Lei, da externalidade. Mas no que cai de enunciação para enunciado, o homem já fica meio fracote, pois vira uma descrição, um dito, um enunciado preceitual. Ele se torna periclitante, sobretudo porque, do outro lado, há mulheres que dizem: “Não tem homem que diga *não!*” – e ele fica eternamente na tentativa de *inventar* o Homem. Depois que se toma por homem, ele vai se juntar aos supostos homens, aos supostos pertencentes ao time da função fálica, para re-inventar o Homem o tempo todo. Então, ele pode dizer que o homem existe. Ou seja, há o Homem – “todo x é função fálica” – só porque existe pelo menos um que não é. Mas cadê o existente, um homem? Ele só se considera como Todo, ou não comparece.

* * *

Por isso, disse que Philippe Sollers tem toda a razão: existentes, só mulheres. O homem é um preceito dignificado pelo ato de invenção. Ou seja, o homem é isso assim-assim, mas isso é uma invencionice. E aí é o homem no sentido da espécie, por exemplo. O que é o homem? Até segunda ordem, o que a ciência contemporânea diz – ou o que diz o português do bar da esquina, tanto faz – é preceitual do mesmo modo, é uma tentativa de limitar, por enquanto, um cinturão afirmando que “existe pelo menos um que está fora dessa”. Mas quem é esse pelo menos um que está fora? Aí é que é preciso pensar para podermos tentar situar onde fica a Lei. Se é no “existe pelo menos um que não”, se é para além da Lei do homem, ou se é entre homem e mulher.

Onde Freud comete o erro (um erro acertado, um erro de Aristóteles)? Ele supõe que existe o homem aristotélico ($Ex\Phi x$), por isso pode dizer que há um universal do homem ($Ax\Phi x$), que é sempre masculino. Mas, na verdade, a fundação, o começo das coisas se dá é em ($Ex\sim\Phi x$), e não em ($Ax\Phi x$). E agora, perguntando no regime do existente, da proposição de existência, quem é esse pelo menos um que diz *não* à função fálica, ou que não é função fálica,

ou que escapa à castração? É o pai? Não! Em alguns autores, e mesmo em Lacan, sente-se esta ambigüidade, fica equívoco. Se colocarmos esse aí como sendo o pai, teremos necessariamente que dizer que o pai é mulher. Isto porque o que temos ali é um argumento de existência: existe, encontrável, pelo menos um onde a função fálica está negada. E esse pelo menos um só pode ser uma mulher. Então, como prefiro não colocar o pai aí, suspeito que o processo seja circular e recursivo. Ou seja, para todo homem comparecer em seu universal, qual é a diferença que pinta? Voltemos à estorinha da criança. Ela não encontra a diferença, mas, de repente, se depara com a diferença. Como Freud descreve o deparar-se com a diferença, se não havia diferença? Ele diz que é como se todos tivessem pênis, mas, de repente, se deparam com a ausência de pênis. Mesmo a menininha, que pensava que tinha, se depara com o fato de que ela não tem: depara-se com o pelo menos um que exhibe a castração. E isto não é deparar-se com o existente feminino? O choque, o trauma, é que o sujeito, de repente, se depara com o existente feminino figurado, configurado como uma falta do pênis. Então, prefiro dizer que o que se inscreve em “existe pelo menos um que não é” é que apareceu uma mulher na história daqueles que supunham que não existia nenhum que não.

Então, existentes, só encontramos mulher. Homem, é uma referência discursiva, uma invenção, e, em última instância, uma convenção. É o que designei como ALO-referência. Ou seja, o homem começa pela ALO-referência para fundar a IPSO-referência. Ou os homens todos são função fálica na medida mesmo em que isso só se dá por convenção, na medida em que é um consenso a respeito de uma invenção: fica combinado que o homem é assim-assim. Mas as mulheres chegam e sacaneiam a convenção. Aí ele tem que inventar outra convenção. Por isso, os homens vivem fazendo congresso, convenção de executivos... Como as mulheres sacaneiam a convenção dos homens? Dizendo que isso é meramente simbólico, e que sua experiência corporal não é assim. É a avacalhagem do simbólico que as sustenta. Por isso, Lacan escreveu *Encore, Um Corpo*. As mulheres são anarquistas. O que elas querem? Que haja o Homem, como sua arquê – para elas poderem ser anarquistas com razão. Ou

seja, parece que é uma falta de simbolização, mas não é. Aí já são mulheres mesmo, já passaram pelo processo todo, e se lembram de que há um real que come as articulações do simbólico. Elas jogam (não o corpo imaginário, mas) o real do corpo contra o meramente simbólico. É o tal negócio: –“Vocês fazem convenções, falam no homem, etc., mas eu existo, tô aqui, não sou meramente simbólico”. A psicanálise precisa se lembrar disto, que o analisando é real, existe, é uma moça.

Na verdade, ser homem é não reconhecer a mulher dizendo que ela não existe, que ninguém pode reconhecê-la, ou é não reconhecê-la senão como homem castrado. Reconhecer mulher não passa pelo desejo, pois o desejo não reconhece nada, ele pega para matar e come, ele é ou não é. Ou seja, pela função supostamente masculina da positividade da libido não há reconhecimento, o que há é indicação de objeto. Os homens não correm atrás das mulheres, e sim atrás das coisas. Não há esse negócio de que homem gosta de mulher, ele gosta das coisas, e supostamente as mulheres têm. Ao menor engano, eles entram numa. Agora, reconhecer mulher, só outra reconhece. Por exemplo, Jacques Lacan. Eu, tenho essa fraqueza de sempre reconhecer as mulheres. Um homem só pode reconhecer uma mulher como um homem castrado. Por isso, nesse ponto, as feministas têm razão em dizer que o projeto machista é o de só reconhecer mulher como homem castrado. Este é o projeto convencional, o projeto da convenção masculina.

● *P – E quando denegam isto, abrem mão do principal mérito que seria só delas, enquanto mulheres. Elas se tornam homens, e já não podem reconhecer outras mulheres.*

O grande problema é que elas denegam a sua masculinidade, a delas.

* * *

O homem não reconhece outro homem porque é homem. Os homens só se reconhecem entre si pela letra da Lei, isto é, pela metáfora do Nome do Pai – o que é diferente da metáfora paterna (e é aí que quero chegar) – que

sintomatiza a sua posição. Quer dizer, é pelo convencional: se o homem é assim-assim, por isso, pode-se dizer que é homem. Pois se for direto à metáfora paterna, ele ainda vai ter dúvidas.

Disse isso tudo porque não quero colocar a Lei no “existe pelo menos um que não” ($Ex \sim \Phi x$). E, em ($\sim Ax \Phi x$), quero colocar a emergência pura e simples do furo do real projetando o feminino, que fora sexualidade infantil em ($\sim Ex \sim \Phi x$). O que é externo ao conjunto de todos os homens, é uma mulher.

Quero, então, reiterar que a LEI (com as três letras maiúsculas) é o que venho dizendo há tempo: é a LEI da diferença. Pinta necessariamente diferença entre homem e mulher, esta é a LEI. Ela vai se projetar sobre o “existe pelo menos um que não” como a emergência traumática de uma mulher, mas não é esta emergência que é a LEI. A LEI é que entre o Paratodo, entre ainda a não-emergência, ainda o não-aparecimento de um furo, e o aparecimento de um furo, entre essas duas coisas, terei possibilidade ou de fundar um Paratodo (Ax), ou de cair no Não-todo ($\sim Ax$). A LEI vige no meio. Quando Lacan diz que a Lei é inteiramente externa, que há uma existência inteiramente externa à Lei, temos vontade de dizer que isto está escrito no “existe pelo menos um que não” ($Ex \sim \Phi x$), mas esta é a escrita da emergência da diferença, mediante a emergência desse furo. É onde a LEI começa o processo de se apontar. Mas ela, a LEI, não está escrita aí em lugar algum. Ela está no intervalo entre o masculino e o feminino. É a pura LEI de diferença.

Encontramos muitos autores, e Lacan com suas ambigüidades permite um pouco isto, nos quais parece que não fica claro que, na configuração de que “existe pelo menos um que não”, emerge a questão da LEI, mas que não é aí que ela se inscreve. Aí se inscreve a emergência do trauma para a diferença. A LEI se inscreve, e depois que tudo isso está inscrito, ela se inscreve onde? *Entre* homem e mulher. Mas não é nenhuma fimbria, nenhum rasgo *entre*. É que, se existe pelo menos um que não, quer dizer, uma mulher, o resultado disto é que a existência de pelo menos uma mulher funda o homem, a existência do homem. No que alguém nega que a mulher seja castrada, funda a mulher. A existência de pelo menos uma mulher funda o Paratodo do homem, o universal.

A existência bruta de “pelo menos um que não” funda o Paratodo como diferente. Ao mesmo tempo que o Paratodo dos homens, referido ao “existe pelo menos um que não”, quando é negado pela própria existência da mulher, que não se sente castrada, que não se diz castrada, coloca a questão se não é do lado da mulher, ou de mulheres, que está escrito que “não existe nenhum que não”. Isto porque só quem está dentro da possibilidade do feminino, e na lembrança da sexualidade infantil, sabe que a castração não é mutilação, que é meramente simbólica. Dizem as mulheres: – “Eu também gozo, tenho um pau maior que o seu”. Quem tem o pau maior, o homem ou as mulheres? Esta é uma questão importante quando escutamos um analisando. Não estou falando da histérica, e sim de homens e mulheres. Não estou falando de anatomia, que é o destino do pau, mas que, para o homem, que está o tempo todo se medindo pelo metro-padrão, o tempo todo se referindo ao convencional, não há pau que chegue. Por maior que seja, o dele está sempre inferiorizado. No que as mulheres dizem que é meramente simbólico, o delas é sempre maior. É pequenininho, mas funciona: – “Você está com problemas de saber se o seu é maior, o meu é enorme, pega todo o corpo se puder”. Por isso, Tirésias foi explicar aos deuses que as mulheres gozam muito mais.

Então, vejam que o lugar geométrico, digamos, o lugar topológico desse Nome do Pai que quero escrever sobre o “existe pelo menos um que diz *não*” é inteiramente exorbitante à própria Lei. É lá onde se ama para além da Lei, da Lei dos homens e mulheres, etc. Se, por exemplo, tomarmos o desenho de Escher, *Mãos Desenhantes*, e fizermos a leitura das fórmulas como estou trabalhando hoje, vamos encontrar que as mulheres desenhavam os homens que desenhavam as mulheres... Então, na diferença sexual, as mulheres desenhavam os homens, que as desenhavam: as mulheres desenhavam o homem, que as desenhava. Quer dizer, é uma inter-referência, e só posso encontrar um lugar topológico para o Nome do Pai nessa inter-referência inter-referente, no exorbitado. O processo de metaforização do pai tem como referência essa coisa exorbitante, que, numa das leituras, posso re-metaforizar dizendo “existe pelo menos um que diz *não*”, ou seja, posso metaforizar nessa emergência como ameaça de

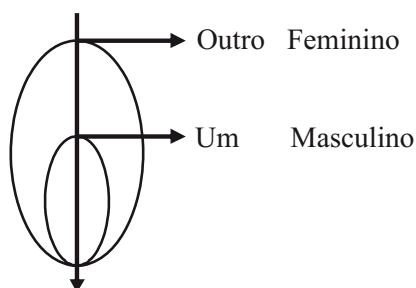
que, se tenho, pode ser cortado. Mas isto, ou é simplesmente um surgimento bruto de uma metáfora, ou é simplesmente a emergência do buraco. Até prefiro dizer que a metáfora paterna é só o re-conhecimento da inter-referência, o reconhecimento puro e simples da diferença, que ela não se nomeia, não se diz. Por isso, Lacan não diz que o Nome do Pai é tal. Ele diz simplesmente: Nome do Pai. O homem pergunta à mulher: – “Qual é o Nome do Pai?”, ela responde: – “Pois é, qual é?” O homem não é senão o saber absoluto, de Hegel, que fica tentando ser inventado. Se conseguisse ser o saber absoluto, de Hegel, ele diria o Nome do Pai dele. Ele só sabe que o pai tem um nome, e é nomeador. Mas qual é o nome? Não se diz. A metáfora paterna, portanto, vige *entre*. Ela é haver possibilidade de metáfora, e não tal metáfora.

Quero pedir a vocês para colocarem um ponto de interrogação em cada frase que eu disser, pois estou me perguntando sobre tudo isso. Poderíamos também colocar abruptamente uma metáfora paterna na possibilidade de uma convenção, mas não temos o Nome do Pai. Por que ele não é dizível? Porque só vigora na enunciação, e não pinta no enunciado. Quando pinta no enunciado, já é convenção. O sintoma não é o Nome do Pai, e sim sua metáfora, é uma re-metaforização, é a base convencional do sujeito. É a base do *imprinting* do sujeito.

Então, em relação às fórmulas quânticas, se puder ser dito que existe pelo menos um homem que é não-homem, ou que é castrado, ou que é mulher, a conseqüência é que todo homem é homem. Isto porque existe pelo menos um que não o é. E se dissermos que não existe nenhum homem que seja não-homem castrado, ou mulher, não-todo homem é homem. Mas podemos dizer também que existe pelo menos um homem que não é mulher. E se dissermos isto, teremos que dizer que todo homem é mulher. Quanto aos universais, se dissermos que não existe nenhum homem que não seja mulher, diremos que não-todo homem é mulher. Então, é a pouca homênia possível. Bom, isso aí é brincadeira, para ficarmos raciocinando.

* * *

Agora, para encerrar o raciocínio do início da seção de hoje, sobre a possibilidade de se pensar uma nosologia, tomei do livro publicado por um grupo de psicanalistas de Paris, um artigo de Alain Didier-Weill, que é uma pessoa que prezo, onde há um detalhezinho que ele arrumou para mim e que vou utilizar. Em seu artigo *La Passe de Freud* (tradução brasileira publicada em REVIRÃO: Revista da Prática Freudiana, n. 2, out. 1985, p. 34-44), na página 84, raciocinando entre “o um e o Outro”, diz ele que o que é da ordem da psicanálise é “*pas un sans l’Autre*”, não há um sem o Outro, em seguida diz que se pode pensar em “*e um e Outro*”, que é da ordem do discurso universitário; em “*ou um ou Outro*”, que é da histórica; e em “*nem um nem Outro*”, que seria do mestre. Vou utilizar esses discursos, mas, no regime da escuta, acho que podemos substituir perfeitamente os títulos justamente para situar o lugar do analista e a possibilidade de cura. Um e Outro, por enquanto, em cima do que estou dizendo hoje, podemos colocar como masculino e feminino. De preferência, costuma-se chamar o feminino de Outro, mas tanto faz, qualquer um serve para efeitos do raciocínio.



Desenhando um Revirão, quero perguntar como funciona a questão da castração nas fórmulas quânticas, e a questão de se abordar a casuística da prática freudiana em função da diferença sexual e da castração.

Há aqueles que, diante da diferença sexual, dizem: *nem um nem Outro*. Há várias maneiras de colocar isto. Eles podem dizer: não sou nem de um sexo, nem do outro. Ou: não estou interessado nem num sexo, nem no outro. Didier-

Weill diz que este é o discurso do senhor, o discurso do mestre. Quero dizer que é a *estrutura da perversão*, na medida em que o perverso não quer saber nem de um, nem de outro. Ele só se interessa pelo *a*, que não é nem um, nem Outro, é neutro. Ele só se interessa pela pedra filosofal, que é capaz de transformar o um no Outro, o Outro no um, merda em ouro, ou vice-versa, que é o desejo da filosofia. É como se ele não tivesse interesse, não lhe interessasse o negócio. O senhor não sabe, não quer saber. Interessa o “quero o meu, quero o gozo, o objeto mais-gozar!”, que transforma qualquer coisa em qualquer coisa. Estou equiparando aí o discurso do senhor com uma posição perversa. Não estou dizendo que o mestre seja o perverso, ou que tal mestre seja perverso, e sim que a estrutura do discurso do senhor é o núcleo da estrutura perversa.

Ou um ou Outro – este é o discurso da histérica. Não precisamos discutir, pois é histeria mesmo. O que a histérica pensa é que, se puder separar definitivamente um do Outro, bem sabendo um e Outro, ela poderá realizar a relação sexual entre um e Outro. Eu sou um, e então não sou Outro – se souber isto com clareza, ainda posso fazer uma relação sexual. Quer dizer, a histérica fica na produção do saber, que não é senão isto que fiquei fazendo esse tempo todo aqui hoje: querer distinguir um de Outro. Só não fui inteiramente histérica, porque nem Lacan foi, nem Freud: fizeram a equivocação de um dependendo do Outro. Na produção da teoria, isso fica se distinguindo. A produção teórica é que é histérica, mas a postura não, porque é equivocante. Então, ao escutar a histérica, é preciso sempre lembrar-lhe do que está no discurso da psicanálise: não há um sem o Outro.

O trabalho psicanalítico é, o tempo todo, fazer reconhecer o Revirão, o qual não é dizer ou um ou Outro, ou nem um nem Outro, nem tampouco a questão do discurso que ele chama de universitário e que, neste caso, posso chamar de obsessivo, que é: *e um e Outro*. O obsessivo é completamente diferente da histérica no caso da diferença sexual, pois ele quer que haja um e Outro ao mesmo tempo. Ele faz um esforço desvairado para juntar um e Outro. Não é feito o mestre, que não quer saber de nada, o obsessivo quer saber dos dois, mas quer juntá-los num só. A histérica quer separar com nitidez, mas o

obsessivo, quando está num, corre para o outro, quando está noutro, corre para o um. Ou seja, quer que haja um e Outro ao mesmo tempo. Ele imita o senhor, o mestre, pensando que o “nem um nem Outro”, do mestre, é o somatório de um e Outro. É isto que Freud quer dizer quando afirma que o neurótico tem inveja do perverso. A histérica não deixa de ter inveja também, pois quer saber nitidamente um e Outro para poder acoplar o que ela pensa que é o que o mestre faz. O mestre tem a relação sexual de dois, pensa ela, porque conhece muito bem um e outro, separados. Já o obsessivo tem a relação sexual porque não consegue juntar os dois ao mesmo momento. O mestre está pouco se incomodando com a relação sexual, ele só quer o mais-gozar.

- P – *O obsessivo seria o sonho do andrógino por excelência?*

O que a histérica também não deixa de fazer, pois quer saber muito bem para produzi-lo. O obsessivo parte dele: tem que ser um. No que ele pensa que um e outro ao mesmo tempo são o somatório de um e outro em *a*, aí é que surge o desejo da universidade, que é diferente do desejo da histérica, que, esta, tem o desejo da ciência. O desejo da universidade supõe realizar a relação sexual pela conjugação de opostos. A universidade é a rainha da *coincidentia oppositorum* de todos os saberes, é pluralista, interdisciplinar.

- P – *Neste sentido, o perverso também tem a ver com o andrógino, pois está querendo logo pegar um objeto para oferecer a esse andrógino.*

Mas ele não está interessado na diferença. Ele já toma o neutro e pronto. Ele sabe por onde se goza, ele sabe que, na hora do gozo, só se goza no meio.

- P – *Mas o gozo que ele supõe é do andrógino.*

O gozo é o andrógino. Não existe outro.

- P – *Voltando à questão do obsessivo, ele sempre repete uma certa estratégia de disfarce de castração. Para ser homem, supõe imitar um homem instalado. Para ser mestre, reduz e supõe imitar um saber instalado, só que, ao invés de suportar o a como mais-gozar, lê isso pela adição e vai querer fundar uma totalidade. Daí a perspectiva da universidade: querer $a+b$. Ele é incapaz de suspender.*

A questão do discurso psicanalítico é sustentar o tempo todo que *não há um sem Outro*. É o que disse da inter-referência, do giro constante. Se homem, então há mulher; se mulher, então há homem. Isto não significa de modo algum aquilo que a histérica quer, que é colocar o sujeito no lugar: é homem, seja homem; é mulher, seja mulher. Aí não é “se um, então Outro”. Se não há um sem Outro, a passagem é livre, mas nunca vai-se poder distinguir nitidamente um do Outro, caso da histérica, nem juntar os dois ao mesmo tempo, caso do obsessivo. Trata-se de reconhecer o Revirão: se um, então Outro; se Outro, então um. É possível *passar* de um a Outro, e vice-versa, sem jamais estacionar no ponto *a*, nem separá-los definitivamente, ou soldá-los num só. Só é possível passar, e isto não deixa de ter a ver com o passe.

Quero, então dizer que, e aí já me referindo a outro artigo desse mesmo volume, de Moscovici, na reta que coloquei no desenho separando os dois sexos, é onde eu colocaria o lugar da vigência da LEI, e também o lugar de tentativa de vigência do analista. O analista é congruente com a LEI, e nesse interstício aí é onde se poderia colocar sua posição.

* * *

Segundo o que vimos até aqui, poderíamos dizer que as mulheres têm pouco a perder e que elas se arriscam muito mais. Por isso, Lacan disse que as mulheres são muito mais homens do que os homens. Isto porque estar no regime do Homem, no sentido espécie, é mais perto do “não existe nenhum que diga *não*” ($\sim Ex \sim \Phi x$), originariamente na infância e, depois das formulações reescritas, no risco total de se existir ($\sim Ax \Phi x$) como ser humano. Elas têm pouco a perder porque supostamente já se depararam com a perda. O que o homem faz para construir o grande processo de sustentação de sua convenção é evitar a perda. E nisto, ele se homossexualiza. Quando Freud diz que a fundação masculina é estritamente homossexual, é no sentido em que um homem não reconhece mulher senão como um homem castrado, e também no sentido de que ele tem tudo a perder. Ou seja, se a convenção totaliza, segura tudo, ele

tem tudo a perder se sair de dentro dela. Então, só inter-pares é que ele pode tratar da questão de ter tudo a perder.

O analista tem nada a perder. Ele está lá para perder nada, para perder constantemente o *a*. O analista tem nada a colocar em perda. Isso tem a ver com a questão do passe, pois não é possível chegar ao lugar do analista sem retomar a sexualidade infantil. Não estou falando em virar criança. Nietzsche dizia “*noch Kind werden*”, voltar-se, retornar à criança, e muitos poetas também dizem isto. O que Moscovici quer dizer é que a posição do analista é a posição da sexualidade infantil e é o feminino. Eu não diria isto, e sim que o feminino rememora a sexualidade infantil, e que o masculino evita rememorar por medo da castração. Diria também que o analista, em seu processo de cura, tem que retomar a sexualidade infantil no que tem que passar à vontade do masculino ao feminino. Faz parte do passe saber passar por aí. Digo mais, que a posição do analista não é da sexualidade infantil, e sim que, no que é retomada a sexualidade infantil, ele pode se posturar à vontade entre masculino e feminino. Posturar-se *entre* não é, como faz o mestre, pensar que fica no lugar de *a*. É, sim, ter livre trânsito entre as duas posições sexuais. Ou seja, toda vez que bate masculino ($Ax\Phi x$), ele escuta feminino; bateu feminino ($\sim Ax\Phi x$), ele escuta masculino. Ele vive no Revirão. Por isso, vive na equivocação, e por isso posso pensar toda a clínica a partir da diferença sexual e da castração.

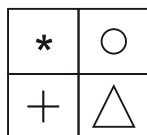
13/JUN

4

OS QUATRO DISCURSOS: GRUPO QUADRADO E CURVAS CÔNICAS

Vou, hoje, quebrar a seqüência deste Seminário, iniciada em março. Farei um parêntese para tratar não de achados ou pontos terminais, mas de algumas considerações e perguntas a respeito dos Quatro Discursos.

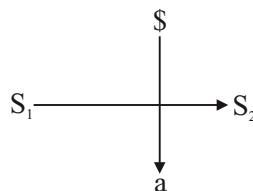
Em 81, fizemos um Mutirão, no qual, acompanhando o movimento da rotação sobre a banda de Moebius, tive a audácia de sugerir o avesso dos Discursos. Isto é algo que já encucou muito as pessoas, uma série de publicações foi produzida a respeito, etc. Naquela ocasião, parti da suposição – não por nenhuma declaração sua, pois nunca encontrei isto em lugar algum – de que Lacan tivera montado o aparelho dos Quatro Discursos sobre o que a matemática chama de *grupo quadrado*. Ou seja, sobre um quadrado escrevem-se quatro elementos, um em cada região, estabelecendo assim suas possibilidades de posição. Partindo da posição que está aí abaixo, se fizer um giro de noventa graus para direita, o asterisco, a circunferência, o triângulo e a cruz mudarão de lugar:



Ao girar, tenho quatro possibilidades de posição, e não mais. Ou seja, se escrever os elementos dos Quatro Discursos sobre os quatro lugares do quadrado,

só há quatro possibilidades – fora as quatro do avesso, que Lacan nunca escreveu. Do grupo quadrado, ele só escreveu as quatro posições dianteiras, digamos. Então, baseado em que a rotação dos elementos sobre os lugares é compatível com o grupo quadrado da matemática, e fazendo a suposição de que Lacan tivera escrito os matemas fazendo a rotação do grupo quadrado, posso considerar os avessos dessas posições, que coincidem muito bem com os matemas deslizando em rotação sobre uma banda de Moebius. Escrevi o que suponho serem os avessos dos Discursos, em seqüência, compatíveis com os versos e, a meu ver, compatíveis também com certas indicações de Lacan, aqui e ali, quanto aos discursos do capitalista e da ciência, que ele citou e não escreveu, e com o posicionamento das setas que ele escreve sobre os discursos. Naquela ocasião, chamei de Discurso do Zen o avesso do Discurso do Mestre; de Discurso da Iniciação, o avesso do Discurso da Universidade; de Discurso da Ciência, o avesso do Discurso da Psicanálise; e de Discurso do Capitalista, o avesso do Discurso da Histórica, mas com pequena mutação do Discurso do Mestre.

Hoje, gostaria de recolocar perguntas para pensarmos. Lacan intitulou seu seminário (1969-70) sobre os matemas do discurso, dos quatro que escreveu, de *L'Envers de la Psychanalyse* (O Averso da Psicanálise), o que fez algumas pessoas pensarem que estava chamando o Discurso do Mestre de avesso do Discurso da Psicanálise. Não era isto de modo algum, como ele mesmo disse em outro seminário. Segundo a minha posição, se for aceitável, justamente o avesso do Discurso da Psicanálise é o Discurso da Ciência. Mas, nesse seminário, Lacan justifica muito bem a escolha da rotação dos elementos sobre os lugares. São elementos, digamos, fundamentais na posturação de qualquer falante: a posição de sujeito (\$) entre significante (S_1) e significante (S_2), e um resto de perda como objeto a (a):



Lacan arruma esses elementos fundamentais de cada falante em lugares, que, como sabem, chamou de *agente*; *outro*, que só pode ser o outro do agente; *produção*; e *verdade*:

$$\begin{array}{ccc} \text{agente} & \longleftarrow & \text{outro} \\ \hline \text{verdade} & \nwarrow & \text{produção} \end{array}$$

* * *

Tenho que contar uma estorinha para entrar onde gostaria de tecer algumas considerações. Tudo que é estabelecido por Lacan como matema do discurso é feito sobre a experiência analítica, sobre esses elementos grâmicos, com as letras que adicionou ao campo da psicanálise, mas isto não é sem tradição. Em algum lugar, nem que seja na modernidade da teoria dos conjuntos, deve-se embutir o grupo quadrado. Até suspeito que sejam coisas mais antigas, pois o número 4 é muito recorrente na história das ciências, das religiões, etc. Ocorre também que eu estava em Paris e tinha saído um número inteiro da revista da Escola Freudiana de Paris, *Lettres de L'École Freudienne*, dedicado exclusivamente a uma *Journée des Mathèmes*, Jornada dos Matemas, que havia sido realizada. O que lemos na revista são artigos inteiramente delirantes a respeito dos matemas dos discursos. Como achei aquilo tudo muito esquisito, barafustante, resolvi delirar também. Comecei a refletir, e como certo cavalheiro, que era diretor da revista *Ornicar?*, e ainda é, me havia encomendado um artigo, escrevi um texto muito cheio de humor, e muito indecído ainda. O artigo, que fingia ser escrito em francês, se intitulava *Des comiques sur le chifre qu'orne Icare?* Observem que a palavra *chifre* está escrita em português porque (em francês é com dois ff). Ou seja, *Cômicas sobre o chifre* – para nós; sobre a *cifra*, para eles – *que orna Ícaro* (que é de onde vem o nome da revista *Ornicar?*). O que orna Ícaro são as asas, mas botei um chifre em Ícaro porque era um chifre matemático. Não vou lhes mostrar o artigo, e sim fazer considerações sobre algo que lá está. Mas o rapaz, o tal diretor da revista,

achou o artigo um absurdo, uma coisa esquisitíssima. Fiquei tão perplexo que o dei de presente a Lacan e fiquei insistindo com ele sobre sua leitura. Até que um dia ele me disse: *C'est brillant* – é brilhante. Como eu era analisando dele, isto quer dizer que pode ser um brilhante ou uma merda. Como não é qualquer um que sabe fazer merda, já é alguma coisa...

O que eu dizia no artigo é, mais ou menos, que se fica muito perdido a respeito da questão dos matemas dos discursos, e mesmo com qualquer matema da psicanálise, em função da experiência analítica e da prática teórica que é preciso ter para entender, mas que eu suspeitava que essas coisas não surgem de graça. Não está dito assim no artigo, mas Lacan é alguém que fez uma leitura de Freud como um cartesiano, alguém de tradição francesa. É claro que ele faz a crítica do sujeito cartesiano, uma vez que lê em Freud um sujeito mais apresentável, mais adiante do que o de Descartes, mas sua postura, sua tradição de saber é francesa e eminentemente cartesiana. Nem se pode dizer que ele joga Descartes no lixo, muito pelo contrário, até dá um *status* novo a seu pensamento. Então, nessa ocasião, eu me reportava à geometria já sabida até o século XIX, à geometria corriqueira – a qual, aliás, foi um grande acontecimento na história do simbólico, um golpe de significante novo, que proliferou e tem uma consistência muito respeitável –, e fiz a proposta de que se poderia pensar em alguma região da geometria cartesiana onde pudéssemos comparativamente tecer alguma correspondência com os discursos. Naquele momento, eu ainda não tinha conseguido escrever os quatro outros discursos como avessos e fazia uma brincadeira musical, como a sugerir que houvesse mais discursos.

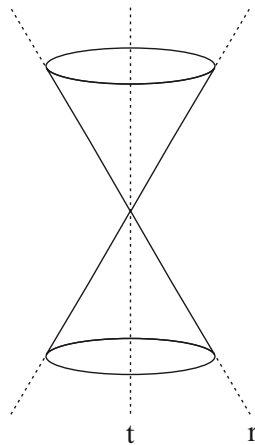
Então, tomando emprestado da geometria cartesiana, quero considerar que os discursos possíveis possam construir superfícies regradadas, legisladas, que, nem que seja didaticamente, nos dão certo aparelho de observação, o qual vai criar problemas interessantes em relação aos matemas. Vocês certamente já ouviram falar da existência das superfícies quádricas, que são a resultante de movimentos de rotação no espaço de certas curvas regradadas. Estas curvas são as mais regradadas, matemizadas e equacionadas tanto no pensamento euclidiano fundamental, quanto também formulizadas com precisão na geometria

analítica de René Descartes. São as chamadas curvas cônicas, que, propriamente falando, são três: a elipse, a parábola e a hipérbole, sendo que se considera também como resultante de secção cônica, bem como um caso especialíssimo da elipse, a curva chamada circunferência. Estas curvas em rotação sobre seus eixos no espaço constroem as superfícies chamadas quádricas. A circunferência, por exemplo, em rotação em torno do seu diâmetro, descreve uma esfera, que, dada a simplicidade de sua construção e de sua formulação especial tanto no campo da trigonometria como no da geometria analítica, não tem a complexidade das outras três. A elipse, que é regada por certa lei, em rotação produz o elipsóide, aquela forma que parece um ovo. A parábola em rotação gera o parabolóide, que hoje em dia é uma curva muito usada nos meios de comunicação, na televisão, nos satélites, nas antenas parabólicas de captação de sinais. E o hiperbolóide de revolução, com suas duas folhas, que é gerado pela rotação de uma hipérbole.

A comparação que eu fazia, então, era supor que os discursos, para introduzi-los no campo cartesiano, regado, fossem compatíveis com essas quádricas: quatro discursos e quatro quádricas. Se existem as quádricas, produzidas por rotação das cônicas, o importante então era aplicar a lei de construção das cônicas para pensar se elas seriam mais ou menos compatíveis com algum discurso. Então, as cônicas são as curvas planas, no caso, curvas euclidianas reguladas pela geometria analítica de René Descartes, com certas modulações, e que são definíveis analiticamente pela funcionalidade de seu movimento. Ou seja, que possamos determinar cada ponto da curva por uma lei constante: cada ponto tem uma lei de surgimento. No caso do pensamento cartesiano, é o que Descartes chamava de lugar geométrico. Na geometria analítica, ele determinava os elementos da geometria de Euclides sobre uma superfície, que era remetida a eixos retangulares e que tinham uma lei de composição do surgimento de cada ponto de sua construção. Se, por exemplo, tenho uma circunferência, cada ponto da construção da circunferência é regulado por uma lei, que, no caso, é: cada um dos pontos é equidistante de um ponto fixo (chamado centro da circunferência) sobre o plano. Ou seja, todos os pontos

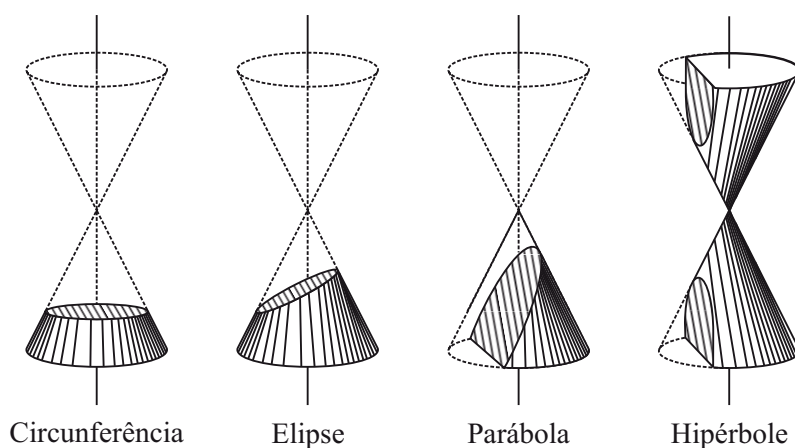
têm como lei de composição que são equidistantes, numa quantidade x , daquele ponto central.

Então, como essas curvas são chamadas de cônicas – *coniques*, em francês –, fiz a brincadeira no título do artigo chamando de *comiques*, isto é, cômicas. É uma brincadeira sobre os discursos, que são cômicos porque incompletos e capengas. E falei *sur le chifre*, sobre o chifre, *qu'orne Ícaro*, que orna Ícaro, porque uma das maneiras de se conseguir essas curvas planas é aplicar secções sobre um cone. Como sabem, o cone é uma superfície de terceira dimensão gerada pela rotação de uma reta qualquer que faz um ângulo qualquer com outra reta. Tenho uma reta r e outra t , se tomar a reta t como eixo e girar r em torno, vai-se criar o cone. E como há um ponto de interseção das duas retas, na giratória o cone fabrica duas folhas, uma para baixo e outra para cima, aqui no caso. Por isso, chamei de chifre: as cônicas sobre o chifre do cone que enfeita Ícaro em seus vôos discursivos.



O importante do cone regular – o cone euclidiano, caretão – é que, quando é cortado, atravessado por superfícies planas – e a superfície plana é outra superfície completamente careta, regradada na geometria euclidiana –,

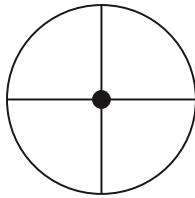
dependendo do modo como é cortado, produz, na interseção, quatro curvas. Como sabem, o cone não tem miolo, é uma superfície, é a casquinha de sorvete (sem o sorvete). Então, há quatro possibilidades de cortar um cone com superfícies planas, nem mais nem menos do que quatro. Dependendo do modo de cortar, teremos uma circunferência, uma elipse, uma parábola ou uma hipérbole:



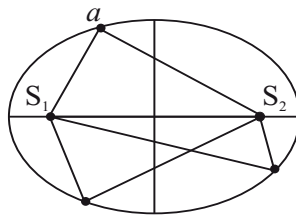
A geratriz é a reta que girou em torno do eixo para formar o cone. Às sucessivas posições da geratriz no espaço, a elas se repetindo a si mesmas, chamamos de geratrizes. Então, primeiro caso, se o cone for cortado por um plano perpendicular ao eixo de rotação, plano este que corta todas as geratrizes, ou seja, fazendo 90° com o eixo, dará uma *circunferência*. Segundo caso, se o plano cortar todas as geratrizes, mas não perpendicularmente ao eixo, o corte será uma *elipse*. Tanto é que fica difícil dizer que a circunferência é uma curva cônica, pois ela é um caso especial da elipse. Terceiro caso, se o plano cortar uma folha do cone e for paralelo a uma das geratrizes, dá uma *parábola*. Quarto caso, se o plano cortar o cone de modo que não pegue todas as geratrizes, nem seja paralelo à geratriz, necessariamente cortará também a outra folha do cone e criará uma *hipérbole*. Observem que cada corte regra definitivamente a curva resultante. Ela tem uma lei absolutamente particular,

diferente das outras, apenas não no caso da circunferência, que, por construção, é um caso particular da elipse. Quero perguntar, então, quais são as leis cartesianas de composição dessas figuras para ver se podemos supor uma correlação entre os Quatro Discursos e as curvas.

A lei que define a circunferência é: lugar geométrico de todos os pontos de um plano que equidistam de um *quantum* x de um ponto fixo desse plano, o que é correspondente ao corte do cone por um plano perpendicular ao eixo.

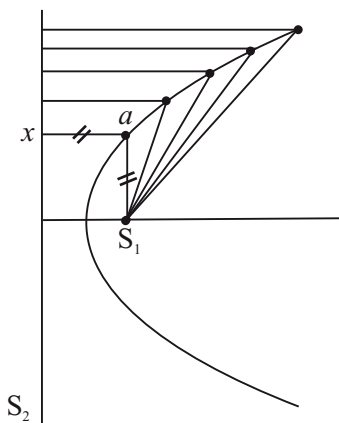


Lei da elipse: lugar geométrico de todos os pontos de um plano que equidistem, por somatório, de dois pontos fixos, chamados focos, desse plano. Foi daí que Kepler inventou seu jeito de movimentação dos planetas. Antes dele, pensava-se que giravam em círculo, mas ele demonstra que a terra gira numa elipse, da qual o sol seria um dos focos.



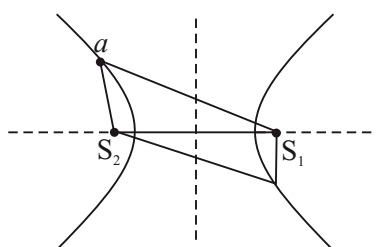
Então este pontinho, se nomeasse aqui S_1 , S_2 , a , teria que $S_1 a + S_2 a$ é uma quantia constante de qualquer ponto; qualquer ponto tem esta constância, sendo que ainda se acresce que esta constante é igual ao eixo maior. Então, se eu pegar uma folha de papel, marcar uma constante, dois pontos, procurar todos os pontos que, por somatório, equidistem desses pontos, traço uma elipse.

Lei da parábola: lugar geométrico de todos os pontos de um plano, que equidistam ao mesmo tempo de um ponto fixo, chamemos de S_1 , e de uma reta fixa.



Ou seja, se eu tivesse aqui um ponto chamado x ; $a S_1$ é igual a $a x$; sendo que x é uma situação ocasional da reta S_2 . O ponto x ali, $a x$ ou $a S_1$, é uma situação ocasional, quer dizer, modificando o ponto, ela vai mudar de posição aqui, da reta S_2 .

Lei da hipérbole (onde acontece o mesmo que na elipse, só que por diferença): lugar geométrico de todos os pontos de um plano que equidistam, por diferença, de dois pontos fixos desse plano.



Eu tenho aqui também S_1 e S_2 ; qualquer ponto a se eu tiver $S_1 a - S_2 a$, constante, essa diferença, eu construo uma hipérbole. Vocês estão estranhando

porque vai dar um azinho para lá e um azinho para cá; o ponto se repete com a mesma dimensão. Assim como também na elipse: se tem esse, tem também o simétrico, que é igual em quantidade. Aliás aqui tem quatro; quatro pontos simétricos em relação ao eixo.

* * *

Vejamos agora a suposição que faço, assim de brincadeira, para, quem sabe?, regular um pouco a questão dos discursos em cima de uma geometria mais caretona. Há congruência entre: Discurso do Mestre e circunferência, ou seja, esfera; Discurso da Histórica e elipse, ou seja, elipsóide; Discurso do Analista e parábola, ou seja, parabolóide; Discurso do Universitário, ou obsessivo, e hipérbole, ou seja, hiperbolóide.

Será que combinam? Acho meio congruente, meio parecido. Observem que, no seminário *L'Envers de la Psychanalyse*, Lacan começa citando Hegel, constitui o Discurso do Senhor, ou seja, o discurso do escravo, sobre o aparelho hegeliano, e diz que este seria o discurso básico do qual se tirariam os outros. Deixemos este de lado por enquanto e comecemos pelo Discurso da Histórica, cuja superfície de habitação seria a quádrica chamada elipsóide. Como esse elipsóide é produzido pela elipse, vamos entender a elipse.

Para entender a conquista de qualquer lugar na superfície, vamos colocar este lugar como objeto a . Talvez as letrinhas pudessem dançar ali em cima, dependendo do ponto que se queira determinar. Se determinar o foco, o a pode passar para lá... Digamos que é como se, na determinação de um objeto, a histórica ficasse partida entre a referência à sua marca e a referência ao S_2 como um saber regionalizado, marca de um outro, tendo sempre que percorrer o somatório das distâncias desse objeto a esses dois lugares. Dizendo de outro modo, é o jogo do neurótico – da histórica, no caso –, no qual, ao que lhe seja situado, ela fica de olho no outro. E, para determinar seu lugar, para ver se o objeto lhe serve, se lhe interessa, ela teria que percorrer a distância do objeto

somada à distância do objeto ao outro. É a questão do rebatimento imaginário, uma questão especular, que, no caso da elipse, eu calcularia como uma tentativa de somatório – e tudo isso num campo fechado sobre si mesmo, em que, para cada ponto do discurso da histérica ser determinado, há que dar conta de que ela faz uma referência à sua própria fundação sintomática e ao que ela espelha de fundação sintomática no outro. Observem que o outro aí, Lacan não escreveu A ou A barrado, e sim S_2 . É, pois, um saber naquele momento localizado nos discursos, e não um A aberto.

O obsessivo, se é que o universitário o é, faria o mesmo que a histérica. Ele está sempre de olho no outro, numa certa localização precisa do outro como ponto fixado, para ter que produzir-se dividido em duas folhas – ele não se dá nem à simplicidade da histérica de ficar mais ou menos em sua histeria –, e duas folhas que crescem infinitamente para os dois lados. A elipse não cresce infinitamente, é uma curva fechada, tem tamanho, tudo definido, é um sintomão que pode ser convertido. Já o obsessivo fica infinitamente produzindo pontos para os dois lados, e sempre tendo que fazer referência ao outro. Quando seu discurso se produz, ele tem que pensar na sintomática de sua fundação e no que supõe ser a sintomática do outro para, estabelecendo uma diferença, no sentido de subtração, conseguir situar esses pontos. Vejam que isto se parece com a dubitação obsessiva infinita, e para os dois lados ao mesmo tempo.

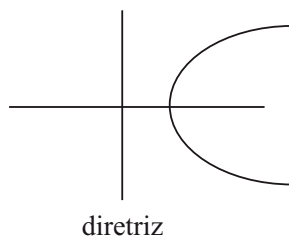
Para o caso do Senhor, do Mestre – se não da perversão em sua fundação (designação precisa de um objeto), queiram vocês polimorfa ou não –, basta percebermos que a circunferência é uma elipse que conseguiu ajuntar seus focos num só, no centro. Diz Luiz XIV que “*L’État, c’est moi*”, ou seja, que o Outro sou eu, que eu sou o Outro e está encerrado o papo. De repente, eu sou eu; de repente, eu sou o Outro. Ou seja, quando eu sou eu, o Outro é eu; quando eu sou o Outro, eu é o Outro. Assim, dada a distância do Senhor à curva de seu discurso, é sempre fácil, pois é uma constante, está sempre ali, é a esfera que gira em torno disso, do Estado que sou eu. Nas ciências, esse discurso é um pouco mais antigo do que os outros. Lembrem-se de que a astronomia aceitável pela Igreja é desse

tipo, com um centro único. Só faltava um papão daqueles dizer: “Jesus Cristo *c’est moi*”. Ou, para fazer barato, Pedro dizer: “Pedro sou eu”.

E por que poderíamos escrever o Discurso do Analista na parábola? Como vimos, um discurso de mestria formaria um cinturão fechado, equidistante, perfeito, em torno de um centro só. A histérica tenta ser um mestre, não consegue, então, faz uma curva fechada em torno de dois centros, mas, como diz Lacan, *ça tombe*, isso fica caindo. O obsessivo, por sua vez, faz uma curva infinitamente aberta. Mas por que uma curva, para ser aberta, precisa ser tão obsessiva, ter dois ramos? Bastava só ser aberta. Demarcar oscilatoriamente seus pontos em duas folhas é esquecer que o infinito já é infinito por si mesmo, que não é preciso ficar com os dois lados. Pensem que uma reta infinita acaba dando a volta e começando de novo. Não é preciso começar a reta para cá e para lá para se encontrarem. É só deixar dar a volta que ela dá em algum lugar: ou começa de novo ou vai ao infinito. Fica óbvio aí que o obsessivo não é uma histérica. Podemos até dizer que o mestre é uma histérica que se comporta sobre si mesma, ou que a histérica é um mestre que fica na dúvida entre si mesmo e o outro, mas o obsessivo simplesmente reconhece a infinitude e pensa que vai capturá-la traçando os pontos para os dois lados. Não foi à toa que Lacan andou lá no Descartes...

Repetindo, por que escrever o Analista como parabolóide? Primeiro, porque é uma curva aberta, mas não obsessiva: contenta-se em só ser infinita, não precisa ser duas vezes infinita. A determinação de seus pontos depende da referência a um ponto fixo – à fundação sintomática do sujeito em questão, S_1 , digamos – e a uma reta que funciona como alteridade mesmo, porque tem infinitos pontos. É como se dissesse que minha distância em relação ao que ouço de S_2 equivale à minha distância em relação ao outro não demarcado senão como uma infinitude de pontos, como uma reta, etc. Ao mesmo tempo que, agora saindo da geometria, do ponto de vista da física, a curva que se produz no campo da balística quando se quer calcular a trajetória da bala para que o tiro atinja o alvo é a parábola. Então, quando se quer capturar o que quer

que venha do Outro, solto por aí, é a parábola que capta. Daí o parabolóide, a antena parabólica. Os espelhos parabólicos, que são esses usados nos faróis dos carros, funcionam bem porque uma lâmpada acesa no foco da parábola fará todos os raios luminosos baterem no espelho, saírem paralelos e irem para o infinito. E, se vão para o infinito, em algum lugar atingirão alguma coisa que esteja em seu campo de ação. Assim como escutam tudo que venha do infinito também levando para o foco. No caso de o analisando ser o S_1 , tudo que vem do infinito, que corresponde ao Outro, paralelamente converge. Ou seja, a alteridade pinta como alteridade pura. Então, na determinação de um ponto, se tomar matematicamente e dividir por 2, terei: 2, 2, 2 e 1, o que significa que, pelo menos para cada ponto, tenho uma situação no infinito. Situação esta no infinito que corresponde à reta de referência, que é a chamada diretriz.



* * *

Acho, portanto, que, mesmo se resolvermos ser cartesianos, dá para tentar arrumar os discursos do modo que coloquei acima. Mas surge um senão. Se tomar o grupo quadrado sobre o qual suponho Lacan ter organizado os matemas, posso girar infinitamente os elementos sobre os lugares. O Mestre dá um giro de 90 graus, cai na Histórica; outro giro, cai-se no Analista; um novo giro, sempre de um lado só, cai-se no Universitário; mais 90 graus, recai-se no Mestre, e por aí vai. Então, desde aquela ocasião, em 1977, fiquei embananado com isso. Será que o grupo quadrado representa bem os discursos? Queira ou não, tenha Lacan feito ou não referência ao grupo quadrado, os discursos

funcionam dentro do grupo quadrado. Ele só não escreveu os avessos, mas sugeriu que existiriam. Dadas outras dicas de Lacan, devo considerar ou não efetivo o grupo quadrado? Coloco esta questão porque Lacan diz que a simples mudança de discurso já passa pelo Discurso Analítico. Ou seja, se supostamente estou no Discurso do Mestre e passar ao da Histórica, já houve aí intervenção do Discurso Analítico – e isto não funciona no grupo quadrado.

Como lhes disse no início, hoje não vim trazer respostas, e sim problemas. Então, repetindo, no grupo quadrado, o percurso é sair do Mestre, ir à Histórica, ao Analista, ao Universitário, ao Mestre de novo... Mas se houvesse uma escrita correspondente ao que disse Lacan, deveríamos sair do Mestre e passar para o Analista; do Analista passar para a Histórica; da Histórica passar para o Analista; do Analista passar para o Universitário; do Universitário passar ao Analista – mas não funciona assim no grupo quadrado. Mas há algo que funciona nas cônicas. Se pusermos de lado o Discurso do Mestre como caso particular do Discurso da Histórica, passa. O Analista estará sempre no centro.

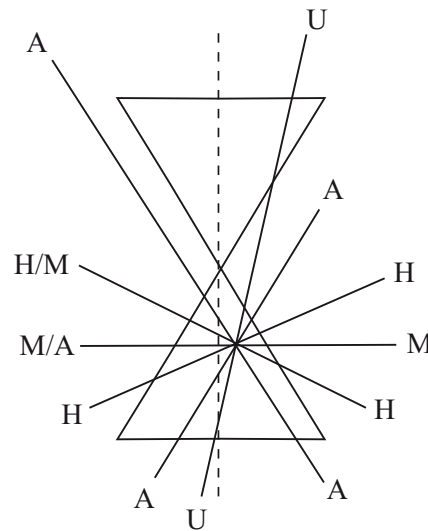
Coloquemos a seqüência que está no grupo quadrado:

M H A U M H A U

Diz Lacan que há passagem pelo Discurso do Analista. Se houvesse, seria:

M A H A U A M A

Agora, tomemos a rotação de um único plano secante por um único ponto. Notem que, por artifício, não passei os planos por qualquer lugar. Escolhi um ponto do cone e passei os planos girando em torno deste ponto. Ou seja, para poder me regular, passei por um mesmo ponto único todos os planos secantes, produtores das quatro curvas cônicas.

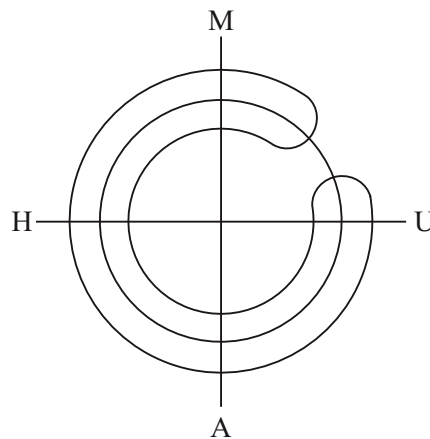


Vamos fazer isso girar constantemente. Necessariamente, se sair da posição Mestre, que é perpendicular ao eixo, basta me deslocar um milionésimo de grau, já virou Histórica. Ou seja, se a circunferência só acontece na perpendicularidade, depois só vem elipse, a qual se desloca em muitas posições até que o plano se torne paralelo à geratriz, e aí entra o discurso do Analista. E, para o caso de um plano passando por aquele eixo, há somente um e apenas um caso como postura de Analista. Se continuar girando, bastou deslocar um pouquinho para a frente, já vai pegar em cima a outra folha, e necessariamente será hipérbole, caso do Obsessivo. Continuando o giro, a próxima posição será parábola, Analista. Isto, numa única posição. Saiu dela, imediatamente vira Histórica. Se continuar girando e voltar à posição de perpendicularidade, é o Mestre... Vamos escrever assim:

$$M \ H \ \boxed{A \ U \ A} \ \boxed{H \ M \ H} \ A \ U$$

Como disse, estou considerando a circunferência como completamente diversa do resto. Observem que todo Universitário está cercado por dois

Analistas, e o Mestre por duas Históricas... Estou procurando ali a passagem necessária por um intermediário. Por definição, matematicamente, cartesianamente, o Mestre não é um caso diverso, mas apenas um caso particular da Histórica, é fundado por ela. Então, se corto em qualquer lugar e dá Histórica – com um caso particular seu, que é o Mestre –, dela passo necessariamente a Analista, que passa necessariamente ao Universitário, que passa necessariamente ao Analista, que passa necessariamente ao Universitário, etc., agora deu! O Discurso do Analista está como uma posição particularíssima: a qualquer desvio, ele sai do lugar, e está sempre entre os outros. Sendo que o Discurso do Mestre, também como posição particularíssima, é um caso particular de junção dos focos num ponto só. Isso não combina com grupo quadrado, pois se me reportar, mesmo incluindo o Discurso do Mestre, à seqüência que está aí acima, não terei a circularidade Mestre, Histórica, Analista, Universitário, Analista..., e sim um retorno: Mestre, Histórica, Analista, Universitário, Analista, Histórica, Mestre, Histórica, Analista... Ou seja, vai e volta. É regulado por aquilo que na geometria se chama de rinóide, ou pode ser uma cardióide. Antigamente, as máquinas de costura tinham do lado direito uma pecinha para encher a bobina, e, embaixo, estava a cardióide, que é a curva que dá o movimento de ida e volta.



Há outra consequência grave, pois, ou bem distingo o Discurso do Senhor, e aí não dá para passar o Analista entre o Mestre e a Histórica, ou bem não distingo, e aí tenho algo estapafúrdio, mas que suspeito seja frutífero para nós. Freud disse que governar, analisar e educar são impossíveis. Lacan disse que, histericamente, Freud esqueceu o Discurso da Histórica, ou seja, que fazer-se amar é impossível. Será? Se acompanhar o que me propõem as curvas cônicas, direi que impossível mesmo talvez seja o Discurso do Senhor. Ele é meio exorbitante, meio fora, é uma chispa, só há um lugarzinho para ele passar. Então, do ponto de vista discursivo, se pudermos raciocinar em cima das cônicas, em algum momento não dá para sobrepor S_1 e S_2 num centro só? O objeto não cai ali, está distante. A referência própria e a referência do outro é que ficam num lugar só. Não parece que o impossível seja aí? O Mestre seria o andrógino, o que não há. No Revirão, ele se juntaria ao objeto a . Seria tudo uma coisa só. Quanto à Histórica, é possível ser histórica, fazer uma elipse direitinho. O Obsessivo, por sua vez, é aquele que faz como a histórica, tem a dupla referência, só que se rasga, para lá e para cá. O Analista, este, também não é impossível, pois sustenta a dupla referência. Por exemplo, se colocar o analisando – posso colocar um ou outro – no lugar de S_1 , há a referência do S_1 , que lá deve estar como ponto fixo, e a referência do outro que é infinitizada, não demarcada, mas há a referência. Já o Mestre não tem a referência.

Lembrem-se de que denunciei que impossível é o andrógino: S_1 e S_2 no mesmo ponto, que teriam que ficar necessariamente juntos com a . E, numa esfera, S_1 e S_2 só podem estar juntos com a se a esfera for, cartesianamente, de volume zero. O Mestre ali é absolutamente pontual e andrógino. Então, se abordar os discursos pela via das cônicas, e pensar na estrutura do Revirão, impossível em qualquer condição não é nem governar, é sim habitar a Mestria. Como disse, ser histórica é possível; educar, ou seja, obsessivar, é possível; analisar, também. Terminar, com uma completude euclidiana, uma análise é impossível, mas não é esse o caso. Os discursos Analítico, Histórico e Universitário (se, este, for obsessivo) podem ser exercidos? Podem. A Mestria, não. Com o que, estou dizendo que toda aparência de mestria é uma potencia-

lização de histeria, de obsessão ou de análise. É uma potencialização porque não é possível ficar na Mestria. Por exemplo, dizer que o discurso da filosofia é um discurso de mestre, está errado. Temos filosofias inteiramente históricas, mas potencializando a histeria de maneira a dominar a produção do saber; temos filosofias militantes...

- Pergunta – *Você disse que o avesso do Discurso do Mestre é o Discurso Zen. No matema que você configurou, o mestre Zen está muito mais para certa imaginarização que se possa fazer de uma filosofia anterior, pré-socrática, do que essa coisa platônica que pensamos da filosofia e que termina sempre por se universalizar.*

Quer dizer, no que se dão conta de que é um lugar impossível, no regime do poético, eles só se apresentam como Revirão.

- P – *E os outros tentam fazer da razão, que é como chamam o saber, a melhor modalidade de fundar sujeitos.*

Você está dizendo que, desde que há filosofia no Ocidente, trata-se da impossibilidade da mestria transformada em histeria/obsessão, ou seja, que toda a história da filosofia é não conseguir dar conta da mestria, passando a histeria e obsessão.

- P – *E na fundação dessa filosofia, enquanto incidência socrática, o único que é nomeado como mestre não fala, ele é falado. Lacan o coloca como personagem.*

Para o futuro, ele terá falado. Quando Lacan diz que Sócrates é histórica, diz que o Sócrates de Platão é histórica, pois o Sócrates suposto só podia ser mestre, tanto é que nada disse.

- P – *Então, nos pré-socráticos, a mestria seria possível?*

Os pré-socráticos, em não fazendo filosofia, vivendo no poético, apenas denunciavam a impossibilidade de mestria, reconheciam-na e passavam ao poético. No que se tenta dar conta como mestre, produz-se saber como histórica, ou produz-se sujeito na filosofia. Por isso, a filosofia é tão prática à pedagogia, quando é obsessiva, e tão prática à ciência, quando é histórica – e ela é possível.

Então, se formos por esta via, há um erro na história da psicanálise, pois só há um discurso impossível, exorbitante. Realmente, Lacan tem razão: de um discurso para outro (possível), passa-se pelo Analítico, que é possível e sofre muito menos variação do que os outros, pois tem lugares muito particulares para existir. Os outros existem em lugares muito avantajados, têm muita transa, muita latitude. O discurso Analítico empurra a histeria até um ângulo tal, e o obsessivo até que a outra folha seja abandonada, ou seja, até que não-todas as arestas e não-todas as folhas sejam cortadas. Lembrem-se de que Lacan diz que o discurso do Analista é o discurso do não-todo, e é na parábola que não-todas as arestas e não-todas as folhas são cortadas. A histeria corta todas as arestas e o obsessivo todas as folhas.

Se partirmos daí a considerar a mestria nessa impossibilidade, veremos algo muito interessante. Ora, o discurso analítico, no que cartesianamente é não-todo – frase esquisita esta, não é?! –, ele é compatível com o que, nos matemas das fórmulas quânticas, Lacan escreve como Feminino. O discurso da Histórica, bem como o do Obsessivo, não são nem uma coisa, nem outra. Não conseguem ser discurso masculino e denegam o feminino no que tentam ou fechar, ou duplicar as folhas. Como disse, eles ou tentam cortar todas as arestas, ou cortar as duas folhas, mas é uma tentativa vã, pois masculino mesmo, de fato, perverso polimorfo freudiano, seria o Mestre, que não há, que é impossível achar. E isto é compatível com o que apresentei na seção anterior deste Seminário. Há o homem logicamente, mas disponível não: ou é histérica ou é obsessivo, ou, se não, é mulher. Ou seja, a posição masculina só se sustenta histérica ou obsessivamente: ou a militância masculina, ou o fingimento de portar o macho.

● P – *Nesse sentido, no fundo, o obsessivo é um escravo do masculino, ele é porta-voz do outro, o outro é masculino, ele é escravo.*

E a histérica pensa que é mestre. O obsessivo faz questão de ser um escravo da masculinidade, a histérica pensa que tem mestria sobre ela, ao passo que o analista desiste.

● P – *O lugar do mestre, se ele consegue ter algum efeito, seria o efeito do silêncio.*

O mestre verdadeiro, não se pode localizar, ele só faz silêncio. Aí é que o analista até pode fingir que é objeto *a*. Talvez a mestria do analista seja a de fingir que é mestre, produzindo o que o mestre produz: silêncio.

- P – *Você disse que o perverso enquanto tal não tem discurso.*

O perverso enquanto tal não deve ter discurso, pois está locupletado pelo objeto. Se começar a falar, histericiza.

Aproveito para lembrar que vamos fazer um Mutirão sobre a Instituição. Como sabem, eu disse que não há instituição no feminino. Por quê? Uma instituição é impossível: ou histericiza, ou obsessiviza ou tem um porte analítico. Por isso mesmo, como verão, no novo Estatuto que proponho, dividi o Colégio Freudiano em três seções: Inibição, Sintoma e Angústia. Uma parte histérica, outra obsessiva e outra analítica. Mas o grande objetivo é a mestria. É preciso designar o lugar da mestria para ver que ela não se dá. Qualquer sujeito que ocupa o lugar da mestria, histericiza, obsessiviza ou analisa.

- P – *O lugar de Mestre é tão impossível de suportar, que, colocado nele, o sujeito se exalta ou ritualiza.*

Ou se postura como analista, fica quieto. Ou ele fala exaltadamente, ou faz rituais ou faz silêncio.

27/JUN

5

EST'ÉTICA DA PSICANÁLISE

...Jesus Cristo com uma pombinha em cima da mão, sustentando-a como o Salvador, justo no dia da bomba de Hiroshima, 6 de agosto: a Pomba Atômica. Em matéria de bomba, o que vem por aí não se sabe. Talvez haja bombas piores do que a Pomba Adâmica. Por exemplo, o Vírus da Piranga, chamado AIDS... E o que a gente faz com isso? O que a gente esfacela com isso? O tema da bomba vem a calhar, pois no percurso do significante, no percurso de nosso desenvolvimento, nunca sabemos onde vai explodir, onde a coisa vai revirar.

“O psicanalista só se autoriza por si mesmo” – foi Lacan quem disse. O ser sexuado também. O poeta também. A questão do autorizar-se implica uma sujeição ao movimento do significante e à eventualidade mesma de uma explosão. Já um professor é diferente, ele é licenciado: há uma instituição submissa ao discurso universitário que o licencia, que lhe dá permissão de ensinar. O psicanalista e o poeta se autorizam. E esse autorizar-se – que, como disse aqui, passa pela travessia (da fantasia, segundo Lacan) e expõe seu percurso de passagem pela exposição de um estilo – pode desembocar em explosões, em reviramentos, pelo simples desenvolvimento de um percurso. Daí que, como Foucault, lhes peço que não me obriguem a permanecer o mesmo. Eu dizia que não se é obrigado a ser lacaniano, nem mesmo freudiano, assim como sequer sou obrigado a ser magniano. Os percursos exigem transformações, e não tenho que me repetir. Tenho que repetir, mas não tenho que *me*. Por isso, começo

hoje – pelo menos, declaradamente – uma nova posição. É claro que ela já estava por aí, mas dou conta hoje desse recomeço, quando quero colocar o que seria um roteiro de trabalho a ser desenvolvido não sei por quanto tempo.

O que é a psicanálise? Depois de tudo que já se disse, que já se perguntou, e de Lacan ter dito que a psicanálise é esta questão? Mas não basta ficar pseudo-tautologicamente repetindo “o que é a psicanálise?”, pois vira cacoete. Tanto é que cada qual disse o que era, e pelo menos naquele momento ficava sendo assim. E estou com vontade de dizer o que é a psicanálise... por enquanto.

* * *

Como sabem, o Seminário deste ano se chama **Grande Ser Tão Veredas**. O que foi trabalhado semestre passado, poderia intitular-se: **HÁ**. E para este semestre quero usar como subtítulo: **Est’Ética da Psicanálise**. Semestre que vem, em continuidade – e porque o real retornando ao mesmo lugar o sugere, apesar de um espaço muito grande –, o título do Seminário será **Há-Ley: Cometa Poema**. Comecei de certo modo o estudo, a reflexão e sobretudo a produção falando da **obra de arte**. E estou de retorno a ela, na medida em que a linha maior de meu roteiro vai por um caminho que vou adiantar antes ainda de desenvolver. **A psicanálise** – esta que se pratica, que se produz segundo o discurso dito psicanalítico – **é uma arte**. Não há novidade em dizer isto. Lacan, citando Popper quanto à irreducibilidade da teoria psicanalítica, já mostrou que a psicanálise não é uma ciência, embora arremede a ciência em suas escritas matemáticas. E nada impede até que se deixe o discurso científico abonar aqui e ali um achado da psicanálise. Mas a psicanálise, Lacan até dizia que ela era do tipo da arte medieval, das chamadas artes liberais que, se não participavam do discurso científico, nem por isso deixavam de apresentar resultados de certo saber e mesmo de construção de certos objetos. Portanto, a psicanálise é uma arte no sentido mais geral do termo. A própria pintura, tida como uma das artes maiores, já passou no

Renascimento por namoros intensivos com a ciência, e retorna a isso em momento recente com a informática e coisas dessa ordem.

A psicanálise, em sua prática, é a arte de transformar um sonhador em artista. O sujeito que se deita no divã é um mero sonhador, aquele que inveja o perverso pensando que este seja um artista. Há até quem diga assim. Guy Rosolato, por exemplo, mas não entendeu que o que o artista faz nada tem a ver com a estrutura perversa, embora passe pela perversão, no sentido da *père-version*, de Lacan. Esse sonhador, que sonha, sonha, mas nada faz, a psicanálise lá está para que ele, em atravessando sua fantasia, num *passe* que não é de mágica, chegue a se tornar um artista, quer dizer, alguém que parte para a realização da fantasia. Realização esta proficiente, eficaz, extensiva ao campo do Outro. Não realização no sentido em que um sintoma histérico é realização de fantasia, como dizem. Não gosto de dizer assim, pois um sintoma histérico não realiza fantasia coisa nenhuma. Há sim um enclave da fantasia numa região corporal, por exemplo, uma conversão num sintoma histérico, e não uma realização que possa percorrer, metonimizar, etc. É aí que digo que a psicanálise é uma arte, e nada mais que uma arte, de transformar o sonhador em artista. E fazer a teoria dessa arte é uma Est'Ética, comprometida com a ética da verdade, como aliás toda estética pensou ser. Pode ter conseguido mais ou menos, mas a intenção de toda estética é laborar na consideração da arte como representante da verdade. O que vale, em última instância, é a fantasia.

O que s'obra, em última instância, além do resto não simbolizado de um objeto *a* se comportando como real, como neutro, absoluto, inabordável, é a fantasia realizada, elaborada em algum procedimento discursivo. Num trabalho antigo, intitulado *Senso Contra Censo*, tentei mostrar que a obra de arte – o que quero chamar de obra maior, e não um objeto artístico qualquer – incluiria seu próprio reviramento interno no surgimento de um Revirão que exibisse o \$entido (barrado), ou seja, o conceito não conceituável, *Unbegriff*, do real inatingível, cercado por um processo discursivo que o indicia, que o aponta. A obra de arte é a exposição do \$entido, enquanto barrado, ou seja,

de que o conceito é possível no que se indica o impossível de conceituar-se o real. E isto é travessia de fantasia (não do artista, mas) da obra enquanto fantasia, o que expõe ao mesmo tempo a narrativa, com os elementos que tiver, dessa fantasia, que, atravessada, retorcida sobre si mesma, expõe o real. Não sei se isto ficou muito claro naquele texto, nem para mim nem para os leitores, mas lá estava o germe. Trata-se agora de dar conta de como, no que a grande obra expõe o não-senso radical, o *não* radical, sobra esse resto de realização de fantasia como objeto possível, bem construído, digamos assim, capaz de ser parcial por um lado e indicador de total por outro. Ao passo que qualquer mero objeto de arte não deixa de ser fragmento de fantasia, atravessada ou não, e que se realiza sim. Resta saber, retomando por exemplo a posição de Heidegger, se a construção, a produção, como ele dizia, o empuxo de conduzir para a presença, de trazer à presença da arte, do objeto de arte, ou da obra de arte é sapiente ou não. Ele dizia que a obra de arte, ou a arte meramente, é uma produção sapiente, que há aí um saber-fazer, ou seja, que, como quero ver, há realização da fantasia. Isto porque o sintoma histérico, por exemplo, não é uma produção sapiente. Ele é uma produção da fantasia, é trazer à fantasia algum comparecimento no real, mas não digo que seja uma realização porque não há um Sujeito que tenha atravessado o processo – e aí tomo o termo de Heidegger mesmo – sapiente, isto é, o Sujeito se dando conta de sua travessia, e nisto trazendo à presença o objeto.

* * *

Psicanálise não é filosofia, mas nem por isso deixamos de ver em Lacan a retomada do que tem sido tratado no campo da filosofia para repor tudo numa outra ordem discursiva. Quando lemos, por exemplo, os *Cursos*, de Kojève, percebemos nitidamente que Lacan tinha razão ao dizer que ele era seu mestre. Aliás, Lacan só apontou dois mestres: Kojève e Clérambault. Como sabemos, Kojève faz uma leitura muito precisa, ampla e detalhada do percurso da filosofia, dessa coisa que aconteceu no Ocidente, das posições

poéticas dos pré-socráticos até à explosão, ao extermínio, digamos assim, da filosofia no salto de Kant a Hegel. Kant prometeu um fechamento da filosofia, e vem Hegel terminando um processo. Isto, se é que, seguindo o pensamento do ensino de Kojève e seguindo o campo da filosofia como tal, podemos reconhecer no saber absoluto de Hegel esse fechamento. Aí é que Lacan não é hegeliano, pois não há nele o reconhecimento dessa terminação da filosofia. Colocando brevemente, o que Kojève nos mostra com muita clareza, didática até, é como, dos pré-socráticos a Hegel, tratou-se nada mais nada menos de poder **segurar o conceito**, se pudéssemos dizer redundantemente. Ou seja, como se pode falar do real? Como os discursos tratam da possibilidade, ou não, de o real aí comparecer?

Trata-se, pois, de conceber o real. De começo, no nível poético, encontramos nos pré-socráticos o conceito posto como uma **Hipótese**, sem nenhuma posição afirmativa, sem nenhuma posição tética de determinação do conceito. Ou seja, é no nível poético que o absoluto, a eternidade do real, é colocado por eles. Então, Kojève mostra que se começa de uma posição hipotética que não consegue dizer o real, que é como se fosse exibição, mostração de que há enunciação tentando o conceito, tentando a apreensão da eternidade, mas que fica na pura amostragem da enunciação, pois ali nada se tetifica, nada chega a um enunciado distintivo por oposição a outro enunciado. Justamente como tentei colocar que há no Ato Poético uma bordadura que me dá uma realização de fantasia, mas que o essencial é que – dizendo agora em termos do ensino de Kojève sobre a filosofia – ela indica o conceito, o lugar de neutralidade, o lugar de real, num não-senso que fica no intervalo entre *sim* e *não*, no intervalo dos alelos de um Revirão qualquer. Portanto, mostrar a enunciação, trazer a enunciação à minha presença, é uma posição hipotética. Isto, ainda no campo dos pré-socráticos. E quando digo poesia pré-socrática, trata-se do arcaico do dizer sobre o real. Mas entre os pré-socráticos, e já fracionando a Hipótese, já enunciando, vamos encontrar **Parmênides**, segundo Kojève, colocando uma **Tese**: a Tese da eternidade como una, como Um em si-mesmo, empacotado em si-mesmo,

etc. O que, por não dizer o real em seu absoluto, em seu não-senso, em sua neutralidade, exige uma Tese contrária, um anti-alelo, que ele coloca na palavra de **Heráclito**. Não é o Um sozinho, isolado, mas um devir, um constante vir a ser. Então, se pudéssemos casar, estabelecer a relação sexual impossível de Heráclito com Parmênides, não faríamos mais, outra vez, do que retornar ao puro movimento de enunciação, que não diz discursivamente nada, apenas aponta para o real.

Assim, porque a filosofia não é Ato Poético e o incômodo da oposição não lhe permite um rasgo poético qualquer para trazer de novo o que a Hipo-tese queria presentificar, fica-se na constante oscilação entre Tese e **Anti-tese** e, de vez em quando, em certas tentativas de solucionar a oposição, que é o que Kojève chama de **Para-tese**, que seria conseguir um discurso que diga o conceito em seu absoluto. Ou seja, conseguir resolver a questão da impossibilidade da relação sexual na filosofia, dizer o Todo do real. Então, ele diz que não se consegue produzir senão tentativas de colagens, que não são mais do que Para-teses ora Téticas, ora Anti-téticas, num crescendo que atravessa toda a filosofia, e que, em sua paixão por Hegel, ele encontra resolvidas numa suposta **Sin-tese**. Falando brandamente, é como se Hegel tivesse se dado conta de que é impossível dizer o que estava na Hipo-tese, que as Parateses são críticas, que a oscilação Tese / Anti-tese não deixará de comparecer, mas possibilita-se um Saber Absoluto, um saber Sintético. Isto quer dizer que as duas Teses (não se ponham ao mesmo tempo como a filosofia tentou e jamais conseguiu, mas), no longo percurso discursivo, em sendo dado o tempo – e é Heidegger quem coloca como título de seu livro: Ser e Tempo (*Sein und Zeit*); Hegel disse: *Geist ist Zeit*, o espírito é o tempo –, é como se a oposição interalélica ficasse resolvida num saber total, que porá sucessivamente Teses e Anti-teses dizendo (não concomitantemente) todo o saber possível. É um golpe brilhante de Hegel: colocou na linha do discurso, portanto, na funcionalidade linear temporal do discurso, a solução da presença oni-total das Teses e das Anti-teses possíveis.

É por isso que freqüentemente, sobretudo nos começos, se não me engano no *Seminário 11*, gente como André Green diz a Lacan que ele é um hegeliano. E Lacan insiste em que não é nada disso, justamente porque, ainda que temporalmente, intempestivamente, os filhos matem os pais – e matam mesmo, a gente que tome cuidado –, ainda que haja as colocações das possíveis Teses e Anti-teses, o que a psicanálise vem mostrar, e que Lacan destaca com nitidez do pensamento de Freud, é que nem mesmo o dizer total, pelo tempo, de todas as Teses e Anti-teses completará um Todo. Isto porque há uma falta original radical, o que não está em Hegel. O que lá está é a possibilidade de Sin-tese, de saber absoluto, porque, a um certo tempo, o conceito, o eterno, se presentificará pela simples justaposição – digamos melhor, pela copulação – dos opostos. Podemos até dizer que Jung, sem querer, ou querendo, pode ser hegeliano neste ponto, mas não Lacan. Isto porque, colocar o Revirão, seus alelos em oposição, mais a passagem necessária por um ponto de neutralidade jamais atingível – embora a sonhação, disse eu alguma vez até: a fantasia primordial, seja de androginia (a se realizar aqui e agora nunca), e embora haja esta fantasia sustentando o movimento do que Hegel queria como Sin-tese –, faz com que a Sin-tese jamais se dê no pensamento da psicanálise, pois nenhuma relação sexual entre Heráclito e Parmênides é possível. Nenhuma relação sexual entre os opostos dentro do Revirão é possível, pois não há conjunção no objeto *a* enquanto real, mesmo que central dessa interseção, que elimine a oposição definitivamente. Há passagens explosivas: a tendência à cópula e o reco-nhecimento da impossibilidade como explosão imediatamente, como tentei graficizar no semestre último de 84.

* * *

A psicanálise, portanto, não promete a Sin-tese hegeliana. Eu diria que ela também faz o movimento de acompanhar o percurso do Revirão, mas ela produz algo que é da natureza não de um saber absoluto. Ela terá

começado como psicanálise fracionando as pequenas articulações pseudo-copulativas dos significantes, dos sintomas. Ou seja, foi fracionando analiticamente (*analysis*) a compleição dos caroços sintomáticos em qualquer nível – significativo, sintomático, etc. – que ela se presentificou, mas, se lermos o percurso de Freud a Lacan, veremos que, na verdade, a psicanálise procura virar uma Psico-Síntese. Não a hegeliana, é claro, não o saber sintético e absoluto. Estou guardando isto desde meus vinte anos de idade para dizer, mas não podia fazê-lo sem Lacan. Poderíamos, então, chamar de **Psicossíntese** desde que Sin-tese aí não signifique saber total, saber absoluto, mas um **saber absolvível**, um saber afinal absolvido do pecado originário, isto é, que pelo menos possa sem vergonha demasiada (cf. a *hontologie*, de Lacan), ou dentro dessa vergonha, reconhecer-se como artista, que não dirá tudo, que não prometerá cópula. Trata-se, pois, de um saber artístico, um saber absolvido, se não dissoluto, em vez de absoluto.

Penso, Logos OU

Penso o LOGOS: OU

OU que sobra quando o *vel* da alienação, resolvido no léu da separação, nos permite ir de *déu* em *déu*. O *Logos* não é senão o apelido grego do conceito da eternidade. Lacan mostrou que o conceito é terno, o conceito eterno, uma trindade irredutível: real, simbólico e imaginário. E aí, em nosso percurso, como lhes disse – pois hoje estou só anunciando o percurso –, temos que ir devagar. Teremos que retomar questões como, por exemplo, a da **metáfora**. No sentido psicanalítico, lacaniano necessariamente, o conceito não tem outro lugar de passagem para se afirmar como *Logos* senão na metáfora. É claro que Lacan já nos explicou o que é a metáfora, mas será que ele sabia o que é? É claro que não sabia. Sabia o que soube. Nem nós sabemos. Precisamos continuar. Dizer “um significante se substitui a outro significante na cadeia”, o que é isto? É preciso sensibilizar mais esta questão, pois a metáfora comparece concretamente. No sintoma histórico,

por exemplo, um significante substituindo outro significante na cadeia se encaixou ali, mas como se encaixou? Isto é necessário saber quando se quer dizer que a psicanálise é uma Arte e que a teoria psicanalítica é uma Estética. Isto não só para resolver a questão da psicanálise, pois é uma estética que quero abrangente a toda e qualquer operação de produção, inclusive as operações da arte, no sentido para que Heidegger chama atenção no projeto grego arcaico – e que está embutido no radical *Ars*, do latim – da *Techné*: a produção sapiente do que quer que seja. Ou seja, não estou falando só dessa arte que foi isolada para ser o campo profissional dos artistas, e sim no sentido que falamos quando uma criança “faz arte”. É fazer arte, ou simplesmente: fazer. **Fazer**, é fazer arte. É pro-dução no sentido tanto de produção sapiente, de um know-how, de um saber fazer surgir como realidade concreta – na dependência da fantasia, portanto – o que é da fantasia inconsciente, bem como da espontaneidade do Outro, que já coloquei como absolutamente artificial.

Não se esqueçam de que tento fazer o trabalho de acabar com a distinção entre natureza e cultura, entre natureza e simbólico, pois é tudo a mesma coisa. **Natureza é artifício de algum sujeito.** Como os processos são da mesma ordem, teremos problemas ao pensar, por exemplo, as relações entre fantasia e sintoma. A distinção teórica e prestativa para nossa reflexão é mais ou menos nítida. Lacan, por exemplo, fica durante muito tempo nela, tanto é que aconselha que se trate a obra de arte não como o Inconsciente, mas sim como sintoma. Tudo bem, havia o abuso de tratar a obra de arte como se fosse mero mecanismo metáforo-metonímico na produção de formações inconscientes, sem se darem conta de que havia determinação da fantasia concretizando a obra. Mas é possível uma retomada (não para trás, mas) para a frente e chegarmos então ao espraçamento, no sentido da psicanálise extensiva, de uma aplicabilidade da estética – que, em psicanálise, se chama de psicossintética – à ordem de **produção do que há**.

* * *

Outras coisas, outros problemas. Por exemplo, no que nos permitimos tomar o que se chama de natureza como da ordem do factício, podemos re-estudar nesta artistificação o conceito de **Mimese**. Ou seja, estamos de volta à estética de Fernando Pessoa: na verdade, a arte é como produzir um animal. Por que não? É claro que há nuances aí. Mas, vista por este prisma, o que é a mimese que os gregos colocavam? Não é pura imitação, mas é repetição dos mesmos procedimentos. Entre aparições do real – porque sou EU que estou dizendo –, não pode haver senão posição de Sujeito. E não me venham com a conversa de que isso “passa pela linguagem”. Sim, mas o que não passa? É não só porque EU estou dizendo, embora seja também porque EU estou dizendo. Mas, fora desse dizer, nada se passa. Mas acontece por aí. E nada me impede de supor uma posição de sujeito entre surgimento e surgimento de real em *natura*, ou seja, em *fatura*.

Também há a questão da fantasia, que, na verdade, é o tema da psicanálise. Não estou dizendo que seja o objeto, pois este é o objeto *a*, nem que seja o campo, que é o Inconsciente, mas o *tema*, isto é, aquilo que se toma para desenvolvimento – e aquilo que você deve temer. Vejam, então, que temos um campo enorme pela frente. No que vamos mexer com as questões da metáfora, da representação, da realização da realidade pela fantasia, via construção sintomática determinada pela fantasia, precisaremos de novo pensar sobre a tal Foraclusão e a tal Psicose. Todos já entenderam que no psicótico há foraclusão do Nome do Pai. Bonito, ótimo, mas o que é isso? O que acontece? Como funciona? Tenho cá minhas conjeturas, que desenvolverei durante este período. Foraclusão, psicose, “uma análise levada muito longe conduz à psi-cose” – tudo isso junto com a ambigüidade do seminário de Lacan sobre *As Psicoses*, onde temos, por um lado, uma não-*Bejahung* num tempo original e, por outro, o desprendimento de certos pontos de basta. Ele começa nessa duplicidade, onde há a foraclusão do Nome do Pai, mas referida à falta de uma *Bejahung*. Quer me parecer que esta primeira posição é muito mais fecunda do que a outra. E quer me parecer também que é preciso, como recomendava Lacan, retornar sempre a Freud

para ver que ele tinha bastante razão ao falar em oposição entre neurose e psicose, mostrando que, na neurose, trata-se de um impedimento ao movimento pulsional assentado sobre o significante recalcado, ao passo que na psicose é alguma coisa amputada do real. Freud dizia isto sem explicar muito bem e Lacan vai traduzir como: o que não é posto no simbólico, comparece no real. Mas o que é isso? Então, vamos perguntar a Freud de novo sobre a questão da metáfora aí concebida.

Uma das coisas que Lacan diz, sobretudo ao comparar o psicótico com o místico, é que há uma riqueza metafórica na fala do místico e que não se encontra nenhuma metáfora no psicótico. Jamais entendi bem isto, mesmo porque acho que encontramos sim. Não se encontra a metáfora paterna, mas talvez Lacan tenha deslizado ao dizer que não se encontra nenhuma metáfora. Prefiro conceber que a metáfora espontaneamente se diz sim, mas sofre o processo de deslizamento metonímico porque não tem uma pega. É esta pega que quero saber onde está. É como se, na psicose, não houvesse a pega fundamental – o bastamento do Nome do Pai – que garante que as metáforas tenham o que Lacan repete de Freud, que é a aplicabilidade do discurso do psicótico à realidade. Ele diz que ela está lá, mas não se aplica. O psicótico faz, por exemplo, uma teoria, à qual não falta lógica, tem coerência teórica, coerência discursiva, mas que não se aplica. Não podemos esquecer também que, lá pelo último Lacan, vamos encontrá-lo nos dizendo para não pensar que, na cura, o simbólico é tudo. Ou seja, a cura não passa somente pelo simbólico, pela chamada interpretação. E aí teríamos talvez ocasião de retomar a questão da **Alegoria** em Walter Benjamin. Poderíamos procurar a pega da metáfora com a alegoria no sentido de que se possa dar conta da questão da forclusão e da questão da produção artística do que há. Ou seja, é a **produção de uma grande teoria da arte, que é a psicanálise**, e com rasgamentos muito importantes. É um espraçamento generalizado dos sonhos freudianos de psicanálise aplicada. É também, por outro lado, o questionamento de onde está a fronteira entre o intensivo e o extensivo. Será que ela existe?

- Pergunta – *Quando lemos Manonni e Rosolato, vemos que um acredita que há proximidade entre o poeta e o psicótico, e outro, entre o poeta e o perverso. Mas o fato de o poeta ter uma posição de mestria e o fato de a mestria ter o sentido de certa colocação de perversão na relação entre um e outro não autorizam ninguém a achar que poeta é perverso.*

Isto é um desentendimento radical. Perverso não é poeta, e sim prisioneiro. Para falar francamente, acho que dizer isso aí é papo de neurótico. Ou seja, o que não tiver na produção da teoria é papo de neurótico com inveja de um possível perverso que não há. Isto, ao invés de se darem conta das montagens. Tomemos um exemplo bem chulé. Tivemos aqui ontem falando para nós a garotada do *Planeta Diário / Casseta Popular*, que evidentemente – e eles confessam isto com a maior simplicidade – é muito ignorante, inculta, mas é presente: o significante os afeta como afeta qualquer erudito. E eles são presentes vivos, muito vivos, num pique incrível. No que estão nesse pique – e este foi o interesse em escutá-los (foi até bobo pensar que iriam responder à questão “O que é o Brasil?”, que estamos preparando para nosso Congresso) –, vemos aí um indicador muito interessante da atualidade. Ninguém precisa ser erudito nem culto para estar imiscuído no campo do Outro. Aliás, eles são cultos de uma outra maneira, tanto é que escrevem muito bem no jornal. E no pique do que me parece certa evidência do que vem aí pelo futuro, também convidei nossa colega Heloisa Buarque de Hollanda para vir falar aqui na próxima semana. Ela ficou dois anos nos Estados Unidos e voltou piradinha. Ela deu aulas na Universidade de Columbia e depois na de Stanford, que é mais careta. Mas o importante é que esteve na única Univers-cidade que existe no mundo, chamada: cidade de Nova York. Paris é província, aquilo morreu. O que está para acontecer é Nova York, que nada tem a ver com americano, e sim com nova-iorquino. Percebemos isto nitidamente quando vemos um filme como *Blade Runner*, de Ridley Scott, que constrói o panorama daquela data futura, que acho muito plausível. Nova York já é um troço assim, só que o visual não é o mesmo. O que vem por aí é um esfacelamento, um descentramento de valores,

um mosaico estranhíssimo regido simplesmente por uma lei de transformações metafóricas, sucessivas. Nós outros aqui estamos habituados a grandes núcleos sintomáticos de valores, de significações, na sociedade, na cultura, mas que estão se espatifando e vão se espatifar. Esta é a bomba de que eu falava no começo: a Pomba Adâmica, muito mais virulenta do que a bomba atômica e o Vírus da Piranga.

Observem, então, que estamos diante de um fenômeno (não vou dizer comovente, mas) muito comocional, que afeta muito. No que as referências das pessoas ainda são os núcleos valorativos e sintomáticos de uma cultura estabilizada assim e em pleno fracasso, elas, diante de alguém que esteja fazendo um negócio da maior virulência, não entendem nada e dizem que ele é reacionário. Pior, se alguém faz um negócio realmente reacionário, todos dizem que é a grande revolução. Quer dizer, é o samba do crioulo que não chegou a ficar doido e começa a apedrejar. Por isso, pela semelhança, achei muito interessante a presença do pessoal do *Casseta* aqui. Basta ver nosso porte, do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro e o meu em particular, nesse reviramento. A direita me chama de comunista, a esquerda de fascista, os machões me chamam de veado, os veados de machão... É porque, quando vão botar rótulo, o que vem é papo de neurótico, como eu estava dizendo. Ou seja, diante do artista fazendo coisas, ou simplesmente fazendo, realizando o que a fantasia determina no sintoma, mas sem sintomatizar-se, e sim sintomatizando no mundo, o neurótico fica perplexo e diz que ele é perverso, que aquilo é fetichismo. Tampouco adianta perguntar ao perverso: ele não sabe o que dizer, pois é tão prisioneiro quanto. Como a maioria é de neuróticos, toda vez que alguém faz um poema – e isto está na história da chamada humanidade –, a neuroticada diz que se trata de um perverso. Iriam dizer o quê se não entenderam nada? Mas quem está contemporâneo somos nós. Essa tchurma está morta, e não sabe.

* * *

Há que pensar, por exemplo, no tempo de Freud, quando as coisas eram muito demarcadas e havia aquela respeitabilidade profissional. Esta palavra, então, coitadinha: Profissão. Pro-fessar é quando você confessa, declara a verdade de sua dedicação. A psicanálise, no sentido lúdico do termo seria uma verdadeira pro-fissão, de fé, e não a banalidade que vemos por aí. Mas, no tempo de Freud, as coisas eram muito delimitadas, marcadas: crioulo era crioulo, branco era branco, homem era homem, mulher era mulher, artista era artista, cientista era cientista, tudo direitinho. Não estamos mais nessa época, e as coisas fronteiriças estão meio esquisitas. Vejamos, por exemplo, que, n’*O Moisés de Michelangelo*, ele começa por declarar que não está invadindo casa de ninguém: “Posso dizer de saída que não sou um conhecedor de arte, mas simplesmente um leigo. Notei freqüentemente que o conteúdo de uma obra de arte me atraía mais que suas qualidades de forma e de técnica, às quais, no entanto, o artista dá um valor de primeiro plano”. Ele se desculpa de saída, o que não sei se é bem verdade, pois quando lemos o que disse sobre arte, no que toma os tais conteúdos, o que vai articulando é no nível de uma produção sapiente discursiva sobre aquilo da mesma ordem da produção do artista. Além do mais, esta frase não é nem muito interessante, pois justamente as qualidades de forma ou de técnica – se não as usarmos no sentido corrente das estéticas vigentes, mas sim em termos de estrutura e articulação – é que, na verdade, constituem a resultante, que resta (não como objeto), que se produz da travessia. A travessia não é senão o despojamento de certa “narrativa”, o despojamento da acumulação das articulações, até que emerga um estilo que vai se presentificar na produção, dita “sapiente” por Heidegger, do objeto.

• P – *Vejo uma diferença na postura e no engajamento, entre o poeta, que pode (ou não) se bastar com sua obra, e o que dizem dela. Ou seja, a obra de arte não é objeto de argumentos da parte dos que a apreciam.*

É sim. Ninguém faz silêncio diante da obra. É uma comoção discursiva, é imediato. Ou não olham, não se aproximam, ou se aproximam e começa a comoção. Você não dorme com o artista, nem com a cabeça dele

no travesseiro. Aquilo prolifera, tanto é que vem outra obra depois. E, além do mais, não estou tentando dar conta dos artistas enquanto sujeitos tais e tais. Não estou querendo fazer psicanálise dos artistas. Trata-se de mostrar que: **a psicanálise, em sua prática, é uma Arte, e a teoria psicanalítica não é mais do que uma Estética.**

● P – *Poderíamos dizer que o analisando com seu dizer, o analista com seu ato, e o analista se autorizando, estão fazendo obra artística?*

Bem ou mal, estão no trem de fazer. Aquilo é um laboratório de arte, um ateliê. Às vezes, um fracasso, pois há artista ruim. Mais freqüentemente é fracasso. Vejam bem, há real, simbólico e imaginário, a gente não presta... Quanta coisa vemos de sintomático, ou pseudo-sintomático na produção da teoria, que é meramente interesseira, e que até o século XIX e meados do XX estava valendo, mas que agora parou de valer. Isto de ficar defendendo campos, por exemplo. Achei muito engraçado aquele menino ontem, que, quando lhe perguntaram sobre o Colégio Freudiano, disse a verdade: “É o seguinte, minha mãe é de outra instituição, precisa ganhar dinheiro, isto aqui não presta”. Não é a verdade? Então, no rigor de um percurso, não posso não prestar o tempo todo, não posso ficar defendendo paróquias por interesses de mercado. É claro que há essa sem-vergonhice na gente, não vai deixar de haver. Mas, na hora do rigor, há que deixar isso um pouco de lado.

* * *

Coloco isto para perguntar: quem garante que, no processo artístico, não necessariamente mas ocasionalmente, a coisa não seja para um lado e para outro? Quem garante que talvez o trato psicanalítico que Freud e outros trouxeram não seja uma facilitação de que se está dando conta disso o tempo todo? Quem garante que um artista que realmente atravessou não atravessou mesmo, ele próprio? Posso até supor que, por um lado, de vez em quando, a travessia se dá na obra, que é a obra que atravessa nos processos do inconsciente assentados sobre sintoma, num apontamento de real, numa

espontaneidade do fazer-se, mas também pode acontecer – vejam que não estou dizendo que aconteça – do outro lado. O que são, por exemplo, as pirações de Hölderlin e de Nietzsche? Forclusão do Nome do Pai, falta de *Bejahung*, não-sei-do-quê mais? Leiam a obra deles, que é da mais fina poesia, com todas as metáforas, inclusive a paterna. O que houve? A tal da psicanálise levada muito longe, de Lacan? A dissolução do campo, o perder-se?

Quando vemos um pintor do Renascimento ou pré-Renascimento, digamos, em relação com seu discípulo – que, aliás, era rigorosamente escolhido a dedo –, o que temos? Tomemos Verrocchio, o mestre de Leonardo, e vamos estudar as relações mestre / discípulo, coisa que não é escolar nem universitária, pois o discípulo é escravo de seu mestre até virar um artista. Vemos aí que a relação deles, afora o cotidiano que era escravizador mesmo, não era de mestre / escravo, pois não é Discurso do Mestre que está em jogo. Isto porque aí se propicia um passe, e não uma iniciação. Então, raro, de vez em quando, brota um artista, um poetão, no ateliê de um gênio desses que teve vários discípulos. O que se deu ali, que é um passe (não sei em que nível)? Não estou dizendo que seja o passe de Leonardo no atelier de Verrocchio, e sim que é da mesma ordem. Resta procurar em que nível, em que região se deu aquilo, pois a estrutura deve ser a mesma. Repito que, de modo algum, estou dizendo que para tal sujeito ocorre o passe que Lacan distingue na psicanálise, e sim que é algo da mesma ordem, em algum lugar. Onde passa a fronteira entre o passe da obra e o passe do sujeito? Não tenho dúvida, como já disse no Seminário *Rosa Rosae*, que *Grande Sertão: Veredas* é a d'escrição de um passe. Não sei se é de Guimarães Rosa, que é de Riobaldo reconheço.

Acho que é o momento de colocar a psicanálise no devido lugar. Ela já passou por muitas fases: de grande invenção científica a solucionadora da humanidade, nem que seja no folclore; a ontologia disso ou daquilo; a panacéia universal... Mas quem sabe se Freud simplesmente descobriu como gente funciona? Ou seja, como se faz arte: como se é arteiro e, às vezes, artista? A psicanálise precisa ser destruída no sentido de ser dissolvida, espaiada. Ela só vai prestar no dia em que for como a aritmética, que qualquer garotinho saiba

fazer psicanálise como se sabe fazer conta. Dizer difundida pode dar a impressão de mero ensino, mas é passar para um cotidiano, arrancada das mãos dos analistas. É coisa muito séria para ficar só na mão deles. É acabar com os proprietários, mas acabar mesmo, ou seja, que não se passe no folclore, e sim que se transmita mesmo, que se passe a buscar em cada cantinho do cotidiano onde ela está funcionando. Virá, assim, um know-how cotidiano – o que tem resultantes políticas, sociais, econômicas e sexuais.

15/AGO

6

DRAMALHÃO: LUTO E JOGO

Um significante sempre pode ser recuperado e tem os sentidos que se puderem a ele atribuir. Talvez mesmo seja a vontade de significado, o aprisionamento a um significado, que mantenha as coisas congeladas. Portanto, vale a pena equivocar. Por outro lado também, ainda que no sentido do significado já dado, pode servir como alerta a música do filme *Cabaret* [*Tomorrow belongs to me*] que acabamos de ouvir: grande *zi*-programa, grande *zi*-tomorrow, grande *zi*-futuro – esperem, para ver o tamanho da trolha... Maria da Conceição Tavares esteve aqui falando para nós mais ou menos como vai ser¹. Parece que vai ficar parecido com o que ela disse...

Revirando o significante pelo avesso, talvez se possa fazer alguma coisa no sentido desse *tomorrow*, que vai pertencer a alguém... Por que não a mim? Mim é muito relativo, não sou eu, não eu necessariamente. Talvez, então, seja momento de começarmos, nos níveis do acontecimento e do programa, o que não é de hoje que trago, a endereçar quais são os caminhos que se abrem à nossa perspectiva e que nos parecem possíveis, e talvez necessários, ou seja, posteriores a um encontro, no sentido lacaniano do termo.

* * *

¹ Conferência apresentada em 19 de agosto de 1985 na série de Saraus intitulada “O Que é o Brasil?”, promovida pelo Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Texto publicado em Revirão: Revista da Prática Freudiana, nº 2, outubro 1985, Aoutra editora, p. 253-281.

Comecei dizendo, seção passada, que a psicanálise é uma **Arte** em sua prática. Não só uma arte no sentido do tratamento, isto que tenho chamado de *com-siderar* o discurso de um analisando e que Lacan chama de ‘direção da cura’, mas também da com-sideração, no cotidiano do falante, de toda e qualquer eventualidade da sua produção. Então, é esta arte do cotidiano que a psicanálise deve ser. Postulei também a teoria psicanalítica como uma **Est’Ética**. Quero dizer com isto que há a psicanálise terapêutica ou curativa, aquela que simplesmente reduz os sintomas, mas, do ponto de vista da reconsideração que Lacan fez do impasse de Freud, um passo em sua teoria, a psicanálise não é meramente curativa, redutora de sintoma, mas pretende conduzir cada sujeito à travessia da fantasia que o suporta em sua relação com o real, constituindo a sua realidade. Portanto, a psicanálise em sua intensidade não é senão produtora de analistas. No que o é, ela não está produzindo nenhum profissional. A psicanálise nada tem a ver com os pró-fissionais, no sentido que o termo tem na ordem social contemporânea, de indivíduos que exercem determinada profissão regulamentada por determinadas ordens instituídas juridicamente, etc. Se ela tem a ver com profissão, é no sentido que eu disse da vez anterior: confissão de uma postura. Se professar é confessar, declarar uma postura, então, sim.

A produção de analistas é automática no que há análise terminada. Isto não quer dizer que se vá produzir uma porção de profissionais com consultórios abertos. Talvez mesmo, quem sabe, no nível do exercício dessa prática “divanesca”, digamos que dez por cento dos analistas queiram ficar nela. Precisamos mudar o pensamento dessa mentalidade no sentido da disseminação, da destruição da psicanálise, do desejo de que a psicanálise seja destruída. Não se destrói a psicanálise fazendo como já fez a Internacional, tapando o sol com a peneira, nem deixando de falar nela. A melhor maneira de destruí-la é disseminá-la, dissolvê-la entre os falantes. Portando, o que gostaria é que o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, pelo menos, produzisse milhares de analistas. Não para ficar ouvindo os outros deitados no divã, mas para poderem ser analistas, isto é, freqüentar este lugar o dia inteiro, se puderem, ou algumas vezes durante o dia. Quero crer que, com a disseminação dessa arte, faz-se um

verdadeiro primeiro processo revolucionário na ordem do falante. Disseminação do discurso analítico entre os analistas. Eu diria até mais, que a psicanálise pretende transformar o mero falante em analista. É a transformação dos sonhadores em artistas.

- Pergunta – *Não posso imaginar como um analista que não faz disto profissão possa conduzir sua análise até o fim.*

Primeiro, ninguém precisa se assustar, pois isto está cronologicamente distante, longínquo. Ninguém vai perder o emprego por enquanto. É apenas a enunciação de um desejo. Não fui o primeiro a fazê-lo. Já estava em Freud e em Lacan. Quando digo que não é porque o sujeito se tornou analista que tem que viver disso, ou ficar preso no consultório atendendo pessoas, pode dar a impressão de que estou falando que, pontualmente, pontilhadamente, pontilhisticamente, os analistas estando por aí, as análises vão se dar por intervenções mais ou menos aleatórias. Estou dizendo, sim, que, quanto mais analistas tivermos, mais presentificado no chamado mundo estará o discurso analítico aqui e ali pontilhisticamente estabelecido. Mas não vejo a menor dificuldade em conjecturar, por exemplo, que possamos ter milhares e milhares de pessoas analistas, que, cada uma, tenha suas tarefas diárias, e que, de repente, se dê conta de que vale a pena, num mundo contemporâneo lá de um futuro bárbaro, que é o que parece que está se prometendo para nós, ela gastar uma ou duas horas por dia na tarefa de escutar. Quem sabe? Está aí uma saída. Podemos supor que haja milhares e milhares de analistas e que cada um tenha dois analisandos, por que não? Para quê? Para a gente não morrer no meio da merda, sem ter merda suficiente para todo mundo.

Não acho nenhuma brincadeira, nenhum terrorismo o que Maria da Conceição Tavares nos disse aqui. É o encaminhamento, anunciado por Lacan, para um racismo, um terrorismo radical, etc. É a falência total da economia como ela se presentificou até hoje e a impossibilidade de lidar com a liberação que está se produzindo e se tornando um terror absoluto. Então, me parece que o discurso psicanalítico, no futuro, vai se tornar algo que não vamos precisar

tanto distribuir e convencer as pessoas de que é necessário. Ele vai se tornar gênero de primeira necessidade, como se diz. Acho que esse tipo de coisa deve ser previsto. Repito, não estou dizendo nada de novo. Se ficou demonstrado, pelo menos por Lacan, se não por Freud, que a psicanálise produz psicanalistas se ela se dá de começo até o fim, bota psicanalista nisso. Então, não se trata de produzir uma imensa sociedade psicanalítica com todos sem emprego como faz a universidade, que produz profissionais que ficarão com o canudo no sovaco para nada. Trata-se de produzir sujeitos capazes de exercer esse lugar e, eventualmente, uma grande disseminação das possibilidades de análise.

• P – *Então, você não está descartando a necessidade de que, para que uma análise seja conduzida até o fim, haja a necessidade da constituição de uma transferência em cima de um analista?*

É claro que não. Só que isto pode ser disseminado e as pessoas pararem com esse negócio de querer viver disso. Também não é proibido trocar de analista. Do ponto de vista da circulação do discurso, é muito eficaz termos a possibilidade de presentificação do discurso analítico no mundo. Você estará sempre despertado para as coisas. O que não quer dizer que, através disto, vá se fazer uma análise até o fim. Mas uma vasta disseminação de artistas pode produzir um grande mundo artístico dentro da psicanálise. Talvez aquilo que artistas como Fernand Léger pensavam que pudesse disseminar a arte, que todos seriam artistas, etc., só seja possível pela via psicanalítica.

O que tem a ver esta arte com o presentificar a psicanálise como uma Est'Ética? É que, se o término é a cabal travessia de uma fantasia, esta travessia vai constituir o desejo, o puro e simples desejo cotidiano de todo mundo, que vive massacrado ou acobertado por uma série de configurações imaginárias que o transforma em demandas as mais diversas. Ou seja, o puro e simples desejo do falante poderá vir à tona em sua especificidade de desejo sem objeto demarcado, que chamamos desejo do analista. Ora, esta emergência do desejo do analista, não é senão defrontar-se, eis senão quando, com o real. É saber que se deseja Coisalguma e, por isso, pode-se escutar os desejos de alguma coisa que estão para se transformar em desejo de Coisalguma na fala dos

analisandos. A sustentação deste desejo que dá de cara com nada, que deseja nada, que vive de nada é, portanto, o desejo do analista. Ele é a última instância, o último lugar de atingimento de um percurso analítico. Mas ele não é habitável como última instância. É simplesmente capaz de me liberar, de me dar licença das coalescências sintomáticas, dos enunciados de minha fantasia, de me permitir fazer certo manejo das minhas esquisitices particulares, das minhas taras pessoais. Tara significa contrapeso, aquilo pesa. Objeto *a* configurado é tara. Então, não se pode morar nesse desejo o tempo todo, pois é algo estritamente em vácuo e enlouquecedor.

O desejo do analista é, portanto, o constante tomar notícia, quer dizer, receber os enunciados do mundo, dos analisandos inclusive, configurar objeto, pois o analista configura sim, mas, e porque se passou a experiência da análise, porque se deu de cara com o real, fazer com que haja deiscência imediata disto, queda logo em seguida. O que não significa que o analista viva num limbo, e que, de sua posição de sujeito, esteja sempre visualizando santamente um objeto que não há. Ou seja, um objeto *a* enquanto neutralidade. Este objeto não é visualizável de maneira alguma, para nenhum falante. Simplesmente, a experiência da análise me faz rememorar, comemorar a cada instante e, mesmo eu visualizando determinado objeto, configurando, e por isso mesmo me permitindo a crença na possibilidade do gozo do Outro – seria, aliás, o brocha por excelência o analista que, se fosse assim, conseguisse estar diante de um objeto do Outro, ele jamais gozaria, nunca mais a partir daí –, estou com este objeto constantemente à minha frente, ele é configurado sim, mas decai imediatamente, pois sei da experiência de que, por trás dele, há nada.

No que esta travessia se deu, no que é sustentável o desejo do analista, no que ele pode sentar-se neste lugar e escutar, deixar cair e até mesmo intervir para que um outro comece a deixar cair, nem por isso este lugar é habitável. E mesmo por isso, ele tem que retornar porque a vida é aqui e agora, com os elementos e as letras disponíveis. É por isso que tento reduzir a teoria psicanalítica a uma Est'Ética. Não uma estética dessas que, no passado, tentaram definir o belo e a obra de arte segundo seus estatutos de elementos organizados sob

determinada configuração. É, sim, a Est'Ética da Psicanálise, onde sabemos que, feita a travessia, tendo dado de cara com nada, não resta mais do que o faz-de-conta da produção artística no mundo.

• P – *No que você apresenta o termo Est'Ética como lugar de experiência da freqüentação desse exercício da arte, não se poderia dizer que no surrealismo esta experiência já se evidenciou?*

Acho que não. Os poetas, os produtores de obras surrealistas, eles fizeram este exercício, mas a teoria, a produção do conceito de surrealismo, me parece muito mais fraca. É em outro lugar, com muito mais precisão, num lacaniano *avant la lettre*, num freudiano contemporâneo de Freud, que não sei por que eles não se deram muito bem, que vou encontrar uma definição muito mais compatível com a exigência que quero fazer não só de produzir uma estética, mas de, adiante, podermos sacar a sintomática brasileira e sermos um Brasil, como lugar futuro. Isto quando, neste nosso momento atual de ocorrências como uma Europa morrendo de gagá e de velhice prematura – ou adequada, não sei –, como uma América implodindo de outro tipo de psicose, pode ainda nos sobrar, quem sabe, mediante nossa sintomática particular, certa possibilidade de garantia de um lugar para esse futuro. Portanto, é esse de quem pretendo falar depois que apresenta algo muito parecido com nosso estatuto de brasileiros quanto às nossas artimanhas.

* * *

Justamente aí encontramos a posição terminal de uma análise, que, no último momento, passa por uma – atenção ao que vou dizer, pois pode parecer meio esquisito – grave melancolia, da qual se tem que sair por um frutuoso luto. É a produção do que Lacan quis chamar de luto do luto, que é a constituição de uma Alegria, que não é meramente “gay”, mas uma alegre melancolia. O que é luto? O que é melancolia? Recomendo-lhes a releitura do texto de Freud, *Luto e Melancolia*, onde o verão fazer soar um minueto enorme para tentar discernir as duas coisas. Ele consegue, a seu tempo, sobretudo retomando os conceitos

de objeto de suporte, que chama “objeto anaclítico”, e objeto narcísico. Ele joga com os dois para mostrar que a escolha de objeto tipicamente anaclítica, “de encosto” – que é o termo de que gosto (arranja-se um encosto do lado de fora) e que é muito bom porque temos o encosto do Outro (quando o Outro baixa, aí encosta) –, é da ordem do luto. Ou seja, o sujeito vai se despedir, vai ultrapassar a perda, chorar a desgraceira de ter sido privado de um objeto em que ele se encostava, que era escolhido por ele, e, ultrapassando-o, poderá escolher outro objeto, irá de objeto em objeto, etc. Feito o luto, não tem Tu, vai tu mesmo... Já a escolha narcísica de objeto, segundo Freud, é aquela em que essa escolha é feita sobre o ego do sujeito. Então, quando a catáclise, em contraposição à anáclise, sobrevem, é aqui, eu, que não tem nenhuma possibilidade de suporte. Não posso me encostar, embora o objeto se ofereça. O encosto está lá, mas é eu que não tem para se encostar lá.

Terminando o texto, Freud diz que, das três condições da melancolia – perda de objeto, ambivalência (o amódio, a *hainamoration*, de Lacan) e regressão da libido sobre o ego –, as duas primeiras são encontráveis tanto no luto como na melancolia. A última, só encontrável na melancolia. Esta tese se prejudica automaticamente quando Lacan, em seu seminário sobre *O Ego*, demonstra que o ego é um objeto para o sujeito. Então, vai-se externalizar como? Se o ego é um objeto, é externalizado ao sujeito. Bom, mas ainda poderíamos concordar com Freud quanto a que a perda de objeto está no luto e na melancolia também. O mesmo para a ambivalência de amar e odiar, de ficar nisso em que o lutuoso fica: uma hora, acha-se culpadíssimo de ter feito mal ao objeto, outra hora, fica com ódio porque o objeto fez mil sacanagens com ele. Terceiramente, Freud diz que, no luto, o objeto é sempre Outro, externo. Na melancolia, o objeto é o ego. Mesmo aí, podemos dizer que, então, são dois objetos diferentes. Um, é um objeto que uso para pespegar imaginariamente minha condição de sujeito sobre ele; e o outro, um objeto que considero não meu. Mas é um pouco difícil defender esta tese na medida em que, em última instância, é narcisicamente – Freud *dixit* e Lacan repetiu – que esses objetos são escolhidos. Então, há certo prejuízo dessa tese em Freud, pois, na verdade,

talvez não tenhamos distinção senão em que: **a melancolia é o luto enquanto não for ultrapassado.**

O melancólico vive numa atitude lutuosa. É inesgotável aquele luto. Seja porque o objeto é a, b ou c, ego ou aquilooutro, o que sentimos é que há uma não-superação da melancolia, que todo luto traz, pelo término da melancolia em término de luto. Ou seja, **prazo de luto**. Todo luto deve ter um prazo, não é claro? Você tem tanto tempo para isso passar. Pelo menos, do ponto de vista da lei, você tem prazo. Chama-se: nojo. Na ordem jurídica, se você é funcionário público, alguém de seu morreu, você tem tantos dias de nojo. Se continuar fazendo luto depois, já é frescura... Mas justamente porque não se sabe qual é a dimensão intensiva do encosto de certo objeto, e da dimensão mais ou menos intensiva das relações do sujeito na fantasia com a presentificação desse objeto, é que não sabemos quanto tempo vai durar a faxina. E alguns sujeitos ficam pespegados durante muito tempo àquela melancolia por se apegarem ao objeto, não quererem perdê-lo e continuarem numa ambivalência intérmina em relação a ele. Às vezes, incessantemente, o sujeito está num trabalho de luto, só que parece que a tarefa é imensa demais para o tamanho, para as forças daquele sujeito num momento dado. No dicionário do Aurélio, além das conotações de náusea, enjôo, repulsão, repugnância, asco, mágoa profunda, pesar, desgosto, tristeza, essas coisas que ocorrem no luto, a palavra *nojo* também conota tédio, aborrecimento, aquilo que provoca asco ou repugnância, luto, dó.

Quero dizer que não vejo necessidade de distinguir luto e melancolia senão pelo conceito freudiano de só-depois, *nachträglich*. Só posso dizer que houve luto quando acaba o luto. Não posso dizer que houve luto quando ele não terminou ainda. Enquanto há trabalho de luto, há melancolia. Lacan mostrou, portanto, que, na verdade, não posso distinguir do modo como Freud distinguiu, pois a diferença que tenho é pela estrutura do só-depois. Ou seja, o luto contém todas essas coisas. Até mesmo no luto de um objeto externo, chamemos de encosto de um objeto que não é ego, reparamos também que há, desculpe-me o velho Freud, o que ele chama de regressão da libido sobre o ego. Pois como haveria ambivalência sem esta regressão? Se não, o objeto restaria amável o

tempo todo. Esta também é ambivalência entre objeto externo e objeto interno, se quisermos chamar assim, entre ego e outro objeto, no sentido de que, uma hora, vai-se para cá, outra, para lá. Então, na verdade, só enxergo uma diferença, no nível do durante e do só-depois. O luto é melancólico. Uma vez que a melancolia termina em metonimização, aí posso dizer que houve luto. Freud descreve igualzinho um sujeito em estado de luto e um sujeito melancólico. Ele tentou fazer uma distinção, mas ela foi prejudicada pela tese de Lacan sobre *Le Moi*. Quero dizer, portanto, que há uma temporalidade não cronológica, mas do *Nachträglichkeit*, que é a temporalidade do inconsciente que me designa se uma coisa já é luto ou mera melancolia. Qual é o tamanho da sua melancolia? Quanto ela dura? Quando ela termina em lutuosidade? Em nojo disso tudo? Em ressuscitação?

A prática da análise é o trabalho do luto. A travessia da fantasia é o trabalho do luto. Depois que se faz este trabalho, há um prazo de acomodação e até de contra-análise para jogar, de nojo, de nojeira, para fazer aquilo tudo ao contrário, ou seja, “já que não tem Tu vai tu mesmo”, “viva a porcaria”... Então, no luto do luto, apesar de o objeto ser impossível, vai-se operar uma espécie de revivescência das possibilidades de continuar remanejando a vida.

* * *

Há pouco eu dizia que não é no surrealismo que reconheço isto que estou lhes apresentando. Mas há um autor que é exemplar: Walter Benjamin. Ano passado, foi publicada pela editora Brasiliense, em tradução de Sergio Paulo Rouanet, a tese que lhe valeu uma incompreensão absoluta, não conseguindo entrar como professor na Universidade. Acharam que era coisa de maluco. Ninguém entendeu nada... nem podia... Ele a esboça em 1916, escreve em 1925, cinco anos depois do *Mais Além*, aos 33 anos de idade, vai morrer aos 47 de um suicídio que foi assassinato nazista e deixa esta obra-prima para ninguém querer entender. Com as devidas traduções, digo que posso transpor Lacan para lá e mesmo assinar embaixo de quase tudo. O título em

português é *Origem do Drama Barroco Alemão*. Sua tese é sobre o barroco alemão, mas o que interessa é que a tese é sobre o barroco. É o barroco alemão porque ele fala de alemão e descobre, no dito drama barroco alemão, certas características que importam muito. No entanto, ele está tratando de algo que, em sua língua, se chama *Trauerspiel*, uma palavra formada pela mesma que está em *Luto e Melancolia*, de Freud: *Trauer*, luto. Quanto a *Spiel*, não temos em brasileiro uma palavra adequada. É o que o francês chama *enjeu* e que o americano chama de *play* no sentido teatral, mas que é ambíguo com o *brincar*. Seria um *mourning play* ou um *enjeu de deuil*. Como dizer isto em brasileiro? Há uma dificuldade sobre a qual o tradutor comenta logo de entrada e resolve traduzir *Trauerspiel*, que é um negócio muito particular, ora por drama barroco, ora por tragédia, pedindo desculpas o tempo todo. Eu, acho que sei a tradução correta. Não é a tradução de língua para língua, e sim a do texto para ser brasileiro, como toda tradução que faço. É: **dramalhão**.

Abram o dicionário e verão que dramalhão quer dizer isto. Está lá também no sentido pejorativo, tal qual foi dado pelos estetas ao *Trauerspiel* durante muito tempo. Mas o que é um dramalhão? Diz o Aurélio: aumentativo depreciativo de drama, peça ou filme de valor escasso – o que é opinião estética de certos autores, como ocorreu com a palavra barroco que já significou obra de mau gosto, de baixo nível –, mas cheio de lances trágicos e artificiosos. Isto é que é importante no dramalhão: cheio de lances trágicos e artificiais. Tanto é que os autores que, na época como sobretudo depois, no romantismo, escreveram a respeito do drama alemão, do que quero chamar de dramalhão, simplesmente ficavam querendo reduzi-lo à tragédia, ou seja, como se fosse o que o barroco conseguiu fazer em lugar da tragédia no sentido clássico. Mas Benjamin vem demonstrar que não se trata disto. A tragédia clássica, o espírito da tragédia, nada tem a ver com o espírito do dramalhão. É nesses acontecimentos trágicos e nessa acumulação de artifícios, mas com outras particularidades que retomaremos daqui a pouco, que se funda o que quero chamar de dramalhão. Continua o Aurélio: ‘que expõe atos de perversidade requintada’. Não se trata de perversidade requintada nenhuma, o dramalhão simplesmente expõe o mal

para mostrar, em última instância, que este mal, esses terrores, torturas, dores, mortes, etc., não cabem necessariamente no plano da tragédia. É um ato aparentemente trágico e tem certa comicidade, mas, no fim, mostra uma espécie de bondade de tudo, de equivalência de tudo, de redutibilidade de tudo a mero significativo ou ao objeto *a*.

O importante, sobretudo, é como Benjamin, com categorias muito aproximadas do nosso campo – é difícil traduzir porque ele fala de totalidade para o que chamo **halo**, de conceito para o que chamo **alelo** –, vem mostrar que nesse tal de drama barroco há uma exacerbação, a emergência quase que tangível – não que na obra de arte em geral isto não esteja, acredito que esteja sim – das oposições postas em cena. Em suma, traduzindo em minhas palavras, como **no dramalhão o Revirão é mostrado nitidamente em cena, a cada momento, para, com isso, exhibir a neutralidade do objeto**. O dramalhão é um lugar onde o trágico convive com o cômico, transformando-se em grotesco, no grotesco do barroco, para dali fazer emergir o nada que o Revirão transparece. Isto ao mesmo tempo que exacerba as contradições, ou seja, as posições extremas às quais se referem os dois sexos dos termos antitéticos, como Freud colocou quanto ao sentido das palavras primitivas, inclusive no nome em alemão: *Spiel*, jogo, brincadeira, e *Trauer*, luto. Eu diria mesmo que isto é algo evidente no carnaval brasileiro e no modo festejante de um Chacrinha. A gente ri porque esta risada é carregadíssima de equipolência de dois termos extremamente afastados. Quando Chacrinha falava aqui no Colégio Freudiano ontem², eu não sabia se devia rir ou chorar. Ficava na dúvida por uns três segundos. Escolhi a risada, porque não sou apenas bobo...

Quero chegar no ponto de dizer que é no dito “barroco brasileiro” e na instância brasileira desse dito barroco – que tem que ser lida no carnaval não como carnavalização mas como acarnavalhação, como quero –, neste regime emblemático é que vai se constituir a solução, que Benjamin não encontra no

² Fala apresentada em 28 de agosto de 1985 na série de Saraus intitulada “O Que é o Brasil?”, promovida pelo Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Texto publicado com o título *A Buzina do Brasil* em *Revirão: Revista da Prática Freudiana*, n° 3, dezembro 1985, Aoutra editora, p.115-126.

barroco alemão, forjando-a no conceito. Em outras palavras, ele resolve a questão saindo da noção de antanho de simbólico e construindo a noção de *alegoria*. Fazendo um parêntese, é muito engraçado como o simbólico que Benjamin critica em seu texto nada tem a ver com o simbólico de que falamos, e sim com seu sentido goethiano. O que Lacan trata como simbólico, e sobretudo quando esse simbólico é instalado como letra, e mais do que isto, quando quase mesmo se constrói como enunciado da fantasia – pois esta não se pega, o que se pega é o enunciado particularizado –, pode ser até emblematicamente remetido para um S_1 , que é reportagem da fantasia. Mas, retornando, no que Benjamin nos dá de presente o conceito de *alegoria*, fazendo uma paráfrase do que Goethe coloca no contraste entre símbolo e alegoria, eu diria que o símbolo de que falam – quando, por exemplo, tomam a bandeira como símbolo de um país (isto não enquanto da ordem do simbólico no inconsciente, que é outra história) – é aquele que tenta, mediante certo objeto particular, representar certo universal. O importante no conceito de alegoria, em Benjamin, é que ela não é um particular que representa o universal, e sim certa formação significativa e objetual – porque formação significativa constrói objeto – particular que cria ao seu redor um universo, o que é muito diferente de representá-lo. Ela não está, portanto, representando o universo de lá. Há uma imantação em torno daquilo, e aquilo cria seu próprio universo. É o valor do adereço cênico, por exemplo, no teatro barroco. De repente, em torno de certo adereço se polariza a dramatização.

Outro dia, fiquei muito espantado de ter visto o que, tradutivamente, deveria ser um filme brasileiro. Trata-se de *Amadeus*, de Milos Forman. A meu ver, ele constrói um filme que é uma tese. Ele nos apresenta a tese de Benjamin, com uma contemporaneidade e uma brasilidade espantosas. Ele nos mostra esse barroco inserido no contexto do barroco alemão da época: o teatro dentro do teatro, a marionete dentro da cena, o jogo de cena sobre si mesmo, a derrocada de um sujeito por forças de futricas palacianas, etc., mas que não é um heroísmo, é simplesmente uma queda, uma catáclise absoluta. É a culpa vigorando o tempo todo, mas não necessariamente arrependida. Ela é orgulhosa, bendiz o mundo em nome da mediocridade, “fi-lo porque qui-lo”, sou um fdp,

sou um elemento necessário. Não tenho culpa de ter culpa, só tenho culpa. Tudo com a construção excelente do carnaval barroco, em que a excelência da obra divina passa no meio de todo o esgoto, cai em derrocada, desaparece numa ambivalência extrema na própria figura de Mozart. É como pensa Salieri: “Tamanha maravilha em tal cocô?” Esta é a essência do Revirão. É o que quero mostrar como construção do halo significante, pois sem halo não há significante. Não posso sintomatizar, metaforizar, particularizar, separar um lado de possível significação sem o que Benjamin quis chamar de totalidade, que é puramente o halo do Revirão.

Quando tomo o real sem valorização de espécie alguma, com uma ética que não é de avaliar como melhor ou pior, ou bem ou mal, mas de simplesmente dispor o nada a que estamos votados, e que, ultrapassado o luto dessa condição, vamos brincar, tocar sinfonias mozartianas, ou fazer ópera, que é um troço ridículo... Benjamin coloca mesmo essa coisa decadentista que vê na ópera. Ele valoriza mais o dramalhão do que a ópera. É a força da música que é insuperável nisso tudo, e não a força da música simplesmente do delírio significante se dissolvendo sem significação. É a força da música que você impõe na sua palavra, como é o caso da entonação para a qual Lacan chamava atenção, em última instância, na escuta do analisando. Às vezes, pouco importa saber o que ele está dizendo, mas capta-se certa entonação que, dentro da palavra, vai se endereçar para onde está o nó da questão. A musicalidade que Benjamin vai hipervalorizar não é a da música enquanto tal produzida sozinha, mas a da palavra funcionando com valor de escrita. E isto não é senão o que Lacan chamou de interpretação analítica e o que está na escrita poética chinesa. Ou seja, a palavra com valor emblemático, a palavra como uma verdadeira coisa que não significa nada. Ela é que fica procurando nela, fazendo sair dela, exsudar dela as possibilidades de significação. Ou seja, nada mais nada menos do que uma alegoria. Alegorizar, apresentar um halo para aquilo que o sujeito traz como possibilidade de significação de um alelo significante no qual ele está impregnado e ao qual está absolutamente pespegado. É, portanto, a posição emblemática.

- P – *Um S_1 pode ser chamado de halo?*

Não. No que o que é intencionado é o Gozo do Outro, ou seja, no que a psicanálise produz como resultado que se possa destacar o S_1 , é para desconfundir de dentro do seio de S_2 e equivocá-lo em seus progressos dentro do campo do Outro. Mas um S_1 , justamente na fala do neurótico, não está funcionando como S_1 , como significante lá dado que tem oposição. Ele, neurótico, de certa forma, elimina no campo de S_2 certas significações que lhe seriam atribuíveis também pelo avesso.

- P – *S_1 é apenas um alelo?*

Sim. O que tenho colocado desde o começo é que significante, para mim, é a totalidade hálca. Mesmo em Lacan, se o lermos com cuidado, verificamos que a posição de um significante jamais é isolável. Já o halo não só inclui um e outro significante como também o lugar de passagem, que é impegável. Por isso, não dá para totalizar. Esta é a concepção que estou trazendo. Como disse, o que Benjamin quer chamar de totalidade, chamo de halo, que é, imediatamente, como fundo e como forma, se quisermos usar a metáfora da Gestalt: quando é posta uma coisa, é posta a outra e fica o buraco no meio.

Precisamos, portanto, prestar atenção na originalidade que tem a perspectiva de Benjamin ao buscar na ordem do drama alemão a presentificação, a explicitação da momentaneidade, que não é da ordem do instantâneo do místico, mas do aqui e agora das possibilidades de sentido e de significação. Como em ninguém, nem mesmo em Lacan, me parece ficar explicitado neste trabalho dele a distinção do halo significante como tal. É no drama barroco que ele busca a exposição clara do que, segundo minha dissertação publicada em *Senso Contra Censo*, está em toda obra de arte. Ele saca que o dramalhão como tal, no que promete o riso, o riso cai, no que promete o trágico, retira o trágico, ele cai... ficando mero dramalhão. Lacan disse que a vida não é trágica, e sim cômica. Eu tentaria corrigir isto agora dizendo que **a vida não é trágica nem cômica, ela é um dramalhão.**

Quero insistir em que Benjamin, muito antes de nós, já tinha realmente, como diz o Chacrinha, apresentado o conceito de Revirão. Espantosamente,

no que se faz este percurso até chegar no barroco brasileiro, vê-se que é aqui a pátria do Revirão como explicitação. A Est'Ética que precisamos construir encontra aí um exemplo de onde podemos sacar a construção sintomática nossa. O que será a devoração do outro, a Heterofagia, como chamo, senão estar no movimento do Revirão? Neurótico não come ninguém, muito menos o outro. Há que estar na prática do reviramento para um Oswald sacar que “só me interessa o que não é meu”, que quero comer o outro. É o Revirão em funcionamento o tempo todo. Ou seja, uma vontade (se não de desrecalque, pelo menos) de retorno do recalçado, uma permissividade de retorno de recalçado.

É por aí que venho tentando endereçar as coisas. No fundo, a vocação deste Colégio Freudiano é dissolver a psicanálise, como disseminação; é produzir esta Arte; é apoteoticamente ser barroco até sua exaustão; é não pedir benção a franceses porque não estão com nada, nunca inventaram dramalhão... A não ser Lacan. É uma coisa espantosa Lacan no meio da França. Ele, em pessoa, era um dramalhão, era grotesco, um escombro, tinha algo de ruína ambulante, grandiosa, uma alegoria ruínosa do significante. Philippe Sollers, em seu romance, *Femmes*, coloca-o como personagem e o apelida de Fals. Em francês, pode soar como falso, mas acho que ele estava pensando na figura barroca shakespeariana de Falstaff, que é um personagem muito parecido com Lacan e percorre vários dramas com uma tal *Unheimlichkeit*, com uma vocação que é um oxímoro quiasmático e que é justamente da natureza do emblema, da alegoria. Falstaff é a covarde valentia de dizer aquelas coisas horrorosas com voz frágil como dizia Lacan: “Minha voz é fraca...” É com isto que se constrói este personagem esquisitíssimo que, como chama atenção Benjamin em certas definições da razão emblemática e dos personagens que carregam esta duplicidade em cena, carregando essa covarde valentia, têm uma lucidez extrema sobre tudo que está acontecendo. Daí que o próprio Sollers apresenta a figura grotesca de Lacan ao mesmo tempo que diz: “É o maior pensador de seu tempo”.

29/AGO

7

MANEIRO: O TERCEIRO, SEXO DO FALANTE

Como sabem, desde a primeira seção deste semestre também estou considerando a pergunta: *O que é o Brasil?* Afinal, é disto que vamos tratar no II Congresso d'A Causa Freudiana do Brasil, cujo tema é: Psicanálise do Brasil. Estou esquentando os motores para o que direi lá, que, na verdade, será um resumo do que vimos aqui. De nosso ponto de vista, a questão fica bem diferente do que temos escutado por aí, pois o nível da besteira geral e da pelo menos aparente falta radical de uma ferramenta de leitura me parecem resultar em tratamentos da questão como *faits-divers*. Espero, portanto, que consigamos apresentar uma pequena diferença.

Ainda na linha da seção anterior, onde enderecei algumas coisas, trata-se de escutar o que têm a dizer sobre o Brasil pessoas supostamente pensantes, com influência no mercado dos discursos, e mesmo com certa habilitação em escutas pelo mundo. Isto, de maneira a ajuntarmos um pouco de material para outra articulação. Está na moda, depois da Nova República, que propiciou isto, falar do Brasil. As pessoas estão com uma comichão de identidade. Vários livrinhos vêm sendo publicados. Um que recomendo é *O Brasil no Mundo: uma Análise Política do Autoritarismo desde as suas Origens*, de Paulo Francis (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985). Não significa que eu concorde com o autor, muito pelo contrário. No entanto, mesmo não sabendo se devo subscrever sua descrição da Síndrome, e menos ainda sua receita, o levantamento dos sintomas que ele faz é bastante interessante. No regime do sociologês,

dos *faits-divers*, alguns autores até conseguem apontar certos acontecimentos e sintomas, mas como sempre me parece um pouco esquisito o que fazem com isso, a gente que trabalhe para encontrar outra maneira de elaboração. Da vez anterior, eu falava do Barroco e do livro de Walter Benjamin, que espero já tenham lido, pois é muito importante para entendermos qual é a nossa situação. Mas, afinal, que diabo é isso de autoritarismo no Brasil? O que vou apresentar hoje é um retorno a algo que venho falando pelo menos desde 81 e que me parece fundamental na estrutura sintomática do Brasil.

* * *

Antes ainda, de maneira um tanto fracionária e pontilhista, quero falar um pouco sobre Sexo, escrito assim: **O Terceiro, Sexo do Falante**. Em seu último seminário sobre *A Topologia e o Tempo* – um seminário extremamente esfrangalhado, aliás –, Lacan, depois de passar longa parte da vida insistindo em que só há dois sexos, torna a insistir, só que tropeça por duas vezes. Diz ele aí algo parecido com: “Era preciso mesmo um terceiro sexo. Por que não tem o terceiro sexo? Precisamos então desvendar e demonstrar esse terceiro sexo. Não, não tem o terceiro sexo. Pensar isto foi um tropeço, pois não tem”. De outra vez, pergunta ele: “E o terceiro sexo?” Então, pergunto eu: o que pode significar isto nesse momento terminal de Lacan, depois de seu seminário anterior, *Momento de Concluir*? Não posso saber o que estava em sua cabeça e talvez nem ele soubesse. Interessa-me, sim, lembrar que, desde Freud, podemos ver que essa questão sempre aparece. Falta um conceito sustentado pelo número 3. Mesmo porque, se há real, simbólico e imaginário, podemos pensar no real do sexo, no simbólico do sexo e no imaginário do sexo, mas a tríade dos sexos parece que exige um número 3. Pois vou lhes dizer como é esse negócio do Terceiro Sexo.

Se a tese do Revirão está correta, na verdade são três sexos. Já insisti várias vezes em que, do ponto de vista daqueles que são afetados pela fala, daqueles subditos à determinação simbólica, o sexo não é a pega sintomática

correspondente à ordem natural, ao sintoma dado pelo corpo, pela chamada natureza. Assim, se a pega no masculino ou no feminino é da ordem de um gancho metafórico que, mesmo nos fragmentos da corporeidade, se acopla a um enxame significante – que queremos chamar de S_1 , significante de base de um sujeito –, podemos sim dizer que é no nível sintomático *desse um*, sustentador de um sujeito falante, que temos essa pega, mas o sexo do sujeito falante não pode ser esse. Isto porque o Sujeito não é S_1 . E $\$$ só é sintoma no Discurso da Histórica, no que ele assim funciona, no escoramento de uma marca metafórica. Portanto, o Sexo do Falante não é um ou outro sexo, dito masculino ou feminino, macho ou fêmea. É, sim, o Sexo do Sujeito. É um Sexo Real, não representável – e quando Freud diz que não há representação da sexualidade no Inconsciente, não pode ser senão isto – porque é **entre** um sexo sintomático e um sexo do Outro, que, aliás, não devia nem ser chamado de sexo. O que se escreve no registro civil de um nascituro como sexo *tal* é pura e simplesmente descrição imaginária ou sintomática de aparelho genital. Daí termos a idéia de que há sexo macho, fêmeo, que, na verdade, só funciona razoavelmente nos animais. Repetindo, o Sexo do Falante, no que é determinado pelo simbólico, é Sexo do Sujeito, Sexo Real. Portanto, real-men-te, como diz meu amigo Chacrinha, só há um sexo: o **Sexão** – escrito Falo (Φ), correspondente ao Sujeito e lugar de habitação do desejo em seu processo metonímico de coisa para coisa.

Mas por que disse eu que há três sexos? Não vou adscrevê-los a real, simbólico e imaginário, mas sim a algo que sempre ficou muito indefinido – e ainda vai ficar até que eu saiba melhor dizer – e que já trouxe em outros Seminários: Autossoma, Etossoma e Heterossoma. Este último, a partir de agora, passo a chamar de **Halossoma**. Então, para fazer uma pega com o que tenho a dizer sobre o Brasil daqui a pouco, se visitarem certa igreja de Matosinhos, em Minas Gerais, onde, aliás, nunca fui, lá verão pendurado no teto um anjo do artista fundamental da arte brasileira que é o Aleijadinho. É a escultura de um anjo, supostamente barroco – que, aliás, estará na capa da revista Revirão n.º 3, a sair –, num movimento muito estranho, muito afetado no ar, como que adejando mais para mariposa do que para passarinho, e que porta em sua mão

esquerda uma lança e, na direita, um cálice. Como o vemos de frente, ele está nos ofertando esses objetos especularmente. Ou seja, se tomarmos o que ele nos oferece, a lança virá para nossa direita, e o cálice para nossa esquerda. Mas, segundo uma longa tradição, que objetos são esses senão aqueles dois que não copulam porque não podem, porque a relação sexual é impossível, na Questa do Graal? A lança, no máximo, consegue ejacular um pouquinho do sangue dentro do cálice, que é como termina *A Questa do Santo Graal*, que vocês certamente já leram. Quero eu então destacar que, assim como está no Graal, justamente nessa oferta de duas marcas, masculino e feminino, afastadas, não copuláveis, **entre** elas, no meio delas, está o Anjo. Por isso, não é desimportante encontrarmos no período bizantino a importância de se discutir sobre o sexo dos anjos.

Qual é o **Sexo dos Anjos**? Ninguém venha me dizer que anjo não tem sexo. Certamente, não é masculino, feminino, macho, fêmea, homossexual ou heterossexual. Mas é sexo. Está representado pelo Aleijadinho, está na Questa do Graal, está em muitos lugares, e está aqui e agora em minha fala que o **Sexo do Anjo é o Sexão, entre os dois lugares ofertáveis por esse Sujeito adejante**. Por isso, proponho hoje que, muito brasileiroamente, chamemos o falante de **Falanjo**, o que tem a ver com nossa tentativa de amarrar o anjo com o falante e com a falange – que se articula: falange, falanginha, falangeta, e que faz enxame: a falange, o falanjão. O Falanjo, portanto, não tem como sexo um significante situado como letra, ainda que insistente automaticamente em cada qual dessas letras. Esta insistência é posição básica diante do Sexo, diante do Sexão, e é para articular com o sexo do outro que temos uma marca, um timbre sintomático. O Sexo é do Sujeito, uma vez que não há um sem o outro, e isto – que não há um sem o outro – quer dizer isto e nada mais do que isto.

Precisamos mais vezes, além das que temos tentado, distinguir Tesão de paixão, de amor e de ágape. Mas, enquanto isto não ocorre, vamos ficar nos Três Sexos do Falanjo. O sexo é uma barra. Não para os animais, sexuados mortalmente pela natureza, ou seja, pelo artifício genético que certo Sujeito (o qual, por desconhecê-lo, chamamos de Senhor Deus) inventou, mas o é para

nós falantes, Falanjos: a barra que separa S_1 / S_2 . O sexo é a barra. Este é o Sexo do Sujeito. O Falanjo é, pois, um Entre-Sexos, ou um Sexentre. Do ponto de vista dessa coisa que ganhamos de graça com o significante e que queremos chamar de “corpo”, que, na verdade, é um sintoma da Fatura natural, temos dois suportes, dois encostos para o sexo: macho e fêmea. Então, se aquilo não fosse deslizante, mesmo em anatomia, mesmo em hormonologia, teríamos demarcado macho e fêmea para o nosso Autossoma, que é esse boneco que recebemos de graça. Por outro lado, este é o Primeiro Sexo, mas, porque somos falantes, como sujeitos nosso lugar sexual é **entre** macho e fêmea no corpo, já que não há um sem o outro, embora a pega sintomática seja aí muito radical.

Pulo agora para o Terceiro Sexo, que é do Halossoma, disso que Lacan chama de simbólico e que, em suas fórmulas quânticas da sexuação, escreve como Homem e Mulher e que prefiro chamar de Masculino e Feminino. É por interferência do simbólico e é no regime do simbólico que se sustenta haver Masculino e Feminino no Halossoma. Já no Segundo Sexo, que quero referir ao Etossoma, isto é, às possibilidades de manejos, de manipulação, uso, comportamento, está o outro sexo, em que – assim como, no Terceiro, o Sexo do Sujeito é entre, na barra Masculino / Feminino – o Sexo do Sujeito é entre, na barra que separa Homo / Hetero. Temos então:

- Primeiro Sexo: $Ex \sim \Phi x. Ax \Phi x$ – Macho/Fêmea ————— Autossoma
- Segundo Sexo: $\sim Ex \sim \Phi x. \sim Ax \Phi x$ – Homo/Hetero ————— Etossoma
- Terceiro Sexo: $Ex \Phi x. \sim Ax \sim \Phi x$ – Masculino/Feminino — Halossoma

Há, pois, Três Sexos do Sujeito, que tem esses três lugares para se inserir, com sua pega sintomática sempre subvertida, uma vez que seu lugar é na barra. Entretanto, quando escrevemos essas coisas, vemos que o Segundo Sexo, tanto porque é relacional, quanto porque é o Sexo do Sujeito em suas práticas, tem duas vertentes: uma, para o lado do Autossoma, e, outra, para o do Halossoma. A influência que o Autossoma tem sobre esse sexo central é que, na praticagem do corpo, do boneco autossomático, enquanto macho / fêmea

com a relação homossexual / heterossexual, teremos as possibilidades, absolutamente imaginárias, de transar macho com macho, fêmea com fêmea, e macho com fêmea (ou fêmea com macho, que dá na mesma). Portanto, temos dois processos homo e um processo hetero.

Vemos então que as transações corporais não são meras transações corporais, já que podemos nodular borromeanamente os três sexos. Esses comportamentos são um intervalo do sexo autossomático com o sexo etossomático, não esquecendo que todos estão infectados pela peste do simbólico. Na vertente halossomática, o etossoma pode ter que masculino com masculino não existe, não dá, pois nenhum come o outro. Há uma barreira, da castração, impedindo toda e qualquer aproximação de macho com macho, e não apenas impedindo a relação sexual. Eles já estão ajuntados homogeneamente – homossexualmente, como diz Freud – em sua posição masculina. Feminino com feminino pode: é aberto, dá para transar. Masculino com feminino, pode: tem buraquinho, dá para entrar. Lembrem-se de que não estou falando de corpos – estes estão no Primeiro Sexo –, e sim das fórmulas quânticas. Portanto, se for verdade que, enquanto Falanjos, somos determinados pelo simbólico, segundo Lacan, ou melhor, pelo Halossoma, como estou chamando, então **somos não-todos do Terceiro Sexo**, queiramos ou não. Ou seja, é o Sexo do Sujeito, que é entre masculino e feminino e que afeta a relação homo / hetero e a relação macho / fêmea. Relações estas que não existem nem no boneco.

O Sexão é, portanto, impossível. É o real que há entre masculino e feminino, entre homo e hetero, entre macho e fêmea. É entre, é o Sexo do Sujeito. Os falantes só têm esse problema e só vigem dentro dessa porque é a partir de seu Terceiro Sexo que o Sexão comparece. Onde não há falantes, não há Sexão, há sexo. Mas como o Sexão só compareceu nos falantes, por isso quem é falante é primeiramente do Terceiro Sexo. O Sexão é o entre significante e significante. Chama-se: Sujeito. Mais do que Sujeito, chama-se: barra, distanciador. E isso só comparece porque veio o simbólico: é de dentro do simbólico que estou falando isto. Portanto, é o Terceiro Sexo, o sexo catalisador da sexualidade do falante, que propõe o Sexão. E porque há Sexão ficam afetadas

as relações etológicas de homo e hetero, e as relações corporais de macho e fêmea. Por exemplo, é o lugar para estudarmos aonde vai o tal do *transexualismo*. Dizem que o transexualista é psicótico, mas vêem que não é bem assim. Que périplo é esse que o transexualista faz de querer, no corpo, desenhar o que lhe vem do simbólico? De querer, no Autossoma, designar mesmo o que lhe vem do Halossoma? É uma escolha que ele faz a partir do Halossoma. Da mesma maneira que o sintoma histérico comparece no chamado corpo por vigência do Sexo, o transexual faz essa operação. Pode ser babaca, mas ele faz, e esta é a questão.

Qual é o **Sexo do Analista**? É claro que, nas pegadas imaginárias, sintomáticas, neuróticas, perversas, e mesmo no rebatimento imaginário das pegadas psicóticas, necessariamente a gente vai se dizer macho ou fêmea, homo ou hetero, masculino ou feminino e, com esse nó borromeano a três, vai-se compor uma figura de homem ou de mulher, a qual, porque o nó é borromeano, será muito variável de cultura para cultura. Repetindo: qual é o Sexo do Analista (que fez a travessia e pode assumir um lugar sexual que não é neurótico, psicótico ou perverso)? É o Sexo do Anjo, o Sexo do Sujeito, o Sexo Entre. Por isso, ele pode ser tomado pelo que quiserem... e usado. O Analista foi feito para ser usado, e até mesmo abusado.

* * *

Por que os anjos têm duas asas? Bizâncio precisava, e nós precisamos, discutir o Sexo dos Anjos. Sonia Nassim publicou um livro, *A Diferença Sexual* (Rio de Janeiro: Aoutra, 1985), em cuja capa resolveu colocar o fragmento de um quadro de Bronzino, um quadro maneirista, intitulado *Vênus, Cupido e Saturno*. Ela acertou em cheio, não sei se sabendo ou não. Daqui a pouco, retomaremos isto. Outro ponto: o mito da gênese do falante começando pelo feminino, que já tentei colocar aqui diversas vezes. O mito bíblico é o da fundação de homem, a partir da qual começa a existir a mulher, a mulher do homem. Eva é a mulher de Adão. É aí que se funda o que, no Seminário sobre *Ordem e*

Progresso, chamei de a *Outra Ideal*. A Mulher não existe, mas quando é referida ao homem, a certo homem assentado nos enunciados de uma cultura, se quiserem, aí ela existe: é a mulher do homem, a Mulher Ideal. Eva é a mulher *de* Adão. Sem este duplo genitivo – é propriedade de Adão, e é a mulher que há em Adão, idealmente – não é concebível essa costela. Assim, mulher de homem existe, embora não exista *A Mulher*. O mito bíblico – e todo o pensamento judaico (junto com outras tentativas, a grega, por exemplo) – é, pois, uma tentativa de criar, ou seja, inventar o homem. O homem, como já tentei demonstrar aqui, é logicamente possível, isto é, universal, mas *os* homens não existem. A Mulher é logicamente impossível, mas só existem mulheres. Esses elementos são ferramentas importantes para pensarmos a questão do Brasil.

Do livro de Paulo Francis sobre o autoritarismo no Brasil, retirei uma pequena frase do momento em que ele critica este país dizendo que parece um mulherio tomando porrada de um homem. Tiro esta frase que serviria para título da minha fala no Congresso: “As cabrochas e o pai-de-santo”. As mulheres precisam de um homem... para não ficarem piradas. Ele não existe... mas inventa-se, universaliza-se. E aí fica-se na dialética do senhor e do escravo, sim, ou seja, é mais ou menos desacato da histórica ao mestre. O masculino, neste país, foi prejudicado pelos atravessadores, em travessuras, atravessadores das classes, o que não é mal. É o que vamos encontrar no gosto pelo híbrido, pelo mulo, pela mulata – o gosto do equívoco.

Na seção anterior, discutíamos a tese de Benjamin sobre a questão do Barroco em contraposição ao Clássico. Sobretudo, tratei da conformação estranha que ele encontra sobre o *Trauerspiel* e que chama de *drama barroco alemão*. Resolvi chamar de *Dramalhão*, e vou insistir no termo, em busca de uma formação brasileira. Alguns autores apontam para a questão de o momento fecundo da formação cultural brasileira ser a Contra-reforma e o Barroco correspondente. Isto, na suposição de que o Barroco tenha sido uma deformação, se não mesmo uma decadência do Classicismo. O termo foi usado pejorativamente, pois era o nome que, em Portugal e Espanha, se dava a certa pérola de material excelente, mas que vinha torta, descentrada. Ou seja, como

não era a esfera perfeita talqualmente se queria na mentalidade renascentista, aqueles que tomam o Classicismo como paradigma querem que o Barroco seja uma decadência. É claro que a história da arte e a estética já recuperaram e limpam o nome Barroco de tal maneira que hoje em dia é estilisticamente descritível como uma arte de alto porte. E é a partir desta recuperação, ocorrida relativamente cedo, que ele aparece como uma contraparte, um *pendant* do Classicismo.

Nós, ao trabalharmos com estética, estilística ou teoria da arte, temos uma ferramenta que falta à maioria dos autores. É a ferramenta psicanalítica, lacaniana sobretudo, que nos possibilita demonstrar sem muita dificuldade que a dialética, ou mesmo a luta que se dá – até dentro de um artista no momento de concepção de sua obra – entre Barroco e Clássico, duas vertentes nítidas da arte ocidental, não é senão Masculino e Feminino. Leiam, por exemplo, o livro de Heinrich Wölfflin, que é o mais clássico a respeito da diferença entre Renascença e Barroco. Acompanhem detalhadamente seu esforço distintivo, suas definições mais sensíveis, e verão que, em função das fórmulas quânticas, é possível colocar o Classicismo dentro do ideário do Masculino e o Barroco dentro do Feminino. Temos então essa ferramenta para pensar se o Brasil é barroco, como dizem. Podemos, na relação do Masculino com o Feminino, perguntar por que temos duas forças organizadoras dentro do país – a Igreja, através do jesuitismo, e o Exército, através do positivismo – com forte e farta tendência ao autoritarismo. Em oposição, há um povo aparentemente desbundeu, o que me faz, por exemplo, questionar se democracia é algo que necessariamente devemos querer para nós. Já citei Sérgio Buarque de Holanda, que, em seu livro *Raízes do Brasil*, nos faz pressentir que, quem sabe, a pressão autoritária dessas duas forças organizadoras venha recorrentemente sobre o país em função disso. Chamo também atenção para o fato de que vivemos no movimento constante de ditadura para demagogia, de demagogia para ditadura, e não aparece outra coisa. O pessoal que curte democracia pensa que ela está no meio e fica procurando por ela. Isto porque “copeia” a democracia de lugares de onde talvez não devesse copiar. Repito, não sei se devemos ser democratas.

Será que é a nossa? Quando se fala coisas desse tipo, as pessoas se arrepiam e pensam que queremos ser autoritaristas, mas não é o caso. Por que não inventar outro modo, por exemplo?

Minha questão, portanto, é: como discernir a verdadeira sintomática deste país – pois acredito que isto exista – de maneira a se inventar o adequado? Se não, vai-se ficar nessa repetição (não do adequado, digamos, de um sujeito analisado, mas) da neurose de um sujeito que não acha lugar para dizer sua verdade e fica pulando entre autoritarismo, ou seja, ditadura, e demagogia: ora na mão do positivista, ora na mão do padreco, e ora na baderna. Isso falta ser dito, para que se invente a partir desse dizer. Então, como vai-se poder dizer a verdade sintomática deste país? Aí está exatamente o processo de identificação, de criação artística de uma voz e de um discurso próprios – de um estilo do país que, até hoje, não emergiu. Quanto a mim, suponho que esse estilo está tão na cara que não o vemos.

* * *

Será o Brasil barroco? As emergências barrocentes e barroçadas da arte popular – nosso carnaval, nossa melhor literatura, antiga e mais recente, quando não está sob a imposição do marketing, do best-seller, etc. – dão impressão que sim. Mas agora quero retomar a tese que já lhes trouxe de outras vezes. Se percorrerem livros sobre as artes, sobretudo artes plásticas, e também o trabalho dos estilistas, dos estetas e dos críticos, reconhecerão certo período, digamos, da história da arte, em que o Classicismo começa a desabar por dentro. Isto, se considerarmos que há Classicismo e Barroco, pois autores mais contemporâneos criticam a idéia do Barroco como decadência do Classicismo e dizem que, ao contrário, o Classicismo é que vem depois do Barroco como tentativa de inventar o tal Homem, porque só há mulheres. Quando consideram as formações estilísticas do Barroco na Idade Média acham que o que há é um momento fugaz de humanização, de humanismo clássico, que podemos dizer que é de hominização do homem, de tentar inventar um

homem... que logo desmunhecou, não agüentou a barra. As formações clássicas não se agüentam, duram muito pouco.

Mas, retornando ao que dizia há pouco, o que acontece logo que, nesse período histórico, o Classicismo começa a desabar por dentro? Não é por fora que desaba, pois não há uma formação classicista do Renascimento italiano, por exemplo, que encontra em contrapartida um grupo que pensa o contrário. Lembrem-se de que são os próprios artistas do Renascimento que inventam uma “cientificidade” – era o termo que usavam – para a pintura e para as artes em geral. Eles estavam pressionadas tanto por uma luta de prestígio com, suponho eu, a teologia e seu poderio dentro do Vaticano – os artistas eram meros empregados subalternos –, quanto pela ascensão de certo pensamento cientifizante, ou seja, pela valorização do saber científico. O espírito do Renascimento é, pois, o inventor de um saber delineado, demarcado, arrumado – a perspectiva linear –, que vai comandar a pintura: absolutamente qualquer ponto é desenhável sobre o quadro, uma vez que há um ponto no infinito – o ponto de vista – como centro organizador de tudo. Ponto de vista este que, em última instância, podemos remeter a Deus, ou, se quisermos, ao Rei. Mas, no quadro como plano de representação, nele tudo cabe, desde que obedecidas as regras da perspectiva linear. Então, no Renascimento, o quadro, a tentativa da escrita (científica ou não) e a produção ocorrem sobre uma superfície de representação onde tudo é representado e Deus fica de fora olhando, onisciente, onipresente e onividente. Ele é o possessor do ponto de vista, que é único, pois não há diferença do ponto de vista na perspectiva exata. O conceito de ponto de vista, no final, remete à concepção de um único ponto de vista que se representa aqui e ali sobre o quadro, mas que está sempre no infinito ordenando o quadro todo. Ou seja, a geometria que ordena o quadro é a de que há um ponto de vista que arruma qualquer coisa sobre qualquer quadro e sobre o conceito de quadro, que é geral, abstrato, infinito. Está aí a definição do Homem.

Então, por dentro do Renascimento, os artistas – talvez justo porque o fossem, artistas – começam a se sentir pressionados pela onipotência masculina da representação. Basta ver Leonardo, que é o campeão do humanismo, ou

Michelangelo, que chamam de proto-barroco, ou pai do Barroco, já comecem a degrading os aparelhos. Lembra do filme sobre Michelangelo, onde aparece Julio II brigando com os cardeais porque estavam implicando com os afrescos da Capela Sistina? O que temos lá é uma construção absolutamente cinematográfica no painel do Juízo Final, e absolutamente retorcida de todos os elementos pictóricos no teto. Aquilo não é mais Renascimento, tanto é que os cardeais começam a achar que é decadente. E o imbecil do Paulo III, que vem bem depois, como pensa que a querela é a respeito da nudez, uma coisa absurda, manda incluir panejamentos por cima das bundinhas e piroquinhas pintadas nos afrescos. Depois, outro papa mais sensato manda tirar. Mas a querela verdadeira é que os cardeais estavam vendo na cara que Michelangelo estava destruindo o humanismo.

O que acontece logo em seguida ao grande momento do Renascimento? A pressão classicista era muito forte. Basta lembrar que, como disse Lacan, ser clássico é arrumar classes, e só se arrumam classes de um ponto de vista masculino: há que fazer a exceção para fundar a regra. O humanismo e o renascentismo são, portanto, esse classicismo masculino. Mas um crítico, Walter Friedländer, traz o conceito de **anti-classicismo** para tentar dar entendimento a esse momento da realização artística que não é Clássico, embora mantenha conhecimentos, saberes, do Classicismo, e que também ainda não é Barroco. Digo isto no só-depois de quem conhece o Barroco que aí vem. Na verdade, esse é um momento esquisito. E os autores, não sabendo situar, por exemplo, boa parte da obra de Michelangelo, a obra de Bronzino, que citei antes, a lírica de Camões (e não sua épica, que tende a ser humanista), etc., vão colocá-las na conta do que chamam **Maneirismo**, que livros mais acadêmicos da história da arte definem como uma arte amaneirada, decadente, cheia de trejeitos, que não é clássica ou barroca, que tem um mau-gosto requintado nos termos, que é artificiosa, puro artifício. Ele não tem a naturalidade clássica do Renascimento e nem a naturalidade plástica, pictórica do Barroco. Então, é um xingamento só, embora saibamos que pelo menos um autor, Arnold Hauser, escreveu um alentado livro para salvar um pouco o Maneirismo.

Mas o que quero colocar é que esse momento não é nem anti-clássico, embora o seja como efeito, nem necessariamente precursor do Barroco, pois este já existia na Idade Média. O que é ele senão a reflexão dos anjos, dos artistas, dos pensadores, a respeito do lugar e da representação do lugar de sua sexualidade? Estou dizendo que esses artistas, na prática e na teoria, sabiam dos Três Sexos. Na prática vaticana da Igreja, aliás, na moita e à vista, isso está na cara. O que vemos, então, despontar mais uma vez aí – não é a primeira – é o Sexo do Anjo que eles exigem para si. Sexo dos Anjos como lugar entre, interstício. É o Sexo do Analista, que sabe que é faz-de-conta, que é farsante, que se atravessa, que é **Maneiro**. Ou seja, sabe que a representação é, se não escandalosa, pelo menos afetada. Aliás, uma pergunta a ser feita a Benjamin é a de como não percebeu que o dramalhão alemão é maneirista.

* * *

Vejam que estou falando de modo pontilhado, pois minha intenção não é fazer uma tese, e sim apontar caminhos. A questão no momento é quanto ao que aconteceu neste país, que foi fundado não com mera contradição, mera emergência de opostos, e sim com violentamente opostos: os princípios antitéticos foram jogados aqui de roldo. Jesuíta, militar, índio, crioulo em confrontos intensíssimos, onde o Revirão, a oposição dos alelos era exacerbada. Coisa que, aliás, está no dramalhão, de Benjamin. Minha indicação, portanto, é de que **o Brasil** é um país maneirista, ou melhor, **é um país Maneiro**. Por isso, talvez ele tenha condição de fazer alguma coisa nova. É Maneiro no que tem origem maneirista, e no que ser maneiro é ocupar o lugar central de estar sabendo da posição sintomática e meramente farsante das oposições, no entanto, podendo escapular daqui prali. Estar no Maneiro da posição brasileira é o nosso jeitinho, pois não somos uma sociedade masculina *ou* feminina. Temos esses dois opostos em contradição, propiciando até autoritarismos, porradas, etc., mas só enquanto não nos dermos conta de que há que estilizar este país num país Maneiro, o que é seu sintoma fundamental.

Por exemplo, na grande querela do tempo da literatura correspondente ao Barroco, entre Cultismo e Conceitismo, alguém consegue distinguir nos escritos os limites entre uns e outros? Em Lacan, não se consegue. Eu diria que, no Conceitismo – que é o conceito instalando o significante, a palavra –, temos uma espécie de moralismo sabente; e no Cultismo – que, em contraponto, é o significante desinstalando o conceito –, temos o deslizamento lacaniano, um saber desmoralizante. Quando tomam o Barroco de fora, os autores até nos mostram o conceitista diferente do cultista. Em Padre Vieira, por exemplo, conseguem mostrar uma tendência conceitista, mas logo se perdem. Outro dia, eu lia um crítico buscando mostrar que um poema de Gregório de Mattos era absolutamente cultista, mas que, na verdade, era conceitista.

- Pergunta – *O que você está chamando de desinstalação significante, a gozação e o escárnio, tem a ver com o que os autores chamam de veia satírica de Gregório. E como a outra é a veia religiosa, eles chamam de outra coisa, mas, de repente, Gregório usa imagens da veia religiosa para sacanear um capitão de quem ele não gosta...*

E talvez possamos associar a veia que você está chamando de satírica com a veia mística, e a religiosa do lado de cá.

- P – *Sim, pois a nomeação mística dele incide sobre a veia satírica. Mas como você vai instalar isso no Brasil para trás, já que, historicamente, não temos aqui a arte maneirista?*

Temos. Só temos.

- P – *Onde? A arte maneirista de Portugal é Camões. O que se tinha aqui era cópia, e do Camões épico. Não havia sequer cópia do Camões lírico.*

Façamos, na história do Brasil, um levantamento das emergências que, necessariamente pelo menos, não dependem da oficialidade sobre a arte, que facilmente constataremos que o Brasil é maneirista o tempo todo. Basta ver Aleijadinho.

- P – *Mas quem instala? A poesia feita na praia do Brasil?*

Anchieta – e aquilo é poesia? Aquilo é um poetastro de porcaria.

- P – *Mas, então, só quem vai surgir fazendo uma arte que formalmente é tão importante quanto a européia, e como grande poeta popular que não deixa a obra escrita, é Gregório, o qual é bem posterior a qualquer formação, pelo menos cronológica, do Maneirismo.*

Mas, do ponto de vista psicanalítico, preciso eu fazer a cronologia para acertar com o sintoma? Preciso eu encontrar, no momento mesmo de fundação da literatura, esse sintoma já dado? Ou é melhor esperar que ele tenha tempo para se dizer e se repetir insistentemente?

- P – *Ainda assim, o estilo de Gregório é literalmente barroco.*

O estilo de Gregório pode ser posto na conta do Barroco, mas, pergunto eu, se fizermos uma retomada, mesmo no que ele tem de Barroco, e olharmos por uma perspectiva mais ampla, não podemos trazê-lo para dentro do Maneirismo? Isto, porque o Maneirismo é barroco e é clássico.

- P – *Você até pode dizer que o Maneirismo instala certos procedimentos que estão em Gregório depois. Que estão em Quevedo e Gongora que ele toma como modelo...*

Mas se tomarmos a figura grotesca, enjambrada, do Gregório popular, do Gregório geral, daquele que pede para ser membro da Igreja e só faz esculhambação, se tomarmos essas coisas todas no conjunto, e mesmo também sua obra por inteiro, não se poderá trazê-lo para a conta de uma insistência ainda que sub-reptícia de um maneirismo?

Maneirista, vejo eu Lacan. Ele é difícil de ser deglutido mesmo na França porque é nitidamente maneirista. Não é barroco, nem é clássico, e tem a intencionalidade dos matemas, da frase bem construída, do saber-doutor, como dizia Oswald, junto com deslizamentos, se não, com a esculhambação e com a piada. Oswald de Andrade não pode ser posto na conta do Maneirismo? E Aleijadinho? Esse anjo seu de que estou falando é absolutamente maneiro: afetado, teatral, tem aquilo que Roberto da Matta nos falou aqui de que o brasileiro parece que está em cena, que está fazendo um papel. O jeitinho, aliás, só é possível quando o sujeito não está convicto de ser o papel, e sim de tê-lo, de estar representando. Eis senão quando, ele saca que está representando e que

pode sair do personagem e inventar outro. Ou seja, que pode escapar da lei masculina e entrar num amorzinho.

Como vêem, neste momento não estou preocupado com filigranas, e sim em relançar para nosso trabalho do Congresso, tomando a questão da sexualidade como centro, a própria formação díspar e antitética, *unheimlich*, da história do Brasil em vários setores. Se juntamos com as características do Maneirismo, isto me parece evidente: o mau-gosto, a cafonice, a imitação. Aliás, o que chamam de imitação não era bem isto, nem lá no Maneirismo. É o que Oswald chama de antropofagia, é o pasticho, o mexer para lá e para cá, a torto e a direito (como *Aboque/Abaque*, que já tentei fazer como produção escrita). É a vontade do que Arnold Hauser escreve em seu livro e que define bem a Heterofagia do Maneirismo (p. 34): “...há que admitir que o Maneirismo é um estilo derivado” – eu diria melhor: à deriva – “e que se extasia ante outros estilos, e não ante a natureza”. Ou seja, a arte maneirista, ao invés de se preocupar com o modelo objeto, preocupa-se com os outros estilos. Então, é por ser devoradora de estilos que a chamavam de imitação, de pasticho, mas não será isto a Heterofagia das produções?

Estou simplesmente mostrando, no período da história, certo momento que é representante do sintoma que posso achar aqui e acolá. Não sou historiador, não me cabe escutar alguém falando no divã e fazer de sua cronologia os momentos de emergência da sintomática. Situei o período do Maneirismo para mostrar a emergência de Masculino, Feminino e Terceiro Sexo.

A representação teatral, de faz-de-conta, que aí está em jogo é aquela mesma para que Benjamin às vezes chama a atenção como sendo típica do dramalhão: o **quadro vivo**. Quando criança, fiz muito quadro vivo em teatro, que era onde se representava no palco determinada cena, sempre como algo muito afetado, grotesco, explícito – é sexo explícito, o qual, aliás, é o Sexo do Meio: aquele que fica tomando noção da diferença sexual, e não se portando como um diferente. Ele fica tomando noção em lugar, em cima, da diferença. Aliás, a chamada pornochanchada, onde se anuncia sexo explícito, é absolutamente maneirista. E a chanchada também.

Há pouco, disse que as mulheres procuram um homem. Mas ao invés de se trazer para diante dessa gente, desse tal povo afeminado, uma postura de autoridade – aliás, é um povo que pede isto: quer presidencialismo, por exemplo, pois há que ter aquele sujeito lá como mestre, dono –, por falta de esclarecimento da estilística, quem se aboleta disso são pessoas comprometidas ou com a posição jesuítica, ou com a positivista, que, quando vêem que estão pedindo mestre, lhes dão um ditador. O encantamento com a mestria é muito grande neste país.

- P – *Mas, de repente, dizem que falta um líder.*

Pior é que, em resumo, o que falta é um líder compatível com a estilística do lugar. E toda vez que jogaram um líder pensando que fosse um mestre, logo se viu que era apenas maluco, um paranóico, que renuncia, etc.

- P – *Você estaria querendo dizer que a postura do povo brasileiro é histérica?*

Não. Na falta de análise, ela é histericizada no processo de neurotização a que está submetida. Nós é que, fingindo que Brasil pediu análise, temos que emprestar-lhe um pouco de interpretação para ele se desistericizar. Mas o que acontece é isso que você está apontando: a coisa parece um grande movimento histórico. É, aliás, o que ocorre quando vemos quadro bem típico do Maneirismo. Parece uma histeria só, mas basta olhar com calma para verificar que não é. Tomemos a tese de Bertolt Brecht, que entenderemos melhor. É a tese muito mal interpretada – em cena, sobretudo – de que o teatro deve ser para o povo, com todos os ingredientes do drama barroco alemão, de Benjamin, mas com o *Verfremdungseffekt*, o efeito de distanciamento. Não é o efeito de ficar longe do público, e sim o efeito de citação, de re-estilização, de mostrar que se está representando, que é tudo teatro. E é o que encontramos visualmente num quadro maneirista típico. Portanto, não é histeria, e sim exagero, cópia de estilos, mas que parece tão representação que, ao olharmos, sabemos que é um quadro. Ou seja, não entramos no barato do quadro, mas somos o tempo todo lembrados de que é um quadro.

- P – *Em dado momento, Lacan diz: “Eu me alinho, ou sou alinhado, finura de alíngua, do lado do barroco”. Como juntar isto com o que você está dizendo?*

Ele se designou como barroco e dizem que ele o é. Mas não é. O barroquismo em Lacan é exatamente o lado barroco de seu Maneirismo. Se fosse um barroco mesmo, não insistiria na vertente matemática, na vertente intelectualista precisa. Ele é esse ser ignominioso, inominável, que fica no meio e rigorosamente pensa como cientista, ao mesmo tempo que dá uma de artista, de abarrocamento. Como é tudo junto, fica difícil para aqueles que não se põem no lugar intersticial de onde ele escreve, no lugar de Sujeito – que é insustentável, como ele disse –, ver que ele fica costurando para um lado e para o outro. Já que a relação sexual é impossível, o que se pode fazer é, maneiristicamente, maneiramente, tentar costurar um pouco esses dois lados e colocá-los em cena. Então, fica parecendo ao mesmo tempo grotesco, esquisito, grandioso, rigoroso e falho. Ou seja, é o tempo todo *unheimlich*, e num estranhamento de plena divergência, de duplo sentido das palavras antitéticas freudianas.

- P – *Poderíamos, então, dizer que o que há de Maneirismo no sintoma brasileiro só foi representado aqui pela arte barroca, porque não tivemos uma arte maneirista como européia?*

Precisamos entender que o momento era chamado de barroco, mas a arte que se faz não é barroca.

- P – *Mas a arte de Gregório é barroca.*

A arte do Aleijadinho não é.

- P – *Mas Gregório aconteceu no povo. Ele não tinha obra escrita. O povo da Bahia sabia seus poemas de cor.*

Continuo em meu desafio: demonstre-se que Gregório não é barroco.

- P – *Isto não é possível.*

É possível, sim.

- P – *Muito antes de ser valorizado pelas elites portuguesas, e depois pelas brasileiras, ele era um grande poeta popular. Será, então, que não é porque o barroco dele, malgrado seu lado doutor pelo qual é valorizado, tenha conservado uma sintomática maneirista, não tanto em sua poesia, embora esteja lá, mas na própria instalação da sociedade brasileira?*

É o que quero dizer. Está lá, que se procure. Ou seja, aquele *facies* barroco é estruturalmente maneirista. Em Aleijadinho, isto é evidente. Não se vê porque não quer.

* * *

Vejamos outro problema sério, que é o que Benjamin coloca como o **alegórico** e que é um bocado difícil de estruturar mesmo em função de metáfora, metonímia, etc. Não será o alegórico estruturado como nem barroco, nem clássico? A função do alegórico não será esse objeto que carrega o lugar *entre*? Ou seja, que se porta como objeto *a* mesmo e exhibe isto? Então, é barroca a alegoria que encontramos nitidamente no carnaval brasileiro? O barroquismo é evidente aí por questões históricas e outras, mas o carnaval brasileiro é maneiro. Os próprios carros alegóricos, aliás, para falar em alegoria, são de uma vulgaridade maneirista, de uma cafonice maravilhosa, que não encontram espontaneidade nem para serem clássicos, nem para serem barrocos.

• P – *O que você está chamando de maneirista é uma espécie de versão brasileira do Barroco europeu, aquilo que ficamos procurando quando estudamos Benjamin: o que transformou a alegoria em alegria? Os dois emanam do feminino, têm a ver com o gozo do Outro, têm efeito sintomático fálico, mas um vai decantar a amada morta, e o outro vai pôr o samba na rua, a partir do mesmo procedimento.*

Quero insistir em que essa alegria – que não é meramente gay – sobrevém de sustentar a diferença, e não de estar numa posição masculina ou feminina. Ela sobrevém da noção e exibição constantes do Sexão, do estar-entre. E isto, mesmo estilisticamente. Se formos por via histórica, da análise estilística que se tem feito, encontraremos tudo isso que você está dizendo. Mas me pergunto se não dá para recompor tudo e mostrar que, no fundo, e até no comportamento diário – do qual sociólogo fica fazendo inúmeros levantamentos, mas não chega a lugar algum a não ser em *faits-divers* maravilhosos –, pode-se talvez tirar como chave mestra que isso que pensam

que é esculhambação, malandragem, jeitinho, não é senão a cena do quadro-vivo, a cena maneira da exibição do estilo por si mesmo num confronto radical de coisas opostas. Ou seja, a cena que dá a volta por um lado, no que é barroca; que matemiza, no que é clássica; que cumpre a lei, no que é clássica; que dá um jeitinho, no que é barroca... Cena em que o amor está sempre subvertendo a lei e em que a lei está sempre tentando segurar o amor...

Talvez não exista na face da terra, e na história, essa gente, esse Brasil Maneiro em carne e osso – que vem sendo torturado, subjugado por forças contraditórias –, e sim apenas na obra de arte. Ou seja, não encontrando sua palavra, sua arrumação estilística, como disse Paulo Francis, isso parece doidice de cabrochas. Aí vem o pai-de-santo, baixa no terreiro e, autoritária e peremptoriamente, bota ordem. Isto porque não se inventa o Tancredo certo, por exemplo: uma autoridade que não seja pai-de-santo e que seja congruente com nossa estilística. Coisa que, aliás, o brasileiro preza: um presidente, um rei, algo assim, que tem as ordens, os saberes, mas com certo jogo de cintura, certa molecagem. Pedro I, por exemplo, era um barato. Tentou inventar um maneirismo brasileiro de governo, mas não deixaram. O pessoal está ali perdido e vêm essas apropriações indébitas, jesuíticas ou positivistas, mas não dão certo. Tanto é assim que a catequese não funcionou aqui: vai-se de manhã à igreja, e de noite ao candomblé, acredita-se em Jesuscristinho e em Iemanjá e Oxalá. Ou seja, transgride-se o tempo todo.

• P – *Você diz essas coisas, mas o jesuíta era aquele que queria sempre compor com a cultura do outro. Na China, foi assim.*

Jesuíta nunca se preocupou com cultura de ninguém. Ele simplesmente percebe que, se traduz termo a termo, convence o sujeito do lado de cá. Isso não é fazer acordo com ninguém. Não vi até hoje nenhum jesuíta rezando para Tupã aqui.

• P – *Como não? Se tem jesuíta psicanalista...*

Não tem não.

• P – *Tem várias pessoas que se dizem analistas e que rezam missa.*

Ah sim, isso tem.

- P – *Há pessoas militares que também praticam...*

Não são psicanalistas.

Só há, então, duas posturas que deram conta da “zona” do país e assumiram com toda força as suas partes: o espírito jesuítico da restauração católica, e o espírito positivista da politecnocracia militar. Há, talvez, como sugestão de reflexão, duas saídas compatíveis com o sintoma. A primeira, é a reafirmação da autoridade com conteúdo próprio e adequado. Ou seja, trata-se de criar autoridade no país. Por isso é que dizem que não há líderes. É reafirmação da autoridade diferentemente do mulherio, das cabrochas desse maneirismo que parece estropiado, para quem baixa o pai-de-santo. Na verdade, o que não surge é uma tentativa de autoridade que permita ao país manter, continuar na dicotomia masculino / feminino, do governa-se aqui, arria-se ali, o que seria da ordem da autoridade compatível estilisticamente com o processo. O que acontece é: *curra*, tanto do lado da igreja, quanto do positivismo. São duas “religiões” que curram este país freqüentemente.

A outra saída – que prefiro, mas não acredito que venha – é a invenção do que chamo **Diferocracia**, de um novo jogo político para além da mera e quantitativa democracia.

- P – *O que seria um líder diferocrático?*

É o que temos que tentar criar. Suponho que o entendimento do que chamo Maneiro, da estilística que não é nem de um lado, nem de outro, possa nos dar um indício do que seja um estado e um líder diferocráticos. Não sei o que é, mas é uma obra de arte. Por enquanto, o que sei é que democracia também não dá certo na zorra que existe no país. Democracia para valer é a americana. É a nostalgia que tem Paulo Francis com sua vontade de que o Brasil fosse americano. O que é bom para os Estados Unidos, como benesses, é ótimo para o Brasil, mas o que é bom para os Estados Unidos como cultura, é péssimo, não dá certo aqui. Se o Brasil fosse democrático, me parece que, sem nenhuma forçação de barra, teríamos sempre dois partidos. A vocação quantitativa e utilitária da chamada democracia levaria o país necessariamente a se convencer dos dois partidos e da forma como o Parlamento americano

funciona. Mas aqui há que ter muito partido, muita diferença, e quando se arruma quantitativamente essa porção de partidos de modo a cair na democracia, só pode dar errado. O sistema de representação não é por diferenças, é quantitativo por coalizões sempre.

Então, do ponto de vista político, como se inventaria uma maneira de governar diferocraticamente? Norman Mailer, quando tentou ser prefeito de Nova York – de sacanagem, é claro –, tinha umas teses diferocráticas, mas como é americano, dizia: “Cada macaco no seu galho”. É exatamente o que não acontece no Brasil, onde o negócio é dar galho para tudo quanto é macaco, um podendo dar uma voltinha no galho do outro. É como se fosse cada galho com seu macaco, e aí quebra-se o galho.

- P – *Na prática de Joãozinho Trinta, você poderia reconhecer algum indício discursivo praticado que remetesse ao Maneiro?*

É o que gostaria de saber. Por isso mesmo fiz a ele a proposta de fazer uma transa de nossa Escola de Samba com seu Colégio de Psicanálise. Acho que temos que farejar por aí. Não se trata de imitar comportamento, mas há algo aí para se aprender, para ser sacado.

- P – *Você diria que Mozart é maneirista?*

Acho que ele é barroco, embora, por influência do *Trauerspiel*, tenhamos umas desmunhecações. De vez em quando, ele dá uma maneirada. Mesmo na *Flauta Mágica* sentimos umas maneiradas. Era preciso estudar isso para poder demonstrar.

Portanto, quer me parecer que a sintomática, a estilística brasileira passa pelo *entre*. Ao invés de ficar criticando com saudade de europeu ou de americano, não temos que acabar com a malandragem ou com o jeitinho brasileiros. Há, sim, que transformá-los em estilo adequado e investir nele. Malandragem só é escrota e cafajeste na visão do crítico que acha o Barroco uma titica e o Maneirismo grotesco. Isto porque ele tem olhos maravilhosos de classicista, ou de plástico barroco. Por que não estudar o estilo tal como ele é? Por que ele não pode dar seus plenos frutos? Trata-se de entender a Grande Malandragem Refinada. Outro bestalhão ainda diz que este país não é sério. Ele não entende

que o pessoal leva a sério a transação, a passagem. Tanto é que quando alguém não leva isso a sério, dizemos que é sem humor, que não sabe brincar. Ou seja, que não leva as coisas a sério.

A título de exemplo, quero lembrar que até hoje está atravessada no gogó do brasileiro a tal da Missão Artística Francesa, de 1816, que só deu certo porque os pintores acadêmicos brasileiros não são verdadeiramente humanistas. Eles sempre esculhambam. Olhem bem para *A Primeira Missa no Brasil*, de Victor Meirelles, para *A Proclamação da Independência*, de Pedro Américo, ou para os quadros indianistas de Rodolfo Amoêdo e verão que são telas absolutamente maneiras. No que eles pensam estar fazendo aquele ritual acadêmico, o troço toma aspecto grotesco. E há também o grande maneirista que não é nosso, mas que é bom estudarmos: Pablo Picasso, que comeu todos os estilos, devorou, e fez o maior carnaval.

Vejam, então, o tamanho da tarefa que temos pela frente. Sobretudo, depois que escutamos uns e outros que nos mostram o lixo que temos que revolver para poder dizer o que há a ser feito.

• P – *Você pode falar um pouco mais sobre a pega sintomática? Ela está no Segundo Sexo?*

Uma vez que o significante faz *dia* em nossa vida, as coisas que são bipartidas necessariamente em qualquer função hálica – e por isso coloquei a natureza como artifício, não quero fronteiras –, pois há o fato consumado de que, *in natura*, ou seja, na fatura espontânea, há corpos distintos... Então, se investirmos, ainda que em razão puramente simbólica, numa posição masculina, isto será um investimento sintomático, que não dará certo porque o simbólico desliza sozinho. Por outro lado, na vertente etossomática, por via comportamental, por via de intensidade masculina, pode-se investir no heterossexual, por exemplo. Mas este é um investimento puramente sintomático, nada mais. É sintoma de cultura. Por que Freud embanana a cabeça das pessoas quando mostra que o sujeito tem certos comportamentos sexuais, eróticos, etc., e ao deitar no divã vemos que tem outra coisa por trás? Isto quer dizer que, sob pressão, na dependência de recalques vigorosos, ele faz investimentos num

certo comportamento sobre o Autossoma, mas como desliza, pode apresentar pelo menos sonhos eróticos que, ainda que extremamente traduzidos, em última instância indicam que ele está numa transação outra. Quando Freud mostra a baratinção em que as pessoas se perdem, é porque o valor sintomático da cultura ocidental pós-cristã é cada vez mais no sentido da representação imaginária dos corpos, ou seja, dos Autossomas, em função daquilo que vigora no animal: a reprodução. Até na psicanálise aparecem coisas como “amor genital” e outras babaquices...

- P – *Não consigo entender a diferença entre o segundo e o terceiro caso. Fica parecendo que podem ser superpostos.*

Não. No segundo nível, estou falando da massa das possibilidades de comportamento. No nível do Terceiro Sexo, do que se chama de campo do simbólico puro, isso desliza à vontade. A diferença única é: ou paratodiza, ou não-paratodiza. Mas, no que alguém se comporta no nível do Etossoma, que é a diferença Homo / Hetero – que não é só no nível da relação corporal, das transações eróticas, mas também no nível do discurso –, tem a influência disso em investimentos em paratodizações ou não-paratodizações, em investimentos masculinos ou femininos. Ou seja, isso é traduzido inclusive sintomaticamente, e não é uma questão de Autossoma, mas de roupa, de moda, de comportamento discursivo. Então, trata-se de saber como se fica investindo masculina ou femininamente – e não estou falando em questão de aparência de masculino ou de feminino, e sim em investimento de paratodização ou de não-paratodização – no discurso.

12/SET

8

RAFAEL-LA DOS SANTOS: A TRANS-FIGURAÇÃO DO FALANJO

... os arcanjos são seres angélicos... muito próximos do chamado Divino Criador... na hierarquia, são altíssimos... foi um deles justamente que virou Satã... e fundou os Infernos da mitologia judeu-cristã... entre os arcanjos há um que se chama Rafael... mas é de outro anjo que pretendo falar... é de um Rafael chamado Sanzio – que vocês conhecem como talvez o mais representativo artista do Renascimento italiano... Rafael dos Santos, é o que significa Rafael Sanzio... do mesmo radical italiano de *sanzione* (que vem do latim *sanctio, onis*) e do verbo *sanzionare*, que tem aquele sentido, que já trouxe aqui, de sancionado, de santo, na sanção... na verdade, o nome dele é este por uma deformação do nome do seu pai, que se chamava Giovanni di Santi, dos Santos, portanto...

...Rafael dos Santos nasceu em 1483... numa sexta-feira-santa... no ducado de Urbino...

...naquela ocasião, quando a Itália ainda não havia conseguido, depois do esfacelamento do Império Romano, refundar um Estado unitário... então havia ducados mais ou menos principescos... entre os quais o de Urbino...

...era filho desse tal Giovanni di Santi, um pintor assazmente medíocre... aos dez anos perde a mãe... o pai se casa de novo e morre no ano seguinte... aos onze, portanto, Rafael é órfão de pai e mãe... fica então com um tio, um outro artista também medíocre, chamado Piam di Meleto...

...ainda quando o pai era vivo, Rafael tinha tido a oportunidade de conhecer, com ele, uma grande figura da pintura de Urbino... um senhor muito importante que se chamava nada-mais-nada-menos que Perugino... este pintor maior se encanta com o menino e, enfim, se torna seu Mestre... o Mestre mete o Perugino no menino e, já aos dezoito anos, ele é um pintor praticamente independente... continua e, assim... por volta dos 21, um pouco diferentemente dos artístinhas contemporâneos, só aos 21, começa a assinar e datar seus quadros... isto significa que ele já está completamente deslanchado e na situação de um mestre-pintor... acha então que Urbino é um lugarzinho muito pequeno, muito pouco propício ao seu crescimento, e passa para Florença...

...a pintura florentina era algo mais exuberante... em Florença, Rafael começa a pintar as famosas *Madonas*, num estilo estritamente renascentista, de um franco purismo classicista... quem sabe se na tentativa de, em contraposição ao Homem renascentista, vir a criar *La Dona*, a mulher...

...é nessa ocasião que, por intermédio de um amigo pessoal, nada-mais-nada-menos que Bramante, o grande arquiteto do Renascimento que vai ser encarregado da construção do Vaticano, o arquiteto da Basílica de São Pedro, é apresentado o garotão a Júlio II... com isto, consegue entrar para a equipe de artistas do Vaticano, os que estavam criando aquela coisa toda em torno de Júlio, que não era senão aquela figura polêmica que vocês viram num filme horroroso que passou aí sobre a vida de Michelangelo... Júlio II era acusado freqüentemente por seu fausto e orgia, o que Erasmo de Roterdam denuncia no seu *Elogio irônico da Loucura*... Júlio fica extremamente encantado com Rafael (já tinha ali nas suas beiras o Michelangelo) e logo-logo o nomeia diretor dos trabalhos do Vaticano, o mais jovem de todos... ele tinha por essa época 26 anos...

...entram aí o talento especial de Rafael e o nepotismo algo pederástico de Júlio II... é por essa ocasião, aliás, que, muito a propósito dentro da temática, Rafael pinta o famoso mural da *Escola de Atenas*, lídimo representante do Classicismo... começa então a sofrer influência veneziana, através de um novo amigo, Sebastiano del Piombo... contudo continua no desenvolvimento, na criação

de um espírito estritamente classicista... por essa ocasião, há grande celeuma e polêmica entre os curtidores de arte, da época, que se dividiam em dois partidos nitidamente distintos: os que gostavam de Rafael, e os que gostavam de Michelangelo... isto certamente porque Michelangelo tem, na verdade, dois ou três trabalhos, apenas, estritamente clássicos... o resto é maneirista, ou com alguma tendência barroca... enquanto que Rafael continuava no estrito Classicismo...

...depois de certa influência de Sebastiano del Piombo, Rafael passa por uma crise, a qual os historiadores da arte, e também os críticos, costumam achar natural, na medida em que o Classicismo não consegue se sustentar em lugar nenhum onde aparece... talvez por aquela razão que venho apontando: que o *Homem*, como configuração, como ideal de construção, não se sustenta... assim, o Classicismo carrega em seu bojo sua própria contradição e começa a desmoronar... então, é dentro dessa contradição que Rafael começa a pintar o famoso *Incêndio na Aldeia*, que é claramente maneirista...

...ora vejamos: o lídimo representante do Classicismo (tirante certas obras ou mesmo o espírito do Leonardo humanista, Rafael, enquanto pintor, é o mais típico representante do Renascimento) é ele mesmo que, de repente, começa a fazer também a crise do Classicismo e a produzir no Maneirismo...

...em 1513, morre Júlio II, e Rafael parece ficar meio sem padrinho... imediatamente, porém, Leão X, que também tinha bom gosto, fica muito mais encantado ainda que seu antecessor e nomeia Arquiteto Chefe, em substituição ao grande e famoso Bramante, Rafael, muito jovem ainda... e, além disso, o nomeia também superintendente das ruas de Roma, o que era uma espécie de urbanista para manter a beleza da cidade...

...Rafael morre em 1520, no dia 6 de abril, também uma sexta-feira santa, dia em que ele nasceu, aos 37 anos de idade, por causa de “uma estranha doença”, que ninguém sabe dizer o que era... a não ser que fosse a AIDS maneirista...

* * *

...nesse ano de 1520 ele pintava, junto com seus discípulos (porque ele fez escola), um quadro, seu último trabalho, que não ficou pronto quando de sua morte e que foi terminado pelos alunos, chamado *A Transfiguração*... é este quadro que quero considerar um pouco hoje, junto com vocês... porque justamente me parece *um trabalho exemplar, típico do surgimento da crise e da questão maneirista*... não estou dizendo que o Maneirismo começa com este quadro... e sim que ele é *exemplar da questão maneirista em seu surgimento*... em oposição ao Classicismo, mas de maneira absolutamente distinta do Barroco... enganam-se os autores que pensam que o Maneirismo é só uma preparação do Barroco... quanto mais se estudam os dois estilos, mais se percebe que há algo em diferença irredutível entre os dois...

...o Maneirismo não aposta em nenhum purismo: aproveita as formas e os meios da arte que o antecede; come de tudo... há uma verdadeira luta pelo domínio entre as tendências maneiristas e barrocas... nessa luta, o Maneirismo surge como estilo distinto e inconfundível... as duas tendências, Maneirismo e Barroco, surgem por ocasião da mesmíssima crise, dita por muitos autores, mesmo da época, uma crise espiritual – entre o terreno e o celestial; entre o espírito e a carne... ambas supostamente contra a tentativa de totalização da representação clássica...

...um autor tido como dos mais importantes a respeito do Maneirismo, Arnold Hauser, embora eu dele discorde veementemente, não da sua descrição dita histórica, ou pelo menos fenomenológica, dos acontecimentos, mas das teses que coloca sobre o Maneirismo, diz, com toda razão, que, do ponto de vista formal, as relações entre os três estilos são as seguintes: “em diferença da visão do mundo unitária e equilibrante, pelos gerais, que é própria do Renascimento, o Maneirismo significa um sentimento do mundo”, atenção para isto, “antitético, ambivalente”... antítese... equívoco... o Revirão frequenta o Maneirismo numa equivocidade “que se expressa em estruturas formais aparentemente incompatíveis”... já o Barroco expressa, por outro lado, *de novo*, diz Hauser, uma posição unitária com respeito à realidade... foi o que coloquei em meu discurso do Copa... o Barroco é retorno a uma posição unitária, em

estilo, em composição, em conceito, etc... ou seja, é um retorno, não ao Classicismo, mas a algo que substituiu o Classicismo com a mesma potência, e com a mesma equilibrção, embora com outro conceito disto...

...mais adiante, diz Hauser: “o Barroco se converte, no curso do século XVII”, acho que lentamente, desde as misturas do quatrocentos até aí, nesse momento do dezessete, e, diz ele, “sobretudo na França” (e não podemos esquecer que Descartes, e seu cartesianismo, é francês) “numa arte aristocrática e cortesã, desenvolvendo seus elementos emocionais” (ele diz assim) “no sentido de uma grandiosidade teatral, e convertendo seus pontos de contato com o Renascimento em *um novo Classicismo severo e sombrio, que acentua o princípio de autoridade*”... concordo plenamente: a tendência do Barroco é a de um Classicismo, um novo regime de autoridade...

...notem que o que eu disse, no discurso do Copa, foi justamente isto... o Classicismo como uma construção do *Homem*... e que não se sustenta... porque só há mulheres... o Barroco vai sacar isto... e partir para a construção de um feminino que se agüente... ou seja, um feminino que não tenha o Homem incluído, como faz o humanismo, em sua ideologia e no âmbito da sua representação, dentro da sua composição, mas que organiza o mulherio, com referência a um Homem externo... por isso, o ponto de referência é o ponto excêntrico... não que ali não haja centro... o centro do Barroco é um Deus, um Senhor, ou alguma coisa não incluída em seu escopo... mesmo que infinitizado, como o do ponto principal da perspectiva exata, mas posto num além... mesmo assim, porém, organizando centradamente todo o mundo barroco, com clareza, distinção, e até didatismo de catequese, da Contra-Reforma, ou seja, da Restauração...

...o truque, o artificialismo, o originalismo até, do Maneirismo, não cabe nem no Classicismo nem no Barroco... Rafael é o classicista por excelência... e se torna maneirista enquanto atravessando a crise dessa impossibilidade de desenhar o Homem...

* * *

...trago então o quadro que gostaria que a gente considerasse... não o tenho por um quadro maneirista... mas considero que aí ele se questiona sobre uma via, que até realizou bem em outros trabalhos, maneiristicamente, uma via terceira que aí aparentemente está como travesseira, ou travessura, ou travessia, entre o Classicismo e o Barroco, ou seja, entre o Masculino e o Feminino, numa posição externa que considera esses dois e atravessa de um para outro...

...este quadro é chamado *A Transfiguração*... vocês verão ao final que chamei *A Trans-Figuração do Falanjo* porque me parece que ali Rafael figura o Falanjo como TRANS, como atravessador...

...pode-se perfeitamente partir o quadro em dois... não escapa a um observador atento, costumeiro, de pintura, o fato de que a metade superior é nitidamente clássica... o modo de compor, de pintar, de trabalhar a luz, de organizar os elementos, as dinâmicas, as tensões, tudo faz claramente um quadro que Rafael, se o tivesse ele próprio acabado (porque aquela figura central, ali no ar, que é o chamado Jesus Cristo, foi pintada por um aluno dele, e meio ruim, a cara sobretudo), acho que o Rafael Renascentista assinaria...

...se observarmos a parte de baixo, separada da de cima numa região de sombra, e por uma clivagem orográfica, temos aí um quadro barroco, o tratamento da cor, da luz, é diferente da parte de cima... os tratamentos das tensões angulares, dos movimentos corporais, etc., são nitidamente barrocos, embora possamos reconhecer uma predominância, sobretudo nos elementos figurativos isolados, de um tratamento maneirista, pelo exagero, etc... sobretudo, o que há de mais eficaz na parte inferior é o que os barrocos mais tarde chamaram de *repoussoir*: uma técnica bem mais maneirista do que barroca, como uma operação perspectica mais próxima, para os barrocos, das construções do renascimento...

...o *repoussoir* é feito para dar a impressão de maior profundidade... os quadros renascentistas são mais de espalhamento superficial do que de grandes efeitos de profundidade... mas o Maneirismo exagera a profundidade, como se o quadro fosse uma caverna para se entrar, e não um campo para se espalhar... por isso se enche o quadro de sombras, e se abrem verdadeiros

caminhos estreitos, diagonais, de entrada... e a técnica do *repoussoir* é justamente a de “errar” na perspectiva... coisa que Velázquez, nas *Meninas* que já comentei com vocês, faz com muita sutileza, dando a impressão de que o quadro é construído em exatidão perspéctica... já os maneiristas exageravam em fazer verdadeiras deformações, algo monstruosas do ponto de vista da proporcionalidade das figuras... põem, por exemplo, em primeiro plano, uma figura enorme e, nos outros planos, figuras que proporcionalmente não seriam tão menores – de maneira que, no conjunto, pareça muito mais fundo o ambiente... e isto que eles chamam de *repoussoir*: puxar o primeiro plano bem para a frente e jogar o último plano bem para trás... e dando também uma torção algo violenta no quadro... também, coisa interessante dos maneiristas, geralmente colocam o tema central do quadro no fundo, numa figura menor – e os elementos secundários, enormes na frente... eles gostam, como diz Benjamin em seu livro sobre o *Dramalhão*, dos adereços, dos detalhes, da ênfase nos elementos de cena, etc... começam a mostrar pelos elementos secundários o que querem dizer que está acontecendo na cena principal, a qual é geralmente posta de canto, jogada para um lado... ao contrário do Classicismo que bota em primeiro plano, central, equilibrado, simétrico, o tema fundamental, o maneirista joga num cantinho, meio alusivo, e continua aludindo ao tema principal através dos elementos secundários, mas que estão em primeiro plano... então, a gente se sente um pouco assim meio perdida na massa, como se diante de um acontecimento algo distanciado... (quem sabe se foi daí, desse dramalhão maneirista, sobretudo no *Trauerspiel* alemão, que Brecht aprendeu o seu *Verfremdungseffekt*)...

...do que é que fala esse quadro?... embora pareça incompatível o que está em cima com o que está embaixo, ele se agüenta perfeitamente bem... é um projeto de representação no qual, mediante certos artifícios de composição, artifícios formais, colorísticos, de luz e sombra, se entretece uma cena na outra... elementos de cima, embaixo: elementos de baixo, em cima... tece-se um no outro... mas continua o quadro a exigir do observador ficar mudando de registro... fica-se no meio, tecendo dois registros heterogêneos... é o observador, a distância, ele próprio na tarefa de tecer esses registros...

...só que, na mão de um artista potente como Rafael, isto não é uma coisa impertinente, uma coisa absurda... o surgimento do registro de uma textura *entre* dois registros heterogêneos... não se trata necessariamente de um Extra-Terrestre – pode ser apenas um E.T.-erogêneo... podemos mesmo dizer, em nosso caso de psicanálise, que temos um registro em cima e outro embaixo, e o lugar, indicado pela pintura, de trançamento borromeano, através da observação desses registros...

...o quê, se representa nesse quadro?... na cena superior temos a chamada *Transfiguração* de Jesus... vou reler daqui a pouco para vocês o texto bíblico... vocês vêem ali representado lá em cima, Jesus Cristo, em pleno ar, transfigurado, acompanhado de Moisés, com suas tábuas da Lei, e do profeta Elias... no chão estão três apóstolos deitados, aturdidos, aninhados no verdadeiro círculo de Euler que é ali o topo terraplenado da montanha onde estavam recolhidos... três *Homens* discípulos de Jesus, Pedro, Tiago e João... dentro desse círculo de Euler, só esses três... esses dois espíritos de mortos, patriarcas, Elias o profeta, Moisés o fundador do judaísmo, o legislador, estão no céu... mais duas figurinhas, meio laterais, todas masculinas segundo a representação da época... só há homens na parte de cima, não há mulheres...

... na parte de baixo, nessa mistura meio caótica, encontramos homens e mulheres... na mistura que ali está, fica até difícil saber quem é homem, quem é mulher, embora eu possa contar cinco figuras, pelo menos, caracteristicamente de mulheres segundo o gosto da época... o que é que se passa embaixo?... nesta cena de baixo, os críticos, os autores, ficam um tanto perplexos, porque acham que é apenas uma relação metonímica que Rafael teria feito ali... quando abrimos o Novo Testamento, tanto em Mateus quanto em Marcos, aonde esse fato está narrado, em ambos os evangelistas temos uma sequência metonímica entre o fato de cima e o de baixo... nada do texto garante explicitamente que um fato tenha ocorrido em relação com o outro, nem antes, nem depois... no entanto, se a gente lê os dois capítulos, um em seguida do outro, pode facilmente chegar à conclusão de que o que está acontecendo embaixo aconteceu logo em seguida do que aconteceu em cima, quando, depois do que aconteceu em cima

Jesus chamou os discípulos e desceu do morro, e lá encontrou os pais de uma criança que pediam que ele a curasse mediante algum milagre...

...uns dizem que é uma criança doida, uma criança possuída pelo demônio de alguma loucura, mas é evidente no texto, pelo menos no de Marcos, que essa criança sofria de uma coisa conhecida de nós, sofria de *mudez*... e fica claro que ela não era muda por falta de órgãos de fonação, ela simplesmente não falava, ou não queria falar... ou era autista... ou se recusava à linguagem... e é isto que Jesus, que suponho estar representado também embaixo, aquele ali apontando lá para cima, e com os mesmos discípulos ao redor, vai resolver... há várias pessoas ali, e há uma mulher ao lado de Jesus (a única mulher que andava com ele era puta, era a tal Madalena, o que é muito importante de lembrar... a única mulher que ele aceitou na patota era puta, não era uma senhõra) ...está ali a mãe da criança, está ali o menino, numa pose estranha, com os olhos revirados, sendo curado pelo milagre de Jesus Cristinho... e os autores ficam perplexos com essa figura, supostamente feminina, ali de costas, que faz um *repoussoir* muito esquisito, completamente fora de proporção, como que segurando este conjunto inferior inteiro, e ficam tentando explicar o que está fazendo ali essa mulher deslocada dos dois grupos, o da direita e o da esquerda da parte inferior, embora ela pertença mais ao grupo da direita... parece que há o grupo do próprio Jesus à esquerda e o grupo da direita que vem trazendo a criança para ele curar... e essa mulher parece pertencer ao grupo da direita, mas é uma figura muito esquisita, muito solta dentro do quadro... os seus panejamentos, tudo, extremamente maneirista, um verdadeiro emblema no centro da parte inferior...

...o que será isto?... vamos ler na Bíblia Ecumênica, aquela que foi construída por vários grupos religiosos, o texto de Mateus, 17, versículos 1 a 21: JESUS TRANSFIGURADO... *seis dias depois* (de alguma coisa) *Jesus tomou com ele Pedro, Tiago e João, seu Irmão...* sempre está esse João como seu irmão... é o tal Joãozinho... *e os levou, afastados, para o alto de uma montanha. Transfigurou-se diante deles. Seu rosto resplendia como o sol, suas roupas se tornaram brancas como a luz, e eis que lhe apareceram*

Moisés e Elias que se entrevistaram com ele. Intervindo, Pedro disse a Jesus: 'Senhor, é bom que estejamos aqui. Se o senhor quiser, eu vou armar três barracas, uma para ti, uma para Moisés, uma para Elias'. Quando ele ainda falava, eis que uma luz luminosa os recobriu: 'Este é meu filho bem-amado, aquele que me agrada ter escolhido, escutai-o'. Ouvindo isto, os discípulos caíram de cara no chão, tomados de grande temor. Jesus se aproximou, os tocou e disse: 'Levantem-se, não sejam medrosos'. Levantando os olhos eles não viram mais senão Jesus sozinho. Quando estavam descendo a montanha, Jesus lhes deu a seguinte ordem: 'Não digam a ninguém nenhuma palavra disso que vocês viram, até que o filho do homem seja ressuscitado dos mortos... não contem essa coisa maravilhosa para ninguém, guardem para vocês... Os discípulos perguntaram: 'Por que então os escribas dizem que Elias deve vir primeiro?'... Primeiro, quer dizer que antes de Jesus ter aparecido Elias devia ter voltado à terra... Ele responde: 'Elias de fato vai voltar e restabelecer tudo. Mas eu vos digo: Elias já veio e, ao invés de reconhecê-lo, fizeram dele o que quiseram'. O filho do homem também vai sofrer nas mãos deles. Então, os discípulos compreenderam que Jesus lhes falava de João Batista...

...capítulo seguinte: JESUS CURA UMA CRIANÇA LUNÁTICA... isto é Mateus... *Quando chegaram perto do povo... dá a impressão metonimicamente, pode ser que tenha acontecido logo em seguida: eles vinham andando, descendo do morro, quando chegaram perto da multidão... um homem se aproximou dele e lhe disse caindo de joelhos: 'Senhor, tenha piedade do meu filho, ele é lunático'... está assim no texto... 'e sofre muito; às vezes ele cai no fogo, às vezes ele cai na água maravilhoso, não é?... esta é a prova da loucura do menino... aqui neste texto ele é maluco, porque às vezes cai no fogo, às vezes cai na água... a gente não sabe, em termos de Quincas Berro D'água, que cair no fogo é ficar na água?... 'Eu o levei aos teus discípulos, mas eles não conseguiram curá-lo'. Tomando a palavra, Jesus disse: 'Geração incrédula e perversa, até quando estarei com vocês? Tragam esse menino aqui'. Jesus ameaçou o demônio... demônio sempre*

quis dizer, desde os tempos de Platão, em sua origem grega, um espírito, pura e simplesmente... *que saiu da criança e esta foi curada desde esse momento. Então, os discípulos se aproximaram de Jesus e lhe disseram em particular: 'E nós, por que não conseguimos espantar o demônio'? Ele lhes disse: 'Por causa da pobreza da vossa fé. Pois, em verdade, eu declaro que se um dia vocês tiverem... aí vem aquele famoso negócio do grão de mostarda... a fé do tamanho de um grão de mostarda, vocês dirão a esta montanha:... taí a montanha do capítulo anterior para talvez demonstrar que um acontecimento segue o outro... passe daqui para lá, e ela passará. E nada lhes será impossível... barato, não?... o bicho acabou com o impossível... Quanto a esse demônio, porém, ele não vai embora a não ser pela prece e pelo jejum'...* o que é o jejum?... é uma prática judaica, de se ficar sem comer... Jesus, freqüentemente, por todo o Novo Testamento, foi contra o formalismo do jejum... ele insistia em que não é preciso ficar sem comer porque o corpo não tem nada a ver com isso... trata-se de outra coisa... trata-se de se deixar o espírito vazio, aceitando o que der e vier... sem pré-julgamento... escuta do simbólico... quer dizer, o jejum na cabeça do Jota Cristinho era da ordem da escuta analítica... jejum é a chamada *neutralidade*...

...vamos ler, só para comparar, é quase igual o texto, o Marcos, capítulo 9, versículos 1 a 29... JESUS TRANSFIGURADO... *Seis dias depois, como no outro, Jesus toma com ele Pedro, Tiago e João e os leva, a sós, à distância sobre uma montanha. Ele foi transfigurado diante deles... este cara é muito mais seco... e suas vestimentas se tornaram resplandecentes. Tão brancas que nenhuma lavadeira da terra conseguiria embranquecer tanto assim. Elias lhes apareceu com Moisés. Eles se entrevistaram com Jesus. Intervindo, Pedro disse a Jesus: 'Rabi, é bom que estejamos aqui. Levantemos três barracas, uma para ti, uma para Moisés, uma para Elias'. Ele não sabia o que dizer pois estavam todos tomados de medo. Uma nuvem veio e os cobriu. E houve uma voz vinda da nuvem: 'Este é meu filho bem-amado, escutai-o'. Imediatamente, olhando ao redor eles não viram mais ninguém senão Jesus, sozinho com eles. Como estavam descendo da*

montanha, Jesus recomendou que não contassem nada do que viram até que o filho do homem ressuscitasse dos mortos. Eles obedeceram a esta ordem, perguntando-se entre si o que era de se entender por ressuscitar de entre os mortos. Os discípulos interrogaram: 'Por que os fariseus e os escribas dizem que Elias vem antes?' Respondeu-lhes: 'De fato, Elias deve voltar primeiro e restabelecer tudo. Mas como, então, está escrito a respeito do filho do homem que ele deve sofrer muito e ser desprezado? Eu porém vos digo que Elias já veio e fizeram com ele tudo que quiseram, exatamente como está escrito sobre ele'...

...JESUS E O PAI DA CRIANÇA POSSUÍDA... aqui já não é mais lunática, e sim possuída... Vindo para seus discípulos... Jesus deve ter descido lá do morro e ido para o resto de seus discípulos... viu ao redor deles uma grande multidão e escribas discutindo com eles. Ao vê-lo, toda a multidão se movimentou e correu para saudá-lo... sempre foi assim, que nem com o Roberto Carlos... Ele lhes perguntou: 'O que vocês estão discutindo com os escribas?' Alguém da multidão respondeu: 'Mestre, eu te trouxe meu filho, ele tem um espírito mudo... em Marcos, é um espírito MUDO... Onde quer que se apodere dele, o espírito o joga no chão. Ele espuma, range os dentes e fica rígido. Pedi a teus discípulos que espantassem o espírito, e eles não conseguiram'. Tomando a palavra Jesus disse: 'Geração de incrédulos, até quando terei que lidar com vocês?... ele já não tinha mais saco... Até quando terei que agüentar vocês? Tragame o garoto aí'. Eles o trouxeram. Assim que o menino viu Jesus, o espírito o sacudiu violentamente. Ele caiu por terra e espumava entre convulsões. Jesus perguntou ao pai: 'Há quanto tempo lhe acontece isto?' Este lhe respondeu: 'Desde sua infância, às vezes o espírito o joga no fogo, às vezes o joga na água, para fazê-lo perecer... é o maior barato... esta aí o Revirão... Mas se você pode, venha em nosso socorro, por piedade por nós'... é claro que o cara botou um se... agora prova que tu é santo... Jesus, porém, disse: 'Se você pode?... Tudo é possível para aquele que crê!' Imediatamente o pai da criança gritou: 'Eu creio, venha em socorro da

minha falta de fé'... o que ele disse, na verdade: 'eu creio: que você pode vir em socorro da minha falta de fé... se estou sem fé, você segura a barra'... *Jesus vendo a multidão se ajuntar...* não ia fazer feio... *ameaçou o espírito em público: 'Espírito surdo e mudo, eu te ordeno, sai dessa criança e não entre mais'.* Com gritos e violentas convulsões o espírito saiu. A criança se tornou como um morto... atenção: como um MORTO, caiu dura, pintou a morte... Mas Jesus tomando-lhe a mão a fez levantar-se e ela ficou de pé. Quando Jesus voltou para casa, os discípulos lhe perguntaram em particular:... claro, não é coisa para ele ficar contando pra todo mundo... qual foi o truque?... 'E nós, por que não conseguimos espantar o espírito?' E ele disse: 'Esse espírito, nada pode fazê-lo sair senão a prece'... la prière... está em francês... é qualquer tentativa de comunicação com o pai por via da oração, por via verbal... esse tipo de espírito, só a oração, só o verbo, só a intervenção da fala dá conta dele... não é interessante?... depois dizem que foi Freud quem inventou a psicanálise...

...voltemos ao quadro de Rafael... os dois acontecimentos estão em continuidade... cada um num campo completamente diferente do outro... o quadro é constituído de dois pisos, duas regiões bem separadas quase ao meio geométrico da tela... o que é que Rafael está transando aqui nessa coisa que os bobos de alguns críticos pensam que é uma relação puramente metonímica?... ele pega os dois capítulos do Testamento Novo e os enquadra numa situação só... lá em cima o centro do acontecimento é Jesus em sua transfiguração... embaixo é o garoto no processo da cura, outra transfiguração... o máximo de iluminação é do menino, foco luminoso em termos teatrais... observem que os braços do menino fazem uma passagem, indicam uma travessia de cima para baixo... há outras figuras apontando para lá, mas o menino faz uma ligação vertical de cima para baixo...

...quero supor o seguinte: Rafael se põe a questão do Classicismo, entra no cerne da crise, tem já o Barroco emergente diante dele e sempre optou pelo Maneirismo... os quadros que ele fazia e que não eram clássicos... este quadro me parece exemplar da questão nuclear entre, vamos tirar Classicismo e Barroco,

masculino e feminino... que lugar é o de Jesus Cristo?... que lugar é o do menino?... que lugar é o do garotão, Rafael?... qual é esse lugar?... é em cima, ou é em baixo?... ou nos dois... ou em nenhum... é *entre*, ou é *terceiro*?...

...Jesus está representado em cima e embaixo, mas isto é de somenos importância... a relação da parte de cima com a de baixo não é apenas metonímica... temos encenação clássica em cima e encenação barroca embaixo... ambas em torno do mesmo tema, uma transfiguração, a do próprio Jesus em cima, e um milagre de travessia de não-falante a falante, embaixo... temos, digo também, a transfiguração, feita por Rafael, do próprio Falanjo... o que o quadro me parece nos sugerir é uma tensão entre os dois níveis, na tentativa da construção do *terceiro* que, no caso, é a posição, mesma do observador do quadro... bem como a de Rafael, a de Jesus, e a do menino...

...o Jesus lá de cima não é nada-mais-nada-menos que uma representação fálica naquele aparelho classicista... os aparelhos de figuração classicista são da ordem do gozo fálico... e essa transfiguração, essa emergência maravilhosa desse Falo, ainda que como significante, é o que se vê ainda lá em cima, com todas as simetrias, com todos os acordes... ao passo que, quando eles descem, da montanha, esses *homens*, vão se encontrar com a multidão... a multidão não faz *todo*, não cabe num círculo de Euler... multidão é no feminino... é um bando de mulheres, não importa o “sexo” representado... é o chamado povo... a pôva... a gente... Jesus atravessa de lá para cá e comparece no meio da multidão... quer dizer, o significante Falo, descendo (da sua ordem fálica) no seio das diferenças (do feminino) vem instalar a possibilidade, no menino, de fala referenciada...

...descida do Falo para deslanchamento da Fala... introdução do Falo, como feminizante, entre os meninos... atenção para isto: presença do Falo no seio das mulheres... benditofrutoentre... é feminizante, ou seja, é por feminização diante do significante fálico que o sujeito entra na fala... em cima temos a verdadeira ascensão do Falo, aliás no ar, com toda a falicidade masculina... embaixo temos seu advento no campo da Outra... já o Maneiro vai se colocar entre o Falo clássico e a Fala barroca, entre o gozo fálico do Jesus transfi-

gurado e o gozo do Outro de suas mulheres, amém... então, o que é que se instala aí senão um terceiro lugar?... lugar de um gozo terceiro... nem Gozo Fállico nem Gozo do Outro, mas GOZO DO ATO... estou chamando a isto de gozo-do-ato, que é o lugar do Maneiro... nem fállico nem do Outro, o ato de inserção do Falo no Outro é esse gozo, gozo-do-ato sexual, assim como gozo-do-ato analítico... o ato-sexual, enquanto tal, não é nem fállico nem do Outro, não é nem esse um nem esse dois, não é marca nem saber... saibam então que há um gozo do analista, como o gozo do ato sexual, que não é nem Fállico nem do Outro – é do Ato... é, aliás, o gozo do Falanjo enquanto tal...

... Rafael talvez tenha aprendido com Júlio II (que era um tremendo travesseiro com suas travessuras e travessias de atravessador profissional) que é preciso transar numa outra, numa terceira, para se poder manter a situação... e ele fabrica um Jesus travesseiro, também, que atravessa de um lugar para o outro, situando esse *terceiro lugar* que está na passagem (digamos transmissão) do Significante Mestre para o Outro, do índice do masculino para o campo do feminino, distanciado de ambos, intervindo ora aqui ora ali, referenciando-se e àqui e àli... o menino não falava porque não tinha referência paterna, a qual não é nada-mais-nada-menos que a presença do Falo no campo do Outro como Lei, que é trazido para cá, instalado aqui, regendo as diferenças que aí se inscrevem... em cima são todos iguais, são todos “homens”... é como se o Maneirismo estivesse a dizer que o que interessa não é ser homem nem ser mulher, é saber que há diferença, e que há jogo da diferença no ato...

...não é à toa que vocês verão, na publicação do texto do meu discurso do Copa no terceiro Revirão, uma fotografia panorâmica do Rio de Janeiro, com a Baía de Guanabara e o Corcovado, só que no lugar do Cristo Redentor está o meu Falanjo... mandei substituir... monumento do Falanjo no lugar da estátua do Jesus Cristo... é também isto que Rafael está dizendo neste quadro...

...Jesus, o Falo, entre as mulheres, as Falas... mas o que hoje me interessa é o Jesus-Hermes atravessador... não é à toa que aparece essa tal figura feminina emblemática nesse quadro que cria tantos problemas para os críticos que não sabem dar conta dela... Jesus está apontando para o lugar da (sua) fê: tragam

aquilo de lá e ponham aqui, botem com fé que entra... há uns braços endereçados que são meramente de interesse da composição... o único que aponta para o lugar de cima (afora o menino) é Jesus... algumas figuras apontam para o menino... e o que é que faz aí essa mulher emblemática?... é o emblema do lugar das mulheres já “fal’adas”, uma a uma, sejam machas ou fêmeas... ela olha para o Cristo e aponta para o menino, como quem diz: ‘daqui, prali’... ela indica esse passe, como um emblema de quem já recebeu Falo, de quem já *se tornou* representante do Falo, no particular... vejo nisso, nessa particularização, essa relação da cura com a travessia e instalação... é como a relação do Falo com a Fala... Jesus é transiente e transeunte... ele está figurando o Falo, como *o filho do homem*... O Homem é quem manda... quem é *O Homem*?...

...então ele ocupa esse lugar do Falo, mas ele não o é, ou ele o é só um pouco... quer dizer, ele toma do Pai o Falo que ele vem reintroduzir, criar um lugar para se ser o Falo, ele é transiente e transmissivo... então Rafael, a meu ver, começa a dar conta, para si mesmo, de um lugar terceiro, entre Classicismo e Barroco, entre masculino e feminino, entre ter Falo e ser Falo... um lugar de transiência que esse próprio menino vai ocupar, de certo modo, entre o que não fala e o que passa a falar... o que é uma criança que não fala?... é uma criança que pode ser tomada como Falo... entre um Falo absoluto e um falo que passa a falar e deixa de ser Falo tido para ser fal’ado... está aqui todo o processo do travesseiro, da transiência... Jesus ocupa esse lugar, e o menino retorna para ele... e Rafael, o garotão, se põe nesse lugar, e nos obriga a ficar para cima e para baixo, transando, ocupando esse lugar terceiro...

• Pergunta – *Mas ele não estaria no lugar dessa mulher aí? Para entender o quadro todo, o espectador não tem que se situar no lugar dessa mulher destacada?*

...ela aponta para o menino no regime de baixo... eu não diria que ela é um Falanjo, e sim que ela está dizendo que *o que tem*, porque aquele ali é o que tem o Falo, vai intervir no que não foi tocado por ele...

- P – *Dentro desse desenvolvimento, você de certa forma está colocando a noção de Maneiro como efeito de seu conceito de Revirão.*

...é claro... uma coisa que está dita no texto bíblico de Marcos é que o menino não podia tomar a palavra, como suponho que aconteça com o psicótico (sobretudo com o autista) porque não vem nenhum basta que possa fazê-lo semi-dizer... ele fica entre água e fogo, o tempo todo, perdido no Revirão... não posso falar querendo dizer tudo ao mesmo tempo, querendo dizer o Falo... isto é ser mudo... só posso falar dizendo metade... mas isto não me obriga, por outro lado, a deixar de levar em consideração que é no Revirão que encontro essa metade...

- P – *Você está querendo aproximar a noção de Maneiro do conceito de Revirão, mas aí fica com um problema: o que seria a obra de arte? Porque também você a supõe inscrita no Revirão. Quando você tem essa obra de arte, seja barroca ou clássica ou qualquer outra coisa, como vai poder situar essa decantação do conceito de obra de arte, do seu Senso Contra Censo, em relação ao Revirão, se você agora está como que o privilegiando no Maneirismo?*

...muito interessante a pergunta... mas se você pensar mais uma vez, verá que ela não cabe... veja bem: eu já disse, em vários trabalhos, que a obra de arte é isso... que ela produz o Revirão e portanto mostra um furo no ponto neutro... e elimina assim os sentidos, aonde quer que ele aconteça... não é de se confundir isto com uma questão de estilo... o Maneiro é estilo, o Clássico é estilo, o Barroco também... posso fazer uma obra de arte absolutamente masculina, clássica, quer dizer, do lugar do homem, porque não sou só homem, mesmo na tentativa de construí-lo, e por isso o Classicismo cai imediatamente na verdade... quando você vai fazer as contas, obras clássicas são muito poucas... mesmo no Renascimento... e o artista, no que ele produz a obra, a obra é furada, e o *homem* não se agüenta, nem na obra clássica... isto quer dizer que a obra de arte, enquanto tal, é maneira...

...veja as transas de Leonardo... era um ser tão esquisito, maravilhoso também, porque ele queria cientificar a obra, mas ao mesmo tempo era um

poeta, então ele via furo em tudo... ele sofria terrivelmente com essas coisas, botava a obra diante do espelho para ela ficar absolutamente correta... *Ostinato Rigore*... lugar aonde ele compunha o seu quiasma... e então ficava encucadíssimo...

... o que estou colocando agora fica no nível da estilística, mas na verdade nenhum Classicismo se agüentou até hoje... os humanistas fingem construí-lo, e caem com a maior facilidade... os barroquismos se agüentam mais... por quê?... porque produzem a tal elevação barroca na arquitetura, por exemplo... apontam lá para cima, lá para o céu... é em algum lugar um centro, e fazem do bando de mulheres cá de baixo um conjunto de senhóras com seu Homão lá fora... já este outro estilo, o Maneiro, ele nem tem que dar conta de um Classicismo masculino nem tem que procurar ser feminino... o qual também não se sustenta sozinho em lugar nenhum... esta é a minha tese... o feminino não se agüenta como tal... aonde isso se esfacela, aonde não existe nenhum que diga *não*, só há três saídas: *loucura*, *misticismo* (mas este tem secretariado, está aí Santa Teresa que não me deixa mentir, secretário para administrar sua folia, para centrar o seu troço), e há ainda a saída mais corriqueira, que é a do simples e vulgar *conúbio*... ou seja: as mulheres arranjam um homem... logo suturam a abertura... continuam mulheres particulares, mas centradas em algum ponto, porque há o *seu* homem... aliás é o máximo de homem que existe – esse que uma mulher, ou uma patota delas, supõe como seu centro externo... um saberzinho que as sustente... a classe-e-cisma das senhóras...

...o que estou introduzindo é que o estilo maneiro (que sempre fora recusado porque sempre se tentou um Homismo ou um mulherio-bem-organizado, tipo Renascimento e Contra-Reforma) fica nessa de insistir que o lugar mesmo do falante é esse *terceiro lugar* (que na verdade é primeiro)... e isto foi o que a psicanálise nos trouxe... ninguém notou porque se esforçam ingentemente para apagar certas dicas virulentas demais do nosso caro Freud... não é à toa que ele falava em bissexualidade... não pensem que ele estava tratando de sacanagem ou de biologia... ele está nos dizendo que o lugar do sujeito é *entre* um e outro, seu lugar primeiro... a gente faz mais ou menos,

opções estilísticas, porque vê as bonecas se desmunhecarem todas a cada momento, isto dos mais empolgados gerais da história mundial às mais empolgantes bichonas idem... isso se subtroca com facilidade... o sujeito mora é ali, naquele intervalo... é o que o Maneirismo vem dizer, enquanto estilo... dizer exatamente que a obra de arte, clássica ou barroca, *ela diz*, queira ou não, subvertendo qualquer Homismo... no Barroco isto não fica evidente... porque sua excentralização, seu movimento também, é muito enganador – e por isso mesmo bem mais catequético... o Classicismo só não nos mostra é na cara, que ele não se agüenta, pois quando é uma obra, quando não é mera artistação desse sintoma, o furo logo mais aparece... leiam o *Tratado da Pintura* de Leonardo... ali tudo se organiza centradamente, mas quando chega na *cor*, ele se perde... aí ele não consegue amarrar o seu tratado: a cor embanana tudo, e começa a furar o quadro...

...estou privilegiando sim um estilo que exalça, põe à tona, põe à vista, mostra enfim o que é fundamental em qualquer obra de arte... como lugar do analista e como lugar do Falanjo... esse *lugar que não é meramente intersticial*, em última instância... digo que é *entre*: maneira de dizer, mas não é não... temos que trabalhar esse estilo até vermos que ele indica uma estilística triangular... assim como temos real, simbólico e imaginário, também temos um Nó Borrou de masculino, feminino e Falanjo... menos que três não amarra... é isto que é insuportável aos sistemas supostamente masculinos e aos sistemas (não vou dizer femininos, mas) barroquinos... é-lhes insuportável lidar com esses seres esquisitos, como o poeta, com essa posição esdrúxula da psicanálise, que não é da esquerda nem da direita... quando você ocupa um tal lugar, a direita te chama de comunista e a esquerda te chama de fascista... eles não podem saber do terceiro...

...vejam o que acontece com o Maneirismo... o italiano, por exemplo... não vou mais longe porque há muitos Maneirismos... fiquemos no italiano: o Classicismo não se agüentou, começou a cair, os artistas começaram a falar imediatamente do terceiro lugar... veio o poder maior, de então, a Igreja, sarrando de cima, e começou a mandar: todomundo já-já para o Barroco – esta é a

minha encomenda e a minha ordem... e tudo se abarrocou... ou seja: *homem* é o Papa, o resto é tudo mulher *dele*... é esse grande serralho que se chama Igreja...

• P – *Quer dizer que a Gnose seria uma deliração, no sentido em que ela não conseguiu articular esse Falanjo.*

...é onde quero ir... a Gnose foi massacrada pela Igreja... os heresiarcas do pensamento gnóstico tentaram sustentar um Cristo que, segundo a babaquice deles, só podia ser andrógino, o que é uma acabada besteira... mas eles sacaram, mesmo assim, o lugar que o Cristo nos apontava... vejam bem: quem é esse rapaz da Galiléia?... ele não é propriedade da Igreja... não é obrigatório que se o inclua em nenhum catolicismo, em nenhum universal, ainda menos romano... o rapaz é um judeu e, enquanto tal, subdito à lei férrea do judaísmo... o que é que ele faz?... faz artes, faz trampolinagens, as mais incríveis... mulher de judeu, corneou, apedreja-se e mata-se... ele encontra uma dessas, põe a mão na frente e diz: “aquele que não tiver pecado, atire a primeira pedra”... é uma subversão da lei judaica... ao mesmo tempo que, quando é para intervir no meio da zorra, ele diz: “quero a lei e os profetas”... ele parece que fica pulando de um lado para o outro, maneirando, e nos dizendo que é preciso um terceiro lugar que mantenha viva a equivocação, e a LEI (da diferença) portanto... quando alguém pesa demais para o lado da lei, da regra, ele subverte... quando alguém pesa demais para o lado da subversão, ele enquadra... é um Falanjo... sabe que não se trata bem disso nem daquilo...

• P – *Quer dizer que a Gnose foi uma tentativa de configurar esse terceiro lugar, embora de maneira plural.*

...acho que sim... e aquele papo brabo dos bizantinos, em torno do sexo dos anjos, foi um ressurgimento disso... e vamos logo parar com esse negócio, diz a Igreja, se não, vai dar besteira... vai começar a ficar com cheiro gnóstico outra vez, querer saber qual é o sexo dos anjos...

...eles se dão conta, os gnósticos, de que o anjo não se encaixa... onde é que metemos esses caras?... têm asas, ficam voando de um lado para o outro, o que é que a gente faz com o sexo deles?... de muito longe, e sobretudo

na fala de Freud, e temos que continuar insistindo nisto, o sexo, *o sexo do falante* é esse aí... o resto são maneiras de configurá-lo... maneiras de figurar absolutamente transientes... e do regime da neurose a suposição de *pertinência a um sexo*.

• P – *E o demônio?*

...é um anjo mau-caráter, segundo alguns... mau-caráter para quem não gosta dele... até que nisto o mito é bacana... Lúcifer é um Arcanjo que no Revirão passou para o “outro” lado...

• P – *Mas no Candomblé, Exu é quem faz a mediação, o Falanjo é Exu.*

...por que temos nós que achar esse anjo mau?... só porque se quer... é coisa da Católica... e do pensamento judeu, pegar algum Ormuz/Arriman de outros lugares e fazer dicotomias daquilo que é nada-mais-nada-menos que o bifidismo do Revirão do Anjo: que pode dar pro bem, pode dar pro mau, pode dar para quem quiser... assim como a nossa banana...

...bem... o que precisamos fazer é tomar da mão dos historiadores da arte, dos estilistas, dos estetas, a classificação que fizeram, que é errada, e recompor... há meia dúzia de obras clássicas, uma porção de obras barrocas, e um montão, e das mais vigorosas, que são maneiristas... e que estão nos dizendo, há muito tempo, que é isto que estou dizendo, que é disto que se trata... é um espanto, por exemplo, o afresco do fundo da Capela Sistina... aquilo é um aborto?... como é que a Igreja atura aquilo?... é um terceiro cinematográfico, até glauberiano...

• P – *No Encore, Lacan figura esse estágio-anjo no Barroco: estar-anjo, estranho.*

... está errado...

• P – *Acho que não. O que você está chamando de Barroco é o que Hauser designou como tal. O que Lacan chama de Barroco em relação ao feminino e ao gozo-do-Outro descreve o que o alemão chama de Barroco, e não o que o francês chama assim.*

...é esse o erro...

• P – *Está descrevendo o Barroco num momento de instalação em que o Barroco ainda é...*

...maneiro... o que digo que está errado não é cometido por Lacan... é um vício da história da arte... esse tal Barroco de que você está falando, não é barroco...

• P – *O Barroco da Contra-Reforma quer avançar aonde o Classicismo falhou. Se o Classicismo falhou por instalar uma ordem masculina, porque não levou em conta o feminino e foi a cada momento surpreendido por ele, esse Barroco começa pelo feminino, e traz de volta o masculino como salvador.*

...pois é... é este o Lacan que eu leio no estar-anjo... é aí que digo que está errado... está errado em termos de história da arte... é preciso que a gente conte outra estória... o nome *Barroco* surgiu, a meu ver, para designar o que se produzia de Maneiro, e depois virou etiqueta do barroqueiro... passou a história?... a Contra-Reforma comeu o Barroco? pois que fique com ele... vamos botar um terceiro... porque nessa anfibologia há muito truque e muita mutreta... prefiro insistir em reorganizar o fichário, chamar *Classicismo*, *Barroco* e, no meio, um terceiro vértice, *Maneiro*... dar outro nome para não confundir os bois... e ficar nesse erro de tradução do Falanjo... Santa Teresa: vejam bem a escultura de Bernini, o anjo está nitidamente nessa posição de oferenda do Falo... e *entre* um lugar e outro... é desse estaranjo que Lacan nos fala...

...acho que a grande confusão é por causa da nomeação, da mistura também que a Igreja faz... se a gente distinguir claramente esses três lugares, dá para fazer uma nova estilística, um novo estudo da dita história da arte (que aliás não existe), da literatura, e recompor isso tudo... o Barroco é claro, organizado, masculinizado, mesmo que de fora, o Barroco repõe a ordem no bordel... o Clássico constituíra o Homem... já o Maneiro diz: olha, não é bem assim, é meio ali, é meio aqui, mas não é só meio não, há um terceiro lugar, que é o lugar do Sujeito enquanto tal, que é o lugar do falante... que não tem obrigação de se configurar conforme os imaginários anatômicos, nem mesmo com os sintomas das letras discriminadas porque, se se trata de significante, isso dança... é isto que o Maneiro vem dizer... somos Falanjos e, se estamos referidos ao significante, e não aprisionados no imaginário da anatomia, fazemos com ela o que pudermos do que quisermos...

• P – *Sandor Ferenczi tem duas teorias muito interessantes: a teoria do agieren e a teoria da neo-catarse. Segundo a primeira, o analista deve pôr, vamos dizer, uma posição masculina, impedir todas as possibilidades de a libido se extraviar, se esvair numa modalidade pré-genital. Já a teoria da neo-catarse é uma teoria de relaxação, é uma teoria feminina, onde o analista fica no papel de mãe. Ele propõe que se possa dar, através de uma posição materna, feminina, fundamental, o que esse sujeito não teve. Ele propõe que estas duas teorias se conjuguem para se obtenha, no final, o ato analítico.*

... o que é espantoso é que muitos não se dão conta de que Lacan arrumou isso numa batida só, na sua técnica, na sua prática... ele voava facilmente de um lugar para o outro... e sempre que insiste numa postura dialética, o que mais tarde veio a chamar de *equivocação*, é nessa teimosia de ficar brandindo o Revirão...

• P – *Você coloca o Falanjo articulado com uma sintomática de brasilidade. Essa sintomática está entretanto tecnologicamente encoberta por algo da ordem do histérico, libertário e romântico. Quais são os procedimentos que você teria ou veria para tentar destacar o Maneiro diante dessa histeria?*

...para destacar o Maneiro, penso que, por enquanto, se deve dar o máximo de força aos lugares onde ele comparece como tal e não encoberto pela neurose romântica... por outro lado, tentar, ao máximo, analisar a neurose romântica para descobrir, por detrás dela, o Maneirismo que ela recalca... são as duas vias que vejo eficazes por enquanto... embate analítico com a romântica, ao mesmo tempo que procura da emergência espontânea desse Maneiro, em nossa cultura, emprestando-lhe toda a colaboração que lhe costumam negar...

10/OUT

9 PLEROMA

Muss Mann sich erst hassen,
wenn Mann sich lieben soll?...*

Nietzsche

(Ditirambos de Dionísio)

Através do latim, o termo PLEROMA vem do grego: *plérouma*, *plérôumatos* – aquilo que enche ou completa, a carga plena de um navio, o que enche um saco por inteiro. *Plérouma*, *plérôumatís* é complemento, plenitude. O verbo *plérou* é encher com – e também fecundar, emprenhar. *Plerósis* é a ação de encher ou de emprenhar. O *plerótes* é aquele que contribui com uma quota, daquilo com que se enche. E quando algo serve para encher algum vazio, ou para cicatrizar uma ferida, diz-se que é *plerótico*...

A páginas tantas daquele *Forró do Brasil Maneiro*, maisomenos pelo meio, digo assim: “Falemos do Maneiro. Só ele pode brandir o Halo *por inteiro* (com seu buraco também)”. Brandiremos o Pleroma, no Maneiro – com a cicatriz do seu recorte.

O Pleroma vive no Éon do seu instante dever – e sua completude é furada. Mesmo assim ele *Tai* (*dasein*). Ele É-a-SIM, é isso aí – o ISSAÍ rebel ou, quer dizer, RE-BELO na plena-palavra do seu Revirão. Halegria furada

* Será que o homem vai primeiro se odiar, quando deve se amar?...

pelo O na Halegoria daquele InConSistente Brasil em *dipsychia*: bifididade do Simulacro que pode ser analisada por *clinamen* (a dita clínica), mediante operação de diferenciação e particulação, em singulação.

As aparências não enganam – nós é que nos enganamos com a falta que *elas fazem*. Nem só de Jacques Lacan vive o magano. Não sou o Beato-Salu de quem Lacan fosse um *Roque Santeiro* (Novela da TV Globo). Não quero ser joelho-de-beata do Simbólico. Mesmo porque a vaga já foi ocupada (lá fora e) cá dentro – por algum Jeca-Locão da paróquia da BrasAcana, o qual, se não é um, são vários de igualíssima folia: *Secta Brasilia*.

Já ri da Patafísica de Jarry. Mas quem sorri penúltimo só ri melhor... É que, eu também, estsou monoteísta, se não momoteísta de uma só Deusa: FORTUNA, nos azares e tiques da maneira sorte. Depois de uma Patalógica (como a de Lacan depois da Metapsíquica de Freud), só mesmo uma Patapsíquica, isto é, uma definitiva Psico-Pata – a Outra mesma face do *Pato Lógico*.

Pleroma é o nome da MASSA – a de fazer pampão-queiqueijo – sem tanto fazer que se lhe dê feder ou perfumar o seu silêncio barulhoso. Se não, releiam o manifesto de Baudrillard *à sombra das maiorias silenciosas* (Brasiliense, 1985) – que não empata comigo mas também não empata a minha foto.

O \$ujeito *tout-court* (isto é, ausente por inteiro) é esse *Tai* em massaroca, no lugar Terceiro, sexo idem, buraco *blackwhite*, branque-preto *whole*, *Issaí* rebelo em seu retorno: do foracluído *neuter* (A) que não é Não-Há (Ã).

Notem depressa que, aliás, já entrou na gíria carioca (e logo brasileira) o dizer que alguém é *massa* quando assaz maneiro: *vox populi vox vel*.

Há muito que o “social” já foi prás pigas [*pigé*, em grego] – as das ditas ciências idem, que só se assentam sobre o acento que insistem, de interesse, colocar em sua extrema necessidade: a se fazer portanto. Quando, de verdade, o que só sobra, e *deogratia*, é o Sujeito-Pleroma, se não Sujeito-Modess, de

absorver, com suas camadas heteróclitas, em sua própria massa, o que pintar de sangue azul ou encarnado, e sem melar esses cordões nos seus volteios pela praça. Exemplo que bem tivemos lá no *Forró da Banana*, quando a Sorte fez o encontro, segundo Betty Milan, “daquelas bundas pensantes com estas cabeças desbundantes”. Para o que se esgota em *diferia*, o mata-borrão suma-cloaca: – *Modus in rebus?* – Modess in rabus. Sambistas e sambeiros, psicanaleiros e psicanalistas, se não psicarnavalistas e psicarnavaleiros, já vão urgindo aparição do psicarnavalesco que os arranje num desfile – sem cabeça e sem pé mas ventre por inteiro, no Maneiro.

Que cara mais estranho! *DAS Unheimliche* é *l'être-ange* (ou *letr'ange*) – quer dizer, meu FALANJO.

* * *

Retornemos de novo – e não será ainda de uma vez por todas – às “quânticas” de Lacan.

	Aristóteles	Lacan
1) Universal Afirmativa	$Ax \Phi x$ ●	↑ =
2) Particular Negativa	$Ex \sim \Phi x$	● =
3) Universal Negativa	$Ax \sim \Phi x$	$\sim Ax \Phi x$
4) Particular Afirmativa	$Ex \Phi x$	$\sim Ex \sim \Phi x$

Faço um parêntese para ler de novo o que li no Congresso (*Forró do Brasil Maneiro*) considerando esse quadrinho que está aí acima:

“Sabe-se que a escrita das FÓRMULAS QUÂNTICAS (de Lacan) depende de uma crítica, psicanalítica, das proposições básicas da lógica de Aristóteles. Para este, o *Universal da Lei* implica a *Existência*” – quer dizer, se há universal, há existência, ou seja, se todo verde é verde, há verde: o universal é que garante que existe –, “ao passo que, para Lacan, uma *Existência Primordial* (postulada por Freud) exterior ao campo da Lei (Pai Simbólico) é que funda o universal (como possível)”. A Lei é: só posso considerar um conjunto como universal porque há um que excede. Então, para Lacan, uma existência – que ele chama de Particular Negativa, da mesma forma que Aristóteles – funda a Universal Afirmativa. Donde, todo homem é homem – e apenas como possível, pois Lacan não é idiota de dizer que o Universal existe, uma vez que é fundado apenas como exceção. Para Aristóteles, não: o Universal vem da Natureza e, portanto, existe mesmo, independente de qualquer Lei.

“Então, para Aristóteles, a Lei é (naturalmente) *dada*, enquanto que para Lacan ela tem que ser *fund-dada*. Assim é que, na escrita de Lacan, são mantidas as propostas aristotélicas sobre (1) a UNIVERSAL AFIRMATIVA (que inscreve a Lei [todo homem é homem]) e (2) a PARTICULAR NEGATIVA (que dá sentido e valor denotativo à Lei [existe pelo menos um que nega, ou seja, posso indicar um existente em função da Lei]) – e não é mantida (3) a UNIVERSAL NEGATIVA” [se, para Aristóteles, é o Universal que funda o Particular, então negar o Universal é negar universalmente: todo não-verde é não verde, não existe], “uma vez que, não implicando a Existência, o Universal, enquanto proposição, se situa unicamente no plano da Lei, a qual, enquanto fundada, acaba por só ter valor *preceitual* (porque só metafórico)” [é fundada por um certo dizer – por isso Lacan teve que inventar a tal metáfora paterna, se não ficava sem esteio para garantir uma universalidade de Lei], “a negação só pode então cair sobre o *caráter* da Lei”. Ou seja, Aristóteles põe um universal de não-existência e Lacan diz que não pode, pois se a Lei é fundada, só posso negar o caráter da Lei: existe, mas não-todo. No que a Lei é fundada no preceito, só posso negar universalmente pela negação da universalidade, e não

da existência. Repetindo, Aristóteles pode negar universalmente uma existência porque ela é dada em Natureza. Se essa existência, para Lacan, só se funda pela negação de algo que, por exceção, cria uma universalidade, ele não pode dizer que “existe universalmente não-isso”, e sim que “existe não-univer-salmente isso”, pois é preceitual. Ele não pode garantir em natureza. Então, o que é negado é não a existência universal, mas “a universalidade [da Lei] (a qual aí não faz mais do que possibilidade) – e também não é mantida (4) a PARTICULAR AFIRMATIVA”. Aristóteles diz que uma particular é afirmativa porque o universal existe, então existe o particular. Como Lacan diz que o universal não existe sem garantia legal, de exceção, então só pode negar que não exista ninguém negando. Quer dizer, nega-se a palavra do negador, e não a existência concreta.

Para Lacan, tudo vem pela palavra. As fórmulas quânticas são a substância de sua psicanálise, como as fórmulas de Aristóteles são a substância da filosofia aristotélica. Alain Juranville, que escreveu *Lacan et la Philosophie* (Paris: Presses Universitaires de France, 1984), chega a dizer, e tenho que concordar, que elas são os matemas da psicanálise.

Continuando, Lacan nega “(4) a PARTICULAR AFIRMATIVA [existe pelo menos um que é], pois se [para ele] a existência se determina por sua distinção para com a Lei” – em Aristóteles, a existência se dá pela referência da Lei universal natural –, “constatar uma existência conforme com a Lei, só tem sentido porque isso permite excluir a existência de algo que contradissesse tal conformidade”. Como vêem, é tudo em cima do papo, da palavra afirmativa ou negativa.

Fecho, então, o parêntese do que disse lá. Hoje, preciso ir mais à frente.

* * *

Depois (só depois) das quânticas de Lacan, é que posso arriscar que:

CLÁSSICO MASCULINO Lei paterna REX Virtude Dever	BARROCO FEMININO Aleí Democracia Virtude e pecados Livre Arbítrio	MANEIRO NE-UTER LEI da ≠ Diferocracia Irrefutável Artifício Monstro	 Não-Há
HOMEM	MULHER	FALANJO	X
$Ex \sim \phi x$ $Ax \phi x$	$\sim Ex \sim \phi x$ $\sim Ax \phi x$	$Ex \phi x$ $\sim Ax \sim \phi x$	$\sim Ex \phi x$ $Ax \sim \phi x$
			Plano Projetivo

faz furo, como eixo, que sustenta o aberto sem loucura. (As Mulheres são bem *outra* coisa).

Vejam que, concebidas as formulações de Lacan, a partir delas, estou perguntando se, ao invés de me referir, como fazem os homens, a “existe pelo menos um que nega” para poder fundar o universal, nem me referir, como as mulheres, à denegação disso – pois elas não negam, uma vez que, para dizer “não existe nenhum que diga *não*”, é preciso ter dito que existe –, não estarei falando de um Terceiro. Ele não parte nem de uma posição nem de outra, mas pergunta: se vi, se topei com “pelo menos um que afirma”, o que faço com isso? Ou seja, se não me refiro nem à lei do homem, nem à denegação da mulher, só me refiro àquela existência com que topei. Não sei do que se trata. É na leitura dos homens que este é um homem, como um todo; é na leitura das mulheres que é um panaca que acredita na lei, que elas podem denegar. Mas, para quem só constata que existe, sem denegar aquela fórmula, é uma existência bruta! É a fórmula da SOLIDÃO do existente. Tirem isso da função puramente masturbatória, que é a do Falo, coloquem, por exemplo, na emergência de um poeta dizendo o Novo, e vejam em que situação ele fica. Ele é o único que diz aquilo, mas diz. É o único que propõe isso, e só ele, mas está propondo: “Se existe pelo menos um que afirma, pode ser negado, mas não universalmente”. Aí é que é o buraco da entrada do novo significante, que só o Falanjo produz. Isto porque ele não cabe no lugar dos homens como universal; não cabe no lugar das mulheres por denegação; mas afirma uma base que ele trouxe. Ele afirma seu sintoma contra tudo, contra todos: “Pode ser negado, mas não por todos”. E o ato poético que o Falanjo exerce exige reconhecimento. Muitas vezes, pode ser pura rebeldia. É o caso da criança rebelde, que os não-compreensivos da situação confundem facilmente com perversão. Mas não o é necessariamente. Esta distinção, aliás, nunca foi feita no seio da lógica, nem da psicanálise. Quando uma rebeldia é delinquência, e quando é um ato poético de dizer? E tampouco é psicose. E enquanto não for deglutido pelo discurso, é um monstro. É a monstruosidade do ato poético.

Continuando, aqui o referente lógico não é externo, como é o caso dos homens, mas se internaliza. Notem que, na fórmula do feminino de Lacan, as mulheres não garantem nenhum deslizamento, porque denegam a frase masculina. Portanto, elas suturam. É o que eu disse no Congresso: “Toda mulher tem homem”. O Falanjo não tem homem, nem mulher, nem nada. Ele afirma absolutamente solitário. E não é masturbatório, pois, para ser masturbatório, há que ser homem, há que saber que está livre para se masturbar porque todo homem se masturba. O Falanjo nem isso. É a solidão radical. Então, o referente se torna interno logicamente a ele – o que faz furo, como nas mulheres, mas um Furo que é o eixo da organização que sustenta o aberto sem loucura. Se as mulheres não tiverem um homem, ficam loucas, mas o Falanjo não precisa ter homem ou mulher. Certas posturas suas são tomadas como perversão, outras como psicose, mas são apenas o enlouquecimento da solidão afirmativa.

- Pergunta – *Isso é como efeito de massa neurótica?*

É massa pura! Massa neurótica não é massa, é povo, é país, é social. A massa não tem neurose. Leiam o trabalho de Jean Baudrillard, que recomendei, onde há um bom esclarecimento quanto a isso. A massa é Falanjo. Ao que nela cai, diz: “Foda-se, não tenho nada com isso, serve tudo!” A massa neutraliza o que pinta. Quem fica neurótico, é um grupo da massa, que se torna homem ou mulher. Ou é um bando de homens fazendo a sociedade, ou um bando de mulheres... do Brizola, por exemplo. Isso é demagogia de um mestre das fêmeas.

- P – *Esta monstruosidade seria perversão polimorfa?*

Isso não é nem perversão nem polimorfa. É a neutralidade do objeto: goza com poste, com lâmpada... E não é fetichismo. Fetichista tem que ter aquele objeto constante. Esse, não. Não é que tenha algum objeto, e sim que, de repente, ele olha... e é Van Gogh encantado com a luz em volta do lampião: um tesão, uma coisa maravilhosa.

- P – *Você já não chamou isto de versatilidade?*

O passado é para jogar no lixo, esquece. Estou indo em frente. Não tenho compromisso comigo.

- P – *Você está usando massa e povo em sentido oposto ao de Philippe Nemo, em seu livro O Homem Estrutural?*

Ele está falando na massa no feminino, histericizada em torno de um mestre. Estou tomando aqui o conceito de massa de Baudrillard. Afinal, encontrei alguém que me presenteou com esse conceito que concorda perfeitamente comigo. Massa propriamente dita é aquela que, porque em zonas suas todas as oposições se dão, todas são acolhíveis, funciona sempre com a dialetização que reduz tudo a coisa alguma. É o silêncio, a maioria silenciosa: qualquer troço vale. É preciso entender isto para entender, por exemplo, como se faz uma revolução e o tal de povo deixa. Só deixa como massa, pois se fosse povo mesmo, brigava, morria. É o que Maria da Conceição Tavares disse aqui: “O brasileiro não se deixa matar em vão, ele é mais massa”.

Continuando, então, as mulheres não sustentam um aberto sem loucura. Elas sustentam um aberto às custas de seu homem. Elas corneiam o homem. O Falanjo não corneia ninguém.

- P – *Você não está dizendo que ele escapa à Lei?*

Ao contrário, é porque tem bastante noção da Lei, de que ela existe em torno dele, que o Falanjo reconhece os outros dois sexos. Mas ele não funciona assim.

* * *

Para entendermos isto, vou ter que fazer agora um parêntese que nunca fiz. O que Lacan chama de lei para valer é essa do homem: primeiro, você dá; depois, você come. É a lei preceitual. Há bastante tempo me esforço para substituir a lei no sentido lacaniano pela Lei (com *L* maiúsculo), que digo que é a Lei da diferença, pura e simplesmente, que só o Falanjo sustenta. O homem não a sustenta, pois é derrocado pelas mulheres, na diferença que fazem por denegação da lei dele. Elas forçam a diferença. Por isso, as feministas ficam tão bestas. Elas podem derrocar, e talvez derrogar temporariamente, a lei do homem pela denegação que fazem, e mantendo o gozo do Outro, para além do

mero gozo fálico. Mas, não é um gozo do Outro que valha muita coisa, pois elas têm como referência a lei do homem que é lei do preceito da existência de um pai metafórico. O Falanjo não tem esse pai metafórico e não é psicótico. Ele simplesmente diz: “Se há pelo menos um que afirma, a diferença está posta e não há como negar totalmente!” Pode-se até negar, mas não totalmente, pois a diferença insiste. Então, a Lei do Falanjo é: Há Diferença! Quem garante a Diferença Sexual não é nem mesmo a luta entre os homens e as mulheres, é sim o Poeta, o Falanjo, pois, se bateu lá, ele aceita como *existente*.

Lembrar que NÃO HÁ FUNÇÃO FÁLICA (em exercício) SENÃO ADSCRITA A UM SIGNIFICANTE (S_1) CAUSA DO GOZO. O Falanjo está afirmando um significante causa de gozo ainda que ninguém queira garanti-lo por lei masculina ou por denegação feminina. Ele insiste. Em suma, estou dizendo que, se existe análise, seu resultado é o Falanjo, que pode ser homem ou mulher.

Se *todo* metafórico Homem tem Pai mit-lógico (botem o rango-tang, ou *Botem Um Tatu*), cada metonímica Mulher tem *seu* Homem (aquele que *a* merece). O *primeiro* tem o Nome do *seu* Pai. As *segundas* têm o(s) Nome(s) do(s) *seu(s)* Homem(ns). Ao passo que & Halegórico *ter-ceiro*, & Falanjo, tem como Pai o “*seu*” Nome (puro Nome em-significante), o qual ele não empresta nem às Mulheres do Homem. O que é do Homem, a bicha não come. O que é das Mulheres, sapatão nenhum chuta. O que é de Falanjo, nem Homem nem Mulheres (corretos ou caricatos) não *provam*, não provaram, não provarão.

Freud não sabia o sexo do Falanjo, então disse que ele era bissexual. Lacan, a-rumando melhor um pouco, o disse a-sexuado. Já é hora de saber que (só) ele é *hétero-sexual*. Enquanto que o Homem é homo-sexual (o rapto do caralho) – e *suas* mulheres é que são bi-sexuais (o repto do serralho). Se lerem o *Maldoror*, de Lautréamont, entenderão isto fácil.

Resulta inócuo se partirmos pro “*dionisiaco*” – que já vigora por aí nas façanhas *apolíneas* quando é feriado – e o que consegue revoluir recai devolto pros haveres do patrão. Nenhuma revolução serve pra nada... mais do

que mudança provisória sob a mesmíssima gestão. O Anticristo é o Antibaco (donde as assinaturas do treslouco Nietzsche) que mora onde Não-Há. Apolo não desama as bacantes – e Dionísio é musa do seu de-lirar. Será que o meu Falanjo é um Cristio-nísio ou um Bacristo? Nem isso – ele é mais para Jano que pra bifrontino. Com isso, digo que as tentativas revolucionárias mais quentes são, por exemplo, de Deleuze com Guattari. E quando um José Celso Martinez Correa, que esteve aqui, fala como artista, fala no âmbito deleuziano. A leitura que faz de Nietzsche, conheça ele ou não Deleuze, é igual. A promessa de Deleuze é de uma revolução – *devenir femme* ou *devenir animal*, que, para ele, são a mesma coisa, embora não sejam – com a derrocada do mundo masculino da lei universal por uma pulverização de micro-elementos. Isto seria a revolução feminina, mas que, digo eu, não se agüenta, pois cada mulher tem homem, cada mulher é mulher de malandro, gosta de apanhar e vai entregar o ouro ao bandido. Quanto a isso, quem tem razão é Nelson Rodrigues. Portanto, não cabe pensar nenhuma revolução anti-apolínea com Baco porque eles já vivem em suas oscilações internas, de masculino e feminino, e nem adianta pedir um anti-Cristo porque ele será um anti-Baco, e não será dionisiaco. Ou seja, a qualquer coisa que se procure o anti-isso, este simplesmente não existe. Só há a dialética de um e outro.

Também não há que temer a recaída do existencialismo. Lacan deveu curtir cuidado – enquanto que êmulo e contemporâneo do famoso Sartre. Mas o que está nas fórmulas terceiras não está lá nos *tempos modernos*: é pós-moderno e pós-Lacan.

Digo isto porque tenho uma suspeita: por que Lacan não escreveu esta fórmula do Falanjo (“se existe pelo menos um que afirma, pode ser negado, mas não por todos”)? Ninguém pode negar que Lacan era, de certo modo, um pouco herdeiro do existencialismo através de Heidegger. Não estou dizendo que fosse epígono deste, e sim que é um epígono de Freud, mas que a influência de Heidegger o fez pensar. Mas, pior, ele é contemporâneo, conterrâneo e vizinho de Sartre e precisava marcar diferença. Não sei se vocês mais jovens se lembram, mas quem tem idade mais próxima da minha, sabe que Sartre foi

alguém com uma influência enorme e um poder de pensamento absoluto no Ocidente. Ora, Lacan, para poder dizer o que tinha a dizer, como ilustre desconhecido ao lado de Sartre e de sua verborragia, não devia nem tocar no assunto. Isto porque a fórmula do Falanjo simplesmente pode dar a impressão da afirmação do existencialismo sartriano: Se existe, ponto! Mas não precisamos recair no existencialismo para afirmar a existência pura e simples, Particular Afirmativa, e Não-Universal Negativa, ao contrário do feminino, que é Não-Universal Afirmativa:

P A = Particular Afirmativa P N = Particular Negativa P E = Particular Eliminativa P S = Particular Suspensiva U A = Universal Afirmativa U N = Universal Negativa U E = Universal Eliminativa ~U A = Não-Universal Afirmativa ~U N = Não-Universal Negativa	PROPOSIÇÕES	Aristóteles	Lacan	MD
	Ex. x	P A	—	P A
	Ex.~ x	P N	P N	P N
	~Ex. x	—	—	P E
	~Ex.~ x	—	P A	P S
	Ax. x	U A	U A	U A
	Ax.~ x	U N	—	U E
	~Ax. x	—	U N	~U A
	~Ax.~ x	—	—	~U N

*Muss mann sich erst hassen,
wenn mann sich lieben soll?...*

NIETZSCHE
(Ditirambos de Dionísio)

Vejam aí os novos nomes que dou. Então, pela Não-Universal Negativa, não temo em recair naquilo de que Sartre nunca conseguiu dar conta, que seria a garantia da existência, da qual ele só dava conta pela pura e simples existência, e não em função de uma formulação como Lacan tentou para suas realidades. Sartre partiu do fato bruto da existência. Eu, estou incluindo a existência no fato legal, no fato lógico das possibilidades dentro do percurso analítico. É outra história e deve ter outros resultados.

E que se ausculte o Falanjo enquanto é tempo (para compreender) – ou o que se concluir será talvez em nada momentoso.

Ao passo que – querendo-se – a Diferocracia pode ser o governo da massa, pela massa, para a massa. Sob a LEI do Pleroma. Isto, a inventar-se.

Observem, na história do pensamento, quantos pensadores, religiosos, etc., ficaram em busca disso. Leiam, por exemplo, um Fourier, os socialistas ditos por Marx utópicos, que tentaram descrever um lugar para isso, mas não tinham nenhum ferramental. É o caso de Proudhon, de quem Lacan gostava... Hoje em dia, isso está ficando claro com o advento da **Pomba Adâmica**, que não é a bomba atômica, mas é esta que está aí em nossa mão e que está fazendo efeito. A chamada bomba atômica, meus queridos, não fede nem cheira. Ninguém vai jogar aquela porcaria nunca, pois está tudo muito combinado. Ela funcionaria, se fosse jogável. Aí se teria um pouco de respeito por ela, aí se começaria a pensar direito. Mas ela não assusta ninguém, pois só faz aumentar os estoques de mísseis de todos os lados, cada um mostrando que tem o piru maior. É briga de machinho. Mas há uma bomba que estão jogando, e que só vão ver o efeito quando seus ciclos forem explodidos. A Pomba Adâmica, como chamo, é uma mistura de computador com comunicação de massa, essas coisas em que Ocidente e Oriente estão entrando, manipulando, e que necessariamente vão explodir o social. É neste ponto que estou de acordo com Baudrillard. Como disse, o social foi pras pigas. Só não foi em cabeça de cientista social e nas tentativas de sustentação de sentido de religiões, partidos políticos, Estados, que ficam segurando a barra para não deixá-lo escapar. Até o fim do século XX, vai ficar esse pessoal renitente aí, mas vai explodir de repente. Isto porque a equivocação não é sustentada. Os líderes e os títeres do social vivem sustentando o sentido e evitando a equivocação. Mas, daqui a pouco, não será mais possível sustentar a não-equivocação pelo simples e puro (não natural, mas) espontâneo e artificioso uso que o próprio sistema e o próprio capitalismo estão fazendo da Pomba Adâmica, de uma dispersão incrível de computação, televisão, dos *media* em geral, que equivocam qualquer coisa.

Lembrem, por exemplo, da palhaçada de alguns supostos analistas que disseram que nós do Colégio Freudiano não somos sérios – justo porque eles

não o são. Se fossem, não iriam dizer no jornal que psicanálise é ciência. Isto é enganar o povo. Eles não têm a menor competência, a menor seriedade, para perceber que se pode colocar Lacan e Chacrinha, um depois do outro, na televisão, e que todos dois serão cagados pela massa – e todos dois são aproveitáveis do mesmo jeito. Isto porque o sistema não aguenta mais a percuciência dos dissolventes, dos equívocos de massa. Ou seja, a massa está pintando. São os intelectuais e os políticos, com sua imbecilidade crassa e notória, que querem manter a sustentação do sentido e que estão segurando uma coisa insegurável. Não estão pensando como entrar nessa, e de vez, para ver como se inventam até formas de governo, formas de organização (não social, mas) de gente, de efeitos de massa. Há aí um pessoal preocupado com a violência. É gente de esquerda que sabe o porquê da violência no Rio de Janeiro. Segundo eles, é porque há pessoas que não têm dinheiro, é porque há desigualdade social. Não é não. Basta ver em Nova York os filhos da alta burguesia americana, que são uns delinquentezinhos. Não lhes falta nada, até sobra. Aliás, está na música que toca por aí: “Meu pai e minha mãe me compreendem, me dão tudo...” O que está acontecendo? É que simplesmente não há a menor coerência entre o estado de “cada macaco no seu galho” – como fala com razão José Celso –, de tudo arrumadinho pelos sentidos, e o efeito secundário dos meios de comunicação de massa e da computação equivocando tudo. Ou seja, os valores foram pras picas, como Maria da Conceição se mostrou apavorada aqui para nós. Portanto, não dá mais para sustentar valores no nível dos sentidos do social. Cada vez vai ficar pior.

• P – *Você está dizendo que a única coisa positiva aí é a Ética da psicanálise?*

Só a Ética do Falanjo, que é a ética da psicanálise, dará um jeito nisso. Ninguém vai ouvir, ninguém vai perguntar, mas um dia vai dar uma m... Mas a gente vai se preparando, danem-se eles, a gente sobrevive...

Taí.

E para chavear com ouro est’ética dica de psicanálise, um desaforismo de Lacan na sua *televisão*: “só há ética do Bem-dizer e, saber, de não-senso”.

Eu ensaio – e deixo de lado, muito o brigado...

* * *

- P – *Gostaria de trazer a questão da psicose...*

Deleuze, por exemplo, chama de psicose o mero feminino. Ele entrou no barato de Lacan dizer que por ali estava a questão da psicose. Mas o que Lacan está dizendo é que, se houvesse o feminino mesmo, solto, sem homem, seria loucura. Só que isso não pinta.

- P – *Até hoje qualquer tentativa de cura imaginada implicou tentar falicizar o mundo do psicótico, a partir da lógica masculino/feminino. Quando você coloca o Falanjo, estaria querendo dizer que o psicótico pode fazer uma metáfora que não seja fálica, que não seja subsumida pelo Nome do Pai?*

O Falanjo não é um psicótico, e não existe a não ser como Terceiro Sexo. Ele é o regime da solidão, mas não é pensável sem os outros dois. Estou dizendo que não se vai curar a psicose produzindo um Falanjo por outra via de metaforização. Isto porque, se lermos rigorosamente Lacan, qualquer produção de metáfora pode paternizar uma pessoa. Ou seja, se há produção de metáfora, há entendimento de masculino, feminino e Falanjo. Mas o que estou dizendo tem outro sentido: a muita coisa que encontramos em estado bruto, como já pertinente ao campo do Terceiro, chamamos de perversão ou de psicose quando não é.

- P – *É possível pensar a possibilidade de cura para o psicótico através de uma metaforização não subdita à significação fálica?*

Isto não existe. O que estou querendo dizer é que, porque há Falanjo, significação fálica não é necessariamente adscrita aos órgãos sexuais. Ela é adscrita à lógica. Se entrar a mínima lógica de efetividade, de representação do que Lacan chama “o vital”, está resolvido o problema.

- P – *Quando você falou do brilho da lâmpada, de Van Gogh, achei que fosse possível pensar uma significação digamos falânjica, meio indepen-*

dente do Nome do Pai, que não remetesse a outra significação, esta sim fálica.

Concordo plenamente, mas isto é outra história. O brilho da lâmpada, para Van Gogh, é representação afirmativa de um S_1 que não se remete necessariamente à lei em sentido paterno, mas sim à pura Lei de diferença.

● P – *Estou querendo dizer, então, que, em termos de cura de psicótico, talvez se pudesse economizar esforço se não quisesse reconduzi-lo à lei da anatomia, mas que se pudesse pura e simplesmente fazer surgir-lhe no momento o tal brilho da lâmpada.*

Mas é disto que os ditos analistas morrem de medo, pois pensam que fazer esta referência é perversão. É perigoso, mas não é perversão, e nem é fetichismo. E mais, talvez não seja preciso dar um percurso de neurótico para o psicótico. Assim como tampouco é preciso buscar edipianizar todo rebeldezinho de insistência falangélica que aparece no consultório. Neste ponto, Deleuze tem razão, mas dá uma resposta feminina e boba, a meu ver. Ele tem razão em dizer que, enquanto o Ocidente pensar em termos de homem / mulher; masculino / feminino, etc., ficará edipianizando tudo. Édipo é uma péssima metáfora, como já disse Lacan. Mas como não pensou numa comédia, e foi pensar logo numa tragédia? Freud não conhecia o Chacrinha, senão...

Quando o analista, por falta teórica, por falta de análise inclusive, senta no poltronão e pensa que não está colocando nada de sua pessoa, porque só se remete à alteridade radical de suas formulinhas, ele se esquece de que alteridade radical não é isto. É, sim, escutar e ficar perplexo. Mas, na simples remissão às formulinhas, ele já está personalizando. Então, todo mundo tem que passar pelo Édipo, tem que ter pai e mãe, tem que ser homem ou mulher? Qual é? Isto, na verdade, é redução imaginária da formulação matemática. Ou seja, ficamos apegados demais à corporeidade. E se houver uma fantasia absolutamente “coisal” e que não seja fetiche? E há. Os artistas estão aí nos contando que há. Qualquer fantasia, em última instância, é “coisal”. Qual é o sexo do sujeito que tem tesão em luz? Então, estou dizendo que, originariamente, **em última instância, o Falanjo é o sexo dos falantes**. Os outros dois são arranjos para com o imaginário e a corporeidade sintomática. Assim, se uma análise se encaminha a termo, o sujeito vai passar para

a Terceira. Este nosso corpo aqui é muito relativo. Lacan dizia que pensava com os pés, e as pessoas não entendiam. Outro goza – e falicamente – pela orelha...

Fazendo um parêntese, quero dizer a vocês que estou com uma vontade muito grande de dizer que a psicose não é pura e simplesmente – embora haja isto também lá – deficiência de inscrição do Nome do Pai, e sim uma deficiência de encosto na fantasia. O psicótico propriamente dito não pode atravessar a fantasia porque não encostou. O que lhe falta é essa referência axiomática, pois o Nome do Pai é um significante de remissão a esse axioma.

Vejamos agora, um pouco, a questão do **assassinato cultural**. Isto porque o social assassina todo sujeito, que, por um acidente de percurso qualquer, bate com o Falanjo e começa a falar sua língua. Então, quanto à baboseira que se publica a respeito de Hölderlin, Van Gogh, Nietzsche, Artaud, etc., fico me perguntando se não são sujeitos imprudentes – como Lacan chamava –, que, no que encostaram aí, começam a afirmar isto com veemência demais. A leitura que se faz é de que é perversão ou loucura. Então, há uma perseguição, e aí o sujeito parece um louco, pois, nessa solidão toda, ele vai pirar para sustentar isto. Ele é consumido pelo social, devorado, assassinado, na defesa do “existe pelo menos um que diz *sim*”. Se fosse mais prudente, fingia que era homenzinho ou mulherzinha e levava numa boa, como Lacan passou a vida fingindo que era um homão que dominava sua Escola, ao mesmo tempo que fazia tipo de mocinha cheia de chilikues. O sujeito fica numa situação horrorosa, pois precisa ser muito bom farsante. Lacan, por exemplo, descobriu a tempo que não devia cair em nenhuma dessas, senão iriam arrebentar com ele. Em vários seminários, ele diz que não aconselha ninguém a entrar numa de Artaud, pois estava sabendo do que falava. No entanto, ele disse coisas tão espantosas, ou mais, do que Nietzsche, Artaud...

● P – *Ele era um Falanjo?*

Não tenho a menor dúvida, vi suas asinhas. Sem prudência, então, ele seria assassinado. Vejam que há outros que caem no encosto desse lugar e se defrontam com o social bancando homem ou mulher. Aí fica horrível para eles.

24/OUT

10

UM LUGAR DE ESTAR E SER

Fragst du, was Menschheit seit? Ich sage dir bereit:
ES IST, mit einem Wort, die ÜBERENGELHEIT.

Angelus Silesius*

Tenho dito que a psicanálise não é senão **Est'Ética do Sujeito**, a qual tem um mandamento maior, exarado por Freud: *Wo Es war, soll Ich werden*. Lacan deu nós nas tripas para traduzir para o francês, que, como língua neolatina, não tem o *Es*. No mesmo texto em que põe *Issa*, ele diz que não serve. Resolvi traduzir em brasileiro, acrescentando um termo que foi usurpado, se não foracluído: **Como el'estava, tenho que ficar**. *Werden* é um verbo auxiliar, com o sentido que, em brasileiro, dizemos: “vou ficar zangado”, “vou ficar bom”, “é preciso ficar assim ou assado” – este “tornar-se”, que é “chegar a”. Antigamente se dizia *El Rey* – o *El* servindo como artigo e como pronome. É preciso reincluí-lo no português, além do *ele* e do *ela*. Vejam que, se não o pronuncio com o *l* lambido, *El* tem o som igualzinho do *Eu*. Então: ele, ela e el. *El* não tem sexo, nem gênero, que não apresentado neutramente.

Como el'estava, tenho que ficar. Lacan considera esta frase o testamento de Freud, que, em 1932, a escreve no período terminal da *Vorlesung* 31 (*Standard Editon*, vol. 22, p. 79), quando fala em dissecar o falante. Diz ele:

* O Querubim Transeunte, II – 44: “Perguntas o que é a humanidade? Eu te digo, numa só palavra: é a Surangelicidade”.

“É fácil imaginar que certas práticas místicas podem ter sucesso no estabelecimento de relações adequadas entre as diferentes regiões da mente, de modo que, por exemplo, a percepção possa ser capaz de captar acontecimentos nas profundezas do Eu [*Ich*] e do El [*Es*], que lhe seriam inacessíveis de outro modo. Contudo, seguramente, pode-se duvidar até que ponto este caminho nos levaria às últimas verdades, das quais é de se esperar a salvação. Entretanto, pode-se admitir que os esforços curativos da psicanálise escolheram uma linha similar de abordagem. Sua intenção é, com efeito, de fortalecer o Eu [*Ich*], fazê-lo mais independente do Super-eu [*Über-Ich*], alargar seu campo de percepção e acrescentar sua organização, podendo ele assim apropriar-se de novas porções do El [*Es*]. Onde el’estava, tenho que ficar. É uma tarefa de cultura [*Kulturarbeit*], não diferente da drenagem do Zuydersee”. Como sabem, o Zuydersee é o mangue que havia na Holanda, e que, por drenagem, trabalho de cultura, transformou-se numa cidade. Em lhes faltando terra firme, em lhes sobrando água, eles foram viver no charco, na charneca, no mangue. Fizeram ali um trabalho de dragagem e construíram aquilo.

Freud diz que é esse trabalho que vai discernir as coisas: água para um lado, terra para o outro. Sim, mas quem discerne? Só pode ser um terceiro: nem água, nem terra – alguém que tem algo a ver com a lama. Vejamos outra citação de Freud, d’*O Caso de Schreber*, que encaixa perfeitamente aqui (SE, v. 12, ed. bras., p. 96): “Quando Fausto se libertou do mundo pela enunciação de suas maldições, o resultado não foi uma paranóia, ou qualquer outra neurose, mas simplesmente uma exata estrutura geral da mente”. O que é isto?: Nem maluco, nem beleza.

Vejamos agora Lacan se virando para dar conta da frase de Freud, na *Instância da Letra* (*Écrits*, p. 524): “O fim que propõe ao homem a descoberta de Freud, foi definido por ele no apogeu de seu pensamento em termos comoventes: *Wo Es war, soll Ich werden*. Aonde isso foi, eu preciso advir. Este fim é de reintegração e de acordo, direi de reconciliação (*Versöhnung*)”.

E n’*A Coisa Freudiana*, há um longo trecho (p. 416):

“Pois este sujeito de que falávamos há pouco como do legatário da verdade reconhecida, não é justamente o *mim*” – atenção, pois agora coloquei

uma produção toda minha: traduzi *moi* por *mim* – “perceptível nos dados mais ou menos imediatos do gozo consciente ou da alienação laboriosa. Esta distinção, de fato, é a mesma que se encontra entre o α do inconsciente freudiano, no que ele é separado por um abismo das funções pré-conscientes, e o ω do testamento de Freud, na 31ª de suas *Neue Vorlesungen*: ‘*Wo Es war, soll Ich werden*’. Fórmula na qual a estruturação significativa mostra bastante sua prevalência. Analisemo-la. Contrariamente à forma que não pode evitar a tradução inglesa: “*Where the id was, there the ego shall be*” – não sei por que ele disse isto, pois podia muito bem ser simplesmente: *Where it was, I must be* –, “Freud não disse: *das Es*, nem: *das Ich*, como faz habitualmente para designar estas instâncias, nas quais ele ordenou então, há dez anos, sua nova tópica, e isto, dado o rigor inflexível de seu estilo, dá a seu emprego nessa sentença um sotaque particular. De qualquer modo – sem mesmo ter que confirmar pela crítica interna da obra de Freud, que ele escreveu mesmo *Das Ich und das Es* para manter essa distinção fundamental entre o sujeito verdadeiro do inconsciente e o *mim* como constituído em seu núcleo por uma série de ramificações alienantes –, evidencia-se aqui que é no lugar: *Wo*, onde *Es*, sujeito desprovido de qualquer *das* ou outro artigo objetivante, *war*, estava / era” – e não posso traduzir de outra maneira –, “é de um lugar de estar-e-ser” – donde o título de meu Seminário de hoje – “que se trata, e que nesse lugar: *soll*, é um dever no sentido moral que aí se anuncia, como o confirma a única frase que sucede a esta para fechar o capítulo” – a frase de Freud que fecha o capítulo é: *Es ist Kulturarbeit etwa wie die Trockenlegung der Zuydersee*: É uma tarefa civilizadora do tipo da secagem do Zuydersee –, “*Ich*, eu, tenho que lá [*là dois-je*] (como se anunciava [em francês antigo]: este *suis-je* [sou eu], antes de se dizer [como hoje em dia]: *c’est moi* [é mim]), *werden*, devir, quer dizer, não sobrevir, nem mesmo advir, mas vir à luz desse lugar mesmo, no que ele é lugar de estar-e-ser” – de estarrecer.

“Assim é que consentiríamos, contra os princípios da economia significativa que devem dominar uma tradução, em forçar um pouco em francês as formas do significativo para alinhá-las ao peso que o alemão melhor recebe

aqui de uma significação ainda rebelde, e, para isso, de nos servir da homofonia do *es* alemão com a inicial da palavra: sujeito. No mesmo passo conviríamos com uma indulgência pelo menos momentânea para com a tradução inicial por *soi* que foi dada à palavra *es*, não nos parecendo muito mais adequado o *ça* que lhe foi preferido, não sem motivo, já que é ao *das* alemão de: *was ist das?* que ele responde no *das ist*, é [*c'est*]. Assim, o *c'* elidido que vai aparecer, se nos ativermos à equivalência recebida, nos sugere a produção de um verbo: *s'être* [ser-se / estar-se], no qual se exprimiria o modo da subjetividade absoluta, tal como Freud a descobriu propriamente em sua excentricidade radical: 'Aonde iss'estava (ou isso'tava) [*c'était*], pode-se dizer, aonde s'estava [*s'était*], queríamos fazer que se entendesse, é meu dever que eu venha a estar-e-ser''.

“Vocês entendem bem que não é uma concepção gramatical das funções nas quais eles aparecem que se trata de analisar se e como o *eu* [*je*] e o *mim* [*moi*] se distinguem e se recobrem em cada sujeito particular”.

O que está entre colchetes na tradução acima são precisões minhas. Vejam, então, os esforços de Lacan para dizer (numa língua que a isto não se presta) o que está escrito na frase de Freud. Em outros recantos dos *Écrits*, encontramos ainda outras referências. É de se destacar sobretudo *La Science et la Vérité*, quando retoma sua fala do Congresso de Bonneval em que discutia com Laplanche e Leclaire. Traduz ele, pág. 864: “Là où c'était, là comme sujet dois-je advenir”, o que vem complicar um bocado a questão. Mais abaixo, diz que a dupla inscrição – que Laplanche e Leclaire quiseram retomar com referência gestaltista para questionar alguns problemas fundamentais da linguagem – “está simplesmente no fato de que a inscrição não pega do mesmo lado do pergaminho, quer venha da prancha de imprimir verdade, quer venha da de imprimir saber”. Ou seja, está dizendo que a dupla inscrição é uma no nível da verdade, e outra no nível do saber: uma numa face, e outra noutra face do pergaminho. Sem esquecer de dizer que essas inscrições se misturam: “Que essas inscrições se misturam, era simplesmente de se resolver na topologia: numa superfície onde o direito e o avesso estão em estado de se ajuntar em qualquer lugar”.

* * *

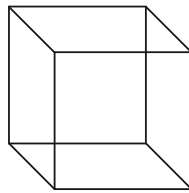
Como se resolvem essas coisas? Cadê o *el* do Lacan? O *Es* do Freud? O Terceiro Sexo? Eu, fico procurando por ele... nos meus papéis, é claro. Freud entrou numa de tomar o termo *Es* de Groddeck, que escreveu *Das Buch vom Es*, livro a ser tomado naquele momento como uma crítica, ou como uma questão diante da psicanálise nascente. Ele embarcou nessa de que, nas tradições as mais diversas, havia um *Es* de que ninguém falava. Tenho a impressão de que esse *Es* precisaria ser mais significantizado, pois está muito significado. Depois de Freud, ele passou a ser um “isso aí”, uma coisa que funcionava e que devia ser referida. É claro que o objeto *a* participa desse lugar, mas Lacan vem chamar a atenção para que esse é lugar topologicamente de Sujeito. Então, se o sujeito enquanto tal não é mais do que um lugar, então não é nem lugar de sujeito, esse lugar é sujeito: *Es* é o nome do sujeito. Lacan retoma isso em termos de recolocar esse sujeito no intervalo como percurso sobre a consistência de um pergaminho na impressão. E não pode ser de outro modo, pois não podemos esquecer que a topologia de que Lacan se serve não é uma abstração euclidiana, ela é concreta, é imaginária mesmo, tem corpo. Lembrem-se de que ele nunca deixou de chamar o nó borromeano de imaginário. Então, nessa consistência aí, Lacan encontra o sujeito como percurso intervalar consistente entre saber e verdade. Vejam que há uma materialidade na impressão sobre o pergaminho. De um lado, uma impressão, uma consistência; de outro, outra consistência; e no meio, também uma consistência. Arranjem o nó borromeano de 3 e verão que é consistente. Não adianta dizer que existe um nó borromeano pontilhado, porque isso é da ordem do delírio. Pontilhado, ele não segura e tampouco se escreve. Em qualquer lugarzinho dos interstícios das linhas, dá para escapar um filete, então, não é nó de coisa alguma. Na consistência do nó borromeano – que prefiro ao vivo a tê-lo por escrito, pois escrito não confio: se escrever demais, vira até o delírio do pontilhado (e ninguém confia em nós que não amarram, qualquer marinhaeiro sabe disto) –, se tenho dois elos absolutamente soltos, posso amarrá-los sem nenhuma relação de um com outro por um terceiro, que amarra a consistência. Quem é o terceiro?

Quer me parecer que já se trai letra e espírito de Lacan há muito tempo. Entre nós, também. Jamais a psicanálise pôde ser tomada, com decência, como abstração. No que matemiza, no que surfleite, para não ficar só refletindo, ela escreve. E Lacan chama atenção para o fato da escrita, para o fato mesmo de que a interpretação – essa porcaria que deveríamos parar de chamar com este nome, que tem denegrido o suficiente a nossa prática –, a intervenção do analista, é da ordem da escrita poética chinesa. Isto quer dizer que ela é consistente, não é uma abstração. O que se escreve, o que se matemiza, é da ordem de um outro nível de consistência, mas ainda é consistência. Como largaríamos de mão o fato concreto de que essas coisas consistem? Não estamos à beira de cair no abismo das grandes elucubrações – chamadas de teóricas por aqueles que pensam que teoria não é uma prática efetiva, consistente –, que satisfaz a todos em sua masturbação intelectual? Os astrólogos se arriscam mais do que os psicanalistas: podem dar o vexame de prever um futuro que não virá.

A crítica que Lacan fazia a Laplanche e Leclaire é que, talvez por mau uso de um exemplo, tendiam a equiparar o lugar intersticial que rege os fenômenos de linguagem com a dupla percepção dos casos típicos em *Gestalt*, que – melhor do que fazer a equivocação de forma e fundo, que eu já trouxe como exemplo em outros Seminários – faz a equivocação entre duas formas. É o caso, por exemplo, do chamado *duck-rabbit*, o pato-coelho, que Wittgenstein gosta de citar. Como não há nenhum ponto de clivagem, se fixamos a imagem em qualquer ponto, podemos ver um pato ou um coelho. Vários lógicos já pensaram muito a esse respeito: o patoelho ou o coelhato. É claro que Lacan tem razão em chamar a atenção deles para que o de que estava falando não era da ordem de uma percepção cambiante entre duas formas apreensíveis como tais. A chamada de atenção vale nesse sentido, e vale no contexto exato e preciso do texto em que Lacan diz isto. Entretanto, saindo um pouco desse contexto, em outro lugar, não poderemos dizer que estamos falando da ordem desta equivocação gestáltica enquanto passagem de uma a outra forma mediante um deslize de percepção. Mas acho que interessa lembrar que a consistência daquele pergaminho – em cuja única face uma dupla inscrição se escreve

aparentemente em vez de em lados opostos – pelo menos emblematicamente pode ser referida a isso que deixou perplexos os psicólogos da teoria gestáltica, que é a construção de uma forma ante a qual, no contexto das percepções e nomes que dou aos objetos percebidos, eu, em função de cada momento de pega, possa ficar numa extrema equívocidade quanto a que modo e que configuração dar a esse elemento.

Não precisamos, pois, ter um patoelho, podemos ter um cubo, por exemplo, que é bem mais abstrato. Não é preciso nem ter o nome da geometria euclidiana para ser de certo modo perceptível (por incultos de Euclides). Um cubo desenhado, que posso ver em profundidade: em convexidade ou em concavidade.



Não estou colocando a questão sobre o fenômeno perceptivo, e sim sobre: que lugar é esse que se ocupa como verdadeira charneira e desde onde a coisa fica basculando? Não é à toa que vem a báscula de Lacan: diante do pato-coelho, *eu fica* na gangorra entre pato e coelho. Naquele momento, Lacan precisava discernir, ser preciso, crítico, pois não estava falando de configurações. E se formos a uma abstração maior, veremos que não estava falando senão do lugar que *eu ocupa* como eu, como *Es*. Lembram da brincadeira de criança: garfo / faca, pêra / maçã? Você é pêra ou maçã? Com uma pressão dessas, e se a regra do jogo é ter que ser pêra ou maçã, para não ficarmos com fome, escolheremos a mais saboreável, pelo menos no momento – o que é muito variável, pois se comi maçã à tarde, de noite preferirei pêra talvez (se for muito obsessivo, posso querer mais uma maçã). Há muitas coisas em jogo, mas o que está no jogo é que dizem “pêra ou maçã” no sentido exclusivo e esquecem do

vel. Por que a uma criança, não pode ocorrer responder: “Sim, pêra ou maçã”?
É o *vel.*

- Pergunta – *A brincadeira não é “pêra, uva ou maçã”?*

No meu tempo, ninguém me ofereceu uva. Era garfo / faca, pêra / uva.

* * *

Hoje, não estou muito arrumado, quero mais dispersão, um pouco de papo... Então, tomando de maneira esparsa, onde vai-se inscrever o Terceiro? Da vez anterior, fiz certa relação do que chamo Falanjo com o que Baudrillard chama de massa. É preciso discernir bem, pois ele põe fora a questão do sujeito e justamente o que quero chamar de massa é o que, como efeito, se presentifica como sujeito. Podem pensar que estou falando da massa dos sociólogos, que são meras multidões. Freud, em sua *Psicologia da Massa*, mostrou que as multidões são do feminino, portanto arroláveis por um chefe, um caudilho, algo dessa ordem, ou simplesmente num momento de demagogia intensiva. As multidões, em última instância, são contáveis e, no que o são, perdem a infinitização e podem receber um cinturão de masculinização, um círculo de Euler. O que chamo de massa só funciona como efeito da pululação, do turbilhão. Por exemplo, o fenômeno de massa da mídia, como a televisão, hoje, é de uma proliferação, de um acolhimento tal de diferenças e de imagens díspares quanto a nível, valor, qualquer coisa, que o efeito é neutralizante. Isto é diferente de supor que certo conjunto de gente é mais massa do que outro. Portanto, repetindo, estou querendo exatamente dizer que massa no sentido mais radical do conceito só pinta como puro sujeito e como efeito de um processo de turbilhão. Jamais se pode arrolar um conjunto grande de pessoas numa praça pública, ainda que seja um milhão delas, e dizer que aquilo é massa, pois algum valor vai dar sentido àquela “massa” e fazer grupo. Funciona muito mais como se fosse um grupo que ainda não encontrou o sentido de seu grupamento. Ou seja, é muito mais da ordem de uma horda em busca de um nome, de um sentido. É o que,

em minha relação subjetiva como sujeito, em sua exposição concreta no turbilhão das diferenças, vai fazer criar-se essa neutralidade, essa Indiferença. Isto porque o sujeito *tout-court*, enquanto tal, é indiferente. Isto ou aquilo lhe é indiferente.

A diferença pode até ser evidente do ponto de vista imaginário, como é a diferença sexual, por exemplo, mas quero saber se ela é reconhecível desse ponto de vista. Não o é, pois é preciso viajar até o local de indiferença para, de lá, poder-se reconhecer a diferença. Baudrillard está satisfeito com o fato de que o grande liquidificador universal da massa vai acabar com as diferenças. Estou dizendo que, para nós outros, do ponto de vista psicanalítico, o sujeito de que falamos é terceira posição, neutralizante sim, indiferente sim, e que temos que nos dar conta dele porque só dali é que as diferenças serão reconhecidas, e não meramente pseudo-“evidenciadas”. Há uma intenção política, em últimos termos, nisso tudo. A democracia é uma boa bosta, uma coisa velha. E nem a ela conseguimos chegar bem. Paulo Maluf, na televisão, foi quem melhor nos lembrou. Vocês podem estranhar eu dizer isto, mas é preciso procurar os valores onde eles estão, procurar quando o analisando fala a verdade. Durante sua campanha, ele lembrava que “democracia é o governo da maioria”. E o que é o governo da maioria senão a imposição de determinado ponto de vista só porque um grande número, naquele momento, gosta daquilo? Aí resta a questão de se ter que arranjar um jeito de lidar com as minorias. Mas que conceito quantitativo de minoria é este? Primeira questão: os conceitos de minoria e maioria devem ser quantitativos? A segunda questão está em que a democracia assim concebida só resolve o problema de o atrito parecer efetivamente menor, uma vez que a quantidade de policiais é maior do que a de delinquentes.

Estou querendo dizer que houve uma época em que o conceito de democracia – que não é de massocracia, mas de multimocracia –, de *demos*, povo, talvez funcionasse: um povo era um povo e todos quase tinham a mesma carece. Então, a maioria era geralmente maioria absolutíssima em determinado lugar. E quanto aos que não estavam na maioria, era fácil, matava-se e acabou. Em nossa época, as pessoas estão completamente perdidas entre a ditadura do autoritário e a do demagogo. Todo mundo fica muito feliz: uns, por acharem

mais bacana que o ditador seja autoritário, outros, que seja demagogo – e estão todos na pior. Não sobrevém nenhum conceito (que não tem que ser da ordem do político, mas sim da nossa ordem de reflexão) de como é possível, no impossível de governar, arrumar um pouco uma multidão de pessoas na face de um planeta que está em franco processo de se defrontar com a massa por efeito de seu turbilhão. Nenhum daqueles é massa, nem em casa, nem na rua. Portanto, não adianta muito fazer a antropologia da rua e da casa, pois vai dar na mesma, só vai dar diferença de comportamento. E qualquer posição que grupos tomem, serão arroláveis num círculo de Euler e taxados como posição de um único indivíduo. Então, que lugar é preciso ocupar para, de lá, reconhecer a diferença? Reconhecimento que, em seu bojo, exige a invenção de uma organização dos indivíduos num sistema em que não há maiorias, nem minorias, nem autoritarismos. Esta invenção não ocorre a ninguém porque jamais foi trabalhada, uma vez que esse problema não surgiu de fato senão agora, está surgindo ainda.

Por isso, também vivo à procura desse Anjo. A psicanálise e os psicanalistas, ainda quando o são, são freqüentemente chamados de alienados, gente que só trata de elite, que nada tem a ver com a realidade – e temos que dar atenção a esse tipo de crítica porque não é tão mentira assim. Não é que psicanalista tenha que ser candidato a deputado, e sim que temos que pensar sobre o que se passa no tal processo da cura que, de cada vez que um Freud ou um Lacan tenta mostrar do que se trata, imediatamente (não os analisandos, não o público, mas) os psicanalistas psicologizam tudo de novo. É uma repsicologização constante. Lacanianos hoje em dia dizem de boca cheia que a psicanálise freudiana foi psicologizada pela IPA e seus arredores, mas pergunto eu: “E a de vocês, não está sendo psicologizada?” Se fizermos uma prova perguntando “O que é a psicanálise?”, todos passarão de ano, pois certamente responderão: “É a pergunta ‘O que é a psicanálise?’” Mas é preciso saber quem faz a pergunta *mesmo*, pois esta resposta todos já decoraram. Digo isto porque eu não sei, e fico muito irritado quando vejo as pessoas sabendo, mesmo quando são meus colegas e vizinhos. Como podem saber e eu não, se não sou

mais burro do que eles? Antes que a psicanálise vire mais uma astrologia de bolso – e a outra é melhor, porque é astrologia mesmo, acredita naquilo –, urge remexer aí, redizer, fazer alguma coisa. Por que não a efetividade em termos de consistência?

Retomando o que dizia sobre Baudrillard, suspeito que o efeito do processo de consumo, e de equalização por via de consumo, vai se forçar em cada um dos falantes, fazendo-o defrontar-se, queira ou não, com sua posição subjetiva. Não acredito que se façam massas com grupos, e sim que cada um será jogado, arremessado violentamente nesta posição que vai parecer psicótica e pode deslanchar grandes movimentos psicóticos. Não é à toa que Deleuze parte para pensar assim, pois, pelos efeitos do que é o turbilhão informativo, vai-se deslanchar o processo de cada um, do mais ignaro ao mais erudito, ver-se constantemente acossado para o lugar de neutralidade. Não é que fique neutro, e sim que cada um começa a viver num mundo em que os valores vão se neutralizando pelo turbilhão. Aí, vai dar de cara com meu Anjo, vai ficar no lugar de *Estar-e-Ser*, queira ou não. Vai ficar assim: “Não sou ministro / estou ministro”, “Não sou lixeiro / estou lixeiro”... Vejam, por exemplo, isso que chamam de violência urbana, que a esquerda gosta de dizer que é uma questão pura e simples de não haver distribuição de renda, de haver fome. Dêem comida, distribuam a renda para todos, e verão que vai piorar. Isto é algo que Maria da Conceição Tavares deixou claro quando falou aqui para nós. Ou seja, tirem o trabalho das pessoas, façam uma espécie de paraíso, aí é que a violência vai ficar insuportável. Entendam que prato de sopa não cura perversão, nem psicose. Neurose, ele só amansa, suspende por umas horas.

Isto é muito grave, pois o globo está ficando superpovoado, com uma multidão sendo jogada a se defrontar com fenômenos como o da massa, absolutamente angélica. Eles se darão conta de que pertencem a esse lugar, antes ainda que a psicanálise os lembre disso. E sem nenhum ferramental, utilizando materiais, modelos arcaicos. É a zorra, a zona, é como diz o Chacrinha: “Salve-se quem puder!” Então, como gerir isso com sujeitos com informação velha e dentro de sistemas inteiramente arcaicos? É a agressão como princípio,

não tem saída. Vão ficar uns agredindo os outros. Mas como não vou resolver os problemas do mundo, nem sou candidato, nosso problema é perguntar: o que estamos fazendo com a tal psicanálise, se não apontamos para esse lugar com muita veemência e o efetivamos muito pouco? Trata-se de efetivá-lo, sim. Toda vez que, diante de psicanalistas, fala-se em efetivação, em dar consistência por ato a determinada emergência, dizem que é *acting out*. Ou seja, virou punição ou regragem de polícia dentro da psicanálise. Não que *acting out* não seja um conceito utilizável, mas está sendo aplicado em toda e qualquer possibilidade de se intervir exigindo uma consistência e uma efetividade no efeito do ato. Não posso mais concordar com esse negócio de que psicanálise só lida com e só trata no simbólico e na fala, e que sair do regime da fala e da interpretação é *acting out*. Não é! Não se pode ser Beato Salu do simbólico. Estou dizendo, então, que, em se aproveitando de este conceito existir, a mediocridade psicanalítica evita em sua prática toda e qualquer atuação, todo e qualquer ato. É preciso que o conceito de *acting out* seja discernido com muita precisão para que não se faça dele a bobagem que é a não prática da vida.

Uma coisa que incomoda muito os sociólogos, sobretudo os de esquerda, é saber como as multidões podem escolher o pior. Como, de repente, o fascismo entra na Europa e toma conta? Como tivemos vinte anos de ditadura? Quem a fez? Acho que fomos nós. Fomos, não, pois são milhões contra meia dúzia... Ocorrerá, por exemplo – o que é uma coisa banal nas pessoas – de saberem que, efetivamente, para seu Manezinho das Quantas, que sai de manhã para trabalhar na fábrica e volta de noite, tanto faz quanto tanto fez, pois em sua vidinha não vai mudar nada? Aí, fica meia dúzia de intelectuais e lutadores em torno do poder terçando armas, mas essa “tchurma” não vai mudar muita coisa. No caso da época de um Hitler, por exemplo, se você não fosse judeu e assinasse embaixo, vivia muito bem. Vimos no governo Médici todos felicíssimos com campeonato de futebol, com seus empreguinhos, milagre, etc. Ficamos criticando apenas os manipuladores do poder, mas, se há manipulador, é porque há manipulado. Onde está o manipulado? Como ele funciona? Se não temos muito como mexer nisso praticamente, temos como mexer em nível de prática efetiva

na análise. E temos que pensar que, no dramalhão político, seja qual for, porque o tal progresso acaba funcionando, a explosão de massa virá, queira-se ou não. Então, o que podemos nós fazer, na base até do salve-se quem puder, para assumir o lugar terceiro de onde poderemos fazer algo, ainda que seja por nós mesmos? Ainda que seja no maior egoísmo da paróquia? A tarefa que vejo que me serve, ou em que posso fazer alguma coisa, é insistir na efetividade da construção do lugar terceiro, que é evidente há milênios, mas não é reconhecido. E, se não é reconhecido, outra qualquer diferença pode se evidenciar nos embates, mas também não é reconhecida.

* * *

Tomemos o mito bíblico da diferença sexual, que já tratei em outros Seminários mostrando que a charneira está na criação de Adão e Eva: ou para o lado do simbólico, ou para o de uma cosmologia. Ou o mito é antropognômico, representa por esta metáfora a criação dos aparelhos simbólicos do falante, ou é cosmogônico, representa a constituição do universo. Mas se tem Adão e Eva, no meio não tem nada? Como entra a maçã aí? Sem a cobra, ela não vinha. Quem é a cobra, que até falava com Eva? Como disse então, o mito de Adão, Eva, paraíso e serpente conta a estrutura da emergência da outra sexualidade, aquela que vem pela linguagem, que não é de bicho. Ou seja, no que Adão é falante, tem que constituir um mito porque temos ali dois corpos imaginariamente macho e fêmea, mas o que a língua coloca já não é mais a questão do macho e da fêmea, e sim da sexualidade do falante. Aí, imediatamente entra o Terceiro Sexo, pinta a cobra – que pode ser dragão também. Na antigüidade, desconhecia-se a diferença anatômica desses seres. O dragão e a cobra, em muitos mitos, funcionam como nem macho, nem fêmea, ou seja, imaginarizava-se no corpo do bicho esta alternância. Não esquecer que, no próprio mito de Tirésias ao encontrar as cobras copulando, vemos que ele foi mexer lá para saber qual era macho e qual era fêmea. E é um bocado difícil achar o que é o falo do fálico, não é? Se pego um caralho e procuro qual é seu sexo, é muito difícil...

Tomem minhas formulinhas e as de Lacan (masculino e feminino). Verifiquem que o que quero atribuir como formulação do Falanjo é tão particular quanto o feminino. É de uma outra ordem de particularidade, pois Falanjo também não faz um todo. E no que vai se representar isto antropomorficamente, só pode ser duas mulheres. Mas por que a cobra tem que ser mulher? Ela não pode ser um outro particular? Nas formulinhas, o Homem é totalizável, universal – por isso simplesmente não é encontrável, não conheço nenhum, não os reconheço –, e Mulheres são absolutamente particulares – o *A* universal (de *A* Mulher) não existe, mas reconheço “todas” elazinhas... Na fórmula do Falanjo, vemos que ele é tão particular – existe pelo menos um que afirma, logo pode ser negado, mas não por todos – que sofre de uma particularidade diversa da particularidade do feminino, da mulher. E, repetindo, no que isso vai ser representado antropomorficamente, representa-se como cobra ou outra mulher, pela particularidade do caso. Por isso, aparecem duas mulheres.

Por que a língua tem que ser do feminino? E se for justamente aquela que inclui tudo – não esquecer que não estou falando do Todo do masculino –, inclusive o furo? Mesmo na mitologia psicanalítica, como se fala homem e mulher, a língua só pode ser do feminino, pois ela não faz um Todo. Será que é? E se for do Terceiro Sexo? No que ela existe concreta e consistentemente, no que é através dela que me espremo e me exprimo, em que língua falo eu? Qual é o sexo do falante? É o sexo de quem fala a língua.

[Questão inaudível]

Quando um poeta comete a violência de ser “o apenas um” que afirma qualquer coisa e assume a posição angélica, no regime do conhecimento, ele faz brotar uma diferença tal que só tem referência na impressão de um S_1 , então o conhecimento se torna paranóico. Ou seja, ele impõe um desejo novo. E pôr um significante novo significa: “Aquilo que ninguém queria, ninguém queria; mas aquilo que eu quero, alguém há de querer”. Então, o ato poético, o ato virulento do angélico, acaba funcionando no regime do conhecimento paranóico. O que talvez tenhamos que fazer é distinguir isto da psicose paranóica. Não

acredito que o seja, mas talvez isto tenha feito com que alguns apressados e incautos tenham jogado certos anjos na psicose. Como Hölderlin, etc.

Quero ainda tomar um último pontinho para refletirmos hoje. Como sabem, a fórmula do Homem é: “Existe pelo menos um que diz *não* para que todos afirmem”. Eu me pergunto se não posso adscrever isto à ordem do saber. Consideremos esta fórmula do Homem para tomar a questão de saber e verdade impressas em cada lado da consistência. Eu a poria do lado do saber, o que pode parecer absurdo, pois é mais de se chamar o saber de feminino. Lacan é muito sábio quando substitui as letras das fórmulas ao escrever no Discurso do Mestre: $S_1/\$ \rightarrow S_2/a$. Ele mostra claramente que $(S_1/\$)$ é Φ , que (S_2/a) é A , e que Φ não se diz e A é reduzido ao dizível. No que é reduzido ao dizível, o saber tem que ser arrolado a cada momento. Prefiro adscrever o saber ao masculino, pois no campo feminino a verdade fala não-toda, mas apenas em particularidade. Então, enquanto A , enquanto Outro, S_2 pertence ao feminino, mas no que há esta substituição, tenho que dizer que um saber, ou o que tenho por saber, que é compacto num dado momento, descreve o que o homem pode dizer que ele é em função da castração. Isso é arrolado, então posso escrever S_2 dentro.



Uma particularidade aí é podermos feminizar o pai. Então, digo que o discurso do homem se presta muito bem ao discurso da histérica. Ou seja, que a posição masculina é a posição da histérica. Posso pensar assim, pois não consigo reconhecer nenhum homem, uma vez que ele é universalizável num paratodo que imediatamente o feminiza enquanto próprio, enquanto grupo. Lembrem que a referência de Lacan é puramente lógica: basta haver um que diga *não*, que isso arrola. Acontece que isso não passa do Preconsciente ao enunciado, ou seja, não cai da enunciação em enunciado, não se efetiva, não se

aponta fora de um discurso arrolável aqui e agora. Então, quem é o homem na sociedade de hoje? Vejam que estou saindo das abstrações lógicas para a consistência do fato dentro do discurso concreto, na qual não há homens, só históricas, ou seja, só há mulheres fingindo que são homens. Ser homem é ser o quê? A produção daquele saber que diz o que o homem é.

A formulação do feminino é: “Não existe nenhum que diga *não*, portanto, não-todo afirma”. Posso adscrever aí que, no que o feminino funciona, pinta a particularidade, uma a uma. Então, qual discurso promete encontrar isto? O Discurso Analítico: $a/S_2 \rightarrow \$/S_1$. Lembrem que o Discurso do Mestre é o discurso delas, das mulheres. Uma mulher quer, os homens estrebucham e pagam. Por exemplo, no caso da novela das oito, *Roque Santeiro*, a viúva Porcina é um mestre e o Sinhozinho Malta é histórica. Ela diz que quer uma fazenda, ele dá. O Discurso do Mestre é quando pinta essa dona. Pintou a dona, ela começa a falar. Aí, vai-se tentar derrubá-la um pouco e lembrar-lhe de que existem os anjos. Ela que não fique crente de que é só ela e o homem do outro lado, pois há os anjos no meio para atrapalhar. O Discurso Analítico é o que promete produzir essa mulher. Aí pinta o S_1 . A formulação que trouxe para o Anjo é: “Existe pelo menos um que afirma, logo, não-todo pode negar”. É meio parecido com o feminino...

Em encontros anteriores, vimos que há um mestre antes e um mestre depois da análise. Que mestre é esse? Eu diria que, se a posição masculina, em sua compatibilidade com o discurso da histórica, é um discurso do saber, a posição feminina, em sua compatibilidade com o discurso psicanalítico, é um discurso da verdade. Mas a psicanálise precisa operar mais do que simplesmente a distinção entre saber e verdade, e mais do que a assunção da verdade para fora do saber que procura arrolar. Ela precisa produzir *o saber da verdade*, que é a mesma coisa que *a verdade do saber*. Vejam que o genitivo é duplo em qualquer das duas frases, uma vale a outra. A psicanálise não pode parar no mero destacamento da verdade do sujeito, o que pode dar condições de se ser mestre, perverso ou simplesmente mulherzinha, mas é preciso que isto seja ultrapassado – e me pergunto se não é o que Lacan vai cobrar no passe, no só-

depois da análise – para o sujeito se tornar angélico. É o Falanjo que diz: “Sei que existe pelo menos um que afirma esta existência, por isso não-todos podem negar”. É, portanto, a particularização com a assunção (não da mestria, mas) da verdade do saber e do saber da verdade.

No que eu, como falante, como pelo menos um, afirmo que sei que existe, e portanto não-todos podem negar, não estou sendo meramente o enunciador de uma paranóia possível, pois, para dizer isto, só pude fazê-lo no campo e no contexto de haver os outros dois. Só a partir daí, e na hiperflexão desses três lugares, é que posso dizer isto. Portanto, só posso dizer que “existe um pelo menos que afirma” no contexto de um suposto masculino que diz que “todos afirmam – portanto, cada um afirma – em função de uma castração”. E também no contexto de um feminino que diz: “Por outro lado, posso dizer que não existe nenhum, e portanto posso afirmar não inteiramente”. Então, esta afirmação, nesse grau e nesse contexto do que estou chamando de angélico, ela diz os três. Por isso, chamei de Pleroma. Seu ato põe logo o reconhecimento da diferença. Deste lugar, só falo no reconhecimento da diferença.

Era isso.

07/NOV

ANEXO

DIFERENÇA SEXUAL HÁ, TRÊS POR DOIS

1. $Ax \sim x.Ex \sim x$ – Primeiro Sexo: Homem
2. $\sim Ax \sim x.\sim Ex \sim x$ – Segundo Sexo: Mulher
3. $\sim Ax \sim x.Ex \sim x$ – Terceiro Sexo: Falanjo
4. $Ax \sim x.\sim Ex \sim x$ – ~~Quarto Sexo: Morte~~

(1) Uma propriedade Φ só pode fundar um TODO ligado ($Ax.\Phi x$) pela referência a um limite construtível, isto é, uma existência que faça exceção a Φ ($Ex.\sim\Phi x$). Aqui se escreve o UNIVERSAL como POSSÍVEL.

(2) Na ausência de limite ($\sim Ex.\sim\Phi x$) não há TODO, ou o TODO não consiste, ou a ligação é dispersa, ou há NÃO-TODO. Como quer que se diga isto, a notação Ax só será lícita se afetada por uma barra (\sim) de negação ($\sim Ax.\Phi x$). Aqui se escreve (não o impossível, mas) a (de)negação (não do possível, mas) do significante que (como exceção) funda (enquanto limite) o possível. Esta (de)negação prejudica o UNIVERSAL (enquanto possível), no que denuncia que a pretensão de universo, que há no possível, só se enuncia por desconsideração (mutiladora) de um excesso, de um resto que sobra do UNIVERSAL POSSÍVEL. Então, aqui se escreve o EXCESSIVO.

O IMPOSSÍVEL, e por sê-lo, não se escreve: ele se lê (no que a escrita é efeito de discurso) como impossibilidade de se estabelecer RELAÇÃO entre o UNIVERSAL e o EXCESSIVO.

Entretanto, se a RELAÇÃO é IMPOSSÍVEL, a emergência disto só se dá por efeito do sintagma (1) / (2). Assim, o surgimento do IMPOSSÍVEL passa por um lugar aonde esse efeito se efetive. Esse lugar (que rememora o *axioma da fantasia*, o qual, como garantia de realidade, avaliza o real que aí está em jogo) é o terceiro nodulador (borromeano) de (1) com (2), no que *nele* se produz o que se escreve em:

(3) O EXCESSIVO (em (2)) não pode negar a existência da função fálica ($Ex.\Phi x$), nem tampouco enunciar o (seu próprio) excesso ($\sim Ax.\Phi x$). Com isto, a função-fálica possível (universal) em (1) pode ser negada, mas não por inteiro ($\sim Ax.\sim \Phi x$). Não há negação-universal da função-fálica, nem mesmo em (2) e muito menos em (1). Assim, (3) é proposição de co-memoração da exceção ($Ex.\sim \Phi x$, isto é, Nome do Pai) que funda o TODO e, também, co-memoração do EXCESSIVO, que funda o NÃO-TODO. Aqui se escreve o TRANSITIVO.

(4) Ora, para que a função-fálica pudesse ser negada por inteiro ($Ax.\sim \Phi x$) (ver (3)) seria preciso que sua afirmação não tivesse existência ($\sim Ex.\Phi x$). Aqui se escreve o ANULATIVO que, como tal, não tem comparecimento, reduzindo ao real (ao IMPOSSÍVEL), enquanto MORTE da propriedade Φ , o que quer que se designe com esta propriedade. E NADA sobra, senão como *a*, ou seja como HÁ. O que se suponha haver, com isto e depois disto, é da ordem do *Gozo da Glória*, aliás dita eterna, das religiões.

* * *

A lógica que sustenta isto, começa (em (1)) do *axioma da castração*. E as fases subseqüentes ((2), (3), (4)) *temporalizam* esta lógica que não se exerce sem obediência à série diacrônica (*Nachträglichkeit*). Sendo que, a rigor, o último tempo (4), acaba por indicar (no Morto dito Nome do Pai) o lugar (real) de onde emerge aquele que faz a exceção na qual se funda a regra. Pois não é o Pai Simbólico (simbólico para quem, senão para o Filho? – já que para

“si mesmo” ele é Real) aquele que, equivocadamente, escapa à função-fálica ($Ex.\sim\Phi x$) ao mesmo tempo que a nega (proíbe) *para todos* ($Ax.\Phi x$)?

* * *

Um HOMEM pode (e costuma) ter várias MULHERES – mas só tem um (único) ANJO (de *sua guarda*).

DAÍ QUE:

– Todos os HOMENS são *iguais*: na repetição de um gozo (fálico) causado e limitado por *um* Significante-Mestre. O Homem está por inteiro no Gozo-Fálico.

– Cada MULHER é *singular*: na repetição de um gozo (do Outro) suplementar (ao Gozo-Fálico), o qual é imaginariamente distinto, mas cuja diferença não é marcada (nem causada nem limitada) por nenhum (por nada de) significante.

“Desse gozo elas nada sabem” (Lacan).

Uma mulher excede o Gozo-Fálico.

“Elas são mais homens do que os Homens.” (Lacan)

– Cada FALANJO é *diverso* (distinto e diferente): por um gozo emblemático que só se repete *por escrito*.

Um ANJO despreza o Gozo-Fálico (mas NÃO-TODO), isto é: se o Homem tem seu Gozo-Fálico causado e limitado por um Significante-Mestre, este tem no Gozo-Fálico a *causa* de um gozo emblemático que só se dará por escrito; se uma Mulher tem um Gozo-Suplementar, e não-dizível, ao Gozo-Fálico, este tem um Gozo-Replementar, porém só-depois e dizível (mas não dizível por inteiro: semi-dizer). Embora diverso, o ANJO é único.

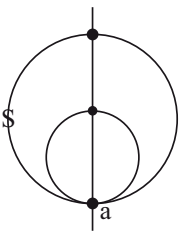


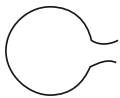
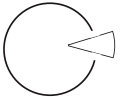

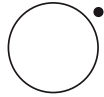
&l&s são mais mulheres do que as mulheres: mais fecund&s.

* * *

PARA O FALANTE:

– Os SEXOS são três.

- Os Órgãos Reprodutores é que são dois.
- Ao passo que o Órgão do Gozo é um só (embora com formas diferentes).

PLEROMA	PRIMEIRO SEXO HOMEM	SEGUNDO SEXO MULHER	TERCEIRO SEXO FALANJO
Gozo Pleno	Ex.~ x Ax. x Gozo Fálico J Gozo Total este gozo se diz Res Gaudens Legal (Santo) Imbecil Único Razão Sensação Palavra Dito Masturbação	~Ex.~ x ~Ax. x Gozo do Outro J Å Gozo Suplementar deste gozo ela nada sabe Res Extensa Mística Idiota Singular Deliração Emoção Fala Falação Rebolado	Ex. x ~Ax.~ x Gozo do Outro Sens Gozo Replementar este gozo se d’escreve Res Cogitans Beato Besta (Bobo) Dispar (S/I) Imaginação Sentimento Escrita Dizer (alíngua) Conexão
Circunspeção	Inspecção Protesto Original Metáfora Todos Iguais	Instrospeção Capricho Cópia Analogia Cada Singular	Transpeção Rebeldia Simulacro Alegoria Cada Diverso
	 	 	 
	Gozo Completo Clássico	Gozo Excessivo Barroco	Gozo Exepcional Maneiro

Aí está o Sujeito em sua Fantasia. Sujeito que nasceu com Descartes, viveu sua infância com Freud, passou a adolescência com Lacan e veio viver comigo a sua (aliás eterna) juventude. Acredito que ele não ficará maduro, nem envelhecerá... Sujeito cujo nome completo é o de PLEROMA – somente para aqueles que o souberem *por inteiro* soletrar.

Travessia

Ao que *pode* escutar, a Fantasia se diz sim desde o comecinho de uma análise – só que o analista não *deve* escutá-la (apesar do lugar de Sujeito Suposto Saber que o analisando lhe dá). O que só é factível pelo fim de uma análise é a Travessia da Fantasia. Esta é (nada mais, nada menos do que) a *Normalização do Sujeito pela Normalização da Fantasia*.

Lacan ensinou que a *Normalidade* é a do Nó-Borrou. A Normalização do Sujeito é a normalização (tri para tetra sexual) da sua Fantasia, como cunhagem subjetiva de um objeto (\$ ϕ a) que sustente (como eixo dos sexos) a Normalidade do Nó. E a Normalidade do Nó Borra o Meu.

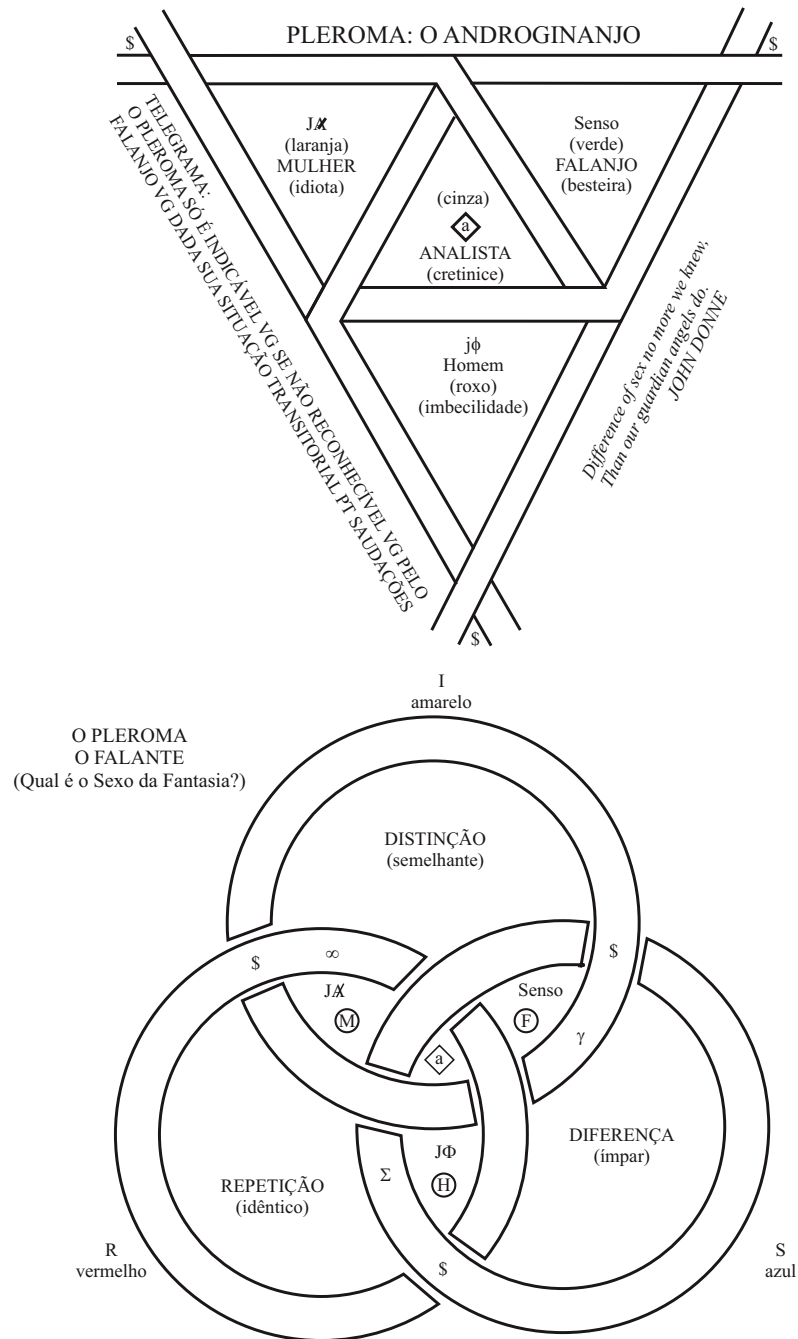
Construa um TETRAEDRO BORROMEANO que tenha por *faces*: o lugar do objeto *a*, tomado como base; o Gozo-Fálico, onde se aloja o Homem; o Gozo-do-Outro, onde se aloja \bar{A} Mulher; o Senso, onde se aloja o Falanjo.

O vértice oposto à base é o ponto (“triplo”) onde situar o \$*S*ujeito. Onde: a altura (normal) de \$ até *a* designa o axioma da Fantasia (\$ ϕ a), a qual, enquanto primordial, é o pivô da tripla sexualidade do Falante – seu nome podendo ser o de ANDROGINANJO.

O quarto-sexo não é senão O DESEJADO, que não há, não enquanto NÃO-HÁ (\bar{A}) mas enquanto eco deste no *a*, em neutralidade do seu puro Haver. Não foi à toa que Freud topou com a *pulsão-de-morte* que Lacan demonstrou ser o fundilho de qualquer pulsão – pois que O DESEJO DA VIDA É O DESEJO DA MORTE, maneira precisa de dizer que o desejo do falante é o desejo da Outra, como Lacan nos indicou.

Resta que, desse QUADRIFACE do falante, se pode deduzir sua *patologia*, por inteiro; o que não é sem interesses e repercussões. Como veremos depois.

Grande Ser Tão Veredas



ANEXO

FORRÓ DO BRASIL MANEIRO

Conferência no II Congresso Brasileiro de Psicanálise
[cuja marca publicitária em cartazes e folhetos era a
foto de uma banana] d'A Causa Freudiana do Brasil.
Hotel Copacabana Palace/RJ, 4 outubro 1985.
Início com a audição de *Isso aqui tá bom demais*, de
Dominguinhos, tirado de Cordel, com Dominguinhos
e Chico Buarque.

O QUE É O QUE É?: não é cientista, mas produz saber e escreve
seus matemas; não é professorinha, mas quer bem transmitir as suas sacações
– e concebe sujeitinhos, se bem que parálem de ideativas pretensões; não é
dono de nada, nem faz filosofia, mas empresta, para tantos, certo gozinho de
consecução; está interessada na verdade, mas sem nenhuma paixão; com suas
artimanhas malasartes, e sem ser arte qualquer, ela faz mesmo como *qualquer*
arte – de *bordar* nossa rasgão.

O QUE É O QUE É?: sua prática, eu deponho que é uma ARTE, (sem
topar popperiana futsão) e que inclui quaisquer faturas de outras transas – e
há mais-uma: que ninguém sabe qual é. E a teoria que a contempla é uma
estética, uma EST'ÉTICA, com est(a)ética de *a* dever saber qual é.

Dos pré-socráticos a Kant, a enunciação de uma hipótese que, insistente,
pôs teses e anti-teses no seu Revirão. Oposições que não fechavam na hipo-

tese por fim bem-dita na sin-tese de feliz copulação. Os ensaios da almejada relação fundaram para-teses, as quais já capengavam maisomenos para um lado, forçando sempre um pé na posição, se não na contra-posição. Até que veio esse Hegel que apostou na cronicidade de um saber-maior – saber-absoluto com a presença aqui-e-agora, uni-total, de um só-depois que o fim dos tempos fecharia num CONCEITO só: sin-tese temporal.

Depois chegasse Freud e seu Outro, Lacan – provando já, por *a* sem *b*, que aquilozinho, de impossível, prejudicara desde-sempre e para-sempre, com tempo todo-ou-não, qualquer sonhada ou desejada com-fusão.

Esta arte, com sua estética, não pensa o “logo-sou” – mas pensa o *logos*: OU. No que ela *pinça* o *logos*: OU de um saber de modo algum absoluto, mas saber-absolvido (pelo barrado Sentido) de algum pecado-original que *sempre* falta – por um saber-dissoluto que faz ARTE nessa prática-teórica de uma EST’ÉTICA que é com-sideração do *falessen*. Conceito sim, que é-ternidade em seus três modos de haver – metáfora da NADA e do SILÊNCIO, na sin-tese de *UM-begriff* que não promete relação, mas que sustenta sim, na equivocidade, esse OU que sobra, para o gáudio de nós, quando o VEL da alienação, resolvido no LÉU da separação, nos empuxa de curtir, de DEU em DÉU, o que vier e der d’AOUTRA em Revirão.

Da Psicanálise à Psicossíntese, o que aí se compete e se comparte é o resumo dessa ARTE, *techné* da pró-dução sapiente para Heidegger, e para nós alguma *sabidinh’a-dução* – em ARTIFÍCIO, arte e ofício, por artificação (ou fixarte) onde a NATURA é só FATURA de um *Suposto Sujeito* em cambalhota no HÁ do eterno Revirão.

É, para nós, o perene *faz-de-conta*, em produção-artística de um mundo que não há sem invenção – no após-luto da melancolia, depois de todo o *nojo*, em alegria e ressuscitação. Com essa *arte da transformação do sonhador em artista*, com alegria e hermenáutica é que a Psicanálise, excretando o seu campo, prepara esse terreiro *for-all* para um *forró* gigante, aonde caiba *qualquer* manifestação.

Também, que mais fazer, se essa ARTE é quase tudo que vai, bem certamente, nos sobrar, no fim da maratona que este século nosso começa a promover?

Tarefinha difícil de difíceis, enquanto os *sexos* insistirem em ser dois. Que não fique para Lacan resolver, com sua própria morte, essa de horror na qual entrou, pelo término da série impávida dos seus seminários (*La Topologie et le Temps*), tão de retorno à exigência de um sexo terceiro, ao mesmo tempo que tanto o exorcizou.

A rigor, não há senão dois? Os de Lacan, em suas fórmulas quânticas, já demonstram que se independe do que qualquer *a*, na tomia, se valha a forçar sabida imposição. Um voto de *half-and-half* não se presta a empatar com estatísticas de nenhum registro civil: o registro do que se viu, tão afeito aos badulaques corporais... Senão que do cara-ou-coroa debaixo do *vel* de Outra Fortuna é que cada falante se equaciona defronte da mesmíssima castração.

A um analista não se venham “mostrar os documentos” como prova nenhuma paralém da possibilidade de reprodução. Que o buraco freudiano fica mais abaixo de qualquer manifestada formação – e preste a reger os modos que se arranjam, da estrutura, para a composição da musiquinha conforme à qual se dance: nela ou dela.

Assim, é de se louvar e usar a sacação de Freud – que sugere que se ensaie de dar conta das *diferenças*, nos afetos d’Aoutra, com base mesmo na sexual. O que só depois de Lacan se facilita: com armas e baralhos sinalados que eu termino por terçar.

O SEXO DOS ANJOS não é brincadeirinha para bizantinos, só. O FALANTE é O FALANJO (para trançar o ANJO com falante, falange e falo). O sexo de um Falanjo não é significante situado (letra) ainda que insistente sintomaticamente-(mente) em cada qual. Essa instância é sua posição *diant*e do SEXO. O qual é *do* Sujeito: que não há UM sem OUTRO é o que isto quer dizer. É que, para o falante, o SEXO é *uma barra*. BARRA: O SEXÃO. O FALANJO é sexentre, isto é, entressexo. E o sexo do analista é ENTRE, como

o é o do falante enquanto tal. E viva a DIFERENÇA, que só se co-memora nesse lugar insustentável de interstício fatal.

Se é verdade que, enquanto Falanjos, somos determinados pelo Simbólico (de Lacan), então somos, não todos, do terceiro sexo: uma barra... Porque o sexo do falante é Real. Além de Masculino *ou* Feminino, no Simbólico. E *ou* Macho *ou* Fêmeo, no Imaginário. Tal e qual...

Além disso, considerados os três corpos de cada qual de nós (AUTOSSOMA, ETOSSOMA, HALOSSOMA) que postulei, *o terceiro, sexo do falante*, ainda se triplica – sendo que, no ETO, de entremeio, e por verberação dos dois extremos, teremos meia dúzia de composições.

MACHO / FÊMEA (autossoma) $\overrightarrow{(1)}$	
<div> <div>macho x macho</div> <div>fêmea x fêmea</div> <div>macho x fêmea</div> </div>	<div> <div>dois homo</div> <div>um hétero</div> </div>
HOMO / HÉTERO (etossoma) ()	
<div> <div>masculino x masculino</div> <div>feminino x feminino</div> <div>masculino x feminino</div> </div>	<div> <div>– só instituição</div> <div>– sempre hétero</div> </div>
MASCULINO / FEMININO (halossoma) $\overrightarrow{(S)}$	




Donde é de se tirar que a homossexualidade não existe. Pode-se até votar por ela, mas ela não se elege. Somos até fascinados por ela, mas “condenados” à heterossexualidade. Estão aí o AIDS e a PAPOVA que não me deixam mentir: o Desejo *do* Outro, sabe-se que ele angustia e... comprovadamente... pode mesmo destruir, e MATAR.

Sabe-se que a escrita das FÓRMULAS QUÂNTICAS (de Lacan) depende de uma crítica, psicanalítica, das proposições básicas da lógica de Aristóteles.

	Aristóteles	Lacan
1) Universal Afirmativa	$Ax \Phi x$	$\uparrow =$
2) Particular Negativa	$Ex \sim \Phi x$	$\bullet =$
3) Universal Negativa	$Ax \sim \Phi x$	$\sim Ax \Phi x$
4) Particular Afirmativa	$Ex \Phi x$	$\sim Ex \sim \Phi x$

Para este, o *Universal da Lei* implica a *Existência*, ao passo que, para aquele, uma *Existência Primordial* (postulada por Freud) exterior ao campo da Lei (Pai Simbólico) é que funda o Universal (como possível). Então, para Aristóteles, a Lei é (naturalmente) *dada*, enquanto que para Lacan ela tem que ser *fund-dada*. Assim é que, na escrita de Lacan, são mantidas as propostas aristotélicas sobre (1) a UNIVERSAL AFIRMATIVA (que inscreve a Lei) e 2) a PARTICULAR NEGATIVA (que lhe dá sentido e valor denotativo) – e não é mantida 3) a UNIVERSAL NEGATIVA, uma vez que, não implicando a Existência, o Universal, enquanto proposição, se situa unicamente no plano da Lei, a qual, enquanto fundada, acaba por só ter valor *preceitual* (porque só metafórico), a negação só podendo então cair sobre o *caráter* da Lei, isto é, sobre a sua *universalidade* (a qual aí não se faz mais que possibilidade) – e também não é mantida (4) a PARTICULAR AFIRMATIVA, pois se a existência se determina por sua distinção para com a Lei, constatar uma existência conforme com a Lei só tem sentido porque isto permite excluir a existência de algo que contradissesse tal conformidade.

Daí aquele quadrinho de Lacan, aonde, é bom sempre lembrarmos, “a relação sexual é impossível”.

FÓRMULAS QUÂNTICAS	
O HOMEM	⌘ MULHER
$Ex. \sim x$ $Ax. x$	$\sim Ex. \sim x$ $\sim Ax. x$
$\$$ S_1	a $S(\text{⌘})$ $A(\text{rtigo})$
	
	

a relação sexual é impossível

Ali se escreve (com aquele A barrado, ⌘) que A MULHER não é logicamente possível (isto é, totalizável num Universal), mas que AS MULHERES, elas sim, existem, embora sem todo. Ao passo que O HOMEM, assim possível logicamente, só se garante, num *Universo*, por temor da castração que vige *num preceito* (qualquer preceito) – o que, pelo meu ver, já lhe devora, ainda antes do seu falo, a sua própria existência (à qual jamais provê).

Daí eu acolher a tese de Sollers quando ele aponta tão matreiro que, disponíveis, *só há mulheres*: e qualquer uma delas, a meu ver, querendo O HOMEM (taí o que é que quer uma Mulher). Há algumas que o encontram num Senhor, menor embora, em cuja referência já suturam sua falha, $S(\text{⌘})$; algumas outras, menos complacentes, procuram num Senhor Maior, do céu ou dos infernos, defastado, a mesma referência suturante que – por ambas – afaz-se bem depressa ao seu papel de externa Garantia, contra qualquer dúvida externa ou interna que as possa acometer.

Já, O HOMEM, é construção preceitual a cada estória, à qual, podem estar certos, homenzinho nenhuma consegue mais que oferecer ingente luta-e-luto, por *reconhecimento*: daquilo que ele não-é – senão por esse vão esforço, e ao preço altíssimo do seu próprio pescoço.

É claro, companheiros, que é bem *estrutural* o Pai Simbólico – e que por isso *tem-que* ser conjecturado. Mas ele não tem cara: MÁQUINA-IMÃ é seu Nome, O ERÓI (o qual não tem H nem nunca terá) SEM NENHUM CARA TER... Então, qualquer *preceito*, sempre foi, é agora, e sempre será – ordem de uma forcinha a mais ainda a se fazer (Kant com Sade a cançãozinha para ver...).

Daí que – conforme com essa lógica do *InConSistente* que o princípio de não-contradição não rege imperativo, e de onde o terceiro não tem que ser necessariamente excluído – para o falante, da vontade de Homem *ser*; à dispersão do mulherio em singularidades do *haver*, não há sexo-explicito – e sim *sexo-equívoco*, do FALANJO, por eventualidades mais ou menos alongadas sim, mas sempre balouçantes provisórias na gangorra aonde só a Morte escolherá colher seu neutro fim.

É nesse drama aí que a gente atua. É desse *dramalhão* que a gente chora e ri.

Um chamado Walter Benjamin já nos legou, pagando caro pelo arrojo seu, um “bom conceito” desse DRAMALHÃO. Foi quando ele entendeu, eventualmente na cultura alemã (seu quanto cronicamente tardatária), o desabrochamento disso que chamaram TRAUERSPIEL. O termo é pleno de sentidos para nós: uma *peça* (SPIEL) de *luto* (TRAUER) – mas o primeiro termo é bem mais próximo do PLAY, bem como do ENJEU do faz-de-conta teatral, e melhor traduzível pelo nosso BRINCAR. *Brincar de fazer luto*, na ribalta, não é senão *encenar a ambivalência*, dramatizar a oposição irreduzível (mas que passa) a qual vige nos alelos do meu Revirão. A *Idéia* de Benjamin, no seu afã de totalidade, não é senão esse meu *Halo-Significante* que ali se representa, com seus sentidos antitéticos, no mais *Unheimlich* desse *Keit* inarredável da nossa divisão. E vem sem solução, no que sua *apoteose* se consoma no movimento aonde habita o meu Falanjo, com as suas duas asas de compor e ornar o Ícaro: o caro Imaginário da Terceira Posição. E não se trata, aqui, de nenhum *centro*, freqüente esconderijo de covardes indecisos – mas outro vértice não visto de um triângulo nodal (que é terno), de onde se toma muito outra decisão.

Inteira culpa de uma crítica boçal, além de comprometida e coisa e tal, é a tentativa (aliás desesperada) de reduzir à estrutura celibatária da *tragédia clássica* o que se passa nesse *Dramalhão*. Crítica, aliás, que bem merece os gestos benzedores que um Salieri dedicasse a seus medíocres comparsas naquele filme ótimo de Forman, aonde *um* AmaAdeus, ridente e lamentável, vem muito bem reilustrar o Benjamin da tese inaugural. E não menos culpável se acharia quem recluísse, na maior, o paratético veraz do Dramalhão na alcova do Barroco – e seu *Drama*, nupcial, da Igreja-Restaurada com seu Deus-Homão.

Pois o que vigora em valentia de retorno (de qualquer lado recalcado) nesse Dramalhão, é bem outra e bem distinta afirmação. Para horror dos Salieri: pois como pode o Criador encher, de tão tamanha maravilha, tal cocô?

E o pior é que pode, como Freud provou. E só não vê quem não quer.

O que ninguém, senão Benjamin, se permitiu encarar no *Trauerspiel*, é justo o que ninguém quer ver, ainda, na revolta, no retorno, na torção, em viravesso e sem eclipse, do Halo em Revirão do MANEIRISMO.

O CLASSICISMO, o criador das *classes* se não da “classe”, com sua assim chamada *Renascença*, não foi senão esforço, é claro que gorado, de *compleição do HOMEM*, e do humanismo, à imagem e semelhança de um certo Deus, o qual, naturalmente, se imaginou à imagem e semelhança desse Homem que o Classicismo se inventava – em círculo fechado da Mestria ao redor do centro unívoco do umbigo unário do Senhor.

A composição, em “perspectiva exata”, no QUADRO totalizante e totalitário, de TODA possível representação (fosse qual fosse a forma e o meio de inscrição), toda ela sob a égide hegemônica de um só ponto, *principal*, representante do Infinito lugar do onisciente e onividente Bicho-Papão, não é senão a ordem do Paratodo em sua “homênia” (macha, masculina e de vocação homossexual), que bem depois se descreveu, no *Panopticon* de Bentham, como o Saber Absolutista do Arqui-Supremo Espião.

Foi contra isto que se manifestou aquela terceira posição, de um sexo verazmente paratético em seu dramalhão (chamada *Maneirista* pelos que nunca

lhe souberam declinar um Nome em Revirão). Desavença de poetas, pensadores, artistas, cientistas, políticos até, talvez na sábia nostalgia, porque dela não esquecidos, de bem outra situação na dita *era medieval*. Notem bem que é *depois* (e não *antes*) desta ocasião que sobrevém o Classicismo com sua rígida e régia imposição. E os ditos Maneiristas, considerando com prudência os valores Clássicos, mas sem deixarem de insistir também na Outra-Parte, não fizeram senão funcionar um pólo que, terceiro, pudesse nortear *uma nova escritura*, um testamento radicalmente novo, uma nova inscrição: o lema, muito nosso aliás, de que NÃO HÁ UM SEM OUTRO a cada uma e qualquer manifestação.

Já a pérola BARROCA, a margarete tortinha cujo centro está lá fora, e que dantes fora menosprezada na comparação com a centro-centrada esfera perfeitinha da razão humanista, essa margaridinha menininha – de certo modo pranteada por Velázquez entre *As Meninas* do seu quadrão – ela sim, fêmea, feminina, além de heterossexual (mas por definição), ela, bem podia, como pôde, ser domada: e por seu desejo próprio de encontrar no Homem referência, e pelo interesse canalha daquela que se tomava e se dava pela Grande Outra desse tempo. Esta que, na sua Contra-Reforma, restaurava a sua ordem, masculina, com essa urgente oferenda, às doidivas moçoilas agora princezinhas, de um Homem-Referência, aonde quer que ele estivesse ou que elas fossem.

É que a mãezona sempre soube que não há mulher sem Homem – seja pai, irmão, amigo, namorado, noivo, amante, ou mero *secretário* de anotar as suas cartas amorosas para Aquele que a terá depois da morte.

Era preciso revermos, dentro do bricabraque que se tem por História, especialmente a da Arte, e com diverso enfoque, cada peça mal lotada da manifestação simbólica desse aturdido falante.

O BARROCO, meus caros, embora por vezes luxuriante com seu Barrococó, só na aparência primeira parece obscuro. Sua pátria é a Roma do Restauro, e seu roteiro de propaganda, muito claro e nada equívoco, e que nas artes encontrasse o melhor meio, ao custo de bom soldo, para suas lições de

catecismo, é o arranjo gerido por prebostes do Concílio. De Trento veio a resposta, pressurosa e eficaz, ao *réveillon* Maneirista, momento em que (um novo exame mostrará que é isto) as mais vultosas obras, e os mais valorosos obreiros, proclamavam nada-mais-nada-menos que O TERCEIRO.

Abandonemos o termo Maneirismo (de funérea memória) e tomemos um outro mais atual, embora próximo, sacado pela nova geração beira-de-praia (verdadeiros indiozinhos para este Cabral novo) que bem melhor nos servirá para um apodo geral: falemos do MANEIRO.

Só ele pode brandir o Halo por inteiro (com seu buraco também). O Halo Halegoria (que eu agora reescrevo com H). Enfim, o Revirão, com sua equívoca metaforização, oxímoro quiasmático que Benjamin tirou para nós da emblemática do Dramalhão. O das “palavras primitivas” antitéticas de Freud.

(Aqui faço parênteses para glosar a sempre recitada distinção de Goethe. Nela, o SÍMBOLO trata de “ver no particular o universal – sem pensar no universal ou a ele aludir” –, enquanto que a ALEGORIA trata de “procurar o particular a partir do universal – o particular só valendo como exemplo desse universal”. Digo que o SÍMBOLO é da ordem do alelo, quer dizer, *uma* metáfora, um semi-dizer – ao passo que a ALEGORIA é dupla e díspar metaforização, com seus dois ramos antitéticos e mais um furo no meio pra desconvencer; em suma, um dizer-quase-tudo, mas com tropeço no desser.)

Vigência do MANEIRO no HALEGÓRICO. Unicórnio, círculo quadrado, pégaso, quimera, ou *esfinge de Tebas*. Ou senão essa BANANA que se tem ou que se dá – ou que também se é ou que nela se está; banana dura de receber, banana-mole sem fanatismo se a pressão recrudesce; emblema do nosso forró; alimentícia pela boca ou... bem – deixa pra lá... enfim, “banana para quem quiser”.

Vigência do MANEIRO no TERCEIRO. Nem *apolíneo* nem *dionisíaco*, nem caroço de Musa nem palito de Bacante – mas falange dos falanjos do *deus Jano*, aquele que no Ano Novo festejamos, no *despertar do Revirão*. Aquele mesmo que morava, como enfeite ou lembrete, sobre a mesa de Freud. Vigência do TERCEIRO no MANEIRO. Nem Édipo nem Anti-

Édipo (do *devenir femme* de Deleuze Guattari a *devenirem animal*), mas sim Tirésias. O Anti-Édipo é Édipo ainda, só que muito pelo contrário, jocosamente. E ambos só se resolvem em Colona, na lúcida cegueira deambulatória do *desser* e desaver do antigo herói com a sua mãe-mulher.

E não me recitem que Lacan (assim assaz maneiro) fosse barroco – e que ele mesmo como tal se alinhava. *Eu me alinho do lado do barroco*, não é o que ele diz no seu *Encore* – e sim “me alinho MAIS (plutôt) do lado do barroco”, sou mais para o barroco, o que é só repetição do que disseram tantos críticos e estetas a respeito do Maneiro – no entanto, só *depois* que o tal Barroco dominava o *métier*.

Também, que ninguém se apresse em conjecturar que estou propondo a aceitação de um novo Outro para o Outro. Pois o *lugar* do terceiro é na barra (como disse), de passagem, lugar por onde há *passer* (e não de mago e sim maneiro) – travessia de Zaratustra “PARALÉM DE MAL E BEM” que reconhece a fonte-foz do eterno rio janueiro. Mas que, nem por isso, deixa de se escrever – e com ESTILO singular e verdadeiro.

O que eu estou propondo aqui, com minhas *heresias* que logo-logo serão *ortodoxas* (se não comigo, apesar de mim), é a aceitação completa do MANEIRO, sua assunção depois do seu destacamento, e sua travessia em prol da sua exaltação nas excelências de um estilo: BRASILEIRO.

Porque, depois de quase meio-século de participação, e de escuta só-depois firmada, salvo erro maior (primeiro) de minha parte, ou dessuposição de saber votada por segundos, eu ACHO que o terceiro é *coisa nossa*, que a *fantasia* do BRASIL é de MANEIRO.

Que lhe sirva de *emblema* a Halegoria que Aleijadinho pendurou num teto de Congonhas (Matosinhos), aonde um anjo “*maneirista*”, em seu adejo, mais para beijaflor ou mariposa que pra grilo ou andorinha, nos oferece, especular, na mão direita um cálice, na mão esquerda uma lança (para direita e esquerda nossa, inversamente) – os dois emblemas, por ele defastados (de uma impossível relação-sexual), que a verve portuguesa ao mundo e a nós legou no fracassado sucesso da *Questa do Graal*.

Na repetição do “instante de ver”, de um longo “tempo para compreender” *nasce uma estrela*: REVIRÃO. Quando é chegado “o momento de concluir”... “por um novo significante”: BRASIL MANEIRO. Para que todos possam ouvir e ver...

O que Oswald assuntou (com verdadeira escuta freudiana) e Mário desenhou com seu *Macunaíma*, não é senão a HETEROFAGIA do Maneiro – que vive a BRINCAR, como Betty apontou. A brincar de compor seu corpo inteiro na sábia malandragem do jeitinho, com os nacos que devora de Outra e qualquer parte, *sem reduzir*; no entanto, *as diferenças* nesta Arte do entremeio.

Somos esse mensageiro, esse *go-between* de um lado para o outro e vice-versa, o Falanjo terceiro, do passado ao futuro, do agora ao aqui, de eu para mim, de ianques para escravos, de europeus para africanos, de índios para Índia, de gênios a boçais, de Homem a Mulher, de rico para pobre, de sisudo a bandalha, de preto para branco etc., de verde para amarelo, de aurora para crepúsculo, de noite para dia, dia a dia, de gume para gume dessa bífida navalha cujo fio cose o corte que arremata a nossa história costurada em nossa carne.

Que, desde aquele intencional “descobrimento” que vivemos sob auspícios maneiristas, ao que pesem as investidas jesuítas ou positivistas. Com “erros” de portugueses que amulatarem felizmente nossas cores. Com entrâncias de outros gringos que, a rigor, no que concerne às influências culturais, não conseguiram muito mais do que perder alguns pedaços para nossas bocas (embora que com ricos pagamentos e bananas mais em troco).

O preço é alto demais? Eu lhes direi que é menos financeiro do que cultural. É uma NEUROSE DE MAZOMBIA (como quem diz neurose-de-transferência) que encarcera nossa sintomação e nossa fantasia fundamentais no círculo de giz aonde rodopia, chiliquento ou compulsivo, esse peru histórico-obsessivo das mazelas nacionais.

Aí, se o sintoma é de falanjo e a fantasia é de devoração (ou vice-versa, pois uma e outro são enunciados de dizerem o mesmo *axioma* de fundação), a *neurose* do mazombo é que leva a melhor – mas não sem sub-sintomáticos retornos do recalçado, aonde fragmentos da fantasia já se deixam soletrar.

O chamado *mazombo* é aquele ser atlântico, brasileiro de nascença e com todos os traços da praça, mas de ascendente português, com esporádicos passeios europeus e diploma de bacharel tirado nas Coimbras do vovô. Seja qual for a mistura, da mais grossa à mais fina, e com qualquer ingrediente de etnia ou de nação, e mesmo qualquer cor, o mazombo é esse aí, virou sintoma de neurão – paralisado entre duas vertentes, cada qual melhor se não pior, sem optar por nenhuma, nem escolher e assumir restar terceiro na sua, em seu lugar de comedor e atravessador. É aí que a heterofagia, recalcada, logo vira macaquice, imitação.

É daí a chacota ou reclamação que o cotidiano jeitoso se faz do seu jeitinho; que o malandro cotidiano se faz do moto seu driblezinho; que o “preguiçoso” (porque ninguém é de ferro) com todas as razões de não querer se afanar com as ideais babaquices importadas, se faz da sua espera; que o intelectual dito frustrado se faz do seu saber meio enjambrado; etc., etc., etc. E tudo isto por só comparação – com sérios classicismos e barrocos doutras eras e horas e estações – quando mais fosse de abandonar a cagação de regra que lhe fazem na cabeça, e assumir o seu verdadeiro destino e sua verdadeira vocação.

Não creio mesmo em novas repúblicas de ocasião, nem em constituintes meramente interdisciplinares (como é o caso de dizer), antes que a gente se vexa, de uma vez por todas, de não assumir, de cara limpa, e sem necessidade de olhos, mínima justificação, a nossa própria cara de Maneiro – e partir pra reinventar essa invenção.

Aí é que a Psicanálise nos ajuda – ela que, por natureza e de costume, frequenta desde sempre essa terceira margem do primeiro rio. Talvez que ela auxilie quando quisermos recomeçar do nosso próprio começo, e escaparmos assim da compulsão costumeira (que sempre nos sacode do autoritarismo ao populismo, ou seja, da ditadura à demagogia) com alguma saída paralém da só famigerada democracia, nalguma DIFEROCRACIA que só o Maneiro pode e sabe conceber.

E assim, nada impedirá que continuemos sob o mesmo pálio com seu lema: ORDEM E PROGRESSO – que outrora traduzi por Metáfora e Metonímia

(de modo a re-conquistá-lo do hospício positivista) e que agora eu reinscrevo como alelos de um só Halo, em Significante, para compor a nossa *Halegoria*. Dela, no maneiro, é que devemos fazer nossa *Halegria*, pelo envio parabólico, desse O do nosso furo inarredável, bem para além do luto do seu luto, na fruição do que pudermos no futuro. E o futuro é *agora* (eu não esqueço o meu desejo) *aqui*.

Será bom para nós?: será bom para todos. Porque o Brasil, como a Psicanálise e o Maneirismo, não *está* em crise apenas – ele é a crise, é o estilo mesmo de crise. Pois, como pontuou tão bem Doutor Chacrinha o discurso do Acadêmico Portella, “*só é quem está*” – e o Brasil, como a Psicanálise e o Maneirismo, *está* e sempre *esteve*, e espero que *estará*, em plena crise, a do lugar terceiro: de onde há de se salvar, dentre mortos e feridos, o que sobrar do terremoto geral que já preparam todos os racismos a sobrevirem no redor do porvindouro fim do século atual.

Ao contrário do que blasfemou aquele compridão – que este não é um país sério – enquanto que furtava em nossas costas as lagostas que ele quis –, este é o país mais sério do mundo: eles verão. Pelo menos neste momento – momento no sentido mecânico: da confluência da força com o vetor de espaço e tempo, na trajetória do girogiro da atual história. Podem crer.

Sabem por quê?: porque o que aqui se assenta de sintoma, por vocação de fantasia original, é bem mais perto, como eu acho, do mundo que se assanha de nos comparecer perante os narizinhos com nem palmo de ver. Abre os olhos, coração!

Aí então, se curarmos a tempo essa neurose do Mazombo, e se deixarem, teremos, por verdade verdadeira de primeira instauração, a transa do Maneiro – para exportarmos para um Mundo em paranóica confusão.

É, aliás, o que devemos e tentamos ensaiar com esta Causa brasileira e seu forró. Que, a nós, não interessa: nem qualquer CLÁSSICA Internacional e seu definitivo *Homo-Freudiens* ao “molho de genital”, a pentelhar a nossa “morte e vida severina” com a canônica bastarda de sua pseudo-ortodoxia mineral; nem qualquer Multinacional *fondation*, alcoviteira das bodas figadais

da Excoca, Cola da Cacausa BARROCO-restaurante, com o “Fantasma da Ópera” (aliás bufa) que se revela Já-Calando-Lacan – pois sua vocação missionorária, se não catecaquética, não vai mais longe que o fajuto imperialismo da mais velha sua irmã.

Ainda que tais desses panacas sejam MIL ou ZIL, mesmo se porventura provisórios campeões, não é difícil lhes mostrar que ACOISA freudiana escapa desde *sempre* e para *sempre*, e não se dobra às ambições de tais sinhozinhos e sua malta malfadada – senão que, muitíssimamente só pelo contrário, A Causa Freudiana Dobra Zil. E é com ela que contamos, contra todos os vileganhões.

Lembremos, enquanto é tempo, de alguns exemplos, a favor e contra – de maneiros e anti-maneiros, de mazombistas e de malandrões. A literatura brasileira se torna indiscutivelmente autônoma é com o Maneiro Gregório de Mattos – mas a curtição do mazombo só se interessa pelo barroco do Vieira oficial. O Aleijadinho e todo o dito Barroco Mineiro (na verdade todos eles muito mais para Barraco Maneiro), inventam muito cedo nossa maneira plástica de dizer – mas logo sufocados pela chamada *Missão Francesa de 1816*, com toda a burritzia da Academia de Paris (enquanto que lá mesmo eles não tinham mais freguês).

E viva Villa-Lobos, o cafona, com seu politonalismo brasileiro, tão maneiro, devorado de Strawinsky e do forró do sertão. E viva Pedro Primeiro, o Nelson Rodrigues do Ipiranga, e cujo modelito serviria para a restituição da autoridade (contra demagogias e autoritarismos) num Mestre compatível com o estilo do lugar. E viva Guimarães Rosa com seu Rio-Sertão à beira da terceira margem, e viva o seu oxímoro glorioso – ele que morreu de Academia-Galopante depois de ser talvez o maior escritor brasmaneiro. E viva o um-dois, um-dois, feijão-com-arroz do preto e branco rango brasileiro – com mais a indefectível farinha ou farofinha, garantia terceira da mulata porém distinta fantasia brasileira estomacal.

Afora ignorâncias e pobreza, a maledicência idiota que vive a dedurar o suposto nosso *Kitsch*, e mau gosto, e cafonália, e pasticho, e imitação, é, na verdade, pedantismo de estrangeiro (de fora ou nacional), na presunção de

mensurar, com metro incompatível, a partir do seu gosto e posição particular, o nosso aboque-abaque, o a-torto-e-a-direito do carnaval da nossa maneiríssima enunciação.

E não se trata de *carnavalizar* – e sim de *maneirar*. O carnaval brasileiro é uma resposta maneira à catequese católico-barroca. A festa é *tolerada* pela Igreja, que “se retira” durante a sua duração; mas *a festa* não se retira durante o ano inteiro, enquanto faz o carnaval do sincretismo de quanta religião. Não é o Brasil que se carnavaliza, é o carnaval que se brasileiriza, mediante um maneirismo tal que é de acarnavalhar qualquer bula papal.

E, para terminar, retornemos a nós. Que nos cuidemos, e cuidemos desta Causa aqui – antes ainda que nos sobrevenha novel Missão Francesa de 1986.

“A Psicanálise durará o que durar”, nos ensinou Lacan. Paradoxalmente, no seu equívoco normal, para durar, a Psicanálise precisa ser destruída. DELENDÁ! é um lema a se levar. Pois a destruição DA psicanálise (duplo genitivo), a *verdadeira*, não é aquela bobeira que já de longa data se pratica por aí – a sua *fossilização*. NÃO. A destruição DA psicanálise está em sua ampla, geral e irrestrita ANISTIA, isto é, em sua franca disseminação. Que o AIDS psicanalítico, aquela “peste” de Freud, consiga desimunizar a massa dos racismos – ao mesmo tempo que, por sua característica estrutural, sustente *as diferenças* em maneiríssima DIFEROCRACIA: a qual é bem possível com a sua intervenção.

Por fim, lembrai-vos, meus caros, que ninguém, NINGUÉM MESMO, vai morrer em vosso lugar. Lembrai-vos sempre de que sois mortais. E o Brasil, também.

“Ama teu sintoma como a ti mesmo”, nos dissera Lacan depois de Freud. E bem sustenta, embora atravessada, a tua fantasia, para que a realidade não te fuja sob os pés.

A Conferência termina com a audição de *Eu me amo*, de Roger Rocha Moreira, pelo conjunto Ultraje a Rigor.

ANEXO

UM BÔNUS CONGRESSUAL: INTERLÚDIO FANTÁSTICO-SINTOMATIVO

Texto distribuído no II Congresso d'A Causa
Freudiana do Brasil, realizado em 04-06 outubro
1985. Publicado em *Revirão: Revista da Prática
Freudiana* (nº 3, dez. 85: p. 162-167).

Caro Congressista.

Vamos brincar de mexer. Só pra ver como é que fica (?): brincanagem...

Você sabe que Lacan definiu assim:

- 1) SIGNIFICANTE: o que representa o Sujeito para outro significante.
- 2) SUJEITO: o que um significante representa para outro significante.

CIRCULAR! Agora:

1) Chame \$ de Sujeito-Acéfalo, ou Sujeito-Analfabeto. 2) Reconheça que, onde quer que compareça, nenhum significante é sozinho – e não sobrevive sem pegas (basteamento, *capitonnage*) e sem encosto (apoio, *Anlehnung*, anáclise, a tal da referência, ainda que metafórica).

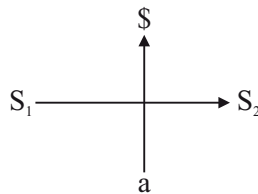
Então, para emprestar uma cabeça pro Sujeito, defina agora assim: 1) SIGNIFICANTE: o que representa a fantasia (\$ôa) para outro significante. 2) FANTASIA: o que um significante representa para outro significante.

Mas também você pode dizer: 1) FANTASIA: encosto do Sujeito num objeto (privilegiado) que o *marca* (como gado) com a *punção* (do seu dono).

Punção que também é *disjuntiva* (como um rombo) entre Sujeito-Acéfalo e Sujeito-Capital (às vezes cabeçudo). Pois que: 2) SUJEITO: originalmente objeto-fundamentalmente-perdido (Acoisa, *das Ding*, o *a* como falta originária) – ponto-cego, Uno. Único. 3) OBJETO *a*: originalmente Sujeito-infundado, pois que acéfalo, mas brecha promissora entre isso e aquilo. O Alvo, ponto neutro, tela em branco, bem na nuca do arqueiro.

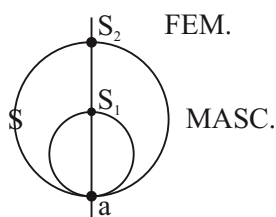
(\$\diamond a)\$, na sua origem, sem punção, é redundante – se não tautologia (que não se diz, é claro). O que no campo do Outro (no Simbólico) é pura brecha, um vazio, entre significante e significante, é cheio de NADA, sujeito-sem-cabeça e objeto-coisalguma. A não ser que ali se faça uma cabeça, e com objeto-algumacoisa – o que *limita* escorregações significantes.

Não é à toa que Lacan nos proponha que, tirado aquele tasco do Plano-Projetivo, Sujeito se desenha, e objeto cadente (e portanto pelo sujeito aspirado). Entre significante e significante, se eles significantes não fossem, só se teria esse NADA em Plano-Projetivo; mas no que o sejam, significantes, o que lá *entre* é fantasia.



Daí que a FANTASIA, com a sua profissão disjuntiva, é vero encosto de coisalguma em algumacoisa – no que atravessada, em seu buraco rombo da punção ativa, pela “relação”-fundamental (isto é, SINTOMAÇÃO) de UM significante (S_1) a OUTRO significante (S_2): sedução do SEMBLANTE, significância do BASTANTE (ou basteante). Ora, essa punção pode ser tomada como sutura ou como rombo – sutura entre Sujeito e Objeto, entre significante e significante: rombo entre significante e significante, entre Sujeito e Objeto.

O que é que fazem disto os ditos (quatro) Discursos? Veremos mais adiante. Por enquanto, vamos recordar como eles se comportam, segundo já disseram, tanto no que diz respeito à diferença-sexual quanto no que se refere ao significante de UM (S_1) e de OUTRO (S_2), dentro do REVIRÃO.



Para O *Mestre*, *NEMUM NEM OUTRO*. O que se poderia adscriver, em caso de *embrulho* (isto é, de empacotamento, de cofreamento do Nome do Pai no interior de um objeto-feitiço), também para o *Perverso* (perversista). Não querendo saber nem de UM nem de OUTRO, só se interessa pelo *a* enquanto neutro: pedra filosofal (capaz de transubstanciar ouro em merda e vice-versa). Desejo de *filósofo*, no desprezo do que afasta S_1 de S_2 e na renegação do impossível da relação-sexual. Supõe que em algum lugar já há, realizada e estaticamente em aguardo e resguardo, a *Coincidentia Oppositorum* – impossível na sua fantasia, mas subtrocável por algozinho inferior, porém de eficaz mais-valia e mais-gozar, segundo o seu “se não tem Tu vai tu mesmo” de eficiente gozador.

Para a *Histérica*, *OU UM OU OUTRO*, Supondo que se puder separar nítida e definitivamente UM do OUTRO, em clara *simetria*, bem sabendo de UM e de OUTRO e no desprezo do *a* que vige entre os dois, e que ela *se* adscribe, bem poderá então realizar a relação-sexual que lhe parece não-impossível mas simplesmente à espera de resolução de uma *impotência* que um dia findará.

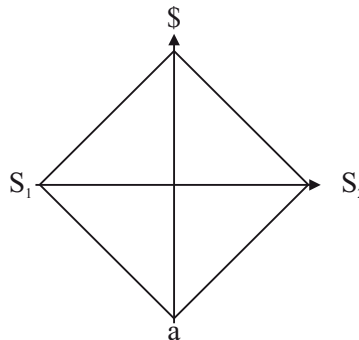
Para o *Universitário* (se não *Obsessivo*), *E UM E OUTRO*, no que ele quer que haja UM e OUTRO ao mesmo tempo, concomitância e coincidência dos opostos que ele *prepara* no que se reconhece sempre *ainda* impotente

para tamanho problema jamais por ele eliminado pelo impossível de resolver. Imitador do Mestre no que supõe que aquele seu *nem-nem* é o somatório de UM com OUTRO em *a*. Desejo de Professor insistente (tanto quanto impotente) de realizar a transmissão do Mestre num pacote só, ele também esquecido do que vige entre Um e OUTRO “só para atrapalhar”.

Para o *Analista*, *NÃO UM SEM OUTRO*. Reconhecendo o impossível da relação-sexual, reconhecendo o *Revirão*, ele se dá conta de que: se UM, então OUTRO – se OUTRO, então UM. Sendo possível só *passar* de UM a OUTRO e vice-versa, sem jamais estacionar-se em *a* nem separá-los definitivamente e nem definitivamente ajuntá-los num só.

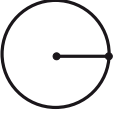
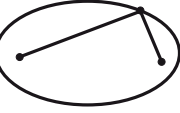
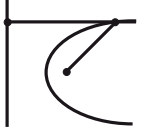
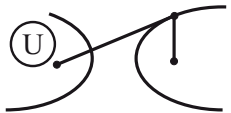
(Digamos sem delongas, por enquanto, que *Paranóia* e *Parafrenia*, em suas modalidades, diriam que há OUTRO *SEM* UM, enquanto que no *Autismo* se veria que há UM *SEM* OUTRO – ambos para o pior).

Agora, lembrando bem disto, desenhe um rombo quadrado com suas diagonais. Os vértices serão os lugares das quatro letras dos matemas dos discursos (S_1 , S_2 , a , $\$$), ali inscritas na ordem de representação da fantasia de significante para significante, como está anotado mais atrás.



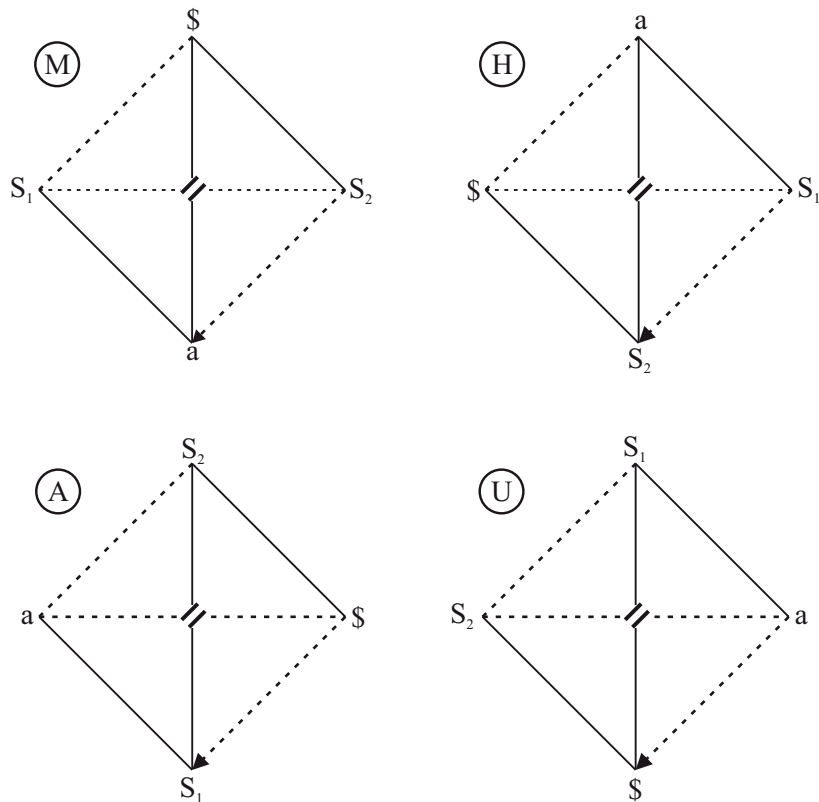
Relembre agora os matemas dos discursos, enfatizando neles a “relação” (\rightarrow) entre *agente* e *outro*, bem como a disjunção ($//$) entre *produto* e *verdade*. Anote também, só por comparação e divertimento, as curvas

cartesianas que indiquei alhures (texto inédito de 1977 e Seminário de 1985) para cada discurso.

(M)		S_1 S_2 $\$$ \neq a
(H)		$\$$ S_1 a \neq S_2
(A)		a $\$$ $S_2 \neq S_1$
(U)		S_2 a $S_1 \neq \$$

Observe agora o *rombo com as letras* de mais acima e tome aquela posição como referência para o *Discurso do Mestre*. Teremos demarcado então os *lugares* das letras. Vértice da esquerda, lugar do AGENTE (S_1); vértice da direita, lugar do OUTRO (produtor, S_2); vértice de cima, lugar da VERDADE ($\$$); vértice de baixo, lugar do PRODUTO (a).

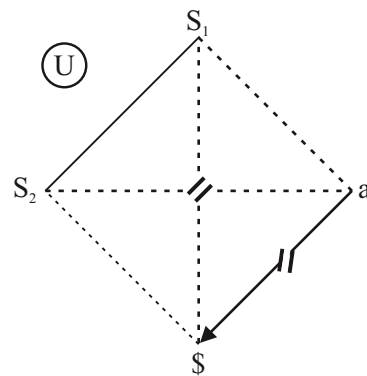
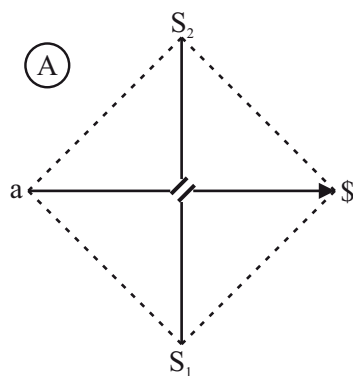
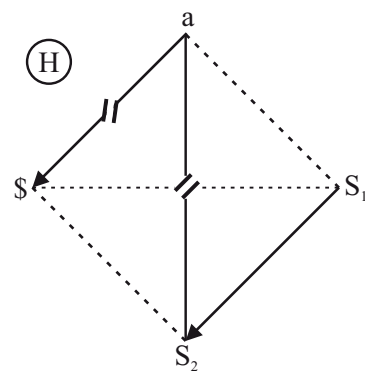
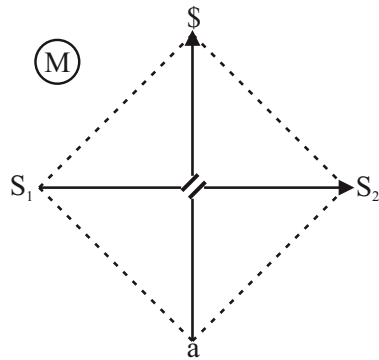
Ponha então no papel, sobre esse rombo, nos lugares certos, as letras correspondentes de cada matema de discurso. Observe e anote também que, sobre os gráficos, a se tomarem os lugares na sua normal fila indiana (com a disjunção entre começo e fim), teremos sempre um esquema em Z, ou melhor, em S.



Note que a *disjunção*, em cada discurso, foi anotada no centro do rombo (encontro das diagonais), pois ela está ali a meio caminho da diagonal vertical.

Agora procure, sobre o rombo com as letras em seus lugares, ressaltar:
 1) a SINTOMAÇÃO, isto é, a “relação”-fundamental ($S_1 \rightarrow S_2$); a FANTASIA ($\$ \rightarrow a$), a qual é determinada pelo objeto que o sujeito aspira ($a \rightarrow \$$).

Um bonús congressual: Interlúdio fantástico-sintomático



MESTRE: eu sou o que consigo (ser ou Ter) pelo que sei fazer (fazer): um CÍRCULO com seu centro único.

HISTÉRICA: eu não sou nada – só serei alguma coisa quando puder reunir meu saber (S_2) com meu ser (a): os dois focos da sua ELIPSE.

UNIVERSITÁRIO (obsessivo): eu não sou ninguém – só serei alguém quando puder reunir, “como dantes”, o que sou ($\$$) com o que sou (S_1): os dois focos de sua HIPÉRBOLE com seus dois ramos.

ANALISTA: eu sou o que *isso* faz de mim: o foco único de sua PARÁBOLA igualmente referida à infinitização de sua diretriz.

* * *

Olhe, meu caro, em VER-d'há-de lhe digo: não há Sujeito (capital) fora da fantasia. Que, no que narra sua estória numa análise, se cabeçudo, todo sujeito já começa por ali a sua senha. Não é verdade que a fantasia seja tão difícil de dizer, ou que só se diga numa análise avançada, como (não)-pensam os geléias* que não a sabem sondar em qualquer fala. A dita TRAVESSIA da fantasia, em passo terminal pela passagem, numa análise qualquer, é essa própria análise (e ponto), quando ela há. Desde o começo que entre S_1 e S_2 a fantasia já se põe – é claro que para quem não tenha *apenas* “ouvido de mercador”.

A disjunção freqüenta a fantasia, pois, como eu disse lá atrás, a punção (pense isto no “estádio do espelho”) é bifidamente positivante e negativante – o que se pode entender no *vel* da alienação e no *léu* da separação, no eu é outro ou é ninguém. Já a série significativa ($S_1 \rightarrow S_2$), nada obriga sua disjunção senão a insistência da distância mesma que haja entre sujeito e objeto (do acéfalo ao capital), bem como a reinsistência de um separador (psicanalista adrede intencionado) que já tenha *passado* por ali uma incisão. Sem certa intervenção, nenhum falante se dá conta de *passar* o REVIRÃO.

Com isto, observe o último esquema de mais atrás. Ali você verá que a disjunção (//) aparece não-repetida para o Mestre, assim como aparece não-repetida também para o Analista (ambos sobre o centro) – e para a Histérica, bem como para o Universitário, ela aparece sobre o centro e sobre a fantasia,

* Do *inglês*, JAM: 1) aperto, esmagamento, apinhamento, aglomeração, congestionamento (também de tráfego), emperramento, obstrução, geléia, enrascada (coloquial); 2) apertar, comprimir, espremer, apinhar, socar, entupir, esmagar, emperrar, congestionar, obstruir, fazer interferência (rádio); 3) ser comprimido, ser esmagado, ficar emperrado...

... enfim (do Dicionário *Mirador*).

Quer dizer, *purée*. Quando é de mocotó, mesmo que em-base, não faz melhor do que Bebê-Parrudo. Pode crer.

repetida. É que se eu insistir que a disjunção está estruturalmente na punção da fantasia (punção fantástica) devo anotá-la, além da disjunção que aparece nos discursos. Vejamos, então:

No discurso do *Mestre*, discurso da entrada n'alíngua, a disjunção se escreve em lugar certo (ali na fantasia). E é esse rombo (negativo) que ele tentará suturar (como só marca positiva) *com* (instrumental) sua sintomação (discursiva, serial). O Mestre, digamos assim, é “por inteiro” – investimento sintomal na eliminação de sua *única* disjunção que mora em casa certa. A *sintomação* é o *enunciado* da fantasia – enunciado no qual o Mestre insiste (ainda que tendo que modificá-lo às vezes pela enunciação) para gerir o impossível da realização (perfeita) de *sua* fantasia. É o credo (*quia absurdum*) da articulação solidária dos significantes – em busca de um gozo *real* (de *rex* e *res*).

No discurso da *Histórica*, a disjunção se inscreve duas vezes: no centro, aonde há a disjunção própria desse discurso (entre S_2 e *a*); e em seu lugar normal na fantasia, sobre o lado do rombo entre *a* e $\$$. Isto serve para indicar que, na histeria, sintomação e fantasia correm paralelas (uma parecendo nada ter a ver com a outra), a primeira insistindo na consecução de um saber (sua base, no sentido militar) bem acabado, o qual, e é aí que mora a *insatisfação*, não consegue, nem de leve, tocar na disjunção da segunda no afã de suturá-la, pois que encontra, de entremeio, a outra disjunção: aquela que é vigor do seu discurso próprio (entre *a* e S_2). Insistência na sintomação do *saber* (mas distanciada da fantasia furada) e na qual a insatisfação a persegue na disjunção que a histérica vê exacerbada no *alter*, entre sua positividade imaginária (outro) e a negatividade simbólica (Outro) das significações. Não é que a histérica, como a ciência, não saiba da distinção que há entre o A e o *a* (como diz Lacan, a distinção ali *não se completa*, e isto justamente pela insistência em suturar). Muito pelo contrário, é dessa quebra que a ciência sofre, como a histérica, mas sabendo “muito bem” que seu saber não pega o objeto que ela quer faturar – senão que apenas fantasia provisória (e não plenamente satisfatória) lhe advém como costura propiciada por circunscrita (não-contraditória e refutável)

sintomação. Mas ainda assim lhe serve, para seu gozo (quase que satisfatório) de confrontação.

No discurso do *Obsessivo (Universitário)* a disjunção se inscreve duas vezes também – mas agora em outra situação: no centro, aonde há a disjunção própria desse discurso (entre \$ e S_1); e em seu lugar normal na fantasia, sobre o lado do rombo entre a e \$. Também neste discurso sintomação e fantasia correm paralelas: a primeira também insistindo na consecução de um saber que sempre resta confuso por insistência da disjunção da fantasia (sua base, ou melhor, casamata) repetida, em séria *dubitação*, de modo algum equívoca, pela outra disjunção que vige no entre-meio (vigor do seu discurso próprio) entre \$ e S_1 . A sintomação do saber continua ligada, bem como distanciada da fantasia furada – mas aqui o drama não se passa no *alter* mas no *inter*, entre a possibilidade de um sujeito (\$) determinar-se por um objeto e a de um saber se ordenar por um sintoma fundamental (S_1). A disjunção entre estes dois lugares assim ocupados exacerba, no obsessivo universitário, a sua *Spaltung* – entre sua própria negatividade simbólica (S_1) e sua parca determinação imaginária (\$). Ele sabe muito bem que é de outrem o saber que maneja e que se esforça por integralmente transmitir – mas não consegue senão papagaiar a dúbia informação (de que sofre) que não transmite por não poder autenticamente arcar com nenhuma suposição de saber. Mas isto ainda lhe serve, mesmo assim, para seu gozo (sem certeza) na metódica dubitação. É bem ele que não distingue o A do a – mas sabe muito bem o que é que tem a ver o U com as Alças, as quais são duas para uma letra só.

No discurso do *Analista*, aparentemente, no centro, a disjunção só aparece uma vez – mas na verdade, ela é dupla. É que, ali, a disjunção própria do discurso (entre S_1 e S_2) se superpõe, em grifo que a intensifica, à disjunção normal da fantasia. Não deixe de notar que a primeira é disjunção no interior da sintomação que ali não vem (como ocorre no discurso do Mestre) a suturar a segunda mas, muito ao contrário, vem confirmá-la, agora sim em verdadeira repetição: fracasso da fantasia, fracasso da sintomação; desser da realidade, caucionado pelo desser da significação: não-senso da interseção – que na

intercessão deste discurso abate o ser no que abate a alienação. Daí por diante, é *começar denovo* – mas com bem outra impostação...

A prática freudiana é, primeiro, de escansão, a cada emergência de efetiva evidência de ligação espúria (quer dizer, não sacada), da amarração de UM no OUTRO, para que a LEI DA DIFERENÇA se instancie em seu bordão a cada nova rearticulação. É trabalho de escravo pressuroso e solícito, embora se farsante, além de solitário em seu comando: sob as ordens do Outro Ulterior com sua A-MOR-TE. Repetição, na série do sentido, do tal *fator letal* (que a fantasia, desnudada, já não esconde no seu corpo-realidade). A prática freudiana é, só depois, o recurso da *alegria* (Oh Freud!) a escandir *qualquer uma* transação: é contra-análise efetivada no cotidiano da “criativa banalização”. Primeiro, arte de curar e, depois, arte de acarnavalhar o dramalhão (se necessário, com prudência e decoro, por que não?). Impaciente paciência então.

* * *

Paciencimpaciente de sabida escravidão. Pois se o *Escravo* se insere no discurso do Mestre como seu Outro, produtor jurado, no que dialetiza a sua *ordem* pela transformação da sua fantasia (do seu mundo, Hegel *dixit*), é no discurso do *Analista* que ele é mais puramente (e intensivamente, e extensivamente) escravo: onde sua dialetização se mostra sem disfarces – fantasia furada sobre furada sintomação.

Talvez tenhamos engolido um sapo enorme – e um sapo aliás *histórico* – quando dizemos *ainda*, porque Freud..., que é a histérica que se deita – *e rola* – no divã. Não foi à toa que o avô nos inventou (para mais que o anedotário de suas primeiras históricas) o que chamou de *neurose de transferência* – que não é, obrigatoriamente, histeria ou obsessão, mas pedido de redução (a um Sujeito suposto Saber reduzi-la) da dupla e díspar disjunção à *una* da mestria, donde a inveja impotente de alguma conjeturada “perversão”.

Com seu grito de comando (cale a boca!) ao analista Freud, o que ali se inaugura, *com* essa dita histérica-de-livro, é um golpe de mestria: mandando

agora seu escravo trabalhar – a lhe escutar e a lhe ex-cutar e a lhe ex-cortar o seu pendão.

Se é o neurótico-de-transferência que se a-com-chega no divã, não é *dele* que uma análise achará saída, não é *nele* que ela encontrará lugar de intervenção, mas sim do e no Mestre, no Senhor no qual, primeiro, aquele se tornará, por instância do Desejo do Analista. Desejo que – na aceitação da diferença – a sua (do analisando) fantasia *a-firmará*. Desejo que, porque não pára aí, pois desejo, de escravo, de deformar o gozo do seu Mestre, ainda por cima insistirá que a fantasia *se* avesse, em Revirão.

O que haja de “terapia” é o que pára satisfeito na Mestria do “curado” – se não na sua simples perversão. Bem outro é o tratamento de uma *travessia*. E não adianta muito, ou mesmo nada, ao analista suposto, botar, como se diz, “o peso de sua autoridade” para a devida continuação. Seria isto mera luta de prestígio, com as pobres conseqüências que ela pode dar (e se assim tivesse que ser, “cada analisando terá a análise que merecer”). O que é *preciso* é que o analista se escravize (e até se escrache) ainda mais – de modo a derribar a empáfia do seu “dono”: o Mestre-Analisando em sua enfatuada presunção. Duas coisas por difíceis demais de se testar.

Quanto ao jogo de *fantasia* e *sintomação*, pela ordem, UMA e OUTRA se comportam nos discursos:

Do MESTRE: não há UMA sem OUTRA. Esta, a sintomação, sustenta a fantasia que sustenta a realidade que protege o real. Tarefa impossível, mas requerente e até mesmo por vezes gozosa...

Da HISTÉRICA: ou UMA ou OUTRA. A sintomação não consegue sustentar a fantasia, e há que optar *ou* por uma *ou* por outra para se ser *algo* a cada vez. Tarefa de impotente mas, por vezes, até mesmo nobelmente gloriosa...

Do UNIVERSITÁRIO (obsessivo): e UMA e OUTRA. A fantasia e a sintomação *deveriam* ser soldadas para plena existência e satisfação de *ser* alguém. Tarefa sempre inglória, além de com esforço impotente, votada a um bem outro suceder...

Do ANALISTA: não há OUTRA sem UMA. Esta, a fantasia, não sustenta a sintomação que não a sustenta. Mas, daí, o caminho se abre, dada a insistência da marcada e disjuntada fantasia, em equivocação (na *articulação desgarrada* que substitui a sintomação, e no reconhecimento, afinal, do valor-padrão da axiomática fantasia), para a escolha fortuita bem como para a parca e provisória satisfação – aonde e como ela se der e prover. Na razão da *verdade* de uma partícula do haver. Na afirmação da DIFERENÇA como LEI de falesser a falesser. Tarefa impossível, mas desejante e aspirante – do e pelo que vier e der...

Arrisquemos por enquanto, para terminar, que na PSICOSE: a sintomação não encontra fantasia prenante para sustentar (em caso de Paranóia e Parafrenia); ou a fantasia não encontra sintomação para seriá-la (em caso de Autismo). E que na PERVERSÃO (perversidade) a sintomação vive a sustentar uma fantasia “sem” chance de disjunção.

Aí está.

Agora, caro Congressista, você deve se preparar para aceitar ou recusar o que proponho aqui. E, de uma forma ou de outra, tirar AS conseqüências: de preferência com série-dade – posso crer.

LEBLON, SET/85

SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

PSICANALISTA.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia. Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador e Presidente do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica). Fundador e Reitor da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de NOVAMENTE, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno desenvolveu ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: *Senso Contra Censo: da Obra de Arte*

Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje) e reapresentado na Universidade de Paris VIII em 1977.

2. 1976/77: *Marchando ao Céu*

Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: *Rosa Rosae*: Leitura das *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa 3ª ed. Rio de Janeiro: Aouta Editora, 1985. 220 p. Seminário apresentado na Universidade de Paris VIII, onde o autor foi Professor Assistente do Depto. de Psicanálise (quando dirigido por Jacques Lacan).

4. 1978: *Ad Sorores Quatuor*

Sobre os Quatro Discursos. Primeira sessão publicada em separata pelo CFRJ, 1980 (restante a sair).

5. 1979: *O Pato Lógico*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 252 p.

6. 1980: *Acesso à Lida de Fi-Menina*

Quatro sessões, sobre a questão do *Alcoolismo*, reunidas em *O Porre e o Porre do Quincas Berro Dágua*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1985. 92 p.

7. 1981: *Psicanálise & Polética*

Quatro sessões, sobre *Las Meninas*, de Velázquez, reunidas em *Corte Real*, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 498 p.

8. 1982: *A Música*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 329 p.

9. 1983: *Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1987. 264 p.

10. 1984: *Escólios*

Parcialmente publicado em *Revirão*: Revista da Prática Freudiana, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: *Grande Ser Tão Veredas*

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 292 p. Parcialmente publicado em *Revirão*: Revista da Prática Freudiana, nº 2 e 3. Rio de Janeiro: Aoutra editora, out. e dez. 1985.

12. 1986: *Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988. 249 p.

13. 1987: “*Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*”, *Ainda // Juízo Final*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988. 249 p.

14. 1988: *De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise*

Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1990. 208 p.

15. 1989: *Est’Ética da Psicanálise* (Introdução)

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

16. 1990: *Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*

Proferido na Faculdade de Educação da UERJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.

17. 1991: *Est’Ética da Psicanálise* (Parte 2)

Proferido na Faculdade de Educação da UERJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.

18. 1992: *Pedagogia Freudiana*

Proferido no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.

19. 1993: *A Natureza do Vínculo*

Proferido no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.

20. 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*

Proferido na UniverCidadeDeDeus (1º semestre) e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2º semestre). Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2000. 286 p.

21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2000. 232 p.

22. 1996: *“Psychopathia Sexualis”*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.

23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 448 p.

24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.

25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise.*

Proferido na FINEP – Financiadora de Estudos e Pesquisas do Brasil. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 192 p.

26. 2000: *“Arte da Fuga”*

Proferido no Auditório do Barra Shopping (RJ) (1º semestre) e na UniverCidadeDeDeus (2º semestre). Publicado em: *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática.* Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

27. 2001: *Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito.*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. Publicado em: *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática.* Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

28. 2002: *Psicanálise: Arreligião*

Proferido na UniverCidadeDeDeus (1º semestre) e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2º semestre). Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.

29. 2003: *Ars Gaudendi: A Arte do Gozo.*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. [a sair].

30. 2004: *Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. [a sair].

31. 2005: *Clavis Universalis*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. [a sair].

Impressão e Acabamento

Artes Graficas Edil

Formato

16 x 23 cm

Mancha

12 x 19 cm

Tipologia

Times New Roman e Amerigo BT

Corpo

11,0 | 16,5

Número de Páginas

292

Tiragem

500 exemplares

Papel

Capa – Supremo 250 g

Miolo – Pólen Soft 80 g